

XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM
LINGUÍSTICA DA UNIFRAN
SELINFRAN
MESTRADO



XI SELINFRAN

SEMINÁRIO DE PESQUISA EM
LINGUÍSTICA DA UNIFRAN

AS LINGUAGENS COMO PRÁTICAS DE LIBERDADE: UMA HOMENAGEM A PAULO FREIRE

E-BOOK

16 a 18 de setembro de 2021

FRANCA - SP

ISBN e-book:

Editora



Diagramação e Direção de Design

Núcleo de Design - Unifran

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

Seminário de pesquisa em linguística, (10.: 2021: Franca, SP).

- S474 XI Seminário de pesquisa em linguística da Universidade de Franca (SELINFRAN) - As linguagens como práticas de liberdade: uma homenagem a Paulo Freire, 16 - 18 set. 2021 / organização, Marilurdes Cruz Borges, Vera Lucia Rodella Abriata; vários autores. – Franca, SP: Universidade de Franca, 2021. e-book. 251 p.

ISBN e-book: 978-65-88194-22-5

Linguística – Seminário. 2. Pesquisa científica – Linguística – Resumos. 3. Linguística – Produção científica. 4. Democracia – Resistência política. 5. Produção acadêmica. I. Universidade de Franca.

CDU – 801:001.891(061.3)

XI SELINFRAN

AS LINGUAGENS COMO PRÁTICAS DE LIBERDADE: UMA HOMENAGEM A PAULO FREIRE

ISBN

Setembro de 2021

ORGANIZAÇÃO DO VOLUME:

Marilurdes Cruz Borges

Vera Lucia Rodella Abriata

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Núcleo de Design - UNIFRAN

DIAGRAMAÇÃO: Núcleo de Design - UNIFRAN

PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM LINGUÍSTICA - UNIFRAN

Coordenadora: Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Camila de Araújo Beraldo Ludovice

Profa. Dra. Aline Fernandes de Azevedo Bocchi Profa. Dra. Assunção

Cristovão

Profa. Dra. Beatriz Maria Eckert-Hoff

Profa. Dra. Luana Ferraz

Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo

Profa. Dra. Marilurdes Cruz Borges

Profa. Dra. Vera Lucia Rodella Abriata

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof. Dr. Adail Sobral (FURG)

Profa. Dra. Aline Fernandes de Azevedo Bocchi (UNIFRAN)

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva (UFERSA)

Profa. Dra. Assunção Aparecida Laia Cristóvão (UNIFRAN)

Profa. Dra. Beatriz Maria Eckert-Hoff (UNIFRAN)

Profa. Dra. Camila de Araújo Beraldo Ludovice (UNIFRAN)

Profa. Dra. Claudia Raimundo Reyes (UFSCar)

Profa. Dra. Fátima Freire (INSTITUTO PAULO FREIRE)

Profa. Dra. Luana Ferraz (UNIFRAN)

Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia (UNIFRAN)

Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo (UNIFRAN)

Profa. Dra. Marilurdes Cruz Borges (UNIFRAN)

Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann (UNESP)

Profa. Dra. Soraya Maria Romano Pacífico (FFCLRP/USP)

Profa. Dra. Vera Lúcia Rodella Abriata (UNIFRAN)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Presidente: Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia (UNIFRAN)

Profa. Dra. Aline Fernandes de Azevedo Bocchi (UNIFRAN)

Profa. Dra. Assunção Aparecida Laia Cristóvão (UNIFRAN)

Profa. Dra. Beatriz Maria Eckert-Hoff (UNIFRAN)
Profa. Dra. Camila de Araújo Beraldo Ludovice (UNIFRAN)
Profa. Dra. Luana Ferraz (UNIFRAN)
Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo (UNIFRAN)
Profa. Dra. Marilurdes Cruz Borges (UNIFRAN)
Profa. Dra. Vera Lucia Rodella Abriata (UNIFRAN)

ARGUIDORES CONVIDADOS

Profa. Dra. Ana Guimbal (UFRA)
Prof. Dr. Argus Romero Abreu de Moraes (UFSJ)
Prof. Dr. Cezinaldo Bessa (UERNICAPF)
Prof. Dr. Lucas Nascimento (UEFS)
Profa. Dra. Luiza Bedê (UniFacef)
Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT)
Profa. Dra. Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB)
Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos (UFS)
Prof. Dr. Israel de Sá (UFU)

MONITORES

Alan Ribeiro Radi (Doutorando UNIFRAN)
Andrea Miranda Santos (Mestranda UNIFRAN)
Antonio Cezar Peron (Doutorando UNIFRAN)
Breno Marcos Martins (Mestrado)
Camilla Fernandes (UNIFRAN)
Cristiano Donizete Ramos (Mestranda UNIFRAN)
Cláudia De Fátima Oliveira (Doutorado)
Cristiano Donizete Ramos (Mestranda UNIFRAN)
Daniel Silva Lélis (Mestrando UNIFRAN)
Daniela Lopes Salgado Sazaki (Mestranda UNIFRAN)
Daniela Rodrigues De Oliveira (Mestrado)
Gabriel M. Silva Santos (Mestrado)
Gabriela Sampar Rocha Moraes (Mestrado)
Isadora de Castro P. Ricci (Mestrado)
Jessica Celestino (Doutoranda UNIFRAN)
Jéssica Duarte De Souza (Doutorado)
Juliana Moreira da Silva Faria Ramos Borges (Doutoranda UNIFRAN)
Ketley Roberta Teixeira (Mestranda UNIFRAN)
Luiz Alves de Souza (Doutorando UNIFRAN)
Luiz Henrique Pereira (Doutorando UNIFRAN)
Marília Achete Junqueira Garcia (Doutoranda UNIFRAN)
Nayara Cristina Hermínia dos Santos (Doutoranda UNIFRAN)
Nícolas Vladimir De Souza Januário (Doutorado)
Pâmela Tavares de Carvalho (Doutoranda UNIFRAN)
Priscila Antunes de Souza (Doutoranda UNIFRAN)
Rafael Menari Archanjo (Doutorado)

Sandra Vilela Eleutério (Mestranda UNIFRAN)
Sílvia Lucia Goretti Gerardo Guerreiro (Mestranda UNIFRAN)
Sirlene A. Pessalacia Barreto (Doutorado)
Ticiano Jardim Pimenta (Mestrando UNIFRAN)

LISTA DE AUTORES:

Alan Ribeiro Radi
Aline Eloisa da Silva
Aline Fernandes de Azevedo Bocchi
Anderson Luís Venâncio
Andreia Maria Ribeiro Silva
Assunção Cristovão
Camila de Araújo Beraldo Ludovice
Cláudia de Fátima Oliveira
Cláudio Nazaré Silveira
Daniela Rodrigues de Oliveira
Elaine Martins dos Santos Silva
Elisandra Silveira Moura Cintra
Jéssica Cristina Celestino
Juliana da Silva Faria Ramos Borges
Leandro Dias da Silva
Luciana Carmona Garcia
Lucinéia Pereira de Paula
Luiz Alves de Souza
Luiz Henrique Pereira
Marcela Soares de Paula
Maria Flávia Figueiredo
Marília Achete Junqueira Garcia
Marilurdes Cruz Borges
Matheus Nogueira Schwarztmann
Meiriele da Silva Rodrigues Rocha
Nayara Christina Herminia Carrijo
Nicolas Vladimir de OSuza Januário
Pâmela Tavares de Carvalho
Priscila Antunes de Souza
Rafael Menari Archanjo
Raquel Gomes Ferreira Neves
Ricardo Boone Wotckoski
Sirlene Ap. Pessalacia Barreto
Vera Lúcia Rodella Abriata

APRESENTAÇÃO

Este e-book reúne pesquisas de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca, apresentados durante o XI SELINFRAN, Seminário de Pesquisa em Linguística da UNIFRAN, realizado de 16 a 18 de setembro de 2021 na Universidade de Franca. O Seminário, cujo tema foi “As linguagens como práticas de liberdade: uma homenagem a Paulo Freire”, teve por palavra-chave o verbo *esperançar*, criação neológica do grande pensador brasileiro que completaria 100 anos no mês de setembro desse ano. O *esperançar*, um dos *motes* do Seminário, desvela-se nas pesquisas desenvolvidas por alunos do Programa cuja mostra se manifesta nesta publicação, particularmente em textos e discursos que elegeram para seus objetos de análise. São práticas languageiras voltadas, por um lado, para temas como racismo, raça, gênero, identidade trans, segregação linguística, fake news, parentalidade, masculinidades, os quais tocam em feridas sociais espelhadas nas linguagens e, por outro, direcionam-se para temas como agenda 2030, responsividade ética, memória, mito e tradição, retórica para a paz, resistência. Desse modo, para que se resista a uma educação bancária, alienante e opressora, é necessária a reflexão crítico-científica que aponte as suas sequelas sociais, materializadas em linguagens como a literária, fílmica, publicitária, pedagógica, corporativa, jornalística. Ainda mais: em documentários, animações, séries televisivas, enfim numa infinidade de textos e discursos que nos circundam e que precisam ser objeto de reflexão científica para que um mundo e, especialmente um país melhor, seja possível, tal qual preconizava, a pedagogia libertária de Paulo Freire, inscrita em toda sua obra.

O evento foi aberto com a palestra da profa. Fátima Freire Dowbor, que discorreu sobre a obra de Paulo Freire e sua importância como pensador, versando sobre o tema do evento “As linguagens como práticas de liberdade: uma homenagem a Paulo Freire”. Participou também da abertura do XI Selinfran o professor Luiz Antonio Ferreira, que ministrou a conferência “A Liberdade no exílio: Paulo Freire e o Discurso epidítico”. Contamos também com a palestra de encerramento do professor Adail Sobral, intitulada “Pesquisadores

das quatro vertentes de pesquisa do Programa, Luiz Fernando Ferreira (PUC-SP), Matheus Nogueira Schwartzmann (UNESP- Semiótica), Cláudia Raimundo Reyes (UFSCar - Estudos bakhtinianos), Ananias Agostinho da Silva (UFRN- Retórica), Soraya Romano Pacífico (Análise de discurso USP - Ribeirão Preto) foram os apresentadores da mesa redonda com o tema do evento que foi mediada pela professora Luciana Carmona Garcia, coordenadora do PPG Linguística.

Os alunos dos segundos anos de Mestrado e Doutorado apresentaram suas pesquisas em sessões de comunicações orais, ao longo dos dias do evento, e tiveram a oportunidade de discuti-las com docentes convidados de outras IES que se alinham às duas linhas de pesquisa do Programa, voltadas para o texto e para o discurso. Na semiótica francesa, contamos com a presença das profas. Luiza Silva (UFT) e Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB). Debateram os trabalhos de Retórica os professores Lucas Nascimento (UEFS) e Argus Romero Abreu de Morais (UFSJ). Participaram da arguição de trabalhos que se alinham aos Estudos bakhtinianos os pesquisadores Luíza Bedê (Uni Facef), Cezinaldo Bessa (UERNCAPF) e Ana Guimbal (UFRA). Na Análise de discurso francesa, tivemos a presença dos professores Jocenilson Ribeiro dos Santos e Israel de Sá.

Por sua vez, os alunos de iniciação científica e dos primeiros anos de Mestrado e Doutorado apresentaram seus trabalhos em sessão de painéis e puderam debatê-los com egressos do Programa. As pesquisas apresentadas neste XI SELINFRAN espelham o compromisso do Programa de Pós-Graduação em Linguística da IES com temas de caráter social e político e com a educação como prática libertária e conscientizadora como propõe a obra de nosso grande educador e homenageado Paulo Freire.

*Profa. Dra. Vera Lúcia Rodella Abriata
Profa. Dra. Marilurdes Cruz Borges*

- 11** **A MORTE COMO PARÂMETRO PARA A VIDA: uma reflexão retórica sobre a construção de “Verdades” no discurso religioso**
Alan RIBEIRO RADÍ (UNIFRAN)
Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)
- 19** **DISCURSO BÍBLICO: a autoria no evangelho de Mateus**
Aline Eloisa da SILVA (UNIFRAN)
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)
- 28** **AS VOZES POLÍTICO IDEOLÓGICAS NOS ANAIS DO SENADO IMPERIAL SOBRE A LEI DO VENTRE LIVRE: debates e redação final de uma Lei que queria ser reformista**
Anderson Luís VENÂNCIO (UNIFRAN)
Marilurdes Cruz BORGES (UNIFRAN)
- 36** **ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A IGUALDADE RACIAL NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO**
Andreia Maria RIBEIRO SILVA (UNIFRAN)
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)
- 45** **UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA AMPLIAR O REPERTÓRIO CULTURAL PARA O GÊNERO REDAÇÃO DO ENEM, A PARTIR DE LETRAS DE MÚSICA: uma abordagem dialógica**
Cláudia de Fátima OLIVEIRA (UNIFRAN)
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)
- 54** **POLIFONIA: UM CONTRAPONTO ENTRE ANÁLISE BAKHTINIANA E MÚSICA INSTRUMENTAL DE BACH NO PERÍODO BARROCO**
Cláudio Nazaré SILVEIRA (UNIFRAN)
Assunção CRISTÓVÃO (UNIFRAN)
- 62** **ULISSES E O ETERNO RETORNO - UMA TRAJETÓRIA DIALÓGICA, PELA PERSPECTIVA DO CRONOTOPO BAKHTINIANO**
Daniela Rodrigues de OLIVEIRA (UNIFRAN)
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)
- 71** **A ARTICULAÇÃO ENTRE GRAMÁTICAS E INTERPRETAÇÃO/PRODUÇÃO DE TEXTOS: UMA ANÁLISE EM PROVAS DO ENEM**
Elaine Martins dos Santos SILVA (UNIFRAN)
Assunção CRISTOVÃO (UNIFRAN)
- 80** **ATOS RESPONSIVOS NO PAPEL DO GESTOR DEMOCRÁTICO E PARTICIPATIVO EM MOMENTO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL DEVIDO À PANDEMIA DA COVID-19**
Elisandra Silveira Moura CINTRA (UNIFRAN)
Marilurdes Cruz Borges (UNIFRAN)
- 89** **O ACONTECIMENTO ESTÉSICO E A MANIFESTAÇÃO DA IMAGEM VISUAL EM POEMA XXIV DE MANOEL DE BARROS**
Jéssica Cristina CELESTINO (UNIFRAN)
Vera Lucia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)
- 98** **SILÊNCIO NO TRIBUNAL: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS PROCESSOS JUDICIAIS**
Juliana da Silva Faria Ramos BORGES (UNIFRAN)
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)
- 108** **ESTUDO DO USO DA LINGUAGEM TÉCNICA NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS SEGUNDO A PERSPECTIVA BAKHTINIANA DOS GÊNEROS DE DISCURSO**
Leandro Dias da Silva (UNIFRAN)
Assunção Cristovão (UNIFRAN)
- 115** **ESTÁTUA DO SOLDADO CONSTITUCIONALISTA NA CIDADE DE FRANCA: SENTIDOS E MEMÓRIA**
Lucinéia Pereira de PAULA (UNIFRAN)
Aline Fernandes de Azevedo BOCCHI (UNIFRAN)
- 122** **A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES EM PARÁBOLAS BÍBLICAS**
Luiz Alves de SOUZA (UNIFRAN)
Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

- 134** DO DISCURSO MÉDICO AO KIT GAY: PAIXÕES, FORMAS DE VIDA E IDENTIDADE DE GÊNERO NA MÍDIA BRASILEIRA
Luiz Henrique PEREIRA (UNIFRAN)
Vera Lucia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)
Matheus Nogueira Schwartzmann (FCLAr-UNESP)
- 143** A CAMPANHA PUBLICITÁRIA DA NATURA PARA O DIA DOS PAIS. UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA.
Marcela Soares de PAULA (UNIFRAN)
Vera Lúcia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)
- 153** PRODUÇÃO DE SENTIDOS PARA UM TROTE: DISCURSO DE OFENSA ÀS MULHERES OU APENAS UMA 'BRINCADEIRA INFELIZ' ...?
Marília Achete Junqueira GARCIA (UNIFRAN)
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)
- 163** METODOLOGIAS ATIVAS EM DIÁLOGO COM OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO: ato responsável para a educação sustentável
Meiriele da Silva Rodrigues ROCHA (UNIFRAN)
Marilurdes Cruz BORGES (UNIFRAN)
- 172** O ACONTECIMENTO EM "O HOMEM AMARELO"
Nayara Christina Herminia CARRIJO (UNIFRAN)
Vera Lúcia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)
- 181** RELAÇÕES DIALÓGICAS, CRONOTOPIA E AUTORIA EM TRÊS ROMANCES ESPÍRITAS DE LUIZ SÉRGIO
Nícolas Vladimir de Souza JANUÁRIO (UNIFRAN)
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)
- 189** COSTURANDO IDENTIDADES, MODELANDO GÊNEROS: O CORPO -SUJEITO NO ESPAÇO DA MODA
Pâmela Tavares de CARVALHO (UNIFRAN)
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)
- 199** UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO TEÓRICA DA TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES
Priscila Antunes de SOUZA (UNIFRAN)
Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)
- 208** A ENUNCIÇÃO DA MEMÓRIA COMO PROSA DE RESISTÊNCIA NO DISCURSO ROMANESCO DE K - RELATO DE UMA BUSCA, DE BERNARDO KUCINSKI: UM ESTUDO BAKHTINIANO
Rafael Menari ARCHANJO (UNIFRAN)
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)
- 221** A (RE)PRODUÇÃO DOS SENTIDOS SÓCIO-HISTÓRICOS NAS PICHACOES DE CARÁTER HOMOFÓBICO NOS BANHEIROS DAS UNIVERSIDADE BRASILEIRAS
Raquel Gomes Ferreira NEVES
Luciana Carmona GARCIA
- 235** DANTE ALIGHIERI E O IMAGINÁRIO MEDIEVAL DO ALÉM-MUNDO: DIALOGISMO E POLIFONIA NO INFERNO DA DIVINA COMÉDIA
Ricardo Boone Wotckoski (UNIFRAN)
Assunção Cristovão (UNIFRAN)
- 244** A FORMAÇÃO DA AUTOCONSCIÊNCIA DO HERÓI NA OBRA CRIME E CASTIGO DE DOSTOIEVSKI E O PERCURSO ANALÍTICO DO HOMEM SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA E DA PSICANÁLISE.
Sirlene Ap. Pessalacia BARRETTO (UNIFRAN)
Marilurdes Cruz BORGES (UNIFRAN)



A MORTE COMO PARÂMETRO PARA A VIDA: uma reflexão retórica sobre a construção de “Verdades” no discurso religioso

Alan RIBEIRO RADÍ (UNIFRAN)¹

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

RESUMO

No presente trabalho, debruçamo-nos sobre as discursivizações a respeito da morte e pós-morte no discurso religioso. Objetivamos, assim, entender como as religiões conferem um valor de verdade às suas proposições sobre o tema em questão de maneira tão persuasiva que, para um número elevado de pessoas, a morte exerce total influência sobre as formas de vida. Para tal empreendimento, situamo-nos em dois campos teóricos tidos como complementares, a retórica e a dialética. A análise piloto aqui realizada mostrou a possibilidade de encontrar nos textos sagrados marcas linguísticas que evidenciam o processo de construção da verdade nos discursos religiosos sobre a morte.

PALAVRAS-CHAVE Retórica; morte; pós-morte; verdade; textos sagrados

ABSTRACT

This paper aims to investigate the interface between rhetoric, prosody and humor. We are interested in knowing the place of prosody in rhetorical studies and how prosodic elements may be related to the generation of laughter. For this purpose, excerpts of the sitcom Friends (1994-2004) have been selected as *corpus*. We conducted a survey through an auditory analysis to verify prosodic alterations that preceded the audience's laughter. It is assumed that the prosodic elements identified in this research were mostly responsible for what caused the statement to be funny. As theoretical foundation, we have based on rhetorical studies, with Aristotle (2012), Cicero (2002) and Quintiliano (2015); prosody, with Cagliari (1992; 2007), Cagliari and Massini-Cagliari (2003) and Scarpa (1999) and humor, with Bergson (1987), Bremmer and Roodenburg (2000), Possenti (1998), Propp (1992) and Raskin (1985).

KEYWORDS Rhetoric; death; after death; truth; sacred texts

Introdução

O cenário político e histórico do mundo todo se viu alterado mediante a ocorrência da pandemia do novo coronavírus. A partir de tal contexto, passamos a nos deparar diariamente com os altos números indicativos das vítimas fatais dessa doença. De maneira evidente, o assunto “morte” passou a pairar sobre nossas vidas, tornou-se objeto de nosso medo e uma ameaça iminente. Somado a isso, ficamos privados da execução de nossas práticas religiosas, dos encontros

¹ Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.



entre amigos, das sessões presenciais de terapia. Sumariamente, fomos expostos à morte, abordagem abstrata, e privados de tudo aquilo que desopila a tensão que este tema provoca.

O cenário descrito nos coloca diante de uma reflexão antiga, todavia não ultrapassada e, muito menos, esgotada. Tal reflexão tem por objeto a influência que a realidade da morte exerce sobre as formas de vida. Nossos questionamentos emergem a partir da interpretação bifurcada inerente à morte: a perspectiva da certeza e a da incerteza.

Sob o prisma da certeza, a morte é encarada como uma realidade constitutiva do ser humano – tudo que nasce, inevitavelmente, morre. As ciências médica, biológica e química realizaram, ao longo da história, vários estudos com o objetivo de descrever quais processos ocorrem antes, durante e depois da morte do corpo físico, ou, como alguns preferem chamar, o cessar das funções vitais. Entretanto, a perspectiva da morte do corpo físico parece insuficiente, com base em uma crença filosófica, amplamente difundida por Platão, de que o ser humano se constitui por um corpo físico e por uma alma/espírito. Religiões mais antigas, anteriores à época do próprio Platão, já assumiam essa proposição como uma máxima. Muitas das religiões da atualidade também assumiram essa crença como dogma. Do exposto, podemos inferir que a máxima filosófico-religiosa de subdivisão do Ser em corpo e alma angariou expressivo nível de adesão.

A ótica da incerteza, oriunda do que expusemos, assenta-se no fato de não termos acesso a nenhuma informação comprovadamente experimentada sobre o que acontece depois da morte. Mediante o que vimos no parágrafo anterior, passou-se a conceber como plausível a continuidade da vida da alma, mesmo tendo atestada a morte do corpo físico. Entretanto, a resposta para a pergunta “o que acontece com a alma?” continua sendo um dos grandes mistérios da humanidade. O discurso religioso, muito mais que de outras instituições, se preocupou e se preocupa, no decorrer da história, em oferecer explicações sobre o que acontece após a morte e, também, sobre como devemos viver para termos uma morte “santa” e/ou “feliz”. Da mesma maneira que acontece com outros temas, sabemos que, a respeito da morte, não há consenso ou unanimidade entre as religiões, até mesmo entre aquelas de origem muito próxima. As crenças concernentes a esse tema são, pelo contrário, controversas e polêmicas.

Pelo que expusemos até aqui, fica patente que o tema morte evoca, ao ser colocado em pauta, um conjunto de máximas e crenças de cunho religioso e filosófico, além da morbidez e agouro que são, tão comumente, associados a essa temática. As questões religiosas e filosóficas não serão, *per se*, mobilizadas em nossa pesquisa. Elas constituirão, todavia, o caminho que nos permitirá entender, discursivo-retoricamente, a forma com que as instituições religiosas arrolam suas



crenças, a respeito do que acontece após a morte, na categoria de verdade ainda que este se trate de um tema expressivamente polêmico. O objetivo de entender o mecanismo de conversão das crenças religiosas em “verdade” nos parece importante, uma vez que, a partir da concepção de tais crenças serem verdadeiras ou muito plausíveis, é que a morte passa a exercer determinada influência sobre a vida de quem as aceita ou não.

Depois de apresentar ao leitor o contexto que nos levou a determinar nosso tema de pesquisa de doutorado, apresentaremos, no próximo item deste trabalho, algumas asserções teóricas e as possíveis perguntas que tais asserções nos permitem levantar a respeito do tema proposto.

1. Fundamentação teórica

Por intermédio da reflexão empreendida na seção anterior deste trabalho, levantamos três informações importantes: 1) uma das preocupações das religiões é explicar o fenômeno da morte; 2) os argumentos que sustentam as deliberações sobre esse tema são controversos e discrepantes nas diferentes religiões; 3) as proposições sobre a morte, geralmente, são documentadas, aceitas e propagadas como verdades, isso se dá pelo fato de participarem da constituição dos legados de fé e de haver a necessidade de proliferação dessas crenças para novos auditórios. É precisamente nesse tocante que emerge o caráter polêmico e incerto do evento pós-morte, uma vez que contamos

com diferentes verdades sobre um mesmo assunto. Entretanto, embora sejam polêmicas e controversas as explicações para o momento pós-morte, elas não deixam de significar “verdade” para um número expressivo de pessoas e de ser capaz de lhes interferir na vida.

Para nos debruçarmos sobre tal problemática, contaremos, sobremaneira, com as asserções provenientes de duas vertentes teóricas oriundas de um mesmo pesquisador, Aristóteles. Elas são consideradas pelo seu formulador como a antístrofe uma da outra: a Retórica e a Dialética.

Parece-nos plausível a escolha de observar o tema morte sob a perspectiva da dialética, principalmente no tocante à construção de “verdades”, que está atrelada à maneira com que esse tema é tratado nos discursos de diferentes religiões. Consideremos:

O propósito deste estudo [dialética] é descobrir um método que nos capacite a raciocinar, a partir de opiniões de aceitação geral, acerca de qualquer problema que se apresente diante de nós e nos habilite, na sustentação de um argumento, a nos esquivar da enunciação de qualquer coisa que o contrarie. (ARISTÓTELES, 2016, p. 369).

Mediante o exposto, observa-se que o intuito da dialética é o de auxiliar os indivíduos, por intermédio de um método, a raciocinar proficuamente acerca de qualquer problema que se lhes apresente. As bases constituintes desse processo



de raciocínio são fluidas, uma vez que se originam das “opiniões de aceitação geral”. A respeito de nossa temática, essa característica parece ser extremamente útil, pois, como já evidenciado, as opiniões são divergentes e múltiplas. Ademais, busca-se pensar em um método que possibilite, àqueles que dele lançar mão, elaborar argumentações capazes de esquivar de enunciações passíveis de contrariá-las. Dessa forma, sob nossa interpretação, seriam produzidas asserções com valor ou aparência de verdade, logo estas são não-questionáveis e fortes o bastante para exercer influência sobre as formas de vida de quem as aceita.

Se a dialética nos auxiliará a entender os recursos utilizados para a elaboração de asserções explicativas para o pós-morte com valor de verdade, a retórica nos permitirá, por seu turno, observar como diferentes oradores e auditórios lidam ou podem lidar com a polêmica inerente a esse tema. Essa vinculação torna os auditórios adeptos a uma corrente de pensamento em detrimento da outra.

Observemos a descrição realizada por Meyer (2000, p. XXIX): “há o que é tal como deve ser. A ciência nos falará disso. Há o que é como pode ser, por conseguinte, tal como pode não ser também. Trata-se do objeto da retórica.”. O conteúdo expresso pelo excerto mobilizado nos permite observar o alto grau de retoricidade existente no jogo múltiplo de construção de verdades a respeito da morte e do pós-morte. Conforme já expusemos neste trabalho, o ato

de encarar a morte como um evento, única e exclusivamente, científico é penoso para o ser humano. Entretanto, olhar para essa realidade sob o viés religioso também se torna conflituoso para o indivíduo que percebe a multiplicidade de possibilidades acerca do tema, sendo que nenhuma delas alcança o *status* de evidência científica.

O fato de a constituição dos sujeitos ser heterogênea faz com que determinados indivíduos prefiram crer em certas verdades sobre a morte do que em outras. Essa heterogeneidade derivada do individual também é um movimento retórico. A esse respeito, asseveram os autores do *Tratado da argumentação*: “com efeito, o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*. O que caracteriza a adesão dos espíritos é sua intensidade ser variável [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4, grifos dos autores). Nessa linha de raciocínio, ser passível de diversos níveis de adesão é característica imprescindível dos discursos retóricos. Esse movimento persuasivo resultará na delimitação de diversos auditórios particulares, demarcados e reconhecidos pelas crenças que os movem e pelas exposições que reforçam suas crenças em determinadas verdades, em detrimento de outras. Parece-nos, portanto, necessário investigar com mais cuidado qual o grau de participação das paixões nesse processo de correlação dos auditórios



particulares com as crenças que os caracterizam.

2. Metodologia

Depois estabelecer a justificativa para a adoção da perspectiva teórica exposta em relação ao tema da pesquisa, passamos a apresentar o *corpus* de análise selecionado.

O primeiro ponto que consideramos a respeito do *corpus* originou-se de uma observação acerca do próprio tema de pesquisa. Panoramicamente, parece haver três possibilidades de a morte exercer influência sobre a vida. Essa influência está intimamente ligada à maneira com que a morte é interpretada pelo conjunto de crenças que busca explicá-la. Averiguemos cada uma delas organizadas por segmentos.

- 1) Segmento 1: sob uma perspectiva de julgamento, a consciência da morte leva os adeptos de determinadas religiões a seguir certos cânones de conduta moral em vida com a intenção de preservar a pureza de seu espírito para que a vida, existente no pós-morte, seja boa, recompensada.
- 2) Segmento 2: imbuído pelo foco no tempo presente, a consciência da morte faz com que os adeptos de determinadas religiões sigam um cânone de vida não em vista de que outra vida seja boa em momento posterior, mas para que a vida “do agora” o seja.
- 3) Segmento 3: a consciência de morte é ligada à crença de que o processo de caminhada entre uma existência e outra é conturbado. Assim, o cânone

relacionado à morte é deixado para que os vivos auxiliem o espírito desencarnado em seu processo da travessia para sua próxima vida.

Com o objetivo de averiguar a construção de verdades acerca das crenças sobre a morte por parte de diferentes religiões, debruçar-nos-emos sobre trechos específicos de livros sagrados pertencentes a distintas linhas religiosas, os quais tratam sobre esse tema. Arrolaremos, a seguir, os livros selecionados, seguidos de uma breve exposição sobre de cada um deles e da menção às religiões a que pertencem.

Segmento 1

Bíblia sagrada – é considerada o livro sagrado das religiões cristãs e, também, do Judaísmo. Seu nome tem origem na palavra grega βιβλία, plural da palavra βιβλίον. Faz todo sentido pensar que seu nome se originou do plural da palavra livro, uma vez que se trata de um compilado de vários outros livros. Estes narram, dentre outras coisas, a história da criação do mundo e dos homens, evidenciam, ainda, o projeto de salvação do homem traçado por Deus. Além do exposto, o conteúdo deste conjunto de livros é adotado, sobremaneira, como um cânone de conduta moral e cotidiana inspirado pelas narrações da vida de Jesus. Sob a perspectiva da organização interna, a bíblia é subdividida em Antigo Testamento e Novo Testamento. O número do total de livros que a compõem diverge a depender da instituição religiosa responsável por sua edição. A bíblia protestante é formada por um total



de 66 livros, 39 no antigo testamento e 27 no novo. A bíblia católica, por sua vez, é constituída por 72 livros. Todos os livros que compõem as edições católicas e são deixados de lado pelas religiões protestantes estão no antigo testamento, são eles: *Tobias, Judite, I e II de Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque*. A *Tanach*, também conhecida como *Bíblia Hebraica*, é o antigo testamento da bíblia cristã e é adotado como o livro sagrado dos Judeus. *Tanach* (TNK) é um acrônimo, utilizado dentro do judaísmo, composto pelas iniciais das três porções que dividem seu livro sagrado, são elas: *Torá, Nevim* (profetas) e *Kethuvim* (os escritos). A *Tanach*, embora composta pelo antigo testamento cristão, possui apenas 24 livros em decorrência de sua divisão ser feita de forma distinta. Alguns pares de livro, dentro da *Bíblia Hebraica*, constituem livro único, são eles: *I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras e Neemias*. Além disso, os *Doze profetas* menores são considerados um livro único.

O evangelho segundo o espiritismo - é um livro bastante utilizado pelos espíritas kardecistas, ou seja, aqueles influenciados pelo trabalho de Allan Kardec. Esse livro sagrado também se configura como um manual doutrinário de vida para os seguidores dessa linha. De acordo com a crença espírita, o conteúdo do livro foi transmitido a Allan Kardec por espíritos desencarnados e evoluídos. Para trabalhar com essa religião, não descartamos a possibilidade de utilizar também ou exclusivamente

O livro dos médiuns, também psicografado por Allan Kardec.

Alcorão ou Corão - é um livro sagrado do Islã. De acordo com os muçumanos, essa obra contém a palavra literal de *Alá* (Deus), que foi revelada ao profeta Maomé (571-632) durante um período de 23 anos nas cidades de Meca e Medina. Consoante os historiadores, o profeta Maomé viveu entre os anos 571 e 632 da era cristã. A palavra Alcorão deriva de um verbo árabe que significa declamar/recitar. Além de outras coisas, o conteúdo do livro descreve as origens do universo, do ser humano e sua relação com Deus. O Corão apresenta, ainda, leis para a sociedade, sobre moralidade e economia, dentre outros assuntos. Os muçumanos consideram-no sagrado e inviolável.

Segmento 2

Tripitaka - é um compilado de ensinamentos budistas tradicionais. Esse livro também é reconhecido pelo nome de *Cânone Páli*, por haver sido, inicialmente, escrito nessa língua. Para essa tradição, esse conteúdo é composto pelos 84 mil ensinamentos transmitidos pelo próprio Buda, que se tornaram sutras, espécie de regras para a vida cotidiana. Em páli, *Tripitaka* significa três cestos. Esse título faz referência às três partes constituintes do texto: *Vinaya*, composto pelas regras de conduta; *Sutta*, composto pelos discursos de Buda; e *Abhidhamma*, composto por conteúdo filosófico.

Bhagavad Gita - é um texto sagrado da religião hindu. Escrito em



sânscrito, o título traduzido significa *Canção do bem-aventurado* ou *Canção divina*. Esse texto tem como origem um poema épico indiano intitulado *Maabárata*. Embora suas partes sejam escritas em seções e épocas diferentes, o texto é datado do século IV a.C. O conteúdo do livro é composto por um conjunto de práticas e leis a respeito de diversos aspectos, que deve ser seguido por aqueles que querem evoluir espiritualmente e alcançar o autoconhecimento.

Segmento 3

Bardo Thödol – também conhecido como *O legado tibetano dos mortos*. É uma obra de 1927, que foi organizada por Walter Yeeling Evans-Wentz. Seu organizador é antropólogo, escritor americano, pioneiro no estudo do budismo tibetano e seu disseminador no ocidente. Essa obra é considerada sagrada no Tibete e tem como função auxiliar a guiar a consciência de um morto em sua jornada até a próxima encarnação. Além disso, o livro conta com rituais fúnebres que devem ser executados após a morte de alguém.

Conforme se pode notar, embora já tenhamos selecionado os livros sagrados a serem utilizados em nossas análises, ainda não fizemos a seleção de conteúdos de cada um deles. A esse respeito, cumpre apenas salientar que serão selecionados, para análise, excertos que abarcam reflexões sobre a morte, a pós-morte e sua influência sobre as formas de vida. Esse movimento, como já expusemos, tem o intuito de entender de que maneira os discursos religiosos

sobre a morte são construídos como verdades de tal maneira que sejam persuasivos a ponto de conseguir influenciar as formas de vida.

A respeito dos conceitos teóricos a serem mobilizados ao longo das análises, podemos mencionar os estudos de Aristóteles (2011, 2016); Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Ferreira (2010).

3 ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Objetivando ilustrar a exposição teórica traçada até aqui, selecionamos um excerto do *Evangelho segundo o espiritismo*, sobre o qual empreenderemos um breve gesto analítico de seu conteúdo. Esse modelo de análise buscará evidenciar os aspectos que deverão ser levados em conta no processo analítico do *corpus* em sua completude, de acordo com os objetivos e indagações próprios de nossa pesquisa.

Informamos que o excerto foi retirado do capítulo II, que tem como título “meu reino não é deste mundo”. O trecho se encontra em uma subseção intitulada “a vida futura”. Consideremos o texto:

2. Por essas palavras, Jesus designa claramente a vida futura, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como o termo para onde tende a Humanidade e, como sendo objeto das principais preocupações do homem sobre a terra, todas as suas máximas se dirigem a esse grande princípio. Sem a *vida futura*, com efeito, a maior parte dos seus preceitos de moral não teria nenhuma razão de ser; por isso, aqueles



que não creem na vida futura, imaginando que ele fala senão da vida presente, não os compreendem ou os acham pueris. (KARDEC, 2008, p. 32)

O trecho mencionado ressalta a importância que a crença em uma vida futura representa para que os preceitos morais de Jesus façam sentido. Afinal, é em função dela e para uma preparação para ela que esses preceitos são estabelecidos. Dessa maneira, corrobora-se nossa visão de que os ensinamentos do espiritismo são voltados para a preparação para uma vida depois da morte, e que todo o sentido está na vida futura em detrimento desta.

Vale ressaltar ainda que o texto analisado é proveniente da interpretação de um texto bíblico. Por essa razão, *O Evangelho segundo o espiritismo* traz a seguinte referência (SÃO JOÃO, cap. XVIII, v. 33, 36, 37).

Atendendo à nossa busca pela construção de verdade, cumpre-nos ressaltar o uso do advérbio “claramente” utilizado para caracterizar a interpretação do que Jesus quis significar com suas palavras naquele contexto. O uso desse elemento gramatical endossa o caráter de verdade da interpretação bíblica realizada.

A escolha por ressaltar o valor pueril conferido aos preceitos de Jesus por aqueles que não acreditam na vida futura cria um mecanismo de alargamento do auditório. Esse argumento é potencialmente forte sob a perspectiva das paixões, uma vez que mobiliza aspectos da memória social relacionadas à profanação e ao desprezo pelas coisas ou assuntos sagrados.

São esses apenas alguns dos aspectos que podem ser analisados sob a perspectiva teórica que mobilizamos para observar nosso *corpus* e que pretendemos realizar em outros excertos da mesma obra e demais obras selecionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou evidenciar os caminhos delineados para nossa pesquisa de doutorado e, também, esboçar os aspectos que nortearão as análises de *corpus* selecionado. No trecho analisado, pareceu-nos que a metodologia adotada se mostrou capaz de nos auxiliar a responder nossas questões. Dessa maneira, seguiremos o modelo de análise no decorrer do processo de estruturação da tese.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Tópicos. In: _____. *Órganon*. Trad. Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2016. p. 367-576.
- KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 349. ed. Araras: IDE, 2008.
- MEYER, M. Prefácio. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



DISCURSO BÍBLICO: a autoria no evangelho de Mateus

Aline Eloisa da SILVA (UNIFRAN)

Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)

RESUMO

Na área de linguística encontramos um campo propício para o trabalho com textos bíblicos, às possibilidades de análise são muitos: do ponto de vista semiótico, semântico, discursivo. Posto que todo texto é passível de análise, e frente a um texto o sujeito é instado a significá-lo, amparados pela teoria de Análise de Discurso buscaremos verificar o funcionamento da autoria nos textos bíblicos, seus efeitos e que sentidos podem ser reproduzidos e produzidos a partir deles, o *corpus* escolhido para tal é uma narrativa presente no Evangelho escrito por Mateus: “O Sermão da Montanha”, visto ser uma teoria que compreende o discurso como um objeto sócio-histórico, considerando o homem e a sua história, bem como o contexto em que há produção de linguagem. Acreditamos que Análise de Discurso com o subsídio teórico dos autores Michel Foucault e Eni Orlandi nos auxiliará nessa verificação.

PALAVRAS-CHAVE Sermão da Montanha; Análise de Discurso; autoria

ABSTRACT

In the field of linguistics we find a favorable field for working with biblical texts, the possibilities for analysis are many: from a semiotic, semantic, discursive point of view. Since every text is subject to analysis, and in front of a text the subject is asked to mean it, supported by the theory of Discourse Analysis, we will seek to verify the functioning of authorship in biblical texts, its effects and what meanings can be reproduced and produced from them, the corpus chosen for this is a narrative present in the Gospel written by Matthew: “The Sermon on the Mount”, since it is a theory that understands discourse as a socio-historical object, considering man and his history as well. as the context in which language is produced. We believe that Discourse Analysis with the theoretical subsidy of the authors Michel Foucault and Eni Orlandi will help us in this verification.

KEYWORDS Sermon on the Mount; Discourse Analysis; authorship

Introdução

Essa pesquisa surge da tentativa de verificar na área de análise discursiva como o funcionamento da autoria produz efeitos e possibilita a resignificação de sentidos, na materialidade do discurso bíblico presente na narrativa do Evangelho de Mateus, por meio da relação linguagem e ideologia considerando o político e o social.

O fenômeno da religião, dos escritos considerados sagrados para algumas culturas, a pesquisa acadêmica, porém, ainda que haja um número significativo de



pesquisas relacionadas ao discurso religioso, não há muitos trabalhos em Análise de Discurso que abordam o texto bíblico. Trazer a AD para o estudo do texto bíblico é relevante para aqueles que têm a religião como campo de estudos, porém consiste em algo desafiador. Diferentemente de livros acadêmicos, que geralmente abordam temas específicos, a Bíblia traz uma variedade de temas, e sempre nos leva a um contexto mais amplo, remetendo-se sempre a realidade do Sagrado para aqueles que crêem e ao mesmo tempo, traz textosem que os temas estão inseridos no tempo, carregados de historicidade, de fatos que reclamam sentidos, cuja, interpretação deriva de um discurso que o sustenta, que o provê de realidade significativa. Nesse intuito optamos por juntar o vontade de trabalhar com o religioso, com a Bíblia, e o desejo de observá-la por meio do olhar das ciências da linguagem. “O Discurso Religioso não é objeto de análise (conhecimento) somente para teólogos ou “religiosos”, e pode, ao ser pensado em outros domínios, receber contribuições importantes para a renovação do estudo da religião”. (ORLANDI. 1987 p. 5)

Antes de fazer uma abordagem do *corpus*, faz-se necessário entender esse conceito para a AD. De acordo com Calado (2017) nas ciências humanas e sociais, o *corpus* refere-se ao conjunto de dados que servem de base para descrição e análise de algum fenômeno, sendo, por isso, determinante para a pesquisa, já que, a partir de um *corpus* fechado, será

analisado um fenômeno mais amplo. Para a AD, como para outras ciências sociais, é o *corpus* que define o objeto de pesquisa, isso porque ele não preexiste ao objeto de pesquisa, entretanto, é o ponto de vista do analista que constrói o *corpus*, o qual não vem a ser um conjunto pronto para ser transcrito. Devido a isso, na AD, a constituição do *corpus* consiste em um problema, pois coloca em jogo a concepção de discursividade, sua relação com as instituições e o papel da própria teoria.

Diante do supracitado, os textos neotestamentários, que constituem o nosso objeto de pesquisa são ricos não só do ponto de vista teológico, mas também da linguagem, devido às muitas possibilidades de análise semântica, semiótica, literária e discursiva e pela diversidade de gêneros textuais que contém. Nosso *corpus* de pesquisa consiste em um trecho do livro bíblico de Mateus, intitulado Sermão da Montanha (Mt. 5; 6; 7) texto que de acordo com os grupos denominados cristãos traz princípios éticos e morais, valores, condutas de vida, conselhos práticos dados por Jesus para seus seguidores.

Olhando para eles interessa nos compreender como o funcionamento da autoria produz um movimento de reprodução do discurso e tentativa de fechamento das ideias ao mesmo tempo em que possibilita a ressignificação de sentidos. Para tanto, faz-se necessário refletir em torno da ligação que há entre o Antigo e o Novo Testamento, por meio da sinalização do cumprimento das profecias. Ademais é preciso



investigar o processo de constituição e as condições de produção do Sermão da Montanha: Comunidade Mateana, Judaísmo Formativo, Império Romano. Observar por meio do interdiscurso, a oposição ao discurso vigente e a inscrição em uma nova formação discursiva. É por meio da materialidade discursiva, a saber, a ideologia, que reside a oposição, pois tanto a Comunidade de Mateus, como o Judaísmo formativo afirmam ser cumpridores da lei mosaica (legislação social e religiosa do povo hebreu), contudo cada um a interpreta a partir das suas condições de produção.

A Bíblia, como objeto de estudo, abarca diferentes concepções epistêmicas, contribuindo tanto no campo religioso como no campo acadêmico. Ela é o conjunto de livros considerados sagrados pelo judaísmo e pelo cristianismo. A Bíblia completa contém 73 escritos, cujas versões originais estão em hebraico, aramaico e grego, obras de numerosos autores, que escreveram em períodos diferentes, provenientes de povos e culturas distintas, de acordo com as características do seu tempo, a história do povo de Israel e de Jesus Cristo. De acordo com Bueno (2014), os textos retratam teologicamente temas como a criação do mundo e da humanidade, a redenção divina e a vinda do Reino de Deus esperado tanto pelo judaísmo como pelo cristianismo.

O texto bíblico que temos hoje remonta ao período de 515 a.C a 100 d. C, quando as comunidades judaicas o teriam adotado como forma textual

final e que os Massoretas¹ vocalizaram durante os séculos VI ao IX d.C. O texto Massorético já conta com 1000 anos de história e é a partir desse texto que foram feitas as edições da Bíblia Hebraica, inclusive, para o Cristianismo, no tocante ao Antigo Testamento.

No que diz respeito ao Novo Testamento, o registro foi escrito em língua grega e contava com uma extensa gama de manuscritos que foram trabalhados e estudados, na busca de reconstruir o conteúdo original dos primeiros escritos do Cristianismo.

Nesse processo, nota-se que a Bíblia canônica é o resultado de uma complexa seleção de textos, e a criação de uma coerência textual entre o texto judaico e texto cristão: em que aqueles indicam um pano de fundo e fundamento para a história de Jesus presente no evangelho. Nesse sentido, podemos compreender também que um livro pode ser interpretado à luz dos demais. “As Escrituras judaicas tornaram-se também uma tipologia do Novo Testamento; o significado tipológico descreve a inteligibilidade descoberta na relação entre dois eventos, compreendendo uma única atuação divina na história” (FILHO, 2015. p. 99).

Para Filho (2015), o Cânon bíblico, portanto, como “código”, “texto de cultura”, se formou nessa tradução de tradições que deu aos signos anteriores das Escrituras Judaicas, novos contornos. Esse processo foi permeado pela participação de

¹ Eruditos dedicados a escrita de textos bíblicos



diferentes grupos numa disputa em torno da verdadeira interpretação da tradição e identidade da Igreja. Nesse contexto, os quatro Evangelhos e as cartas de Paulo adquiriram status de autoridade e tornaram-se uma ligação comum entre os cristãos de diferentes tradições geográficas e culturais.

A comunidade dos cristãos, a igreja nascente, denominou os Evangelhos, Evangelho segundo Mateus, Evangelho segundo Marcos, Evangelho segundo Lucas, Evangelho segundo João. Isso advém do fato do “Evangelho único ter sido recebido por várias testemunhas que o registraram de forma escrita e o transmitiram adiante (HORSTER, 1997. p. 07).

Ao iniciar o percurso das leituras, fichamentos, resumos e resenhas, na tentativa de encontrar um caminho que me levasse a essa verificação, foi necessário aprender a ler a partir da ótica discursiva, analisar não somente dados históricos, bem como datas e lugares, e sim, os fatos, para além dos dados e os sentidos que poderiam ser construídos a partir deles, especialmente os percebidos no Sermão da Montanha, transformado em textos pelos autores evangélicos. Nessa ótica, buscamos compreender, por meio da observação da narrativa geral de Mateus, de que lugar o texto foi escrito, como se dá o processo de autoria (atribuição classificatória), para que sujeito e quais são as condições de emergência da escrita, e que gestos de interpretação podem ser construídos a partir da composição do texto. Essa compreensão se dá

a medida que percebemos que o escrito não se dá de forma aleatória, como mera descrição dos fatos, ou como transcrição de um relato oral, há uma interpretação da realidade que a motiva, e o texto ora vai ao encontro dessa interpretação da realidade, validando-a, ora a invalida.

Nenhuma leitura é inocente e descomprometida; ela sempre se insere numa realidade dada previamente e que a motiva. A leitura, ou reforça e valida valores e estruturas (no sentido mais amplo poderes etc.); ou, então, ela ameaça as estruturas desinstalando-as e por isto torna-se subversiva. Estas são duas grandes possibilidades que se tem quando se faz a leitura da história na qual se vive, e ao registrar-se tal leitura num escrito numa criação literária (LOCKMANN, 2009. p. 56).

Na tentativa de responder ao questionamento a que nos propomos, fomos buscar subsídio teórico na Análise de discurso, visto ser uma teoria que compreende o discurso como um objeto sócio-histórico, considerando o homem e a sua história, bem como o contexto em que há produção de linguagem, analisando a relação da língua, com os sujeitos que a falam, e as condições de produção do dizer. Orlandi (2007) postula que o objetivo da Análise de Discurso é compreender como um texto funciona como ele produz sentidos, sendo ele concebido como objeto linguístico-histórico. Nesta perspectiva, a historicidade no texto



se vincula à história do sujeito e do sentido. É na produção do sentido que o sujeito também se produz. A análise de discurso abarca conceitos relacionados à linguagem para além da estrutura, a historicidade para além dos dados, e um sujeito afetado pela história e perpassado por uma ideologia. Para trabalhar a construção dos sentidos, a Análise de Discurso engloba três regiões do conhecimento: a teoria da sintaxe e da enunciação, a teoria da ideologia, a teoria do discurso - que é a determinação histórica dos processos de significação. Conforme Orlandi (2007), a análise de discurso relativiza a autonomia do objeto da linguística que é a própria língua, frente a um objeto em que é instado a significar, não concebendo a língua como um sistema abstrato, fechado. Trabalha-se pela via do discurso, que é curso, movimento, a língua funcionando para a produção de sentidos, permitindo analisar unidades além da frase. Assim, o objeto da análise de discurso é o próprio discurso, que é um objeto sócio-histórico. Nos estudos discursivos, não há separação entre forma e conteúdo, a língua não é só estrutura, mas, sobretudo, acontecimento.

Buscamos nos autores Michel Foucault e Eni Orlandi aporte teórico sobre alguns conceitos. Foucault nos auxiliará à medida que traz um estudo sobre o conceito de autoria, como se dá a função autor, e se a atribuição se dá de forma classificatória, é pertinente aos nossos estudos, uma vez que há poucas evidências de que a narrativa de Mateus tenha sido

escrita por ele e sim que a autoria do texto se deve a uma comunidade "Mateana". Para além dessa análise, os postulados de Foucault, para o conceito de fundadores de discursividade também nos interessa na medida em que se compreende a instauração de uma tradição a partir deles.

Ora, é fácil ver que, na ordem do discurso, pode-se ser o autor de bem mais que um livro - de uma teoria, de uma tradição, de uma disciplina dentro das quais outros livros e outros autores poderão, por sua vez, se colocar. Eu diria, finalmente, que esses autores se encontram em uma posição "transdiscursiva". É um fenômeno constante - certamente tão antigo quanto nossa civilização. Homero e Aristóteles, os Pais da Igreja, desempenharam esse papel; Vamos chamá-los, de uma maneira um pouco arbitrária, de "fundadores de discursividade". Esses autores têm de particular o fato de que eles não são somente os autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos (FOUCAULT, 1969. p. 21-22).

ANÁLISE

Havia um forte movimento judaico revolucionário. Em 70 d. C o Império Romano comandado pelo general Tito, filho do imperador Vespasiano, invadiu a Palestina. Sufocou o movimento judaico revolucionário, tomou Jerusalém e destruiu o templo. Os judeus tiveram que se dispersar e se reorganizar. De



acordo com Leonel, as comunidades cristãs que aí existiam saíram antes, foram para uma região que tem como ponto de referência o Sul da Galiléia. Alguns foram para Pela, do lado oriental do Rio Jordão, outras se espalharam pela Síria e Fenícia, e outras ainda se refugiaram junto à comunidade de Antioquia na Síria. E foi provavelmente de Antioquia, pelos anos 80 d. C, que o Evangelho de Mateus foi escrito para e por essas comunidades que tinham nascido na Palestina. No século I, os grupos de seguidores de Jesus ou eram parte integrante da comunidade judaica ou ainda não estavam completamente separados do Judaísmo. Parece ser este o caso da comunidade de Mateus. De acordo com OLIVEIRA (2016 p.13) o grupo de Mateus se vê diante da necessidade de estabelecer uma identidade própria, e isto não estava no projeto de um judaísmo que tinha planos de se reorganizar após a destruição de Jerusalém, das instituições judaicas e do templo em 70 d. C, restou a comunidade mateana resistir. A comunidade não se conforma com o sistema imperial da época e procura meios de subvertê-lo, promovendo uma reviravolta e invertendo a ordem das coisas. De acordo com Oliveira (2016. p.13) o evangelho escrito por Mateus é um instrumento de denúncia e a palavra que melhor define essa comunidade é resistência.

Carter (2002, p.15) classifica o trabalho de Mateus como um trabalho de resistência às estruturas culturais, de acordo com o autor a comunidade mateana judaica e

que está comprometida com Jesus, luta por seu lugar em uma tradição comum, mas nem a tradição, relações e práticas comuns existem como causa de divisão, mas a sinagoga de origem rejeita as reivindicações e não vê Jesus como proeminente. Então, a audiência em Mateus é tensionada com a sinagoga ainda comprometida com a prática judaica, além da situação do domínio romano na região da Palestina, com a cobrança de impostos enquanto a maioria da população vivia marginalizada.

Mateus é de origem judaica, e demonstra um grande conhecimento a respeito das Escrituras do Antigo Testamento, da Lei, e da espera do povo Judeu pelo libertador de Israel, seus escritos pretendem mostrar que Jesus é esse libertador, no decorrer do texto há muitas citações que vem de encontro a provar que Jesus é o Messias esperado. (Mt.1. 22, Mt.2. 5, Mt. 3. 15-17, Mt.3. 3, Mt. 4. 14, Mt.12-18). Ele se inscreve em determinada formação discursiva e por meio de expressões e palavras próprias dos judeus, demonstra escrever para um público que também conhece as Escrituras e os costumes dos Judeus, pois ele usa muitas expressões peculiares sem a necessidade de dar a devida explicação. Ao que tudo indica, ele escreve para um grupo de judeus convertidos, a leitura que faz da lei é em relação à liderança judaica, mas ela dá outra dimensão, interpretação. A forma como o discurso do Sermão da Montanha transparece essa oposição está na forma como representa a conduta dos discípulos de Jesus em contraste



com a conduta dos judeus, que representava até então o grupo dominante. Mateus esclarece que não será mudada uma palavra da lei ou do que tenha sido dito pelos antigos profetas, mas será dada a devida interpretação.

Os dois partidos disputavam o poder, eles divergiam sobre o privilegiamento da lei escrita ou da tradição oral, mas, de acordo com Orlandi (1987, p. 21) a palavra profética atribuída a Jesus, no Sermão da Montanha situa-se num outro nível, através de um discurso, cuja, ética transcendental tudo vê, tudo pode, tudo concilia, mesmo quando ameaça, porque não é uma conciliação das partes, mas uma inserção a uma instância superior. Nas palavras do Evangelho de Mateus, Jesus divergia dos dois exortando o homem a ter uma relação mais direta e pessoal, em oculto, com Deus.

Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não terá recompensa junto de vosso Pai que está no céu. [...] Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade eu vos digo: já receberam a sua recompensa. Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai, em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto te recompensará. (Mt.6:16: 5-6)

A supremacia política e ideológica dos fariseus é sustentada por um discurso no qual se diziam portadores

do sentido literal do texto bíblico, conforme assinala Orlandi (1987, p.21) literalidade para os fariseus, significava fundamentalmente, executar exatamente o que o texto bíblico ensinava, em público, isto é, em qualquer lugar, ou dar mais valor aos aspectos externos do ritual.

Um dos procedimentos utilizados na Análise de Discurso é colocar em relação um discurso com outro. Ao se colocar em relação esses dois discursos, emergem diferenças que nos permitem observar o deslocamento de determinada fundação discursiva e a instauração de um novo discurso.

Os fariseus declaravam cumprir a lei e acusavam Jesus de não a obedecer. Jesus acusava os fariseus de “sepulcros caiados” (MT.23. 27), por se atentarem apenas para os aspectos exteriores da religião. “Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! Pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezais os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia, a fidelidade. Eis o que era preciso praticar em primeiro lugar sem, contudo, deixar o restante. Diante das acusações feitas, Jesus respondia: “Não vim revogar a lei, mas cumpri-la” (Mt. 5. 17).

Se ambos os discursos afirmam “cumprir a lei”, qual seria o fio dessa oposição? Para ORLANDI (1987) As relações entre o jurídico e o religioso no discurso dos fariseus apontam para um privilégio do temporal sobre o divino, o discurso de Jesus, por outro lado, dialoga com o dos fariseus remetendo ao



divino, à ordem da graça, contudo, as implicações temporais dos conceitos fundamentais do discurso de Jesus são justiça, misericórdia e fidelidade, diferente dos fariseus.

No plano textual temos: “Não vim para abolir a lei e os profetas, mas sim para levá-los a perfeição” (Mt. 5. 17) No plano discursivo percebemos que, Jesus no evangelho de Mateus não se limitou a anunciar verdades eternas desligadas de seu tempo, ele viveu num contexto de mundo dilacerado no plano político e religiosos como era então a Palestina. Nas bem-aventuranças, Mateus não somente interpreta a vocação de Jesus, mas também o momento histórico no qual estão se realizando as esperanças messiânicas. Novamente no plano textual lemos a seguinte perícopie: “Bem aventurados os mansos pois possuirão a terra” (Mt. 5. 5)

No plano discursivo, que leva em conta o contexto de produção, a materialidade textual possibilita a construção e a ressignificação de sentidos. Os filhos de Deus a quem pertence a terra, também serão donos da terra. Inserido no contexto da época, percebe-se uma crítica. Conforme aponta “Na cultura judaica, a cultura da terra era a fonte de economia e sustentação da população” (GUIMARÃES, 2014. p.5 6).

Em contrapartida o Império Romano que, controlava a política e a economia da época, cobrava impostos e tributos dos moradores de suas províncias. Muitas vezes eram tomadas as terras como forma

de pagamento de dívidas, nesse sentido a bem-aventurança pode ser entendida como uma denúncia a esse sistema, convidando as pessoas a serem mansas (pacientes) porque elas possuirão a terra. Essa bem-aventurança pode ser lida a luz do texto do Antigo Testamento que diz: “A terra não se venderá para sempre, porque a terra é minha, e vós estais em minha casa como estrangeiros ou hóspedes. (Lv. 25-23)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente resumo objetivou trabalhar dentro da área de Análise de Discurso o discurso do Sermão da Montanha, presente na narrativa bíblica do Evangelho de Mateus (5-7). Para tanto buscou-se esclarecer alguns pontos sobre a Bíblia, sobre nosso *corpus* de pesquisa e como os teóricos Michel Foucault e Eni Orlandi nos auxiliarão nas análises sobre o funcionamento da Autoria no texto do Evangelho. Ao fazer a análise da narrativa do Evangelho de Mateus, foi levado em conta o contexto no qual o texto foi escrito. A comunidade mateana cumpridora da lei não a descarta, ela propõe a ampliação de sentidos, uma observância que alcança a razão pela qual a lei foi formulada “Sede perfeitos como vosso Pai do céu é perfeito”. (Mt.5. 48). Ele defende o Espírito da Lei, não um legalismo literalista.

REFERÊNCIAS

BIBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave-Maria*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges. São Paulo. 182ª edição. Edição Claretiana, 2008.

BUENO, Clovis Henrique. Lucas 4.16-30. *Um ideário programático do Evangelho*. São Leopoldo. 2014.

CALADO. Éder Wilton Gustavo Félix. *O sermão do Monte sob a Análise do Discurso*. O (inter)discurso em foco. Londrina, 2017.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

FILHO. José Adriano. *A formação do cânon bíblico: considerações a partir da semiótica da cultura*. Estudos de religião, v.29 janeiro-junho, 2015.

FOUCAULT. *O que é um autor? Bulletin de la Societé Française de Philosophie*, 63º ano, no 3, julho-setembro de 1969. p.73-104.

GUIMARÃES. Neve Ione Ribeiro. *O sermão da montanha na visão do filósofo cristão Huberto Rohden*. 171 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2014

HORSTER. Gehard. *Introdução e síntese ao Novo Testamento*. Curitiba- PR: Editora Evangélica Esperança, 1996.

LOCKMANN. *O interlucano. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48*. PUC. Rio de Janeiro 2009

OLIVEIRA. Paulo Tarso. *O interlucano. A narrativa da viagem em Jerusalém em Lc 9.51-19.48*.

ORLANDI. *Eni Pulcinelli. Discurso Fundador: formação do país e a construção da identidade nacional*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2001

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas-SP: Pontes, 2007.

_____. *Palavra, Fé, Poder*. Coleção: Linguagem/ Perspectiva. São Paulo: Pontes, 1987.





AS VOZES POLÍTICO IDEOLÓGICAS NOS ANAIS DO SENADO IMPERIAL SOBRE A LEI DO VENTRE LIVRE: debates e redação final de uma Lei que queria ser reformista

Anderson Luís VENÂNCIO (UNIFRAN)
Marilurdes Cruz BORGES (UNIFRAN)

RESUMO

O presente projeto visa pesquisar as vozes político-ideológicas no Senado do Império do Brasil, no período compreendido entre 1868 a 1871, a partir da análise da redação final da Lei do Ventre Livre. O objetivo deste estudo é compreender, sob o ponto de vista do dialogismo Bakhtiniano, a maneira pela qual foi conduzida as discussões que antecederam a Lei Rio Branco e sua versão final, ou mais comumente conhecida como “Lei do Ventre Livre”. A aprovação dessa Lei foi o ponto de partida para o longo processo que se propunha reformista e que culminou com a abolição da escravidão em 1888. Tal projeto enfrentou poderosas oposições nas elites imperiais e na própria sociedade (tendo em vista que a Escravidão era um valor compartilhado). Consideramos que retomar as discussões que permitiram a aprovação da Lei nos permitirá colocar sob à luz todas as contradições sociais, políticas e ideológicas presentes nas falas dos atores envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE Dialogismo; Bakhtin; escravidão; senado; discurso.

ABSTRACT

The present project aims to research the political-ideological voices in the Senate of the Empire of Brazil, in the period between 1868 and 1871, from the analysis of the final wording of the Lei do Ventre Livre. The objective of this study is to understand, from the point of view of Bakhtinian dialogism, the way in which the discussions that preceded the Rio Branco Law and its final version, or more commonly known as the “Lei do Ventre Livre”, were conducted. The approval of this Law was the starting point for the long reform process that culminated in the abolition of slavery in 1888. This project faced powerful opposition in the imperial elites and in society itself (given that Slavery was a value shared). We believe that resuming the discussions that allowed the approval of the Law will allow us to bring to light all the social, political and ideological contradictions present in the speeches of the actors involved.

KEYWORDS Dialogism; Bakhtin; slavery; senate; speech.

Introdução

Em nossa dissertação de mestrado¹, procuramos evidenciar a tensão existente entre Conservadores e Liberais na Província de Minas Gerais. Essa tensão provincial

¹ VENÂNCIO, Anderson Luís. A Força do Centro: A influência Conservadora na Província de Minas Gerais (1844-1853). Dissertação de Mestrado, UNESP - FRANCA, 2006.

era um sintoma de uma luta muito maior que envolvia conservadores e liberais em todo o Império. Os grupos lutavam pela hegemonia política, pelo direito de imprimir suas marcas na administração pública e na própria consolidação do Estado Nacional brasileiro. A derrota dos liberais do Sul, mais especificamente os beligerantes de São Paulo e Minas Gerais, na Revolução Liberal de 1842, não sepultou as pretensões desse grupo que, assim como os conservadores, almejava a hegemonia. Ao mesmo tempo, as lutas políticas não colocavam em xeque a espinha dorsal da sociedade imperial: a Escravidão. Não se tratava apenas de uma fórmula econômica. Tratava-se de um valor compartilhado, uma visão de mundo. Não se concebia a vida sem a Escravidão. Ter escravos implicava possuir – tal como formulado por Bourdieu – um capital simbólico.

Por volta de 1866, vemos uma nova realidade se impondo. O Brasil se afundava na Guerra do Paraguai e, na Fala do Trono de 1867, o Imperador decide tocar no nervo exposto: fala da necessidade de emancipar o “elemento servil”. A questão logo suscitou profundas reflexões e discussões nas elites econômicas e políticas do Império. Rompeu-se uma situação de “consenso político” construída em torno do binômio Monarquia-Escravidão. Segundo Jose Murilo de Carvalho:

O desejo de todo partido é, naturalmente, conquistar e manter o poder. Os partidos da época não fugiam à regra. Mas as lutas regências tinham

demonstrado que no Brasil essa pretensão era causa de permanente instabilidade. O fato de não serem os conflitos entre grupos dominantes marcados por diferenças de classe não os tornava menos frequentes ou menos intensos (...). A saída para o problema foi o estabelecimento de um contrato político não escrito das elites com a monarquia e com o Poder Moderador: Ela e ele seriam aceitos na medida em que possibilitassem a convivência civilizada dos partidos e a paz social. (CARVALHO, 2007, p.46)

A “paz social” construída pelos partidos (para ser mais claro, Partido Liberal e Conservador) sofreu, a partir de 1867, uma fratura. Essa fratura aumentaria e se multiplicaria na medida em que as discussões sobre o “elemento servil” se aprofundassem. Na Assembleia Geral e, principalmente, no Senado do Império, podemos verificar o impacto de qualquer discussão sobre abolição. Por quê? Ora, o Senado Imperial era vitalício, nomeado pelo próprio Imperador. Era ali que as grandes figuras políticas tomavam assento. No passado, Senadores impuseram importantes derrotas a ministros e, para assombro de muitos, ao próprio Imperador (quando o Senado não validou a nomeação de um Senador indicado pelo Imperador, abrindo grave crise política, da qual o Senado saiu vitorioso). Acompanhar as discussões senatoriais a respeito da Lei do Ventre Livre nos permite ver as vísceras de um sistema que entrava lentamente em falência. Ao mesmo tempo, quando analisamos a Lei do





Ventre Livre, vemos que apesar de aprovada, prevaleceu a força dos reacionários. Aqui o dialogismo proposto por Bakhtin encontra profunda acolhida. Para ele,

não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificam (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). (BAKHTIN, 2000, p. 414).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura acadêmica tem tentado entender melhor a dinâmica da correlação de forças no interior da elite política do Brasil Imperial. Dentre os vários trabalhos sobre o assunto, destacamos um autor que contribuiu significativamente para o avanço dos estudos mais específicos sobre o liberalismo e as instituições do Império: José Murilo de Carvalho, na sua obra *A construção da Ordem* (1980). Ele se propôs analisar em profundidade o interior da elite política imperial. Tomando por base

a tradição lusitana, o autor recuperou os traços comuns herdados dessa tradição na formação do Estado Brasileiro. Tendo em vista que uma parte significativa da elite política nacional teve sua formação acadêmica em Portugal, mais precisamente em Coimbra, o autor viu nisso um importante aspecto de união e de homogeneização dos aspectos ideológicos da elite dominante. Essa homogeneização resultou em um sistema político voltado para a Monarquia, zeloso pela unidade, cioso da centralização político-administrativa e contando com baixa representatividade e sentimento de cidadania.

Por sua vez em *Teatro das Sombras: a política Imperial* (1988), José Murilo de Carvalho mostrou as relações que envolviam o Governo Imperial e as elites regionais. Tais relações, desdobrando-se em diferentes aspectos socioeconômicos e políticos como a questão das terras, as eleições e a concessão de títulos nobiliárquicos, exigiram a montagem de um aparato institucional que pudesse conferir legitimidade ao funcionamento do Estado.

Desta forma, o autor coloca-se entre aqueles que acreditam que, longe do mimetismo puro e simples, havia uma esfera de autonomia das elites locais no que tange a apropriação das ideias vindas de fora. Acreditamos que o debate travado a respeito da Lei do Ventre Livre (Rio Branco) é sintomático dessa premissa. José Murilo também defende uma relação mais dinâmica entre a Coroa e as demais instituições. Quando

os interesses eram convergentes, a Coroa mantinha seu prestígio intacto. Porém, existiram questões, como a da Abolição, nas quais Coroa e elites agrárias entravam em choque.

Na Abolição, se pensarmos a longo prazo, a Coroa logrou êxito. Mas, a que custo? Em última instância tal êxito resultou numa perda maciça de apoio por parte da elite agrária, que acabaria por abrir uma das portas pelas quais a República entrou. Se observarmos de forma panorâmica a política imperial, fica muito claro que, para o José Murilo de Carvalho, a aprovação de determinadas leis ficava extremamente dependente dos interesses dos cafeicultores fluminenses, principais produtores de café do país. Se a Coroa conseguiu várias vitórias em um campo onde eles eram radicalmente contrários, a saber, a questão da Abolição, foi porque o prestígio do próprio Imperador atuou como o fiel da balança. Esse empenho da Coroa custou-lhe, a longo prazo, a própria Monarquia. O Poder Moderador encontrava seus limites dentro dos interesses dos cafeicultores. O preço a se pagar nas vitórias obtidas sobre a sua base de sustentação custou a Coroa um preço altíssimo.

Outro autor fundamental aos nossos estudos é Ilmar Rolhoff de Mattos. Em seu livro *O Tempo Saquarema* (1987), tratou da trajetória de ascensão do partido Conservador e, por conseguinte, de sua hegemonia na política imperial brasileira durante o Segundo Reinado. Com isto apresentou os matizes que os liberais tinham sobre a sociedade.

Ilmar Mattos começa por demonstrar as grandes mudanças que o Brasil experimentou a partir de sua independência. A ruptura com a metrópole possibilitou toda uma efervescência de ideias que tomaram conta da sociedade brasileira daquele período, ideias, muitas vezes, inspiradas em modelos estrangeiros. Havia um consenso em determinados setores da elite que era necessário manter a ordem, pois se entendia ser esta necessária para se manter a dominação e, claro, o sistema escravista.

Ressalta-se de que forma o autor analisou as posturas em face à escravidão: existiam aqueles homens que se autodenominavam “boa sociedade”, e estes sentiam-se feridos em sua honra pela constante pressão inglesa pelo fim do tráfico negreiro intercontinental. Essa pressão se fazia sentir a todo momento pela diplomacia inglesa ou mesmo pela força, representada pelas constantes invasões da Marinha de Guerra britânica nas águas do Império.

É nesse ambiente tumultuado que a cidade do Rio de Janeiro vai se destacar como centro político e econômico do País. A Corte catalisa as forças políticas da nação e lhe dá uma direção clara. Tudo isso só foi possível pela ação da Coroa. Essa no Primeiro Reinado se viu em uma situação de grande descrédito frente ao restante do país; principalmente em função da perda da Cisplatina e da própria inabilidade de D. Pedro I em manobrar e negociar com os mais amplos setores políticos. Essa incapacidade





tornou-se um divórcio, que culminou com a Abdicação em 1831. Após o conturbado período das Regências em que a unidade do Império foi posta em risco, surge a opção pela antecipação da maioria do Imperador. A partir disso toda cena política do país ganha novos contornos. (MATTOS, 1987, p.1)

A ordem defendida pelos políticos imperiais é aquela necessária para manutenção da Escravidão, para a regulação e disciplina da violência dentro do país, para a centralização do monopólio da violência e em última instância a completa preponderância do Estado sobre o “Governo da Casa”. Esse esforço por parte dos Saquaremas pode ser melhor entendido a partir de uma passagem citada por Ilmar Mattos.

Por fim, precisamos pensar que a análise de todas essas discussões passam pelo prisma Bakhtiniano. Para pensar o conceito de dialogismo, é necessário retomar as discussões do Círculo de Bakhtin. Na visão dos integrantes do Círculo, tudo que é dito por um sujeito não pertence apenas a ele, não há na linguagem “uma perspectiva completamente individual, pois no discurso há sempre um interdiscurso, além de ele ser uma forma histórica e falante que se faz ouvir através de suas inúmeras vozes” (BORGES, 2015, p.20). Percebemos por esse conceito que nenhuma fala está solta ou é um mero instrumento de manifestação pessoal. Todo discurso revela uma realidade mais ampla, onde locutor e interlocutor desenvolvem uma relação dialética

poderosa. Nenhuma fala deve ser dissociada de seu contexto, de seu *ethos* político ideológico e de seu substrato socioeconômico. De acordo com Marilurdes Cruz Borges, Voloshinov e Bakhtin, em *O discurso na vida e o discurso na arte* nos mostra que

os enunciados contêm ecos, que são permanentes e indissolúveis, ou seja, que avançam pelas culturas e não se dissolvem no tempo. Esses ecos são chamados pelos autores de presumidos culturais, ou seja, são vozes acionadas pela memória cultural. Apesar de atuarem aparentemente em silêncio diante de nós, esses ecos nos integram, tornam-nos parecidos e identificados culturalmente. (BORGES, 2015, p.24)

O dialogismo em Bakhtin não reforça apenas o caráter humano e singular de cada enunciando. Implica em reconhecer que a comunicação tem um caráter formativo e ativo na vida de cada pessoa. Nesse mesmo viés, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), em seu primeiro livro, *Meditaciones del Quijote*, publicado em 1914, citou uma frase que se tornaria lapidar e um importante conceito da filosofia contemporânea: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não salvo a mim” (ORTEGA y GASSET, 1914/1966, p. 322). As “circunstâncias” tal como falava Ortega & Gasset formam nossa individualidade e, paradoxalmente, nos ajudam a compreender o outro e a perceber nossas próprias possibilidades e limitações. Todo



discurso é carregado de intenções, segundo Bakhtin. E essas intenções exprimem uma ideologia ou percepção de mundo.

[...] tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a formação original da representação que terei de mim mesmo. (BAKHTIN, 2000, p.178)

METODOLOGIA

Assim sendo, para construir um quadro mais próximo dos acontecimentos, temos como referência dois conceitos: dialogismo Bakhtiniano e hegemonia de Gramsci.

Sobre o conceito de dialogismo é necessário retomar as discussões do Círculo de Bakhtin. Conforme nos informa Borges (2015, p. 20), “Nas reflexões do Círculo de Bakhtin, aprendemos que tudo o que é dito por um sujeito não pertence apenas a ele, não apresenta uma perspectiva completamente individual, pois no discurso há sempre um interdiscurso, além de ele ser uma forma histórica e falante que se faz ouvir através de suas inúmeras vozes”. Percebemos por esse conceito que nenhuma fala está solta ou é um mero instrumento de manifestação pessoal. Todo discurso revela uma realidade mais ampla, onde emissor e receptor desenvolvem uma

relação dialética poderosa. Sobre o conceito de Hegemonia de Gramsci, podemos dizer que tal é baseado na construção de grupos que durante certo tempo permanecem aliados, exercendo uma direção política, intelectual e ideológica, não tendo como condição *sine qua non* a dominação econômica. Dessa forma, não existe uma correspondência direta entre a infraestrutura e a superestrutura política. O elo entre as duas é orgânico, vinculando-se no seio da estrutura jurídico - política em que são colocadas na ordem do dia as contradições econômicas (VISCARI, 2001). Norberto Bobbio, ao definir o conceito, expressa-se da seguinte maneira:

[...] a hegemonia de uma classe ou facção sobre outras classes que compõem o poder dominante faz com que cada um renuncie aos seus interesses imediatos, interesses econômico-corporativos, em benefício do comum interesse político pela exploração e o domínio das classes subalternas. A hegemonia atua como princípio de unificação dos grupos dominantes, e, ao mesmo tempo, como princípio de disfarce de domínio de classe [...] (BOBBIO, 1986, p. 581)

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Para fins de análise piloto, selecionamos um breve trecho dos Anais do Senado, mais especificamente do que consta no livro 4, dos Anais de 1871, quando a Lei do Ventre já estava em fase final de discussão e cabia ao Senado fazer



a revisão, dando o tom real que a Lei iria ter.

Como já havíamos indicado, a aprovação da Lei do Ventre livre foi uma queda de braço entre as forças hegemônicas da política nacional no Império. O Senado, como casa revisora e como centro das principais lideranças políticas e econômicas do Brasil, talvez só abaixo, em termos de prestígio, do Conselho de Estado, recebeu o projeto da Lei do Ventre Livre aprovado na Assembleia Geral (Câmara dos Deputados) e tratou de revisá-lo, nem sempre de maneira favorável. Por exemplo, na seção do dia 29 de agosto de 1871, o Senado suprimiu o parágrafo 3º, do artigo 7 da Lei. Tal artigo dizia

Os promotores públicos poderão promover os direitos e favores que as leis concedam aos libertos e escravos, e representá-los em todas as causas de liberdade, em que forem partes. (Anais do Senado Imperial, p.270)

Aqui já se percebe o caráter reacionário que se impõem a redação final da Lei. Afinal, o que havia sido aprovado na Câmara era justamente a possibilidade de negros, que tivessem tido sua liberdade assegurada pela Lei do Ventre Livre, terem o direito de defesa gratuita de seus interesses como cidadão. Ora, negando-se o acesso à justiça gratuita, negava-se também a plena cidadania desse segmento da sociedade. Assim como a Câmara, o Senado aprovaria a Lei do Ventre, mas lhe reduziria as possibilidades de plena cidadania aos beneficiados pela Lei. Entre o

discurso de liberdade e a promoção da cidadania, havia um enorme hiato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de dialogismo em Bakhtin é extremamente rico. Os Anais do Senado Imperial são transcrições, na íntegra, dos discursos dos Senadores. Nosso recorte abrange justamente o momento em que o Senado Imperial precisa enfrentar a questão que estava implícita no horizonte: a abolição total da Escravidão no Brasil. Com o dialogismo, queremos entender com que setores os senadores pró ou contra a Lei do Ventre Livre estavam dialogando. Como Gramsci, queremos entender quais forças foram hegemônicas na construção da Lei e na sua redação. Por fim, analisar o texto da própria Lei nos permitirá ver os avanços alcançados e, principalmente, as limitações impostas ao projeto de abolição gradativa da escravidão. Veremos também que tipo de cidadania o futuro “liberto” alcançaria e com isso, talvez, compreender comportamentos e valores na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BORGES, Marilurdes Cruz. *A seção o português é uma figura, de Marcílio Godói, em diálogo com gêneros discursivos nas esferas jornalística, científica e pedagógica*. Tese de doutorado. 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/132142?show=full> Acesso em: 20 ago. 2021.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem*. A elite política imperial. Rio de Janeiro: 1980

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. *Teatro das Sombras: A política Imperial*. São Paulo: Vértice/IUPERJ, 1988.

GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. v.1. Lisboa: Estampa, 1974.

MATTOS, Ilmar Rohloff. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

VISCARI, Cláudia Maria Ribeiro. *O Teatro das Oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.



ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A IGUALDADE RACIAL NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO

Andreia Maria RIBEIRO SILVA (UNIFRAN)
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)

RESUMO

A sociedade brasileira é composta por pessoas de diversas etnias ou, melhor dizendo, pela miscigenação ou confluência de várias etnias. A expressão “raça” é utilizada, sociologicamente, para se referir a determinados grupos étnicos, tomando por base suas características físicas. Assim, uma pessoa pode ser considerada como pertencente à “raça negra” em razão de suas características fenotípicas (pele escura, cabelo crespo, nariz negroide etc.). O Estatuto da Igualdade Racial é parte integrante de um conjunto de práticas discursivas que dotam a raça negra de significação, a partir de sentidos históricos cristalizados socialmente. O objetivo do presente trabalho, a partir do arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), é conhecer as diversas formas de representação da raça negra no e os efeitos de sentido possíveis para a tão proclamada igualdade racial.

PALAVRAS-CHAVE Raça Negra; igualde; discurso jurídico; Análise do Discurso.

ABSTRACT

Brazilian society is made up of people from different ethnicities or, better said, by the miscegenation or confluence of various ethnicities. The expression “race” is used, sociologically, to refer to certain ethnic groups, based on their physical characteristics. Thus, a person can be considered as belonging to the “black race” because of their phenotypic characteristics (dark skin, curly hair, negroid nose, etc.). The Statute of Racial Equality is an integral part of a set of discursive practices that endow the black race with meaning, based on socially crystallized historical meanings. The objective of this work, based on the theoretical framework of the French Discourse Analysis (AD), is to know the various forms of representation of the black race and the possible meaning effects for the so-proclaimed racial equality.

KEYWORDS Black Race; equality; legal discourse; Discourse Analysis.

Introdução

Ao tomar por objeto de estudo uma lei intitulada “Estatuto da Igualdade Racial”, não se pode ignorar que a Constituição Federal de 1988, que ficou conhecida como “A Constituição Cidadã”, é incisiva no sentido de que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...” (art. 5º, CF).

Nota-se, portanto, que há um discurso universal de igualdade constituído pelo pronome (todos), pelo verbo ser (são), com o adjetivo de qualidade (iguais),



mas, com uma contenção discursiva, uma delimitação do contexto pela preposição (perante) e seu complemento (a lei).

A igualdade da lei parece conter uma falácia, uma verdade discursiva contraposta por outros dispositivos legais que reconhecem a vulnerabilidade de certos seres humanos que, durante anos, foram considerados como invisíveis, inferiores, justamente por serem negligenciados e silenciados por uma classe hegemônica.

Ao que parece, o comando constitucional não foi suficiente para garantir à população negra a conquista e manutenção de seu espaço na sociedade brasileira. A garantia da igualdade prevista na Constituição Federal se apresenta como discurso jurídico, político e autorizado, institui direitos e deveres que, numa análise superficial, pode ser considerada como instrumento gerador de desigualdade e violador dos próprios direitos e garantias individuais e coletivos.

Nesse sentido, o presente trabalho toma como *corpus* de análise a Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que, dentre outras providências, “institui o Estatuto da Igualdade Racial”, cujo art. 1º preceitua:

Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Acredita-se que a análise do referido instrumento normativo, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD), possibilitará o conhecimento das diversas formas de representação da raça negra no contexto nacional, bem como dos efeitos de sentido possíveis para a tão proclamada igualdade racial.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Releva destacar que a opção pelo referencial teórico da Análise do Discurso Francesa, com base, especialmente, nos estudos de Pêcheux e Foucault, justifica-se pelo fato de tornar possível a análise das condições sócio-históricas de surgimento do discurso jurídico sobre a população negra do Brasil.

A pesquisa está pautada no método dedutivo e bibliográfico, tendo como processo metodológico o estudo aplicado. Dessa forma, inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico da teoria e de documentos, destinados a embasar a análise científica do *corpus*.

A princípio, a análise qualitativa e comparativa dos dados será divulgada por meio de artigos científicos, comunicações coordenadas e comunicações individuais em eventos nacionais e internacionais. Ao final, o trabalho completo há de se materializar na Tese que será apresentada à Universidade de Franca - Unifran - para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Os dados coletados até o momento já permitem o esboço de uma análise piloto que será apresentada a seguir.



ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Em se tratando de análise do discurso, é importante salientar que a noção de formação discursiva é indissociável da noção de discurso. Foucault (1997, p. 35) define formação discursiva como sendo “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definem em cada época dada e para cada área social e econômica, geográfica ou linguística dada as condições do exercício da função enunciativa”.

Ou seja, estão presentes, na formação discursiva, as condições histórico-sociais, englobando um conjunto de valores e ideologias, a partir das quais o discurso sobre a questão étnico racial se manifesta em um espaço discursivo determinado, *in casu*, no contexto jurídico nacional.

Não se pode olvidar que, com o advento da AD, o sujeito passou a ser concebido em sua relação com a história, tratando-se não mais de um ser individualizado, mas, de um ser histórico e social, atravessado pela história e pela ideologia.

Foucault (2000, p. 287) contribuiu para as reflexões acerca das condições de produção, colocando as noções de história e de acontecimento como pontos fundamentais para o entendimento do referido conceito. Nesse sentido, o autor procurou demonstrar que as condições de produção não eram determinadas apenas pelo tempo e pelo passado, mas, também, pela mudança e pelo acontecimento. Ao trabalhar com

as regras de formação do discurso, Foucault (2010, p. 8-9) afirmou:

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

O filósofo francês salienta que o discurso sofre interdições. Não se pode dizer tudo, assim como não é permitido falar de qualquer lugar, sobre qualquer coisa. O discurso resultaria, portanto, de uma espécie de embate entre os sujeitos e os saberes. Deste modo, a verdade, a unicidade, o sentido e seu reconhecimento não estariam em algum lugar, prontos a aderirem ao discurso, ao contrário, seriam produzidos no discurso e pelo discurso.

Na perspectiva foucaultiana, o discurso não se resume simplesmente a um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, cujos significados não são imediatamente visíveis, mas, intencionalmente modificados. Nas obras *A arqueologia do saber* (1997) e *A ordem do discurso* (2010), o filósofo demonstra que o discurso põe em funcionamento relações históricas, sociais, culturais, políticas, ideológicas de saber e de poder que estão presentes em práticas muito concretas dentro da sociedade. Por sua vez, na medida



em que se constitui da relação entre a língua e a ideologia, historicamente o discurso produz sentidos, podendo ser considerado não apenas uma estrutura, mas, também, um acontecimento.

Assim, Foucault concebe a história como sendo composta por inúmeros acontecimentos, paralelos e de diferentes durações: alguns deles são curtos e de fácil observação, por serem públicos, como por exemplo, o Estatuto da Igualdade Racial, afinal, seu aparecimento rompe com um discurso sobre o negro como sujeito subalterno e propõe a noção de igualdade para constitui-lo enquanto ser dotado de direitos na sociedade.

Logo, as condições de produção de um discurso são sinalizadas por sua historicidade, que é composta por "... durações múltiplas, e cada uma delas é portadora de certo tipo de acontecimento..." (FOUCAULT, 2000, p. 294). Nesse sentido, a menção às condições de produção envolve, necessariamente, o sujeito, a situação e a memória que compõem o discurso.

Pode-se dizer que, em sentido estrito, as condições de produção são representadas pelas ações e pelas circunstâncias da enunciação, trata-se do contexto imediato, do lugar e momento histórico de emergência do dizer; em sentido amplo, envolve o contexto mediato, sócio-histórico e ideológico que envolve ou possibilita a existência do discurso. As condições de produção são, portanto, constitutivas do discurso. Em suma, ao proferir

seu discurso, o sujeito o faz em/de determinado lugar. Neste lugar, há regras anônimas que disciplinam o que pode e deve ser dito, interditando o que não pode e/ou não deve ser pronunciado. Tal lugar compreende as condições de produção do discurso, determinando um efeito de sentido que lhe é peculiar. Ou seja, se o mesmo discurso for proferido em circunstâncias que remetam a outras condições de produção, o efeito de sentido, indubitavelmente, será outro (BRANDÃO, 2002).

Do mesmo modo, a formação discursiva é ponto crucial e determinante do sentido que se estabelecerá no discurso. Muito embora a noção de formação discursiva tenha sido introduzida por Foucault, sabe-se que esta foi acolhida e reformulada por Pêcheux (1983, p. 297), que a concebeu nos seguintes termos:

Uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente invadida por elementos provenientes de outros lugares (i.e., de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos).

A produção dos sentidos está diretamente ligada à formação discursiva, e esta, por sua vez, está intimamente ligada ao interdiscurso, o que significa dizer que o sentido não é evidente, não existindo de maneira autônoma, em si e por si mesmo. Na realidade, são as posições ideológicas



presentes no processo histórico de (re)produção das palavras que vão determinar o sentido, as formações ideológicas são projetadas, por meio da linguagem, nas formações discursivas.

É, também, no interior das formações discursivas que o indivíduo, ideologicamente, é interpelado em sujeito do discurso, de modo que tanto o sentido quanto o sujeito não podem ser concebidos fora da ideologia.

Orlandi (2001, p. 43-44), descreve as formações discursivas “como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações”. Todavia, a autora alerta para a necessidade de pensar as formações discursivas não como blocos homogêneos, que funcionem automaticamente, posto que são constituídas pela contradição e, por isso, são heterogêneas, com fronteiras fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

É importante destacar que o sentido e o sujeito se constituem simultaneamente. O sujeito se constitui no momento em que se pronuncia e, através do discurso, (re)significa. A palavra “negro”, por exemplo, pode ter significados distintos se referida à formação discursiva do negro ou do branco; da pessoa leiga ou do jurista; da pessoa de elevado nível socioeconômico ou de outra menos favorecida. A constituição do sentido está, pois, diretamente relacionada ao conjunto de Formações Discursivas. A esse

conjunto de Formações Discursivas, dá-se o nome de Interdiscurso. De acordo com Orlandi (2007, p. 43-44):

O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando pelo já-dito aquilo que constitui uma formação discursiva em relação à outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

Pode-se afirmar, portanto, que o interdiscurso determina os espaços ideológicos e discursivos das formações discursivas, sempre vinculadas às relações de dominação, subordinação e contradição. Identificado como a relação do discurso com uma multiplicidade de outros discursos, o interdiscurso dá lugar à historicidade e à representação do outro (ORLANDI, 2007, p.80).

É o interdiscurso que desnuda, para cada sujeito, a realidade enquanto sistema de evidências, criando um efeito de transparência que, ao ocultar a subordinação do sujeito ao Outro, gera a ilusão de autonomia, mascarando o assujeitamento, fazendo com que o sujeito acredite que é o dono do seu dizer, quando, na verdade, todo dizer, em última análise, é constituído pelo já-dito.

O Estatuto da Igualdade Racial é parte integrante de um conjunto de práticas discursivas que dotam a raça negra de significação a partir de sentidos cristalizados socialmente. Portanto, a análise do discurso jurídico sobre o negro brasileiro deve



permitir que se capte, nos diversos artigos de lei, os efeitos de sentido possíveis para a igualdade racial.

Muito embora o Estatuto da Igualdade Social tenha por objetivo “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”, há quem entenda que, na realidade, ele não passa de um texto meramente sugestivo, através do qual há, tão somente, a assunção de compromissos, sem qualquer característica de coercitividade.

Mesmo trazendo, em seu bojo, normas e diretrizes para a elaboração e execução de políticas sociais e serviços destinados à população negra, o Estatuto ora apresenta o negro como um cidadão apto para as diversas atividades sociais, ora o apresenta como um ser frágil, e subalterno, necessitado de proteção para a garantia e efetividade de seus direitos. Afinal, se o negro merece igualdade de oportunidades isso revela que ele é tão capaz quanto qualquer outro ser humano, independentemente da etnia. Por outro lado, se ele necessita de uma Lei ou Estatuto para a defesa de seus direitos, isso significa que, não obstante todas as normas já existentes no ordenamento jurídico, sem o Estatuto o negro é indefeso.

Isso porque, apesar de o discurso jurídico ser marcado pelo caráter dogmático e ter uma pretensão de isenção, não há como negar que a

questão étnica é percebida, sentida e vivenciada das mais diversas maneiras, afinal, cada pessoa é um ser único e especial, marcado por condições psíquicas, biológicas e sociais que lhes são próprias.

Tais condições interferem diretamente na maneira como cada indivíduo e a própria sociedade concebe a chamada diversidade racial, sendo impossível ignorá-las mesmo no processo legiferante.

Portanto, o Estatuto da Igualdade Racial (EIR) não é apenas uma lei em sentido estrito. É um discurso que não se mostra como um acontecimento isolado, pois está em oposição a outros discursos que o precederam.

O discurso sobre a igualdade racial contido no EIR é produzido pelo Poder Legislativo (aparelho ideológico do Estado) e, considerando o lugar de produção e sua forma de exteriorização, trata-se de um discurso normativo, que pode ser definido como:

O discurso do legislador (Destinador), agente investido de competência e poder para a realização de uma tarefa social, a de regulamentação de condutas. A prática social motiva a prática jurídica, fundamenta-a, de modo que, uma vez investido, o legislador exerce seu papel discursivo dirigindo-se à comunidade de súditos (Destinatário) que recebe as avalanches textuais por ele criadas (BITTAR, 2009, p.195).

O efeito de sentido que esse discurso normativo produz é no sentido de que “todo cidadão



brasileiro, independentemente da etnia ou da cor da pele, tem o direito à participação na comunidade, especialmente nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais” (art. 2º da Lei n 12.288/2010). Mas, ao mesmo tempo, reconhece a existência de desigualdade e discriminação, reveladas por intermédio de dolorosas experiências:

Art. 3º Além das normas constitucionais relativas aos princípios fundamentais, aos direitos e garantias fundamentais e aos direitos sociais, econômicos e culturais, o Estatuto da Igualdade Racial adota como diretriz político-jurídica a **inclusão das vítimas de desigualdade étnico-racial**¹, a valorização da igualdade étnica e o fortalecimento da identidade nacional brasileira.

O legislador, produtor do discurso presente no EIR, enquanto representante de um Estado Soberano, está legitimado a **impor** leis/normas/regras de condutas que **devem** ser **obedecidas** por todos. Ou seja, as regras do EIR são impostas aos cidadãos brasileiros que, por meio do direito de voto, delegaram ao Estado (e seus representantes) o poder de tomar decisões no que se refere à gestão do País, tudo isso visando alcançar e manter a pacificação das relações sociais.

Entretanto, parece que o discurso normativo contido no EIR, por si só,

não se mostra suficiente para garantir uma efetiva igualdade de tratamento e de oportunidades às pessoas negras na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O legislador, a partir de seu lugar de fala, possui competência para se apropriar de um discurso sobre igualdade racial e para impor a sua observância a toda a sociedade.

A lei afirma que todos são iguais, contudo, há de se observar que, discursivamente, a expressão “todos” não se aplica quando se trata da questão racial, haja vista as práticas sociais que, rotineiramente, contribuem para a exclusão dos negros. Assim, o legislador repete um discurso que, historicamente, vem se reproduzindo ao longo dos anos, colocando a linguagem em movimento e revelando distintos efeitos de sentido para a raça negra e para a própria concepção de igualdade. Necessário, portanto, um esforço investigativo capaz de romper com a ilusão de transparência dos sentidos e revelar os efeitos de sentido que, realmente, emanam da lei.

Embora o EIR só tenha entrado em vigor em 2010 (foi sancionado em 20 de julho de 2010 e entrou em vigor 90 dias depois), o seu Projeto de Lei foi apresentado no ano 2000 (PL nº 3.198/2000) e é fruto do debate do movimento negro, com propostas nas áreas da saúde, educação, trabalho, cultura, esporte, lazer, acesso à terra e à justiça. Logo, vale dizer que o legislador reproduz o discurso dos

1 Sem negrito no texto original.

beneficiários da norma, a saber, negros vítimas de discriminação/ desigualdade étnico-racial, que clamam por igualdade e justiça social.

A despeito do questionamento sobre o fato de, nesse caso, a lei ser impositiva ou meramente dispositiva, observa-se que, de fato, o Estatuto possui 65 artigos e, no decorrer do referido instrumento, o legislador ressalta vários direitos da população negra, englobando o direito à saúde, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à liberdade de consciência e de crença, ao livre exercício dos cultos religiosos, à terra, à moradia adequada e aos meios de comunicação. Contudo, é bem verdade que o Estatuto não traz nenhuma punição para aqueles que descumprirem os seus preceitos, a não ser pelas disposições contidas entre os artigos 60 e 64.

Ademais, esses artigos (60 e 64) promoveram alterações em leis já existentes, com conteúdo punitivo para os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor; para o rompimento das relações de trabalho por ato discriminatório e para a violência baseada no gênero e em atos de conteúdo discriminatório ou de desigualdade étnica.

De outro lado, não se pode ignorar que a punição desencoraja e tem um caráter pedagógico, mas, sozinha, punição não resolve as mazelas decorrentes do racismo estrutural.

Enfim, os direitos protegidos pelo Estatuto já estão previstos na Constituição. O que incita à reflexão sobre o real sentido de igualdade.

Ora, se os Direitos e Garantias Fundamentais dizem respeito a todo e qualquer cidadão, haja vista que todos são iguais perante a lei, reforçar a aplicabilidade de tais direitos à população negra, em um Estatuto específico parece sugerir que, na realidade, a tal igualdade proclamada no art. 5º da CF, é mera falácia.

Assim, o arcabouço teórico da Análise do Discurso, certamente possibilita a compreensão das condições de produção do Estatuto da Igualdade Racial, bem como em que formação discursiva o discurso nele insculpido está inserido, de modo a desnudar os motivos pelo qual o Estatuto continua a repetir o já dito sobre a igualdade, perscrutando os possíveis efeitos de sentido para essa tal proclamada igualdade racial.





REFERÊNCIAS

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. *Linguagem jurídica*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas: Unicamp, 2002.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil* (1988). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. *Estatuto da Igualdade Racial*.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. "Retornar à história". In: Motta, M. de B. (org.) (1994). *Ditos e Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, pp. 282-295.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis, RJ, Vozes Editora, 1998.

_____. *Discurso e Texto: formação e circulação de sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

_____. *Discurso*. Estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.



UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA AMPLIAR O REPERTÓRIO CULTURAL PARA O GÊNERO REDAÇÃO DO ENEM, A PARTIR DE LETRAS DE MÚSICA: uma abordagem dialógica

Cláudia de Fátima OLIVEIRA¹ (UNIFRAN)
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)

RESUMO

O ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – traz, em seu conteúdo, todos os anos, um tema de redação que busque do candidato um grau de cidadania, ao ser capaz de discutir temas relacionados aos problemas sociais que assolam o país. Tem-se, aqui, o objetivo de demonstrar como os temas de redação do ENEM podem ser trabalhados em sala de aula, por meio de uma ferramenta: o ensino de letras de música. Nesse contexto, buscar-se-á a interação entre letras de música e os temas de redação propostos pelo exame em questão, a fim de trazer para o estudante um conhecimento histórico-ideológico-social. A partir dessa perspectiva, o ideário do dialogismo proposto pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) aqui se fará presente, uma vez que os discursos se mostrarão congruentes entre si.

PALAVRAS-CHAVE Dialogismo; letras de música; redação do ENEM; proposta de ensino.

ABSTRACT

ENEM – National Secondary Education Examination – brings in its content, every year, an essay theme that seeks from the candidate a degree of citizenship, by being able to discuss themes related to the social problems that plague the country. Here, the objective is to demonstrate how ENEM’s writing themes can be worked on in the classroom, through a tool: the teaching of song lyrics. In this context, we will seek the interaction between song lyrics and the writing themes proposed by the exam in question, in order to bring to the student a historical-ideological-social knowledge. From this perspective, the ideals of dialogism proposed by the Russian philosopher Mikhail Bakhtin (1895-1975) will be present here, since the discourses will show themselves to be congruent with each other.

KEYWORDS Dialogism; lyrics. ENEM Writing; teaching proposal.

Introdução

A prova de redação do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio - trata-se de um gênero que, embora de cunho dissertativo, como proposto pelos principais vestibulares do país, possui uma especificidade que o faz ser denominado gênero “redação do ENEM”. Em 1998, foi aplicada a primeira prova do exame em questão. Já no ano de 2008, o ENEM se tornou processo nacional de seleção para o

¹ Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP)



ingresso no ensino superior, além de se tornar certificação para o ensino médio. Em 2009, com a criação do SISU (Sistema de Seleção Unificada), houve a mudança de formato da prova, em relação às questões objetivas. Em 2010, os resultados passaram a ser aceitos, também, pelo FIES, programa criado pelo Ministério da Educação do Brasil, no ano de 1999, cujo intuito é financiar a graduação na educação superior não gratuita.

Nos anos de 2013 e 2014, a universalização e internacionalização do Exame se consolidou e, atualmente, a prova do ENEM segue com a relevância que lhe foi conferida ao longo dos anos e continua como um dos principais acessos às universidades mais disputadas do país. Dessa forma, entende-se, aqui, o perfil da avaliação, bem como a grandiosidade e a importância para os estudantes do Brasil.

Busca-se, neste trabalho, a construção de um projeto no qual a letra de música sirva como elemento de auxílio na construção da redação, a fim de que o autor do texto não só construa um texto de cunho dissertativo-argumentativo, mas traga para esse texto ideias advindas de letras musicais que tragam consigo ideários ideológicos, históricos e sociais e que venham colaborar com a discussão da temática apresentada ao candidato do ENEM.

IDEOLOGIA, CRONOTOPO E DIALOGISMO

A análise do *corpus* em proposta fundamenta-se nos conceitos de

relações dialógicas, ideologia, cronotopo e gêneros, de acordo com as reflexões de Mikhail Bakhtin. Para ele, a palavra, sozinha, na prosa, é descentralizada, uma vez que é do autor-criador que vem a palavra marcada por outras vozes. Portanto, o autor será apenas uma outra voz, a trazer novas vozes que, por conseguinte, trarão demais vozes. Para o filósofo, todo discurso tem seu sentido no diálogo, que estabelece uma relação entre o eu e o outro, em tempos e lugares distintos ou não. Toda enunciação é uma resposta a algo passado, que também responde a algo passado. Dessa forma:

Evidentemente, esses homens reais – autores e ouvintes-leitores – podem (e costumam) encontrar-se em diferentes tempos e espaços, às vezes separados por séculos e pela distância espacial, mas mesmo assim se encontram num mundo histórico real uno e inacabado, que está separado do mundo *representado* no texto por uma nítida fronteira principal. (BAKHTIN, 2018, p. 230)

Nesse âmbito, tornar possível um diálogo entre um tema redacional do principal acesso às universidades públicas do país e as letras de música que trazem consigo teor histórico e ideológico demonstra quanto o dialogismo bakhtiniano se encontra presente no cotidiano escolar, em especial, nas práticas de inserção de cultura.

Logo, os pilares da ordem social são frequentemente abordados em enunciados, e, a partir do momento em que tais enunciados são



expostos, fica evidente a presença de transformações sociais, passíveis de tom de criticidade. As mudanças sociais buscam a libertação de um *corpus* social preso às tradições e às imposições. Se um enunciado traz consigo essas marcações, ele dialoga com outros anteriores e traz à tona vozes que ficarão posteriormente marcadas em outras vozes. Portanto, as mudanças sociais relativas às instituições tradicionais, bem como a definição de papéis na sociedade questionam a realidade e as situações políticas. Esses questionamentos só podem ocorrer a partir do viver e da língua, por meio do discurso, que há de dialogar com outras vozes, em tom de concordância ou discordância.

Nesse sentido, o *corpus* selecionado procura analisar, por meio do gênero letra de música, análises de vozes que permeiam o enunciado e o ecoam, perfazendo constantes diálogos, os quais tomam novas dimensões de sentido e possibilitam novos significados. Nesse contexto:

O destinatário do enunciado pode, por assim dizer, coincidir *pessoalmente* com aquele (ou aqueles) a quem responde o enunciado. No diálogo cotidiano ou na correspondência, essa coincidência pessoal é comum: aquele a quem eu respondo é meu destinatário, de quem, por sua vez, aguardo resposta (ou, em todo caso, uma ativa compreensão responsiva). (...) Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa: por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez,

uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda sorte de subterfúgios, etc.). Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação: levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (BAKHTIN, 2006, p. 301-302)

Percebe-se que, ao proferir um discurso, aguarda-se, ainda que implicitamente, a resposta do outro, já que, nesse discurso, há a resposta ao discurso de outrem. A resposta aguardada pode ser explícita, ou, minimamente, uma compreensão responsiva. As objeções e subterfúgios inseridas no discurso já trazem consigo marcas de aceitação, criticidade, ironia ou repulsa. A ativa compreensão responsiva se dá a partir do conhecimento de mundo acionado pelo outro, que responderá ao discurso do um.

A relação, portanto, entre o viver e a língua só se dá de forma compreendida no nível do discurso, por fazermos parte da história e dela nos constituirmos e com ela nos interagirmos, por meio do conhecimento. Cada época e grupo social possui seu repertório.



Toda manifestação do indivíduo está envolvida na continuidade do diálogo, cuja função é possibilitar alguma maneira de comunicação com o enunciado proposto, pois toda forma de expressão é considerada como efeito do próprio diálogo. Assim, pode-se ressaltar a propagação provocada por meio de diferentes manifestações da palavra, o que remete à integração de vários sentidos, manifestados de diferentes formas.

Outro caráter de grande importância que deve ser ressaltado é o termo ideologia, que se apresenta como um dos eixos centrais das reflexões de Bakhtin e dos integrantes de seu Círculo, uma vez que os problemas que este conceito abarca foram trabalhados de forma muito peculiar por esses estudiosos da filosofia da linguagem.

A LOIRA BURRA E A AMÉLIA SÃO AS MESMAS MULHERES?

Na busca da compreensão acerca do conteúdo das letras de música aqui analisadas e sua relação com as questões sociais que permeiam as discussões presentes, os ideários bakhtinianos serão a fundamentação teórica principal, em relação ao dialogismo, ao cronotopo e ao gênero do discurso, tendo em vista a força social do diálogo, preconizada por Mikhail Bakhtin e sua coexistência em tempos e espaços distintos.

Por se tratar de um trabalho que busca apresentar sugestão de repertório de letras de músicas como apoio em escritas de redação para o ENEM, para cada eixo temático

abordado, serão apresentados pares de músicas de épocas distintas. Será, portanto, feita uma análise quantitativa. Nela, as questões dialógicas entre as letras de música e a sugestão de tema de redação serão demonstradas, com o fito de se discutir, que em tempos e espaços múltiplos, o assunto proposto circulou socialmente.

Cabe, por fim, ressaltar que, pelo fato de o trabalho estar em fase de construção, ainda não foram elaborados os eixos temáticos e os pares de letras de música a eles pertinentes.

Nesse viés, a partir da escolha de um eixo temático: “violência em relação ao gênero”, buscou-se traçar um percurso argumentativo, entendendo-se que tal eixo traz consigo subeixos: intolerância e diferenças. Nesse direcionamento, cabe ressaltar que os temas de redação do ENEM, em sua maioria, dialogam entre si. Para corroborar essa ideia, tem-se como exemplo o fato de que, em anos anteriores, foram abordados na prova de redação do ENEM vários assuntos relacionados à violência: em 2003, buscou-se a resposta para mudar as regras do jogo da violência. No ano de 2007, trouxe-se à tona o fato de que conviver com as diferenças é um desafio. Em 2015, o cerne foi a persistência da violência contra a mulher no Brasil. Já no ano de 2016, a proposta sobre intolerância religiosa foi apresentada.

Logo, dentro da proposta aqui concebida, buscou-se sugerir uma discussão em torno do tema da

violência contra o gênero feminino e demonstrar, por meio de letras de músicas, como essa situação persiste no país há anos e se encontra arraigada nos discursos, inclusive, dos intelectuais que elaboraram as letras a serem apresentadas.

Com o objetivo de demonstrar a minimização da mulher e da perpetuação dessa minimização, por meio de artistas populares, consagrados, em épocas e tempos distintos, serão demonstrados, aqui, duas letras de música: “Loira Burra”, de Gabriel, o Pensador e “Ai! Que saudades da Amélia”, de Ataulfo Alves e Mário Lago.

Lôra Burra - Gabriel, O Pensador (1993)

*Existem mulheres que são uma
beleza
Mas quando abrem a boca
Hmm que tristeza!
Não não é o seu hálito que apodrece
o ar
O problema é o que elas falam que
não dá pra aguentar
Nada na cabeça
Personalidade fraca
Tem a feminilidade e a sensualidade
de uma vaca
Produzidas com roupinhas da
estação
Que viram no anúncio da televisão
Milhões de pessoas transitam pelas
ruas mas conhecemos facilmente
esse tipo de perua
Bundinha empinada pra mostrar
que é bonita
E a cabeça parafinada pra ficar
igual paqueta
Lôraburra!
Elas estão em toda parte do meu
rio de janeiro*

*E às vezes me interrogo se elas tão
no mundo inteiro
À procura de carros
À procura de dinheiro
O lugar dessas cadelas era mesmo
no puteiro
Só se preocupam em chamar a
atenção
Não pelas idéias mas pelo burrão
Não pensam em nada
Só querem badalar
Estar na moda tirar onda beber e
fumar
Cadelinhas de boate ou ratinhas de
praia
Apenas os otários aturam a sua laia
E enquanto o playboy te dá dinheiro
e atenção
Eu só saio com você se for pra ser
o Ricardão
Lôraburra!
Não eu não sou machista
Exigente talvez
Mas eu quero mulheres inteligentes
Não vocês
Vocês são o mais puro retrato da
falsidade
Desculpa amor
Mas eu prefiro mulher de verdade
Você é medíocre e ainda sim
orgulhosa
É mole?
Não tá com nada e tá prosa
E o seu jeito forçado de falar é
deprimente
Já entendi seu problema
Vocês tão muito carentes
Mas eu só vou te usar
Você não é nada pra mim
(Hmm meu amor
Foi bom pra você?)
Ah deixa eu dormir
Pra que dar atenção pra quem não
sabe conversar?
Pra falar sobre o tempo ou sobre
como estava o mar? Não
Eu prefiro dormir*





Sai daqui
 Eu já fui bem claro mas vou repetir
 E pra você me entender vou ser ate
 mais direto
 Lôraburra, cê não passa de mulher-
 objeto
 Lôraburra!
 Escravas da moda vocês são todas
 iguais
 Cabelos, sorrisos e gestos artificiais
 Idéias banais e como dizem os
 Racionais
 (Mulheres vulgares
 Uma noite e nada mais)
 Lôraburra você e vulgar sim
 Seus valores são deturpados você
 é leviana
 Pensa que está com tudo mas se
 engana em sua frágil cabecinha de
 porcelana
 A sua filosofia é ser bonita e
 gostosa
 Fora disso é uma sebosa tapada e
 preconceituosa
 Seus lindos peitos não merecem
 respeito
 Marionetes alienadas vocês não
 têm jeito
 Eu não sou agressivo
 Contudente talvez
 O pensador dá valor às mulheres
 Mas não vocês
 Vocês são o mais puro retrato da
 falsidade
 Desculpa amor
 Mas eu prefiro mulher de verdade
 Lôraburra!
 É o problema não tá no cabelo
 Tá na cabeça
 Não se esqueça
 Nem todas são sócias da farmácia
 (lorácia)
 Tem muita lôraburra de cabelo
 preto e castanho por aí
 É, lôraburra morena, ruiva, preta
 Lôraburra careca
 E tem a lôrabúrta natural também

(loraça belzeburra)
 Cada lôraburra é de um jeito mas
 todas são iguais
 Cê tá me entendendo?
 (Eu gosto é de mulher)
 Lôraburra!

Disponível em <https://www.lettras.mus.br/gabriel-pensador/116215>

Ai! Que saudade da Amélia - Ataulfo Alves (1942)

Nunca vi fazer tanta exigência
 Nem fazer o que você me faz
 Você não sabe o que é consciência
 Não vê que eu sou um pobre rapaz?
 Você só pensa em luxo e riqueza
 Tudo o que você vê você quer
 Ai, meu Deus, que saudade da
 Amélia
 Aquilo sim é que era mulher
 Às vezes passava fome ao meu
 lado
 E achava bonito não ter o que
 comer
 Quando me via contrariado
 Dizia: Meu filho, o que se há de
 fazer?
 Amélia não tinha a menor vaidade
 Amélia é que era a mulher de
 verdade
 É você só pensa em luxo e riqueza
 Tudo o que você tem você quer
 Ai, meu Deus, que saudade da
 Amélia
 Aquilo sim é que era mulher
 Amélia não tinha a menor vaidade
 Amélia é que era a mulher de
 verdade
 Amélia não tinha a menor vaidade
 Amélia é que era a mulher de
 verdade

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mario-lago/377002/>

Ao se analisar as duas letras de música, produzidas em tempos e lugares distintos, tem-se, aqui, a objetificação do gênero feminino, o que pode ser considerado estopim ou, ao menos, motivação, para considerá-lo inferior. Dessa maneira, consegue-se atrelar a letra à proposta ou às propostas que discutem a intolerância. Cabe ressaltar que, em uma abordagem mais ampla, trar-se-á o contexto histórico das épocas de produção de letras de música.

Assim, inicialmente, há a proposta de análise acerca dos textos de apoio do tema “A persistência da violência contra a mulher no Brasil”. Seguem, abaixo, os textos de apoio do ano de 2015:

TEXTO I

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

WALSELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2012*. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: 8 jun. 2015.

TEXTO II

TIPO DE VIOLÊNCIA RELATADA



BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Balanco 2014*. Central de Atendimento à Mulher: Diaque 180. Brasília, 2015. Disponível em: www.apm.gov.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

TEXTO III



Disponível em: www.compromissoaatitude.org.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

TEXTO IV

O IMPACTO EM NÚMEROS

Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializados

332.216 processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, aos **52** juizados e varas especializadas em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:

33,4%
de processos julgados

9.715
prisões em flagrante

1.577
prisões preventivas decretadas



58 mulheres e **2.777** homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010. Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não constam desse levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional



237 mil relatos de violência foram feitos ao Ligue 180, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres



Sete de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros

Fontes: Conselho Nacional de Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres

Disponível em: www.litba.com.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

INSTRUÇÕES:

Fonte: http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/enem_2015/redacao_enem_2015.pdf

Os textos de apoio demonstram que, embora haja uma rede considerável de proteção da violência contra a mulher, ela ainda persiste e, pior, aumenta de forma exponencial. Considerando os dados apresentados pelos textos de apoio, o candidato à escrita de redação consegue obter uma gama razoável de elementos



argumentativos. No entanto, impende salientar que somente os textos de apoio não trarão ao candidato subsídios suficientes que o façam tecer uma argumentação de caráter consistente. Nessa linha de pensamento, percebe-se a necessidade de se levar à sala de aula elementos socioculturais que agreguem, além de conteúdo argumentativo, novos elementos de caráter cultural, diferentes dos já esgotados em textos bem-sucedidos.

Para tanto, sugere-se, neste trabalho, que sejam agregados ao eixo temático aqui proposto dois elementos que terão caráter contributivo, tanto em relação ao contexto histórico, quanto em relação ao contexto cultural, em cronotopos distintos. Para o tema “violência em relação ao gênero”, buscou-se agregar, portanto, as letras de música aqui citadas. “Ai, que saudades da Amélia”, composta nos anos 1940, indicada para a disputa do melhor samba de Carnaval de 1942, relata a exaltação de uma mulher que “não tinha a menor vaidade”, “passava fome ao meu lado”, “achava bonito não ter o que comer” e, por isso “era a mulher de verdade”. Do mesmo modo, ainda que passados 50 anos, a letra de música “Lôraburra” minimiza a figura feminina, por meio dos versos: “Existem mulheres que são uma beleza/ Mas quando abrem a boca? Hmm que tristeza!”, “Tem a feminilidade e a sensualidade de uma vaca”, “Bundinha empinada pra mostrar que é bonita/E a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta”.

Dessa forma, ao trazer a sugestão das letras, com atrelamento à proposta de redação, pode-se demonstrar ao estudante-candidato que as letras demonstradas podem ser elementos fundamentais na construção de uma argumentação consistente. Para melhor ampliar a ideia, é necessário que se traga o momento histórico em que as letras foram produzidas para, enfim, traçar um construto redacional.

A música “Ai, que saudades da Amélia” foi lançada no período da Era Vargas, momento em que o quadro social e político da época buscava alterar a posição da mulher enquanto somente “do lar”, termo comum na época. Ainda assim, discursos virulentos contra a figura feminina se faziam presentes na sociedade da época. Prova disso é a letra da música aqui proposta. Já nos anos 1990, após 50 anos de conquistas, período em que a emancipação da mulher se fazia aparentemente presente, com o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho consolidado, quando todos os pré-conceitos pareciam estar pacificados, o país canta “Lôraburra”. Isso demonstra que as rotulações existentes em relação à minimização do gênero feminino não se dissiparam, tampouco se mostram disfarçadas. Logo, as letras de música se mostram eficientes mecanismos de repertório para a construção de argumentação em temas redacionais. Nesse caso, as duas letras de música dialogam de forma pertinente com o eixo temático de redação, indo ao encontro dos ideários bakhtinianos acerca do dialogismo.



Sob essa ótica, os discursos de ódio que permeiam a intolerância podem ser analisados e sugeridos por meio das letras de música aqui expostas. Isso provocaria no autor do texto redacional a intenção de inserir um dado sociocultural, relevante na produção textual e traria à tona reflexão acerca do problema ora exposto, bem como o noticiamento de situações históricas que poderiam ser discutidas em situações de ensino-aprendizagem, ampliando também seu repertório cultural acerca da temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido a partir de reflexões tomadas acerca das relações dialógicas, propostas por Mikhail Bakhtin. Trouxe-se, aqui, breve reflexão sobre como as questões culturais, em relação à música, podem ser aproveitadas em ensino de sala de aula, entrelaçado às propostas de redação do ENEM.

Impende salientar que embora o lapso temporal exista entre as canções estudadas e a proposta de redação aqui analisada, entende-se que elas trazem em comum a mesma relação temática e podem, portanto, ser discutidas, no mesmo percurso temático.

Verifica-se, assim, que as temáticas de redação do ENEM podem ser objeto de reflexão, a fim de que o candidato não só construa um texto escolar, de caráter dissertativo-argumentativo, mas que podem se atrelar a questões de caráter ideológico que carregam consigo marcas que imprimem a perpetuação dos problemas expostos anualmente pelo exame. Nesse sentido, as letras de música colaborarão para combater a alienação e as imposições vindas das instituições, o que revela importância da proposta ora exposta.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*/ Mikhail Bakhtin; tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov - São Paulo: Editora 34, 2018 (1. Ed.).

BELÉM, Euler de França. *A história da criação da música "Amélia" por Mário Lago e Ataulfo Alves*. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/a-historia-da-criacao-da-musica-amelia-por-mario-lago-e-ataulfo-alves-33004/>. Acesso em: 20 maio/5/ 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 maio/5/ 2021.

BRASIL. *REDAÇÃO ENEM 2015*. Disponível em: http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/enem_2015/redacao_enem_2015.pdf. Acesso em: 10 maio/5/ 2021.

O PENSADOR, Gabriel. *Lôrabúrra*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/116215>. Acesso em: 12 maio/5/ 2021.

POLIFONIA: UM CONTRAPONTO ENTRE ANÁLISE BAKHTINIANA E MÚSICA INSTRUMENTAL DE BACH NO PERÍODO BARROCO

Cláudio Nazaré SILVEIRA (UNIFRAN)
Assunção CRISTÓVÃO (UNIFRAN)

RESUMO

O termo polifonia, empregado por Mikhail Bakhtin, teve sua origem na música da Idade Antiga, desenvolveu-se na Idade Média e, seu conceito atingiu o ápice no período Barroco, com os procedimentos polifônicos encontrados e sintetizados na obra de Johann Sebastian Bach. Na perspectiva bakhtiniana observa-se, como características desse conceito, a inconclusibilidade temática, a independência, imiscibilidade e equipolência das vozes. Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar a polifonia bakhtiniana na composição instrumental no período Barroco, em específico o *corpus* Prelude - Fuge - Allegro - BWV 998 de Bach. Consiste em uma pesquisa bibliográfica com foco principal na teoria do filósofo Mikhail Bakhtin, destacando o conceito de polifonia. Serão analisadas as diversas vozes presentes na linguagem musical, compreendida aqui como discurso, a relação entre os discursos, sua historicidade; enunciado, enunciação e gêneros, estabelecendo a conexão da linguagem com a vida social. Assim será realizada a análise do conteúdo composicional e musical expressos nas composições instrumentais. Espera-se, por meio do gênero música instrumental, trazer a expressão que contextualiza e marca o Barroco, período caracterizado por valores culturais que passam a fazer parte de uma elite musical de grande relevância para a história. Desta forma, a análise analisará essa linguagem sonora, evidenciando, constituída como um gênero discursivo e, portanto, com estilo, configuração formal e estrutura composicional próprios.

PALAVRAS-CHAVE Polifonia; música instrumental; Barroco; gênero e enunciação.

ABSTRACT

The term polyphony, used by Mikhail Bakhtin, had its origin in the music of the Ancient Age, developed in the Middle Ages and its concept reached its apex in the Baroque period, with the polyphonic procedures found and synthesized in the work of Johann Sebastian Bach. In the Bakhtinian perspective, the thematic inconclusiveness, independence, immiscibility and equipolence of voices are observed as characteristics of this concept. This research aims to highlight the Bakhtinian polyphony in instrumental composition in the Baroque period, specifically the corpus Prelude - Fuge - Allegro - BWV 998 by Bach. It consists of a bibliographical research with a main focus on the theory of the philosopher Mikhail Bakhtin, highlighting the concept of polyphony. The different voices present in the musical language will be analyzed, understood here as discourse, the relationship between the discourses, their historicity; utterance, enunciation



and genres, establishing the connection of language with social life. Thus, the analysis of the compositional and musical content expressed in the instrumental compositions will be carried out. It is expected, through the instrumental music genre, to bring the expression that contextualizes and marks the Baroque, a period characterized by cultural values that become part of a musical elite of great relevance to history. In this way, the analysis will analyze this sound language, showing that it is constituted as a discursive genre and, therefore, with its own style, formal configuration and compositional structure.

KEYWORDS Polyphony; instrumental music; Baroque; genre and enunciation.

Introdução

A música sempre acompanhou a humanidade desde os primórdios, cumprindo um papel muito importante na vida dos seres humanos, um elo entre as funções religiosas, sociais, políticas, culturais e, especialmente artísticas e educativas.

Assim como as demais Artes, a arte musical possui seus antecedentes na história. Devido à falta de recursos para registrar a execução musical em tempos remotos, outros meios foram necessários para pesquisar seu desenvolvimento durante os períodos históricos, pois durante sua evolução nota-se como referência pesquisas arqueológicas de instrumentos e de textos que situam a música e sua aplicação, diferentemente da apreciação e análise das esculturas, pinturas, arquiteturas e a até mesmo a literatura.

Apesar da ausência detalhada de manifestações musicais, pode-se observar nas culturas, desde os povos da antiguidade, o envolvimento com a música, com os sentidos expressos por ela, e o despertar da cultura musical grega e romana, um

antecedente promissor, sugerindo um desenvolvimento endereçado ao verdadeiro fundamento da música cristã na Idade Antiga.

A história da música ocidental, em sentido estrito, começa com a música da igreja cristã. Todavia, ao longo de toda a Idade Média, e mesmo nos dias de hoje, artistas e intelectuais têm ido continuamente à Grécia e a Roma à procura de ensinamentos, correções e inspiração nos mais diversos campos de actividades. Isto também é válido para a música, embora com algumas diferenças importantes em relação às outras artes. (GROUT; PALISCA, 1994, p.16)

Esse é um fato importante a se destacar, pois a música, desde os primórdios, foi um elemento praticamente indissociável dos cultos e das cerimônias religiosas, o que de certo modo fortalecia sua prática e significado na Igreja. De acordo com a mitologia grega, a “música tinha poderes mágicos: as pessoas pensavam que era capaz de curar doenças, purificar o corpo e o espírito e operar milagres no reino



da Natureza” (GROUT; PALISCA, 1994, p.17). A música neste contexto era monofônica, uma melodia sem harmonia e contraponto, às vezes praticada com vários instrumentos e conjuntos de cantores, mas não configuravam uma polifonia.

A música percorreu um longo caminho na História, em que foram desenvolvidas propriedades diversificadas para a composição musical, no qual a aplicação da música se fez presente em diversos ambientes, tanto no desenvolvimento da música sacra, como profana, abarcando formas relacionadas às chamadas músicas vocais, instrumentais e todo o percurso desenvolvido na maneira de compor em cada período da História.

No presente trabalho, importa ressaltar que esta pesquisa está em desenvolvimento. A delimitação do *corpus* constitui-se da escolha e das análises da obra: *Prelude - Fuge - Allegro - BWV 998, composição* de Johann Sebastian Bach no ano de 1735, com o intuito de realizar o estudo de obras especificamente de músicas instrumentais.

A escolha da obra descrita acima justifica-se por terem sido identificados, em sua composição, os principais aspectos vivenciados no contexto histórico do período Barroco, em música instrumental, destacando o conceito de contraponto e polifonia. Serão analisadas as diversas vozes presentes na linguagem musical, compreendida aqui como discurso, a relação entre os discursos e a sua historicidade. A música será

analisada como um enunciado concreto produzido por uma esfera de atividade e, pretende ainda, conceituá-la como gênero discursivo, estabelecendo sua conexão com a vida social, de acordo com Bakhtin e o Círculo.

Pretende-se, aqui, analisar as vozes que ecoam no gênero musical música instrumental, dentro de um contexto histórico e de suas manifestações sociais, com base na conjuntura política e social do período Barroco, século XVII. Neste resumo, será analisada o primeiro movimento: *Prelude BWV 998*, obra composta por Bach.

O objetivo principal desta pesquisa é evidenciar a polifonia bakhtiniana nas composições instrumentais tonais na obra de Bach. Consiste em uma pesquisa bibliográfica com foco principal na teoria do filósofo Mikhail Bakhtin, destacando o conceito de polifonia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise do *corpus* aqui proposta está fundamentada nos conceitos de relações dialógicas, ideologia, enunciado, gêneros e polifonia, de acordo com as reflexões de Bakhtin e de seus seguidores.

O dialogismo pode ser considerado um dos princípios-chave das reflexões de Bakhtin, constituindo um verdadeiro alicerce de toda a sua obra e, eventualmente, de todo o círculo. Segundo Faraco (2009), na concepção bakhtiniana, o caráter dialógico da linguagem é o centro de qualquer tentativa de se buscar



resolver, de maneira plena, os problemas da filosofia da linguagem e dos estudos linguísticos.

De acordo com a concepção de relações dialógicas, o *corpus* selecionado procura destacar, por meio do gênero música instrumental, os vários sentidos evocados nas vozes e frases musicais, no contraponto da música, o que permite a análise de algumas formas de expressões que o gênero possibilita. As vozes que permeiam o enunciado ecoam, perfazendo constantes diálogos, os quais tomam novas dimensões de sentido e possibilitam novos significados.

A partir desse pensamento, pode-se dizer que a vida é, por consequência, dialógica na perspectiva de Bakhtin, pois viver é envolver-se sempre em diálogos:

Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2011, p. 348).

Toda manifestação do indivíduo está envolvida na continuidade do diálogo, cuja função é possibilitar alguma maneira de comunicação com o enunciado proposto, pois toda forma de expressão é considerada como efeito do próprio diálogo. Assim, podemos ressaltar a propagação provocada por meio de diferentes manifestações da palavra, aqui representada por meio da linguagem escrita e sonora, o

que remete à integração de vários sentidos, manifestados de diferentes formas.

Outro caráter de grande importância que deve ser ressaltado é o termo ideologia, que se apresenta como um dos eixos centrais das reflexões de Bakhtin e dos integrantes de seu Círculo, uma vez que os problemas que este conceito abarca foram trabalhados de forma muito peculiar por esses estudiosos da filosofia da linguagem.

A questão da ideologia, refletida no *corpus* analisado salienta as questões e pensamentos em comuns dos povos que viveram este período, envoltos em questões políticas, sociais, culturais e religiosas. Desta forma, o cronotopo evidencia e justifica o sentido dos ideais propostos manifestados através da linguagem sonora e da expressão da música.

Podemos ressaltar, ainda, que, por meio do gênero estudado, a sintonia ocorre nas afinidades das interpretações das temáticas abordadas e na essência de sua abordagem. Assim, são alcançadas dimensões ocorrentes através da busca constante da mensagem em toda a sua perspectiva, salientando uma função de caráter primordial na propagação da mensagem principal e de suas relações com os espectadores em comum, adeptos ao gênero em questão.

Em se tratando de uma amostragem parcial do *corpus*, o presente resumo procura apontar aspectos relacionados à



fundamentação teórica apresentada, com ênfase em apenas algumas particularidades a serem aplicadas, as quais serão realmente aprofundadas na elaboração da pesquisa em sua completude, obtendo-se, assim, uma dimensão oportuna para analisar o objeto de estudo por completo.

METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter bibliográfico qualitativo. Foram levantados referenciais teóricos por meio de estudos de materiais escritos e virtuais, como livros, artigos e web sites. No processo, foram colhidos dados importantes, através dos quais se busca uma abordagem aprofundada acerca dos grupos sociais, das suas ideologias, do contexto e de outras questões importantes relacionadas ao *corpus* analisado.

Para compor o *corpus* de análise dessa pesquisa, foi escolhido a seguinte obra musical: *Prelude - Fuge - Allegro - BWV 998*, composição de Johann Sebastian Bach no ano de 1735.

A análise partirá do primeiro movimento *Prelude BWV 998*, e tem como objetivo evidenciar a polifonia bakhtiniana nas composições instrumentais na obra de Bach. Serão analisadas as diversas vozes presentes na linguagem musical, compreendida aqui como discurso, a relação entre os discursos e sua historicidade. Ao caracterizar a composição como pertencente a um gênero discursivo, pretende-se analisar seu conteúdo composicional, estabelecendo a

conexão da linguagem musical com a vida social.

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Para o presente momento, será realizado a análise do *corpus*, *Prelude*, primeiro movimento da obra *Prelude - Fuge - Allegro - BWV 998*, composição de Johann Sebastian Bach por volta de 1735, período Barroco. A partitura ou manuscrito original, sinaliza para os instrumentos: alaúde ou cravo. Vale observar que todos os movimentos da obra, foram transcritos para o instrumento violão, preservando sua autenticidade, mantendo sua originalidade, seu caráter solo, ou seja, performance individual.

A *BWV 998*, é o número compilado a partir do catálogo publicado em 1950, por Wolfgang Schmieder, das obras de Bach, incorporando assim a visualização e organização de suas grandiosas composições, onde essa obra em particular, destaca-se por sua grande importância para o repertório Barroco, considerado um marco para o violão solo.

Para o desenvolvimento desta análise, será observado a audição, interpretação e execução musical, realizada pelo violonista John Willims, gravação realizada em 1975, pela gravadora Sony Music Entertainment (UK) Ltd, do primeiro movimento da *BWV 998*, I - *Prelude*, com um tempo estimado em dois minutos e cinquenta e seis segundos (2:56).¹

Dentro do contexto histórico, observa-se o período Barroco

¹ Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=9KLprsuS5W0>)



marcado por grandes transformações culturais, sociais e religiosas, onde a arte Barroca surge após o processo de Reforma e Contra Reforma Religiosas, durante o século XVI, perfazendo o contraste e dualismo entre o teocentrismo medievais e a espiritualidade e o antropocentrismo renascentista.

O termo Barroco, foi usado tanto para descrever o estilo arquitetônico e artístico, como pelo emprego excessivo de ornamentos. Conhecida pelos ritmos enérgicos, melodias fluentes e repletas de contrastes e timbres instrumentais e sonoros, esteve fortemente associada a pintura, principalmente identificando os contrastes aplicados em ambas as artes.

O *Prelude BWV 998* transcrito para a tonalidade de D maior, composto em quarenta e oito compassos doze por oito, segue uma métrica característica da forma musical de um Prelúdio, porém com a destreza e maturidade deste grandioso compositor, onde explora com facilidade diversos aspectos não prováveis dentro da tonalidade, demonstrando um enorme domínio e particularidades musicais ao compor.

Logo nas primeiras notas executadas, pode-se observar de uma maneira sutil a tessitura da obra completa, preparando e ao mesmo tempo instigando o ouvinte para um grandioso diálogo. A primeira nota, Ré grave no baixo (suplementar inferior), seguida pela segunda nota Ré agudo (suplementar superior), percorre já no início a distância de três

oitavas. Os extremos se comunicam, apontando nas primeiras sucessões de notas, uma grande expressividade, promovendo o desencadear nos cinco primeiros compassos (00:01-00:20), em sequencias de notas descendentes (agudo/grave), a exposição do tema e as primeiras frases musicais.

Apesar da composição desenvolver dentro de uma tonalidade, a genialidade da composição em Bach, permite uma sensação sublime sobre possibilidades sonoras e mesmo tonais, ou seja, ocorre uma grande liberdade entre as notas, observadas pelo constante movimento ascendente e descende das linhas musicais. O contraponto desenvolve-se de maneira extremamente musical, não somente socorrendo as tônicas dos acordes dentro da harmonia, mas propiciando frases musicais tanto em movimento horizontais, como verticais, dignos de uma polifonia.

Esta forma de compor, expressa os novos conceitos musicais, mas principalmente a maturidade do compositor, promovendo um despertar constante no público ouvinte, não somente por meio da musicalidade propriamente expressa, mas pelos detalhes que a música desperta. Os contrastes podem ser notados em cada compasso, mas de maneira acolhedora, permitindo a interação do ouvinte, promovendo a impressão de fazer parte da obra. Diante das perspectivas culturais, sociais, religiosas e de valores do período Barroco, as relações provocadas pelos extremos, como o sacro ou profano, o bem e o mal, o céu



e o inferno, remete a novos valores, os quais são observados no constante diálogo entre as frases musicais, entre as notas graves e agudas, apontando sempre novas possibilidades de interações e resoluções, dentro da expressão musical.

Outro fato interessante, é que o tema e suas variações, ocorrem em tonalidades diferentes entre as frases musicais curtas, projetando a sensação de ao mesmo tempo estar relacionadas e distintas da ideia principal. Pode ser observado os pedais de diferentes tonalidades, durante os compassos de um a cinco (00:01-00:21), desenvolvem o tema em Re, de seis a oito (00:22-00:32) em Lá, de catorze a dezoito (00:47-01:01) em B, de vinte e cinco a vinte sete (01:26-01:36) Sol e quarenta e dois a quarenta e quatro (02:26-02:36) em Re. Esta maneira de conduzir o desenvolvimento musical, transmite a sensação de diálogo em instancias diferentes, ou seja, em todos os níveis hierárquicos, tanto na composição quanto para a percepção dos ouvintes.

Nota-se um período marcado por grandes transformações musicais, principalmente a substituição definitiva do sistema de modos pelo sistema tonal, apontando estilos com características nacionais, principalmente na Alemanha, conciliando as Artes afins, pois:

Nesta época os compositores começaram a sentir-se atraídos pela ideia de escreverem música especificamente para um determinado meio, como o violino

ou a voz solista, em vez de música que podia ser cantada ou tocada por quase qualquer combinação de vozes e instrumentos, como anteriormente acontecia. [...] Começaram a diferenciar-se os estilos vocal e instrumental, acabando por tornar-se tão distintos no espírito dos compositores que estes podiam utilizar conscientemente recursos vocais na escrita instrumental, e vice-versa. (GROUT; PALISCA, 1994, p.312)

O músico individual, o solista, obteve uma grande abertura no campo da música, transformando toda a maneira de compor, desencadeando uma escrita musical totalmente inovadora, principalmente a música instrumental polifônica. Uma grande alteração nos papéis das vozes musicais, onde “as vozes externas - soprano e baixo- foram contempladas com um papel mais importante [...]”. HARNONCOURT, 1988, p.221)

Observa-se por meio do *corpus* apresentado, o desenvolvimento da composição musical direcionado ao músico solista, principalmente o destaque ao leque de possibilidades desenvolvidos pela execução individual, de acordo com as composições destinadas para essa finalidade. As linhas melódicas, os pedais musicais, o contraponto e conseqüentemente a polifonia musical, fomentam constantemente o verdadeiro diálogo entre as vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento da análise do primeiro movimento da BWV 998



Prelude, verificou-se que, por meio do gênero música instrumental, foi possível transmitir o diálogo com os ouvintes, identificando-se, na linguagem sonoras, questões pertinentes ao contexto histórico da época e as suas relações em comum entre os povos do período Barroco.

Pode-se destacar que o enunciado foi ao encontro da realidade vivida, onde foram evidenciadas fortes relações entre as artes, expressas literalmente nas composições musicais, o que torna -se claro a evolução da música instrumental, o excesso de detalhes, o contraponto, onde os compositores buscavam exprimir ideias e sentimentos com tamanha vivacidade, tensão e ao mesmo tempo, liberdade expressiva. As obras romperam o equilíbrio entre sentimento e razão, Arte e Ciência, retrata o conflito espiritual e religioso, bem e mal, céu e terra, pureza e pecado, alegria e tristeza, na quase constante relação entre os opostos, que supostamente se atraem.

Por meio dos aspectos analisados, foi possível evidenciar, a partir da teoria bakhtiniana, as relações da linguagem sonora da música com o contexto histórico contemplado e as suas relações dialógicas, as quais propiciaram uma visão da dimensão do mundo vivido pelas pessoas naquela época.

REFERÊNCIAS

BACH, J. S. *Prelude, Fugue and Allegro* In: E-Flat Major, BWV 998: I. Prelude [1975]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9KLprsuS5W0>. Acesso em: 02 ago. 2021.

BAKHTIN, M.M. *O problema do autor*. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. *O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas: uma experiência de análise filosófica*. In: _____. *Estética da criação verbal*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia e enunciação*. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999. (Ensaio de Cultura, 7).

BRAIT, B. *Bakhtin conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

FARACO, C.A. *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 95-110.

FIORIN, J. L. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016

GERALDI, J.W. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GROUT & PALISCA. *História da Música Ocidental*. Tradução de Ana Luísa Faria. 1. ed. Lisboa: Gradiva, 1994.

HARNONCOURT, Nikolaus. *O Discurso dos sons*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

MARCHEZAN, R.C. *Diálogo*. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

ULISSES E O ETERNO RETORNO - UMA TRAJETÓRIA DIALÓGICA, PELA PERSPECTIVA DO CRONOTOPO BAKHTINIANO

Daniela Rodrigues de OLIVEIRA¹ (UNIFRAN)
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)

RESUMO

Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres, da autora Clarice Lispector, é uma obra que tem como tema central o encontro das personagens Lóri e Ulisses, sendo este último um personagem cujo nome é recorrente nas obras da autora. A referida obra foi adaptada para o cinema em 2020, com a estreia oficial no ano de 2021. Ao percebermos que há um diálogo estabelecido entre essas duas produções, especificamente entre o personagem Ulisses e também com o personagem homônimo da *Odisseia* de Homero, sentimos-nos instigadas a pesquisar mais. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é apresentar uma leitura da obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* de Clarice Lispector, apontando as relações dialógicas presentes no texto não apenas com sua adaptação para o cinema, cujo nome é *O livro dos prazeres* de Marcela Lordy, pré-estreia ocorrida em novembro de 2020, mas também passando pelo texto da literatura universal, a *Odisseia*, de Homero, pela perspectiva do dialogismo e o conceito de cronotopo proposto por Bakhtin, levando em conta a questão da fusão tempo-espaco, que influencia na composição da personagem Ulisses, bem como a questão do inacabamento e da incompletude do ser, também proposto pelo filósofo russo.

PALAVRAS-CHAVE Cronotopo; relações dialógicas; Ulisses; Clarice Lispector; Marcela Lordy.

ABSTRACT

An apprenticeship or the Book of Pleasures, by Clarice Lispector, is a work that has as its central theme the meeting of the characters Lóri and Ulysses, the latter being a character whose name is recurrent in the author's works. This work was adapted for the cinema in 2020, with the official premiere in 2021. When we noticed that there is a dialogue established between these two productions, specifically between the character Ulysses and also with the homonymous character from Homer's *Odyssey*, we felt instigated to research more. In light of this, the objective of this research is to present a reading of the work *An Apprenticeship or The Book of Pleasures* by Clarice Lispector, pointing out the dialogic relations present in the text not only with its adaptation for the cinema, whose name is *The Book of Pleasures* by Marcela Lordy, previewed in November 2020, but also going through the text of universal literature, Homer's *Odyssey*, from the perspective of dialogism and the concept of chronotope proposed by Bakhtin, taking into account the issue

1 Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP)



of time-space fusion, which influences the composition of the character Ulysses, as well as the issue of unfinishedness and incompleteness of being, also proposed by the Russian philosopher.

KEYWORDS Chronotope; dialogical relations; Ulysses; Clarice Lispector; Marcela Lordy.

Introdução

Odisseia é um poema épico, escrito por Homero, que narra o percurso atribulado do herói Ulisses para voltar para casa depois da Guerra de Troia.

Ulisses, herói grego conhecido pelos seus dons de raciocínio e discurso, tenta navegar até casa depois da vitória na guerra de Troia. Atormentado por Poseidon, Deus dos mares e protegido por Atena durante toda a jornada, enfrenta vários obstáculos e perigos, tentando voltar para Ítaca e para os braços da mulher, Penélope.

Um dos seus aspectos mais notáveis é o modo como está construída, com um início **in media res**, que foi reproduzido em inúmeras obras posteriores.

Ulisses da autora Clarice Lispector dialoga com a personagem Ulisses de Homero na obra clássica *Odisseia*, sendo que na obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, a autora trata de uma espécie de “iniciação” das personagens Lóri e Ulisses, que se iniciam para o amor.

No ano de 2020, especificamente em novembro desse ano, a 44 mostra de cinema Internacional trouxe em uma de suas exposições o filme de Marcela Lordy – *O livro dos prazeres*,

uma adaptação do livro clariceano e também traz a personagem Ulisses como um dos protagonistas. Diante disso notamos que há uma relação entre os três personagens, bem como percebemos que há mais diálogos entre essas três produções, sendo nosso objeto de análise.

Assim, nosso trabalho tem o propósito de apresentar uma leitura da obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* de Clarice Lispector, apontando as relações dialógicas presentes no texto não apenas com sua adaptação para o cinema, cujo nome é *O livro dos prazeres* de Marcela Lordy, pré-estreia ocorrida em novembro de 2020, mas também passando pelo texto da literatura universal, a *Odisseia*, de Homero, pelo viés do dialogismo e o conceito de cronotopo proposto por Bakhtin, levando em conta a questão do inacabamento e da incompletude do ser, também proposto pelo filósofo.

A leitura do texto clariceano provoca o leitor a querer mais. Conhecer a escrita da autora é permanecer com essa mesma sensação e com a certeza de que sempre há mais em Clarice do que aquilo que está na linha. A leitura da obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* provocou em nós o estranhamento



necessário, a ponto de nos direcionar a alguns questionamentos e reflexões tais como os diálogos possíveis com a obra clariceana e a produção cinematográfica.

A presente pesquisa justifica-se a partir dos estudos bakhtinianos na busca por demonstrar de que forma os enunciados pesquisados em nosso *corpus* mostram marcas dialógicas e o valor do cronotopo, bem como a ratificação de que a linguagem artística, especificamente a literária é o fio condutor para a compreensão da condição humana e seu inacabamento.

Quanto à metodologia, direcionamos a presente pesquisa na perspectiva das relações dialógicas que permeiam as obras: *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* de Clarice Lispector e a produção cinematográfica de Marcela Lordy - *O livro dos prazeres* (2021), passando por trechos da *Odisseia*, de Homero, tendo como fio condutor a personagem Ulisses, presente nas três produções.

Dentre as relações dialógicas presentes entre as diferentes linguagens que aqui apresentamos, é especialmente nosso objetivo apresentar as relações em diálogo que se estabelecem por meio da personagem Ulisses, que aparece nas três produções artísticas, levando em conta o espaço de tempo entre uma produção e outra, bem como, a questão do inacabamento apontado por Bakhtin em suas reflexões, que traz à baila questões como a incompletude do ser, suas buscas

incessantes e a receptividade para sentimentos sublimes, como o amor, para tanto, partimos da pesquisa de caráter bibliográfico dos escritos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, bem como do Círculo, também passamos pela pesquisa bibliográfica de outros autores como: Faraco (2018), Brait (2018), Fiorin (2018), Marchezan (2018), entre outros, todos pelos viés do dialogismo e do cronotopo bakhtiniano.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Bakhtin (2018), o dialogismo efetivamente é o modo de funcionamento real da linguagem, portanto é seu princípio constitutivo, é por meio dele que se formam os discursos e seus sentidos. Vejamos:

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar

complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1998, p. 86)

Bakhtin (2018) afirma que na literatura o processo de assimilação do tempo e do espaço históricos reais, e do homem histórico e real que neles se revela, aconteceu de forma descontínua e complexa, pois assimilaram-se os dois sempre de forma isolada. A partir dessa problemática que surge o conceito, por assimilação, de cronotopo.

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. O cronotopo tem um significado fundamental para os gêneros da literatura. Pode-se dizer, sem rodeios, que os gêneros e as modalidades de gênero são determinados justamente pelo cronotopo, e, ademais que na literatura o princípio condutor no cronotopo é o tempo. O cronotopo como categoria de conteúdo-forma determina (em grande medida) também a imagem do homem na literatura; essa imagem sempre é essencialmente cronotópica. (BAKHTIN, 2018, p. 12)

Percebemos que por meio da literatura é possível se vivenciar

e validar vivências adquiridas na experiência com ela, assim, se faz pertinente a análise que pretendemos da obra *Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Lispector (2020) em relação dialógica com a produção cinematográfica, uma adaptação da obra em questão, de Marcela Lordy, especificamente em relação a Ulisses, personagem em primeiro diálogo com Ulisses da *Odisseia* e que aparece nas duas produções homônimas, bem como é uma personagem recorrente em outras obras clariceanas. Nesse sentido, notamos que a trajetória de Ulisses, se dá de diversas formas em relação ao tempo e o espaço, buscamos assim analisar tanto as relações de diálogo construídas nessas produções, evidenciando os diálogos que se dão entre a personagem em diferentes produções, pela perspectiva do dialogismo e do cronotopo bakhtiniano.

Bakhtin (2018) inicia sua exposição sobre os gêneros do discurso dizendo que, todos os diversos campos da atividade humana, se faz por meio do uso da linguagem e que compreender o caráter e as formas desse uso é compreender as condições e as finalidades de cada campo, haja vista que é multiforme a própria atividade humana.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se





diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado (na maioria dos casos), dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes). (BAKHTIN, 2018, p.262)

Assim, diante da possibilidade de estabelecermos um diálogo entre os diferentes gêneros que aqui mencionamos é que a presente pesquisa se concentra, já que por conta dos diferentes gêneros se entrecruzam tempos e espaços diversos, que dialogam entre si e ecoam sentido para além das obras.

ANÁLISE DO CÓRPUS

A narrativa em *Uma aprendizagem* ou o *livro dos prazeres*, de Clarice Lispector conta a história de Loreley, uma professora primária, que se encontra em uma progressão enquanto mulher e seu

amadurecimento ocorre de maneira lenta, porém repleta de saberes resgatados pela coragem que ela implementa quando tem de enfrentar a dor para se chegar ao amor.

Gotlib (2009) vai afirmar que Loreley caminha corajosamente, da dor ao prazer, ela que, junto a Ulisses, o professor de filosofia com quem se relaciona aprendem pela retomada de saberes, que acontecem pela recuperação corajosa da protagonista e Ulisses. Notamos que o autoconhecimento incrustrado pela personagem adquire uma lucidez tranquila que a revela para a vida.

Clarice Lispector traduz emoções difíceis de nomear e traz sensações promovidas pelo silêncio, que se esgueira e arranja espaço para se enunciar. Clarice ao mesmo tempo que narra a história de Lóri, cria uma linguagem para expressar aquilo que não pode ser dito, que escapa, e, ainda assim, comunica.

Para Marcela Lordy, diretora e produtora do filme *O livro dos prazeres* - 2021, o grande desafio era traduzir em ações o livro no qual fora inspirado seu longa, mas também e sobretudo, traduzir o silêncio clariceano, o não dizer que tanto comunica, aquele entremeio em que nenhuma palavra se profere e ao mesmo tempo tantas mensagens deixa escapar, ainda, segundo a cineasta, trazer sensações sem usar tantas palavras, ao mesmo tempo a utilizando com muito respeito a palavra trabalhada por Clarice.

Percebemos que no livro, Ulisses não é aquele da *Odisseia*, que parte



em busca de sua própria jornada, com uma Penélope o aguardando por dez anos. Ele é a Penélope à espera de Lóri, tateante nos caminhos de encontro à condição humana.

Foi partindo daí que refletimos sobre o personagem Ulisses, e percebemos que podíamos propor uma reflexão analítica acerca da trajetória desse personagem, que dialoga diretamente com o Ulisses da *Odisseia*, mas em contrapartida, não endossa as mesmas atitudes daquele Ulisses clássico, e sim incorpora em seu percurso ações e sentimentos que denotam o homem contemporâneo, que por sua vez, nos mostra um homem lutador, não menos bravo que o da *Odisseia*, aliás, persegue seus sonhos e amores e busca por esse último como quem luta por um ideal.

Assim, a perspectiva do dialogismo proposta por Bakhtin, serve de amparo para nossos questionamentos acerca da trajetória de Ulisses, bem como nos dá respaldo para compreendermos melhor as relações dialógicas entre Ulisses clariceano e o Ulisses retratado no filme de Marcela Lordy, sem deixar de fazer menção ao Ulisses da *Odisseia*, análises que aproximam em termos semânticos esses personagens no espaço e no tempo, e aqui estamos amparadas pela perspectiva do cronotopo, proposto por Bakhtin.

Nessa esteira, certamente poderemos compreender melhor Loreley, compreendendo também seu papel na história dessas narrativas, bem como sua representação na

vida real, se trata da personagem que igualmente tece relações dialógicas com outros discursos, tanto da *Odisseia*, quanto na produção cinematográfica, entretanto, não se trata de nosso objeto principal de pesquisa e sim o trajeto analítico para compreendermos o que aqui propomos.

Vejam os trechos que seguem:

Fora então que Ulisses apareceu casualmente na sua vida. Ele, que se interessara por Lóri apenas pelo desejo, parecia agora ver como ela era inalcançável. E mais: não só inalcançável por ele mas por ela própria e pelo mundo. Ela vivia de um estreitamento no peito: a vida. (LISPECTOR, 2020, p. 37).

Odisseu, também chamado de Ulisses, é o protagonista de *A Odisseia*. De acordo com o poema, Ulisses, após zombar dos deuses, teve o destino selado. Como castigo, o nobre guerreiro da ilha de Ítaca percorreu durante anos um doloroso caminho até chegar a sua casa para se entregar aos braços da amada Penélope. Em sua trajetória, Ulisses enfrentou a fúria dos ciclopes, as bestas Sila e Caríbdis e a sedução da bela ninfa do mar, Calipso.

Em confronto e diálogo entre Ulisses homérico, o guerreiro, o seduzido, e Loreley, a sereia, a sedutora, Clarice Lispector atualiza situações anteriores para um contexto moderno e isso também ocorre no filme de Marcela Lordy, que por sua vez reatualiza o Ulisses clariceano.



O trecho de diálogo a seguir entre a personagem Lóri e Ulisses evidencia para nós a imagem forte que Lóri nos passa, pois ela olha Ulisses de frente e o confronta, pondo à mostra o que sente, e sua visão sobre Ulisses, algo que irá fazer o personagem tomar consciência e perceber que na verdade sua busca pelo amor em várias mulheres, se traduz em uma só: Lóri.

[...] - Por que você nunca se casou?

- Não sei, nunca tive necessidade. Sempre tive as mulheres que quis.

- Como você é arrogante, você gosta de construir essa imagem exaltada de você mesmo, como alguém insubstituível, indispensável, amado, adorado. Você precisa ser o centro das atenções o tempo todo [...] (LORDY, 2021).

Lóri é uma mulher que deseja muitas coisas, dentre seus desejos mais íntimos, está o de aprender a amar, mas não no sentido raso, superficial, mas no sentido profundo em muitas instâncias, no sentido amplo, seja amando o outro, mas sobretudo, amar a existência, amar o “estar viva”, amar a própria vida. Ela descobre o que significa estar viva em sua própria existência, e nessa tomada de consciência ela se inicia para o amor de Ulisses, que por sua vez também tem seu despertar para ela, trata-se de um encontro.

Nesse sentido podemos afirmar que acontece o encontro entre Lóri e Ulisses, vimos evidente o cronotopo da estrada, já que tempo

e espaço se reencontram, fundem-se, se condensam na estrada, em meio às buscas e desejos dos dois, a iniciação da qual Clarice nos fala é uma iniciação para o amor, onde e quando os dois personagens tão reais, vívidos e comuns a nós se encontram primeiramente em si mesmos, também eles em fusão, são preparados para o amor a dois e para a vida. Por esse viés vimos também o cronotopo do encontro.

Ao nos depararmos com a linguagem de Clarice Lispector, em *o Livro dos prazeres* (2021), percebemos a desconstrução do amor romântico, diferente do que ocorre com Ulisses em *A Odisseia*, algo que percorre o tempo e o espaço com a metamorfose dessa personagem em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* e se consolida pela produção de Marcela Lordy, assim, vimos que a relação amorosa que se constrói entre Ulisses e Lóri é algo que parte das posições que ela toma, ela, a sereia que o encanta nos mostra que para viver o amor é preciso e necessário compreender que a felicidade não está no outro, mas em si, para somente depois ser feliz a dois, nesse sentido o relacionamento amoroso é uma terceira coisa.

Lóri vive em seu apartamento imenso, repleto de vazios e silêncios, os quais ela enfrenta frente à sua condição, uma mulher real, com suas dúvidas, desejos e incompletudes, uma mulher com a qual podemos nos identificar em alguma medida - “Ser mulher, dignificar-se, rir do absurdo da minha condição” - 2021, por meio da leitura da personagem Lóri pudemos

ressignificar Ulisses, a partir do que ela representa, pudemos compreender esse personagem, em sua longa caminhada pelo autoconhecimento em construção e busca de si mesmo e do amor.

Na produção cinematográfica Lóri fala a Ulisses, em resposta a um possível encontro e ela diz: “Alô, Ulisses não posso ir. Não... não é nada físico.” – 2021. No livro a cena se apresenta da seguinte forma:

Lóri ligou o número de telefone:
- Não poderei ir, Ulisses, não estou bem.
Houve uma pausa. Ele afinal perguntou:
- É fisicamente que você não está bem?
Ela respondeu que não tinha nada físico. Então ele disse:
- Lóri, disse Ulisses, e de repente pareceu grave, embora falasse tranquilo, Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso. (LISPECTOR, 2020, p.23)

Conforme já mencionamos, o encontro entre Lóri e Ulisses, tanto no livro, quanto no filme, é marcado por esse Ulisses que espera por sua amada, ao contrário do herói clássico, ele não deseja outras sereias, ele espera por Lóri e segue pelos ditos dela, a heroína atual, contemporânea que busca por si mesma primeiro, para depois encontrar seu herói.

Assim, os personagens observados cada um em seu tempo e seu espaço, tão íntimos e peculiares, mas na mesma medida tão postos em diálogos, experimentam o lugar do outro, percebemos que no filme Ulisses busca o amor e o espera, é ele quem deseja Lóri como representação do amor verdadeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo é a dimensão do movimento, da transformação, da metamorfose, nessa história percebemos pelo movimento do tempo no espaço da narrativa tanto do livro Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, quanto no filme O livro dos prazeres, de Marcela Lordy, a transformação da vida da personagem Ulisses, que na medida que se modifica e nos mostra sua realidade, esta é consoante com a realidade do homem contemporâneo, vimos que sua busca é pelo amor verdadeiro.





REFERÊNCIAS

AUERBACH, Eric. *A cicatriz de Ulisses. Mimeses: a representação da realidade na Literatura Ocidental*. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 1-20.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da Criação Verbal*. 6 ed. - 2011. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes - 4 tiragem, 2018.

_____, M. M. (VOLOCHINOV), *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2006.

_____, *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

_____, M. M. *Teoria do Romance II - As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo, 1 edição, editora 34, 2018.

BEMONG, Nele & BORGHART, Pieter - *In Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. BEMONG, Nele. BORGHART, Pieter. DOBBELEER, DEMOEN, Kristoffel. TEMMERMAN, Koen de. KEUNEN, Bart. (Org.). 1.ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BEZERRA, PAULO. In. *Teoria do Romance II - As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo, 1 edição, editora 34, 2018.

BRAIT, Beth (org.) *Conceitos Chave*. 2.ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. *Outros Conceitos Chave*. 2.ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. 1 ed. 5 reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

FILHO, Oziris. *Teoria do Romance II - As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo, 1 edição, editora 34, 2018.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2011.

_____, José Luiz. *Interdiscursividade e Intertextualidade* - In Bakhtin: Outros conceitos-chave. BRAIT, Beth (org.) 2.ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro. Rocco. 1998.

LORDY, Marcela. *Mostra de cinema 2020*. O livro dos prazeres. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yM63VXlgIO8> - Acesso em: 30 ago. 2021.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. 2.ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.



A ARTICULAÇÃO ENTRE GRAMÁTICAS E INTERPRETAÇÃO/PRODUÇÃO DE TEXTOS: UMA ANÁLISE EM PROVAS DO ENEM

Elaine Martins dos Santos SILVA (UNIFRAN)
Assunção CRISTOVÃO (UNIFRAN)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), nas avaliações de Língua Portuguesa, presente no campo de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, articula questões de gramática e de interpretação de textos. Nosso percurso analítico será amparado pela ótica da Análise Dialógica do Discurso - ADD A teoria do Círculo de Bakhtin fundamenta esse estudo no que tange às concepções das relações dialógicas, gêneros discursivos e enunciado concreto. O corpus será constituído pelas provas de Linguagem e suas Tecnologias aplicadas nos anos de 2013, 2015, 2018 e 2019. Nossa metodologia será cotejar as questões dessas provas com documentos oficiais que regem a Educação no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, a matriz de referência do ENEM, já que ela é um documento básico pautada na Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Como resultado preliminar da nossa análise, esta pesquisa considera que o gênero “questão” dá-se a partir de formas enunciativas-interpretativas e é resultado de uma abordagem dialético-dialógica em que os sujeitos-candidatos precisam, ao longo das questões objetivas, aliar conhecimentos das normas à interpretação textual de diversos gêneros, pois as gramáticas no Enem são projetadas de forma aplicada e contextualizada.

PALAVRAS-CHAVE Interpretação; gramáticas; gêneros; enunciados; Bakhtin.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze how the Enem (National High School Exam), in Portuguese Language assessments, present in the field of Languages, Codes and their Technologies, articulates grammar and text interpretation issues. Our analytical path will be supported by the perspective of Dialogical Discourse Analysis - ADD Bakhtin's Circle theory bases this study on the conceptions of dialogic relations, discursive genres and concrete utterance. The corpus will consist of the Language tests and its Technologies applied in the years 2013, 2015, 2018 and 2019. Our methodology will be to compare the questions of these tests with official documents that govern Education in Brazil, such as the National Curricular Parameters - PCNs, the reference matrix of ENEM, since it is a basic document based on the National Common Curricular Base - BNCC. As a preliminary result of our analysis, this research considers that the genre “question” takes place from enunciative-interpretative forms and is the result of a dialectical-dialogical approach in which the subjects-candidates need, throughout the objective questions, to

combine knowledge of norms to the textual interpretation of different genres, as the grammars in Enem are designed in an applied and contextualized way.

KEYWORDS Interpretation; grammars; genres; utterances; Bakhtin.

Introdução

O Enem, Exame Nacional do Ensino Médio, é direcionado aos candidatos que pretendem ingressar em universidades federais e particulares e em algumas universidades estaduais. Trata-se de um processo que chama a atenção do país inteiro, pois possibilita a entrada dos aprovados em faculdades federais e permite que esses estudantes pleiteiem bolsa de estudos em algumas faculdades particulares, com percentuais que podem chegar até 100%, dependendo da nota, por meio do Programa Universidade Para Todos - PROUNI. Porém, o exame traz muitos desafios não só para os estudantes como também para os professores em sala de aula. Essas questões abrem discussões, em relação ao ensino público, sobre disparidades como o que é solicitado na prova e o que é ensinado aos alunos nos anos finais do ensino médio. Prepará-los para tal finalidade é um desafio ainda presente na educação formal, isso porque é preciso trabalhar habilidades e competências conforme as exigências da prova. Por essas razões, a nossa preocupação nesta pesquisa é demonstrar como as questões de Língua Portuguesa são cobradas na avaliação com abordagens gramaticais e interpretativas no mesmo tópico enunciativo e, a partir disso, contribuir para que os

docentes repensem as suas práticas observando as particularidades e os critérios de cada conteúdo, sejam eles cognitivos ou habilidades que o aluno precisa aprender a desenvolver.

Na busca da compreensão sobre a visão das práticas de ensino, verificamos que a recente tradição, a partir dos PCNs, de ensino da Língua Portuguesa, já vem caminhando nessa perspectiva, ou seja, de que a questão de ensino aprendizagem, na área de linguagem, não se resolve por meio de um conjunto de conteúdos, mas sim de um conjunto de práticas de linguagens. Nesse sentido, a BNCC concebe língua como forma de interação entre os sujeitos (FRADE, 2015) e, por isso, o documento aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar dividindo cada ano os descritores de ensino, por meio de seis campos de atuação conhecidos como práticas de várias naturezas, sendo elas: Práticas Cotidianas; Práticas investigativas; Práticas artístico-literárias; Práticas do mundo do trabalho; Práticas político- cidadãs e Práticas sociais das tecnologias de informação e comunicação (FRADE, 2015).

Diferentemente da BNCC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na área de Linguagens, organizam os descritores por quatro eixos de ensino: leitura; produção e





escrita, oralidade e análise linguística, ou dividindo esses em dois grandes eixos dos Parâmetros, do uso e da reflexão, uso/reflexão/uso, e essa seria a direção dos parâmetros na área da linguagem:

Os principais organizadores dos conteúdos de língua portuguesa (USO - REFLEXÃO = USD), além de orientarem a relação dos aspectos a serem abordados, definem, também a linha geral de tratamento que tais conteúdos receberão, pois caracterizam um movimento metodológico de AÇÃO → REFLEXÃO → AÇÃO que incorpora a reflexão às atividades linguísticas do aluno, de tal forma que ele venha a ampliar sua competência discursiva para as práticas de escrita, leitura e produção de textos. (PCNs da Língua Portuguesa, 1998, p. 65)

Na BNCC os eixos leitura, oralidade, etc. estão diluídos nos objetivos, então o princípio organizador que distribui os descritores é desses campos de atuação; essa é a principal diferença entre ela e os PCNs, o que aparentemente parece ser um avanço, por um lado, porque aponta para um campo de atuação em que o aluno é desafiado nos usos da linguagem, na reflexão dessas linguagens, linguagens/várias, sejam das práticas cotidianas, investigativas, etc.; e uma preocupação, por outro lado, uma vez que o trabalho equilibrado entre os eixos de ensino - leitura, produção de escrita oralidade, etc. - apresenta-se mais diluído, e não tão evidente para quem lê a Base, a não ser que vá mapeando o que é leitura, ou leitura

e oralidade, ou análise linguística, e assim por diante.

Neste trabalho, realizaremos reflexões sobre as várias concepções das gramáticas e interpretação de texto no ENEM, na prova de Língua Portuguesa, a fim de compreendermos como elas se constituem em relação aos discursos dos enunciados propostos nas questões do exame. O objetivo é analisar essas questões como forma de investigar suas ocorrências nos discursos, com o intuito de compreender melhor como são produzidos esses hibridismos entre gramática e interpretação. Para isso, escolhemos como objeto de pesquisa os conteúdos de língua Portuguesa das provas de Linguagens, códigos e suas tecnologias aplicadas no Enem de 2013, 2015, 2018 e 2019 (recortamos duas questões de cada ano). Esses anos foram escolhidos pelo contexto político-socioeducacional vigente em cada época e foram escolhidas, nesse período, as questões que uniam o campo da gramática e da interpretação textual.

A fundamentação teórica que irá nos amparar nesse percurso investigativo é a da Análise Dialógica do Discurso, que, por sua vez, contempla o pensamento do Círculo de Bakhtin. Em especial, serão abordados os conceitos de gêneros do discurso e enunciado, obviamente sustentados pela visão dialógica da linguagem. Neste estudo, partimos da hipótese de que o conhecimento das gramáticas, aliado a leituras discursivas e dialógicas, são relevantes



para que os candidatos demonstrem suas competências e habilidades leitoras para compreenderem as questões, identificar os gêneros com suas especificidades e, assim, conseguirem responder a alternativa correta de cada questão.

A justificativa dessa investigação dá-se pelo fato de trazer uma contribuição para os estudos da linguagem acerca das articulações entre interpretação de texto e/ou enunciados e as gramáticas de língua portuguesa no maior vestibular do País, o ENEM. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa foi compreender de que maneira é feita a integração entre esses dois conteúdos, rompendo paradigmas anteriores de que a gramática, neste caso a Normativa, precisa ser ensinada de forma isolada do discurso. Isso, nos direciona a uma percepção de que o processo de ensino/aprendizagem baseado em aferição de conteúdos, separados por disciplinas, encontra-se distante de uma abordagem de estudo interdisciplinar, o que aponta para a necessidade de reformulação do ensino escolar, não no que se refere à Base Curricular enquanto teoria e metodologia, mas, sim, dentro da sala de aula, ou seja, na prática pedagógica educacional como iskursivização da atividade de leitura relacionada às linguagens.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa situa-se no interior dos estudos Linguísticos que contribuíram com assuntos, perspectivas e abordagens da disciplina de língua portuguesa,

principalmente no ensino médio, e a aplicação desses conteúdos na prova do Enem. Enquanto tipo de pesquisa, trabalhamos em uma orientação quali-quantitativa de explicitação textual. Desse modo, trazemos autores do campo enunciativo-discursivo para direcionar a investigação.

O estudo fundamenta-se em conceitos da linha dos estudos bakhtinianos do discurso. Não obstante, partimos para o diálogo com outros lugares afins que nos deem amparo para que possamos promover nossos debates.

Nesse sentido, a ideia de diálogo, central na teoria, é um princípio que rege a vida/linguagem, ocupando lugar de destaque nas reflexões do Círculo de Bakhtin. O dialogismo celebra a alteridade, a orientação de um “eu” a um “outro”, e constitui, por isso, a categoria primordial por meio da qual os pensadores do Círculo tratam as relações sociais e culturais, sobretudo no que diz respeito à linguagem. Para Bakhtin (2006), a linguagem é um produto vivo da interação social e das condições materiais e históricas de cada tempo.

A propriedade mais marcante da língua é o fato de ela ser dialógica. Nesse sentido, o filósofo russo afirma que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o

discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa [...]. (BAKHTIN, 1990, p. 88)

Para investigarmos a respeito de construções discursivas nas questões do Enem, estabeleceremos redes dialógicas de interpretação, dimensionando estabilidades nas marcações dos enunciados. Assim, um caminho a ser realizado em nossas análises são as relações dialógicas a partir dos gêneros discursivos, no caso, a questão de prova vestibular. A partir dela, outros discursos serão arrolados para cotejo. O nosso discurso não se relaciona direto com as coisas, mas com outros discursos que semiotizam o mundo (FIORIN, 2006, p. 167). Complementando, segundo Bakhtin (2003, p. 261): “Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]”.

De ordem teórica, a perspectiva bakhtiniana que assumimos faz-nos tomar como ponto de partida a reflexão a respeito da conceituação de linguagem situada na perspectiva de uma prática social na qual o discurso é moldado pelas relações de poder e por ideologias. Também se apresenta como uma rede de processos de significação, manifestação de pontos de vista, de subjetividades, provocando efeitos nas construções identitárias, nos sistemas de conhecimentos, crenças, os quais nem sempre estão aparentes na estrutura organizacional do

discurso, introduzindo-se a ideia da constitutividade do sujeito pela e na linguagem.

Marchezan (2008) assim nos coloca a respeito do emprego da Análise Dialógica do Discurso - ADD - como “óculos” teórico:

Na perspectiva bakhtiniana, buscar a compreensão das “formas concretas dos textos” (do discurso, do enunciado), que ocorrem em condições dialógicas, que não são naturais, imprevistas, mas, sim, sociais, históricas, é alcançar também o homem, a sociedade que o constitui e é constituída por ele. Tal como o homem, o texto é complexo, heterogêneo; dele ressoam vozes sociais diversas, que se apoiam, que se debatem. Reiteração de outras vozes já conhecidas, o texto é, ao mesmo tempo, uma voz única e irreproduzível. E é essa singularidade mesma que explica sua existência, seu acontecimento (p. 6).

Nesses dizeres percebemos como a ADD orienta-se na interpretação discursiva, numa construção de sentidos articulada com a história e a sociedade, possuindo nestes dois pontos

- linguístico e histórico - um posicionamento analítico para a construção do ser humano em si e com o outro.

A ADD orienta-nos na direção da interpretação discursiva, em uma construção de sentidos articulada na história e nas dinâmicas sociais que a produziram, possuindo nestes dois pontos - linguístico e histórico - um





posicionamento analítico perante a construção do ser humano, a saber, construção de si em *si* e com o *outro*.

Entendemos metodologicamente que teoria e prática não se desvinculam no lugar social de pesquisadores/analistas dos discursos no qual estamos.

Beth Brait (1994, p. 11) coloca que um projeto comum do Círculo é o reconhecimento da *natureza dialógica da linguagem*:

a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico.

As relações dialógicas dos discursos, tramas de ser/significar(-se) no mundo, e os confrontos dessas relações tomaram destaque no contexto desta pesquisa encaminhando-a, portanto, a perspectivas que buscam o encontro com o outro, compartilhando experiências, reflexões e valores que se alteram mutuamente. Sendo assim, nesta abordagem teórica, o outro deixa de ser uma realidade abstrata a ser definida e traduzida por um conceito. Em outras palavras, metodologicamente, o sujeito da pesquisa é visto como alguém cuja *palavra* se confronta com a do pesquisador, *refratando* ideologias e exigindo-lhe *resposta*, configurando uma *cadeia enunciativa de enunciações de valores*. Em contrapartida, a

palavra do pesquisador recusa-se a assumir a aura de neutralidade imposta pelo método e integra-se à vida, participando das relações e das experiências, muitas vezes contraditórias, que o encontro com o outro proporciona.

Atribuir *sentidos* é ler a palavra como signo que reflete e refrata *valores ideológicos* advindos de uma *memória discursiva* dos sujeitos. Nossa posição como pesquisadores analistas do discurso colocou-nos a interpretar enunciados numa determinada *esfera enunciativa* ou em *lugares institucionais*.

Bakhtin nos fala a respeito do caráter constitutivo da linguagem: "(...) uma só voz, nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida" (BAKHTIN, 1992, p. 54). Em nossos dizeres existem outros dizeres presentes, noção explicitada do que podemos entender por dialogismo.

METODOLOGIA

A argumentação metodológica neste trabalho opera no sentido de cotejar, dimensionar de forma quantitativa estruturas e funcionamentos por meio de movimentos duplos como o diálogo entre textos e enunciados, discriminar, delimitar, comparar, estabilizar noções, aproximar, distanciar e ressignificar.

Assumindo a perspectiva dialógica de Bakhtin, entendemos que ler é cotejar textos, uma vez que "toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto" (BAKHTIN, 1997, p. 404). E



o cotejo de um texto com outros textos desenvolve a compreensão, a réplica, o comentário, o diálogo. Por isso passamos a considerar, como propõe Bakhtin, que “compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo” (Idem, p. 404). Fiorin (2008, p. 6) sintetiza as ideias de Bakhtin em relação à leitura, e considera que ler é “colocar-se como participante do diálogo que se estabelece em torno de um determinado texto”.

O corpus será constituído por provas aplicadas pelo ENEM dos anos de 2013, 2015, 2018 e 2019. Seguindo por esse viés, a investigação será direcionada com olhares para a Matriz de Referência do Enem (base para avaliação de habilidades exigidas aos candidatos). Assim, o estudo será baseado na seleção e organização das questões propostas pelo referido Exame.

Nossos procedimentos metodológicos serão baseados de acordo com estes protocolos orientadores de trabalhos crítico-lingüísticos. A investigação apoia-se em teorias que discorrem acerca das relações dialógicas, gêneros discursivos e enunciados; assim o objetivo neste campo é compreender e identificar as intenções propostas nas questões.

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Nosso corpus será analisado nas articulações entre as gramáticas e a interpretação de texto nas provas do Enem de 2013, 2015, 2018 e 2019. No decorrer do nosso estudo defendemos a importância

de a escola trabalhar o ensino das linguagens e das gramáticas de forma dinâmica e interativa, ou seja, sem o ensino isolado das gramáticas, apenas como aferição de conteúdos. O que estamos defendendo aqui é que o ensino de gramática deve estar ligado à prática, ou seja, a língua em uso permeando um movimento dialógico e interativo. Isso implica em supor que quem leia já entenda a metáfora utilizada, porém essa leitura pode não ocorrer. Então, ler a palavra, a imagem, conectar o cartaz, identificar o gênero são caminhos para se chegar a uma resposta para as questões no momento da prova.

Assim, mediante essas nossas abordagens anteriores, vamos para uma análise piloto. A prova de língua portuguesa do ENEM contém muitas questões que exigem a interpretação de textos e, ainda, ampara-se na perspectiva do Círculo de Bakhtin acerca dos gêneros lingüísticos. Outra observação é que a estrutura das questões ocorre da seguinte forma: Primeiro o texto ou imagem, sejam eles verbais e/ou não verbais, em seguida o enunciado e por último as alternativas para que o aluno escolha apenas uma resposta.

Neste exemplo temos uma imagem, que parece ser o dedo de alguém derretendo, a qual insere-se no gênero cartaz, constituída pela linguagem verbal e não verbal. O texto está colocando o interlocutor para a tomada de uma decisão, ação - “você tem certeza que você quer conjugar esse verbo?” - O cartaz aborda a questão do aquecimento global, envolve interpretação do



enunciado, conjugação do verbo “derreter” e, ainda, a análise da imagem, ou seja, nesta questão temos uma fácil percepção da junção de interpretação e gramática (verbo). Dessa forma, fica evidente que a gramática foi aplicada de maneira contextualizada, e não isolada.

Figura 1 – ENEM 2013 – Questão 116 (Caderno Amarelo)



Disponível em: <http://orion-oblog.blogspot.com.br>, Acesso em: 6 jun. 2012 (adaptado).

O cartaz aborda a questão do aquecimento global. A relação entre os recursos verbais e não verbais nessa propaganda revela que

- A o discurso ambientalista propõe formas radicais de resolver os problemas climáticos.
- B a preservação da vida na Terra depende de ações de dessalinização da água marinha.
- C a acomodação da topografia terrestre desencadeia o natural degelo das calotas polares.
- D o descongelamento das calotas polares diminui a quantidade de água doce potável do mundo.
- E a agressão ao planeta é dependente da posição assumida pelo homem frente aos problemas ambientais.

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos caminhando nesta pesquisa em direção à busca de resultados que apontem possibilidades de melhoras no ensino e aprendizagem. A dimensão da conjuntura organizacional das questões das provas do ENEM parece, ao nosso ver, ainda muito distante do que os alunos aprenderam, no que se refere à competência



de interpretação de textos articulada com a gramática. Por isso, nos debruçamos nessas provas para que possamos analisar e mapear a aplicação das questões de Língua Portuguesa e levar as nossas contribuições para outros pesquisadores e profissionais da área.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*, São Paulo UNESPHUCITEC, 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 2 ed. Martins Fontes. 1997
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006
- FIORIN, José Luiz. *Interdiscursividade e intertextualidade*. IN: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.p. 167.
- FRADE, C.A.S., BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: *reflexões sobre princípios orientadores da versão preliminar de Língua Portuguesa*. PNAIC 2015
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Provas e Gabaritos. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. *Afinidades eletivas: O texto e o discurso*. Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA), Vol. 6. n.2, dezembro de 2008.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN): Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação fundamental. Brasília, 1998.

ATOS RESPONSIVOS NO PAPEL DO GESTOR DEMOCRÁTICO E PARTICIPATIVO EM MOMENTO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL DEVIDO À PANDEMIA DA COVID-19

Elisandra Silveira Moura CINTRA (UNIFRAN)
Marilurdes Cruz Borges (UNIFRAN)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a prática gestora em momento de reestruturação do ensino devido à pandemia do Covid-19 e observar se o gestor exerce, de forma democrática e participativa, sua liderança e como essa postura contribui para mitigar os impactos negativos trazidos pela pandemia. A análise tem por materialidade discursiva o Projeto Político Pedagógico da E. E. Carmem Nogueira Nicácio, por ser considerado um instrumento para a gestão democrática, elaborado por toda a comunidade escolar. Esta pesquisa, de abordagem bibliográfica e análise qualitativa, tem por fundamentação teórica os conceitos de dialogismo e de ato responsável, dos pensamentos de Mikhail Bakhtin (2010) e de pesquisadores brasileiros como Fiorin (2006), Faraco (2007), Brait (2006), Sobral (2009), dentre outros. Para investigar as relações dialógicas no PPP, fez-se necessário também buscar as bases teóricas que sustentam os seus princípios norteadores em Veiga (1995), Paro e Vasconcellos (2002) e Gadotti (1994). No PPP, as vozes sociais interferem nas propostas de mudanças, na tentativa de consolidação de avanços para o fazer pedagógico em um novo formato (remoto) e se adequa à nova realidade educacional, a fim de ir além da transmissão de conhecimentos e continuar intervindo no meio social a partir do sujeito gestor.

PALAVRAS-CHAVE Ato Responsável; gestão democrática; Projeto Político Pedagógico; ensino remoto.

ABSTRACT

This work aims to analyze the managerial practice at a time of restructuring of education due to the Covid-19 pandemic and to observe if the manager exercises, in a democratic and participatory way, his leadership and how this posture contributes to mitigating the negative impacts brought by the pandemic. The analysis has as discursive materiality the Political Pedagogical Project of E. E. Carmem Nogueira Nicácio, as it is considered an instrument for democratic management, developed by the entire school community. This research, with a bibliographic approach and qualitative analysis, has as its theoretical foundation the concepts of dialogism and responsible act, from the thoughts of Mikhail Bakhtin (2010) and Brazilian researchers such as Fiorin (2006), Faraco (2007), Brait (2006), Sobral (2009), among others. To investigate the dialogic relationships in the PPP, it was also necessary to seek the theoretical bases that support its guiding principles in Veiga (1995), Paro and Vasconcellos (2002) and Gadotti (1994). In the PPP,



social voices interfere in the proposals for changes, in an attempt to consolidate advances for the pedagogical practice in a new (remote) format and adapt to the new educational reality, in order to go beyond the transmission of knowledge and continue intervening in the social environment from the managing subject.

KEYWORDS Responsible Act; Democratic management; Pedagogical Political Project; remote teaching

Introdução

O objetivo deste estudo é observar as relações dialógicas que nortearam as ações do gestor da E. E. Profa. Carmem Nogueira Nicácio, no período de implementação do ensino remoto em 2020, e como esse gestor respondeu à comunidade escolar a partir da sua postura democrática. Coube a esse profissional da educação o alinhamento gradual das informações sobre a organização das atividades a serem trabalhadas e das relações entre todos os membros da comunidade escolar para que a escola atingisse seu objetivo de promover avanços no processo ensino-aprendizagem, mesmo em momento de distanciamento social.

A pesquisa, de caráter bibliográfico e analítico, utiliza por pressupostos teóricos o conceito de dialogismo e ato responsável nos estudos bakhtinianos e seu Círculo, como em Bakhtin (2003); Voloshinov; Bakhtin (1926), Fiorin (2006), Sobral (2009), Brait (2005). Para investigar as relações dialógicas no PPP, fez-se necessário também buscar as bases teóricas que sustentam os seus princípios norteadores em Veiga (1995), Paro e Vasconcellos (2002) e Gadotti (1994).

Assim, os conceitos bakhtinianos são utilizados para a investigação e análise da prática gestora neste estudo. Compreender as funções e a postura desse gestor, permite-nos observar o que é gestão democrática e como ela se efetiva nas instituições de ensino da Educação Básica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Bakhtin (2011), toda compreensão da palavra viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva. O Ato está condicionado à atividade, é a ação, é o movimento do pensamento. Ele é responsável e assinado (marca do eu). O autor também enfatiza que o “eu” só existe em relação ao outro e está sempre em resposta a ele. Assim, o sujeito é responsável por assumir seu próprio ato, pelo seu dizer do lugar onde se está. É, portanto, responsivo porque responde ao outro, mesmo em silêncio (FIORIN, 2016).

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 2009). Dessa forma, o sujeito emissor ou receptor, assume antecipadamente a atitude ética de responder pelos



seus atos (responsável) e, através de outros enunciados, de produzir uma resposta.

Segundo Sobral (2009), os sujeitos estão envolvidos ativamente no momento da enunciação, trazendo na bagagem suas subjetividades e com elas “marcas dos aspectos sociais e históricos de sua vida em sociedade”.

Para que aconteça o processo dialógico, o sujeito precisa estar em interação com o outro, em processo de construção a partir do outro e, assim, construir o seu eu. Bakhtin evidencia a importância do outro para que um sujeito reconheça a si mesmo, pois os sujeitos se constituem nas relações que tecem com os outros ao seu redor. É importante vivenciar o outro, colocar-se no lugar dele, pois a imagem externa é o conjunto dos elementos expressivos da linguagem.

Quando se fala em dialogismo constitutivo, pensa-se em relações com enunciados que precedem e sucedem na cadeia da comunicação. Um enunciado solicita uma resposta, ele espera sempre uma compreensão responsiva ativa, constrói-se para uma resposta, seja ela uma concordância ou uma refutação (FIORIN 2016).

Em Bakhtin (2011), a palavra é condição do diálogo e do discurso, ou seja, a comunicação discursiva se dá numa cadeia ininterrupta, não linear de interação. Se o discurso se encerra, não houve diálogo, uma vez que o discurso sempre é endereçado a alguém e remete a uma compreensão responsiva do outro (SOBRAL, 2014). O discurso não se origina em um falante, não é

individual e muito menos neutro, pois ele é intencional de acordo com o meio social de inserção, que por si só carrega sua ideologia.

Bakhtin (2011) também afirma que utilizamos de enunciados pré-existent, apropriando-nos das falas alheias. Desse modo, o texto, tal como a frase, não pertence a ninguém. Já o enunciado e o discurso, ao contrário, vêm de alguém, dirigem-se a alguém, são “endereçados”, trazem em si um tom avaliativo e remetem a uma compreensão responsiva ativa.

Partindo das ideias compartilhadas por Bakhtin e o Círculo, é possível observar como a teoria da linguagem aparece de forma contextualizada quando relacionada à atualidade. Uma vez que, ao considerar o contexto de inserção dos indivíduos e compreendendo as enunciações como ações provenientes da cultura e das relações sociais, as contribuições bakhtinianas serão constantemente renovadas, acompanhando o tempo e espaço de vivências dos indivíduos.

A gestão democrática é princípio da educação pública, previsto na constituição federal e reafirmado pela Lei Ordinária 9.394/98. Visa assegurar um desenvolvimento socioeducacional e a excelência do ensino ofertado aos estudantes. Tem como princípio a participação de toda a comunidade escolar na gestão da escola e para isso é necessário um trabalho colaborativo e integrador entre a equipe escolar em prol da construção de uma escola aberta às diferenças, onde todos vivenciam experiências democráticas com foco



em uma educação de qualidade para todos.

Reivindicada pelos movimentos sociais durante o período da ditadura militar, a Gestão Democrática tornou-se um dos princípios da educação na Constituição Brasileira de 1988 [...]” (BASTOS, 2002, p.7). O modelo de gestão escolar até esse momento era meramente técnico-administrativo, fundamentava-se na hierarquia de funções, na centralização das decisões, nas regras e nos procedimentos administrativos, dando mais ênfase às tarefas do que às pessoas. Tratava-se de um modelo que valorizava apenas o poder e a autoridade de modo unilateral e enfatizava relações de subordinação. O Diretor era o único responsável pelas tomadas de decisões e a participação da comunidade era mínima. Logo, o trabalho não era feito em equipe de maneira integrada e sim segmentada.

A gestão democrática surgiu da necessidade de uma gestão mais flexível, que valorizasse a participação da comunidade escolar (gestão, professores, pais, alunos e funcionários) nas tomadas de decisões, na articulação da escola com as famílias, criando processos de integração da sociedade com a escola.

Dessa forma, o papel de gestor democrático é dialogar com a comunidade, por meio de um diálogo que não se restringe à forma direta de interlocução com alunos, pais e profissionais da educação, mas também de forma indireta ao propor

tomadas de decisões coletivas, a partir da realidade vivida pela comunidade escolar.

Gestão democrática na esfera educacional é princípio constitucional associado a dois princípios legais: a participação da comunidade escolar nas tomadas de decisões e a elaboração e efetivação do Projeto Político Pedagógico da escola por todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

ANÁLISE DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O Projeto Político Pedagógico é considerado um instrumento para a efetivação da gestão democrática, a partir da sua construção até a execução de suas ações. O PPP possibilita à escola organizar seu processo pedagógico de forma participativa, envolvendo todos os atores do processo educacional, na busca de soluções para os problemas que são inerentes à gestão.

A consolidação do PPP tem marco na LDB 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira), especificamente no Artigo 12 que estabelece: os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: “I - elaborar e executar sua proposta pedagógica”. É, portanto, através dos princípios democráticos apontados pela Lei que foi instituído o PPP. Como medida legal, esse instrumento passa a orientar uma organização, no sentido de reduzir os efeitos de divisão de

trabalho, de sua fragmentação e do controle hierárquico.

Segundo Vasconcelos (1995, p.143),

[...] é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os agentes da instituição (VASCONCELOS, 1995, p.143).

Como aponta Vasconcelos, o PPP surgiu para atender a necessidade de estabelecer, dentro da Unidade Escolar, um trabalho coletivo cujas responsabilidades pessoais e coletivas são assumidas para execução dos objetivos estabelecidos. O Projeto se configura na construção de parcerias com a comunidade no desenvolvimento de metas e ações e proporciona o desenvolvimento da cidadania e a construção da identidade da escola.

O PPP rege todas as ações a serem realizadas na escola durante o ano letivo. No início do ano, os membros da Comunidade Escolar analisam a realidade da escola e planejam ações para melhor atender à comunidade em geral. Por isso, o documento age de forma responsiva e ética, pois norteia o fazer pedagógico, direciona as ações e atitudes de forma democrática.

Enquanto retrato de toda a organização das ações realizadas pela unidade escolar, é natural que, com as mudanças no formato de

ensino presencial para remoto, em decorrência da Covid-19, o PPP tenha sido modificado e adaptado, conforme pontuou Veiga (2003), com uma nova organização de ensino, demandando novas ações e novas estratégias para atender à comunidade. Constata-se isso no excerto do item “Organização escolar”, do PPP da E. E. Profa. Carmem Nogueira Nicácio (2020, p.20):

O Ensino Fundamental dos anos iniciais, ministrados na Unidade escolar, têm carga horária mínima de 800h (oitocentas horas) anuais distribuídas em, no mínimo, 200 dias de efetivo trabalho escolar ou de acordo com o estabelecido em dispositivos legais, de modo presencial, sendo o ensino a distância utilizado como ação complementar da aprendizagem em situações emergenciais”.

Devido a Pandemia, a escola ficou desobrigada de cumprir os duzentos dias letivos, conforme Calendário Escolar Inicial, conforme à Deliberação 177/2020, Parecer 05/2020 e Medida provisória - 934, a Escola deverá cumprir as 800 horas por meio de ensino remoto, conforme LDB, Art.34.

A reformulação do documento responde aos decretos estaduais e busca novas estratégias para alcançar as aprendizagens dos alunos por meio de atividades propostas pelos professores para contabilizar como presença do aluno e, dessa forma, contar como dias letivos. Houve, portanto, uma reorganização geral da Unidade Escolar, a qual foi instituída,





através da Deliberação 177/2020, art.4º, p. 1.

Todas as alterações ou adequações no Regimento escolar, no Projeto Político Pedagógico da escola ou no Calendário Escolar, devem ser registradas, tendo em vista que as escolas do Sistema de Ensino são responsáveis por formular sua Proposta Pedagógica, indicando com clareza as aprendizagens a serem asseguradas aos alunos, e elaborar o Regimento Escolar, especificando sua proposta curricular, estratégias de implementação do currículo e formas de avaliação dos alunos - IV: computar nas 800 (oitocentas) horas de atividade escolar obrigatória, as atividades programadas fora da escola, caso atendam às normas vigentes sobre o dia letivo e atividades escolares. (Indicação CEE/2019).

O PPP é, em todos os momentos, construído, reconstruído e executado por toda a comunidade escolar, assim, as vozes enunciativas que perpassam neste documento identifica os lugares sociais, dos membros dessa comunidade, contribuindo para esta análise no sentido de identificar se o espaço escolar é um ambiente democrático de fato, para obtermos respostas sobre a postura do Diretor da E. E. Prof. Carmem Nogueira Nicácio em momento de distanciamento social e perceber se houve realmente uma gestão democrática. De acordo com PPP (p. 25):

O perfil do Diretor de Escola conforme a Resolução SE 56/2016, que prescreve quatro

princípios orientadores da atuação do diretor, iniciando pelo princípio do compromisso com uma educação com qualidade e da aprendizagem com igualdade e equidade para todos, seguido do princípio da gestão democrática e participativa e princípio do planejamento estratégico, encerrado pelo princípio do foco em qualidade e em resultados.

O fragmento expressa a ação do diretor dentro da Unidade Escolar em momento de distanciamento social. Cabe a ele se reinventar e se readaptar para cumprir os compromissos inerentes a sua função e promover novas práticas pedagógicas para garantir a educação de qualidade. O ato responsivo do gestor aparece no PPP (p. 24-25)

A gestão escolar, ainda que indissolúvelmente vinculada ao Conselho de Escola que se fundamenta no princípio democrático, conta ainda com o núcleo de direção, formado, neste ano de 2020, pelo Diretor de Escola, cujo perfil é regulamentado pela L.C. 1.256 de 2015, que institui o estado de constante avaliação pelo qual deve estar exposto o ocupante de cargo de diretor, sobretudo no sentido de se aferir o comprometimento com o trabalho e com a comunidade escolar, responsabilidade, capacidade de iniciativa e de liderança, eficiência na gestão educacional, produtividade, assiduidade, e disciplina, conforme o parágrafo 3º do artigo 1º da mencionada lei complementar.



O recorte descreve a atribuição do diretor de escola e suas funções, que inclui o comprometimento do seu trabalho e seu vínculo com o Conselho de Escola, órgão constituído por representantes da Comunidade Escolar. Esse diálogo mostra que o diretor, enquanto gestor escolar, deve estar interligado aos membros da comunidade escolar nas decisões da escola.

O contexto atual, em que se insere o ensino remoto, exige dos gestores promover espaços de interação e reflexão dos membros da comunidade e, a partir disso, pensar e repensar quais caminhos percorrer para garantir a aprendizagem dos alunos. Isso inclui decisões sobre o uso de tecnologias para comunicação com os pais e para alcançar os alunos; estratégias para atender os alunos que não tem dispositivos e acesso à internet; organização de novas rotinas adequadas para o novo ensino e posicionamento mais crítico frente à realidade, aos conteúdos pedagógicos, às informações trazidas à sala de aula remota por alunos(as) e por professores(as). Essas ações estão registradas no PPP, item “Organização escolar” (2020, p.20):

Após consulta com a comunidade, a Escola se organiza de maneira remota através dos aplicativos Meet para formação dos professores e Reunião de Pais, além da comunicação diária pelos grupos de whats apps com os responsáveis e com os alunos. As aulas online são oferecidas pelo Centro de Mídias e Aulas síncronas, utilizando também a

plataforma Google e Meet, sendo que todas as orientações tiveram como base os documentos orientadores da Seduc. Com o objetivo de proporcionar a aprendizagem aos alunos, mesmo de maneira remota, disponibilizamos nos grupos de WhatsApp, os resumos das aulas do Centro de Mídias, chegando aos estudantes que não conseguem acesso aos Canais do Centro de Mídias, portanto, todos os dias, os professores acompanharam o centro de mídias e repassam aos alunos, criando condições para que todos tenham acesso às informações. Além dos resumos, os roteiros de atividades semanais, foi disponibilizado digitalmente pelos grupos de WhatsApp, pelo Facebook da unidade escolar, e para aqueles que não têm acesso aos meios digitais, de forma impressa, sendo retirados na unidade escolar.

Como exposto, a escola se organizou de maneira a cumprir a legislação e atender ao disposto no MP 934/2020, Parecer CNE 05/2020 e à Deliberação CEE 177/2020 e, a partir disso, às orientações SEDUC (Sigla empregada para se referir às várias Secretarias de Educação estaduais). O PPP foi atualizado e nele passou a conter a reorganização geral realizada pela Unidade Escolar para o ensino remoto.

O diálogo do gestor escolar com a comunidade também é evidente na materialidade em “Após consulta”, mostrando que o gestor não tomou decisão sozinho, mas consultou a comunidade que teve



voz para decidir sobre a escolha dos aplicativos para comunicação e a realização das atividades dos alunos. A partir do diagnóstico da realidade da comunidade em relação ao acesso à internet e aos dispositivos tecnológicos, foram feitas adaptações para que os alunos não ficassem desassistidos, conforme vemos em: “os professores acompanharam o centro de mídias e repassam aos alunos, criando condições para que todos tenham acesso às informações”. Nota-se as relações dialógicas também no emprego verbo na 1ª pessoa do plural, “disponibilizamos”, indicando uma ação colaborativa entre os membros da comunidade e o diretor da escola.

Temos que as vozes que permeiam o PPP explicitam a preocupação do gestor e dos docentes em cumprir o que está disposto na Lei, além de evidenciar a preocupação da comunidade em promover a aprendizagem de todos os alunos neste momento de distanciamento social. Para os alunos em situações mais vulneráveis e que não possuem acesso à internet, a escola utiliza outras estratégias para que os mesmos sejam assistidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui apresentada encontra-se ainda em processo de construção. O intuito é analisar diferentes itens do PPP da E. E. Profa. Carmem Nogueira Nicácio para observar os atos responsivos do diretor que comprovem a gestão democrática no período de transição do ensino presencial para o ensino

remoto, imposto pela pandemia da Covid-19. Além de verificar se os atos do diretor são democráticos, observamos como suas ações contribuem para mitigar os impactos negativos trazidos pela pandemia no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Por ser uma instituição socialmente construída, o funcionamento da escola é permeado de interações e interrelações ali vividas, sejam elas de forma presencial ou remota. Com essa investigação, foi possível perceber, a partir dos enunciados já analisados no PPP, como, nesse ambiente educacional, o trabalho do gestor aparece e de que forma ele contribui para atingir os objetivos propostos no Projeto.

Como o papel do gestor democrático é gerir diálogos entre sua formação, sua comunidade escolar e a Secretaria de Educação do Estado, é possível observar essas vozes no documento e como elas promovem sentidos.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. (Voloshínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006, p.135.

BASTOS, J. B. Gestão democrática da educação: as práticas administrativas compartilhadas. In: BASTOS, J. B. (Org.). *Gestão democrática*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BRAIT, Beth (org). BAKHTIN: *Conceitos Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAITH, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

VASCONCELLOS, C. S. *Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*. 10 ed. São Paulo: Libertard, 2002

VEIGA, I. P. A. (org.). *Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível*. In: Quem sabe faz a hora de construir o projeto político-pedagógico. 2010.



O ACONTECIMENTO ESTÉSICO E A MANIFESTAÇÃO DA IMAGEM VISUAL EM POEMA XXIV DE MANOEL DE BARROS

Jéssica Cristina CELESTINO¹ (UNIFRAN)
Vera Lucia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)

RESUMO

Neste trabalho, analisamos o poema “XXIV”, do livro *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991), de Manoel de Barros. No texto, o enunciador, parte de uma experiência sensível e tece reflexões acerca da linguagem verbal em comparação à comunicação animal. Através do discurso metapoético, faz alusão à representação gráfica atual da linguagem verbal que contrapõe a sua representação gráfica arcaica. Partimos da hipótese de que as imagens icônicas configuram o grau extremo da figurativização e instauram a noção da motivação da letra. Dessarte, o fazer poético do enunciador constitui um acontecimento, ao comparar a construção gráfica do signo verbal na atualidade à construção gráfica icônica, como ocorria na representação do alfabeto grego. Nosso objetivo é analisar o acontecimento estésico no texto, com base no referencial teórico da semiótica francesa.

PALAVRAS-CHAVE acontecimento; figurativização; poesia.

ABSTRACT

In this work, we analyze the poem “XXIV”, from the book *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991), by Manoel de Barros. In the text, the enunciator starts from a sensitive experience and weaves reflections about verbal language compared to animal communication. Through metapoetic discourse, he alludes to the current graphic representation of verbal language that contrasts with its archaic graphic representation. We start from the hypothesis that iconic images configure the extreme degree of figurativization, and establish the notion of letter motivation. Thus, the enunciator’s poetic work constitutes an event, when comparing the graphic construction of the verbal sign today to the iconic graphic construction, as occurred in the representation of the Greek alphabet. Our objective is to analyze the aesthetic event in the text, based on the theoretical framework of French semiotics.

KEYWORDS event; figuratization; poetry.

Introdução

1. Contextualização

A presente pesquisa surgiu dos estudos concluídos no Mestrado em Linguística da UNIFRAN, realizados entre os anos de 2014 e 2016, sob a orientação da Prof^a Dr^a Vera Lucia Rodella Abriata, e contou com o apoio financeiro CAPES. O trabalho

¹ Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa - PROSUP



em questão, intitulado *Estratégias Enunciativas em Poemas de Manoel de Barros: um estudo semiótico*, utilizou a teoria semiótica francesa para analisar cinco poemas da obra *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo* (2001). Com a análise dos poemas foi possível investigar as estratégias enunciativas a partir dos planos de expressão e de conteúdo, e abordar os temas estesia e metapoética, além daqueles pertencentes à temática do livro. Por conseguinte, a riqueza da obra poética de Manoel de Barros nos levou a dar prosseguimento a essa pesquisa e aprofundá-la no nível do doutorado, por meio da mobilização de conceitos da teoria semiótica com os quais não trabalhamos anteriormente como, por exemplo, o acontecimento.

Para a nossa pesquisa de doutorado realizamos uma **seleção diacrônica** do *corpus*. Selecionamos seis poemas entre o primeiro ano de sua produção, 1937, e o último, 2013. Assim, consideramos toda sua produção poética. Das vinte e três obras de Barros separamos três produções referentes aos anos de 1900 e três aos anos 2000; são as seguintes:



- **1937** - *Poemas concebidos sem pecado*, poema “9”;
- **1966** - *Gramática expositiva do chão*, poema III: “Dos 29 escritos para conhecimento do chão através de S. Francisco de Assis”;
- **1991** - *Concerto a céu aberto para solos de ave*, poema “XXIV”;
- **2000** - *Ensaios fotográficos*, poema “DESPALAVRA”;
- **2008** - *Memórias inventadas*, poema “O apanhador de desperdícios”; e
- **2013** - *A turma*.

1.2 Tema

A seleção dos poemas ocorreu por meio de temas alusivos ao universo natural e à metalinguagem. Neste poema “XXIV” de Barros (1991), que selecionamos como recorte da pesquisa para esta comunicação, há uma distribuição sintagmática de investimentos figurativos que constituem tanto o tema do universo da natureza, como em “sotaque das **águas**”, “conversava **pedrinhas**”, “**paisagens** comiam no meu olho”; quanto o tema da metalinguagem: “**poesia** jorrando”, “As letras aceitavam **pássaros**”; “Uso a **palavra** para compor meus **silêncios**”. Tais figuras marcam a obra barriana e aparecem em maior número de vezes nos poemas selecionados. Vale apontar que o tema da natureza tem um sentido construído amplo podendo referir-se à natureza como o conjunto de elementos do mundo natural (“tipo água pedra sapo”), mas, também, referindo-se à condição natural, não civilizada do homem (“sou bugre mesmo”); ou ainda, pode significar o que compõe a substância do



ser, sua essência (“...descobrir novos lados do Ser”) (HOUAISS). Já o tema da metalinguagem se restringe ao fazer poético.

Além de apresentar temas que sensibilizam e despertam o senso crítico do enunciatário, por meio da ironia e da construção de valores voltados para o sensível e para a essência “das coisas e dos seres”, os textos barrianos se mostram relevantes a esta pesquisa por apresentarem um caráter gnosiológico e uma preocupação com a linguagem, com o mundo e com o papel do poeta no mundo (MULLER, 2010, p. 35). Ademais, a função social da poesia barriana nos permite refletir sobre a relação do ser humano com a natureza animal e vegetal, e a sua própria natureza. Mais que uma teoria do conhecimento, o percurso do sujeito poético, em Barros, busca as origens e abre caminhos para uma teoria do autoconhecimento, do sujeito que se constrói e se descobre pela linguagem (seja ela verbal, visual, sonora, entre outras).

Em relação com o tema da natureza, também se observa na obra de Barros o tema da cultura, e o sujeito poético os contrapõe, considerando os elementos do universo da natureza eufóricos. Na obra de Barros, o tema da cultura está figurativizado por termos como: “avião”, “Academia”, “linguagem”, “bugre”, entre outros. E surge não só para ressaltar a beleza e o encantamento da natureza, mas também para estabelecer uma reflexão sobre os valores vigentes na sociedade a fim de romper com o estabelecido e transcender

tais valores por meio da inovação da linguagem em que explora os “deslimites” das palavras.

1.3 Justificativa

Nossa pesquisa se justifica por tentar desmistificar a ideia de que textos do gênero lírico são herméticos, e mostrar que por meio da teoria semiótica é possível analisar e compreender tais textos em sua inteireza. Outro problema é a afirmação de que a teoria semiótica analisa o texto desconsiderando sua historicidade. Desse modo, comprovar-se-á que além de se poder compreender poesia também é possível trabalhar aspectos históricos e sociais com ela.

Esta pesquisa se justifica, ainda, por contribuir para uma leitura crítica diacrônica da obra barriana. Assim, lançar-se-á luz aos textos do poeta pantaneiro, a partir da perspectiva da semiótica francesa, abordagem pouco explorada em suas obras, e propor uma teoria da poesia.

1.4 Objetivos

Objetivo Geral:

- Analisar o fazer poético do poeta pantaneiro através de um apanhado de sua obra completa, e apreender as particularidades de sua poética.

Objetivos específicos:

Analisar:

- a construção do acontecimento estético;
- a forma como o ator da enunciação constrói uma teoria da poesia em sua obra poética;



- os graus de figurativização presentes no poema;
- as relações entre plano de expressão e plano de conteúdo;
- o modo como a construção do *ethos* passa por um refinamento temporal.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

Nosso trabalho se classifica como pesquisa do tipo bibliográfica e tem como referencial teórico a semiótica francesa com vistas a analisar poemas da obra de Manoel de Barros. Para a organização desta pesquisa foram selecionadas leituras a partir do princípio cronológico, considerando o arcabouço teórico já estudado no mestrado: semiótica *standard*, Greimas; Courtès, 2008; Bertrand, 2006; semiótica poética, Greimas, 1975; e partindo para os conceitos mais recentes, a saber: a semiótica tensiva (ZILBERBERG, 1994), a sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014) e os conceitos de estilo e *ethos* (DISCINI, 2015). Dessa forma, abordaremos, principalmente, os seguintes conceitos semióticos:

I. acontecimento poético e estesia (GREIMAS, 2002): Em seu livro *De L'Imperfection* (1987), Greimas definiu estesia como uma experiência sensível vivida na cotidianidade, ela surge como uma fratura que interrompe o contínuo da vida através de uma experiência sensorial que instaura o extraordinário e gera o descontínuo. A estesia é essa experiência vivida pelo sujeito que, por sua vez, funde-se ao objeto que a proporcionou. Nos

poemas de Barros, veremos de que como o enunciatário experiencia essa apreensão estésica, o modo como os planos de conteúdo e de expressão criam o sensível. Nesse sentido, ocorre também o acontecimento poético, pois além do caráter afetivo e sensível da experiência cotidiana, da estesia, o próprio poema se apresenta como um acontecimento que irrompe a cotidianidade, ele é o próprio evento extraordinário que inaugura a palavra poética;

II. Figurativização (BERTRAND, 2003): Em *Caminhos da semiótica literária*, Bertrand apresenta a figuratividade como um recurso discursivo que reveste os temas por meio de figuras, isto é, a figurativização é um investimento semântico que concretiza e dá sensorialidade e corporalidade aos temas. A figuratividade possui um efeito de profundidade que vai da iconicidade à abstração, trata-se de manifestações graduais que tornam a figuratividade mais ou menos intensa (BERTRAND, 2003, p. 208-210). Nessa lógica, analisaremos os diferentes efeitos gerados pela figuratividade nos textos de Barros, a fim de encontrar os seus graus e estabelecer relação entre as noções de iconicidade e abstração à imagem e conceito.

III. Semissimbolismo (FLOCH, 1985): Os sistemas semissimbólicos estabelecem relação entre duas categorias: uma no plano do conteúdo e outra no plano da expressão. Um exemplo disso seria o seguinte: em um determinado texto em que



encontramos a oposição semântica vida vs. morte, o semissimbolismo estaria na articulação dessa categoria do plano de conteúdo em relação a outra do plano de expressão, que poderia ser descontinuidade vs. continuidade, de modo que vida se homologaria ao descontínuo, por seu suposto caráter efêmero, e morte ao contínuo, por se referir a eternidade, por exemplo. Nessa perspectiva, analisaremos os sistemas semissimbólicos para encontrar tais homologações e os sentidos novos que produzem.

IV. Estilo e *ethos* (DISCINI, 2015): *Em Corpo e Estilo*, Norma Discini define estilo “como um modo de presença do sujeito” (2015, p. 87), são traços de identidade presentes no enunciado. Já a noção de *ethos* se relacionada ao conjunto de traços de identidade que formam um perfil desse sujeito discursivo (DISCINI, 2015, p. 87). Dessa forma, partiremos da perspectiva diacrônica para levantar a recorrência dos traços de identidade do sujeito poético a fim de definir o estilo e o *ethos* barrianos.

Também realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a fortuna crítica acerca da obra de Barros, a fim de enriquecer e garantir a pertinência do nosso trabalho. Selecionamos aquelas associadas à nossa temática. Vale citar algumas delas: a tese de Anailton de Souza Gama, intitulada *Itinerários semióticos em “Caramujo-flor”, curta-metragem de Joel Pizzini, sobre a poesia de Manoel de Barros* (2016); a tese de Suzel Domini dos Santos, nomeada *Poesia e pensamento em Manoel de Barros*; e

o livro *Encontros / Manoel de Barros* (2010), organizado por Adalberto Müller.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Para esta análise, selecionamos o poema “XXIV”, que abrange a seção inicial do livro *Concerto a céu aberto para solos de ave*, décima produção do poeta pantaneiro Manoel de Barros, publicada, primeiramente, em 1991. O texto integra o segundo subtítulo da primeira parte do livro, nomeado “Caderno de apontamentos”, e ocupa a vigésima quarta posição, conforme indica o título. Tal seção apresenta cinquenta poemas com enumeração romana. Vamos ao texto:

XXIV

Ouço uma frase de aranquã: ên-ên? Ço-hô!

Ahê han? hum?...

Não tive preparatório em linguagem de aranquã.

Caligrafei seu nome assim  .

Mas pode

uma palavra chegar à perfeição de se tornar um pássaro?

Antigamente podia.

As letras aceitavam pássaros.

As árvores serviam de alfabeto para os Gregos.

A letra mais bonita era a  (palmeira).

Garatujei meus pássaros até a última natureza.

Notei que descobrir novos lados de uma palavra era o mesmo que descobrir novos lados do Ser.



As paisagens comiam no meu olho.

Pode-se observar que o poema “XXIV” está marcado pela **linguagem metapoética** conforme revelam os seguintes versos: “Caligrafei seu nome assim  Mas pode / uma palavra chegar à perfeição de se tornar um/pássaro?”; O sujeito poético parte de uma experiência sensível, marcada pelo canto da ave que invade sua percepção sensível: “Ouço uma frase de aranquã: **ên ên? ço-hô! Ahê han? hum?**”. Há uma comparação entre a linguagem verbal e a linguagem animal, estabelecendo relações entre natureza e cultura.

É importante lembrar que entre os animais ocorre uma comunicação comportamental, puramente sensorial, e não uma linguagem articulada (LOPES, 1976, p. 38). Nesse sentido, a “linguagem” de aranquã comunica, por meio da assonância, o sensível, o que é da ordem da natureza. E revela o deslumbramento do sujeito, associado à estesia.

A seguir o sujeito poético apresenta seus pontos de vista a respeito do que considera ser as “palavras que chegam à perfeição”: “Letras que aceitam pássaros”; “Árvores que servem de alfabeto”. As palavras perfeitas, para ele, são aquelas em que as letras são substituídas por ícones onde se estabelece a relação de semelhança entre o significante visual e o significado. Dessa forma, o sujeito poético explora a iconicidade dos signos, embora em muitos versos se observe a redundância de fonemas vocálicos e consonantais, por meio de

aliterações e assonâncias que criam o ritmo do poema.

No verso: “**As paisagens comiam no meu olho**”, o uso da personificação intensifica o sentido do lexema paisagem e alarga seu alcance semântico (FIORIN, 2015, p. 51). À ação de comer, em que a sensação gustativa é atribuída a paisagens, sinesteticamente se soma o olhar, sensação visual reforçando sua ação estética sobre o sujeito. A ação de comer, no sentido figurado, pode ser entendida como: **experimentar**, ou **provar** algo. Mas também remete à sensação gustativa (paladar) que, associada à sensação visual (visão), instaura a sinestesia – a mistura de percepções sensoriais (FIORIN, 2015).

Em um plano de leitura “comer”, no sentido denotativo de ingerir, consumir algo, configura a fusão do sujeito com o objeto. Já “comer”, no plano de leitura metapoética, se associaria ao experimentar as palavras, suas combinações e sentidos. Desse modo, alude ao deslumbramento do fazer poético. Instaura-se assim a ruptura de isotopia que é uma fratura, e o sujeito poético eleva a palavra para além do convencionalismo verbal; eleva-a ao campo da ressignificação, bem como mostra a ruptura de isotopia e faz do poema, esse espaço de um novo olhar, onde se dá a fusão entre sujeito (meu olho) e objeto, a paisagem como metáfora da palavra poética. (GREIMAS, 2002).

O percurso do sujeito poético

O sujeito poético simula ser incompetente para compreender a



linguagem de aranquã (“Não tive preparatório em linguagem de/ aranquã”), mas revela que, através da própria experiência sensível, rompe com o convencionalismo da linguagem humana, em função utilitária: seu fazer poético busca uma profunda relação com elementos do mundo natural: “**Caligrafei** seu nome assim”; “**Garatujei** meus pássaros até a última natureza”.

No entanto, a palavra, é seu material, é seu objeto  modal, é o meio pelo qual alcança **a palavra poética**. De acordo com Greimas (2002), a comunicação estética se realiza no plano visual: é toda a paisagem, metonímia do universo natural, que o sujeito poético procura traduzir mimeticamente sem seu poema: “As paisagens comiam no meu olho”.

Ao garatujar a palavra pássaro até sua última natureza, o sujeito poético reitera a reflexão acerca do signo poético que, para atingir sua essência, de seu ponto de vista, deve guardar relação icônica com os elementos do mundo natural (“Notei que descobrir novos lados de uma/ palavra era o mesmo que descobrir novos lados/ do Ser”). O ato de **garatujar** significa fazer garatuja, ou seja, fazer desenhos ilegíveis ou rudimentares.

O percurso temático-figurativo da valorização dos elementos da natureza (pássaro, palmeira) configura uma intensificação do sensível que torna eufóricos os elementos da natureza em oposição aos elementos da cultura (linguagem,

letra, palavra). Nesse sentido, o sujeito poético se vale das garatuja, levando as palavras até sua origem, onde os signos tinham uma compatibilidade direta com o que eles representavam, onde não havia o código alfabético, mas um código visual. Vejamos:

Nos versos: “*Caligrafei seu nome assim* ”; e

“*A letra mais bonita era a*  *(palmeira)*”.

As imagens icônicas do pássaro e da palmeira configuram o grau extremo da figurativização, pois se aproximam da concretização e instauram a noção da motivação da letra. É importante lembrar que a imagem visual da palmeira, inscrita no verso acima, corresponde à letra tau do alfabeto grego, configurando a compatibilidade entre significante visual e significado.

Através da letra tau - letra desenhada que remete em seu plano de expressão visual à forma da árvore palmeira, revela a profunda referência com a natureza primordial. Isto é, “descobrir novos lados do ser” seria descobrir que no poema a palavra poética é motivada, onde se revela a natureza do ser e das coisas:

Significante visual **Significante verbal**



-pássaro



-palmeira

Assim, o sujeito poético, como na linguagem arcaica, vale-se da iconicidade que se estabelece entre o significante visual e o significado.

Esse novo olhar rompe com a linguagem convencional e constrói no enunciado a magia poética que transforma o cotidiano por meio da palavra motivada, a palavra como acontecimento estético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise do poema “XXIV” privilegiou o modo como o enunciador elaborou a construção do sensível. Observamos que os significantes visuais configuram um alto grau de figurativização por apresentarem uma perfeita compatibilidade com o universo natural, revelando a motivação do signo poético.

Também foi possível reconhecer o acontecimento estético construído pelo sujeito poético no texto, visto que sua composição marca a ruptura em relação à linguagem convencional. No poema há um fazer criador que pelo olhar do poeta inaugura o universo natural primeiro pela expressão, pelo sensível, e instaura, através da apreensão estésica uma fusão entre sujeito e objeto.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Atica, 1990.
- _____. “De la perfection: duas reflexões”. In: Landowski, E; Dorra, R; Oliveira, A.C. (eds.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC/Puebla: UAP, 1999.
- _____. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. – 3. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH USP, 2001.
- BACHELARD, G. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.esia. São Paulo: Cia da Letras. 2000.
- BARROS, M. *Biblioteca Manoel de Barros* [coleção]. São Paulo: Leya, 2013.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1991.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru-SP: Edusc, 2003.
- BOSI, A. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPOS, M.G.A. *Manoel De Barros: o demiurgo das terras encharcadas*. - Educação pela vivência do chão -. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- DISCINI, N. Éthos e estilo. In: GEBARA, A.E., GUIMARÃES, T. F. (Orgs.) *Estilo, éthos e enunciação*. Franca, SP: Unifran, 2016. Série Foco. Disponível em: https://www.unifran.edu.br/wpcontent/uploads/2016/12/Diagramacao_LIVrO_versao_final.pdf Acesso em: 13/04/2019.
- _____. *O estilo e o ator da enunciação*: Greimas na contemporaneidade. *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1, p. 117-132, 14 mar. 2019
- FIORIN, J. L. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. *Delta*. Vol. 15, n.1. São Paulo, fev/julho de 1999.
- _____. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, D.L.P. de, e FIORIN, J.L. (orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. 15ed. São Paulo: Contexto, 2011.

- _____. (Org). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. *Três questões sobre a relação entre expressão e conteúdo*. Itinerários (Araraquara), n. 20, p. 77-89, 2003. Disponível em: [91http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2673/2379](http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2673/2379). Acesso em: 16 de novembro de 2015.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GAMA, A. S. *Itinerários semióticos em “Caramujo-flor”, curta-metragem de Joel Pizzini, sobre a poesia de Manoel de Barros*. 2016. 248 f. Tese (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1985.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- _____. (Org.). *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- HÉNAULT, A. *História concisa da semiótica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- JAKOBSON, R. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- LOPES, E. *Fundamentos de linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LOPES, I. C.; Org. ALMEIDA, D. C. de. (Orgs). “Duas versões da noite em Carlito Azevedo”. In: *Semiótica da poesia: exercícios práticos*. - São Paulo: Annablume, 2011.
- PAZ, O. *El arco y la lira*. 3ed. México: FCE, 1972.
- SANTOS, S. D. *Poesia e pensamento em Manoel de Barros*. 2017. 197 f. Tese (Letras) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de Semiótica Tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- _____. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- _____. *Ensaio sobre semiótica tensiva*. Lima: Universidad de Lima/Fondo de Cultura Económica, 1994.



SILÊNCIO NO TRIBUNAL: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS PROCESSOS JUDICIAIS

Juliana da Silva Faria Ramos BORGES (UNIFRAN)¹
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)

RESUMO

Nossa pesquisa visa analisar as violências sofridas por mulheres dentro dos tribunais e no âmbito jurídico, visando examinar os discursos jurídicos produzidos em torno da mulher enquanto “sujeito de direitos”, bem como “sujeito advogada”, “sujeito testemunha” e sujeito autora e réu”. Nosso objetivo é compreender como, historicamente, o papel da mulher na sociedade vai se construindo, com base na legislação e atuações de diferentes formas dentro dos tribunais brasileiros e de outros cenários que envolvem a construção da justiça, da legislação e o exercício destes direitos. Analisaremos os vestígios deixados nos discursos produzidos nestes locais jurídicos, discurso este que traz traços de “sexista”, uma vez que o “direito sexista” se torna evidente nas formações discursivas e seus enunciados produzidos nestes cenários jurídicos.

PALAVRAS-CHAVE discurso jurídico; interdito; violência de gênero; tribunais; âmbito jurídico.

ABSTRACT

Our research aims to analyze the violence suffered by women within the courts and in the legal sphere, in order to examine the legal discourses produced around women as a “subject of rights”, as well as “lawyer subject”, “witness subject” and plaintiff and defendant subject”. Our objective is to understand how, historically, the role of women in society has been built, based on legislation and actions in different ways within Brazilian courts and other scenarios that involve the construction of justice, legislation and the exercise of these rights. We will analyze the traces left in the speeches produced in these legal places, a speech that brings traces of “sexist”, since the “sexist law” becomes evident in the discursive formations and their statements produced in these legal scenarios.

KEYWORDS legal discourse; prohibited; gender violence; courts; legal framework.

Introdução

O sujeito “mulher” estabelece com o Direito uma relação conhecida como violência de gênero, que se mantém em uma memória discursiva já dada historicamente, e nossa pesquisa tem como objetivo a busca por vestígios desta prática de nos discursos produzidos dentro de tribunais e em outros âmbitos jurídicos, como a entidade OAB no Brasil.

¹ Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP)



As lutas por direitos do sujeito mulher se (re) atualizam por meio dos movimentos de resistência que buscam mais direitos para esse sujeito “mulher”, que, em confronto com as relações de poderes já dadas no discurso do Direito, se inscreve em uma relação discursiva de opressão.

O *corpus* está sendo construído a partir de recortes extraídos de audiências judiciais e de outros locais, como a OAB, onde circularam ofensas de presidentes contra advogadas em mídias nacionais. Para este exercício de análise, foram recortados, da audiência do caso Mariana Ferrer, dizeres ofensivos e machistas, ocorridos na audiência de instrução e julgamento datada de 20 e 27 de julho de 2020.

Surge, neste momento, um “tipo penal” ainda não conhecido: o ‘estupro culposo’. O juiz Rudson Marcos, na ação penal n. 0004733-33.2019.8.24.0023, é o responsável por conduzir a audiência que foi marcada por desrespeito e coação da vítima, uma mulher de 23 anos que teve sua virgindade tirada enquanto se encontrava dopada.

O processo é marcado por troca de delegados e promotores, sumiço de imagens e mudança de versão do réu acusado de estupro e, em tempos de pandemia, as audiências passaram a ser *on line* e gravadas, o que possibilitou que as imagens fossem captadas após o término da audiência, visto que o material foi disponibilizado, primeiramente, como vazamento de dados, pelo portal The

Intercept Brasil, e de onde coletamos o vídeo que ilustrará esta análise.

Nas imagens, Mariana aparece sendo humilhada pelo advogado de defesa, Aranha, e a partir de recortes desse material, construímos um *corpus* que nos serve como ponto de partida para levantar questões que nos motivam à análise piloto que será apresentada.

Tomamos por objeto o discurso machista produzido nestes locais jurídicos, em face a uma cultura do estupro que sempre acusa o sujeito “mulher” de ter contribuído para ser estuprada ou mesmo ter responsabilidade sobre o crime consumado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico inicial para nosso trabalho, será embasado nos estudos praticados no campo da Análise do Discurso de linha francesa, que, segundo Guerra (2009, p.5), surgem na década de 60, em um cenário intelectual francês, como reação a duas fortes tendências em destaque no campo da linguagem, a saber: (i) o estruturalismo e (ii) a gramática gerativa transformacional.

Para a autora, nasce o estruturalismo linguístico e, como ciência-piloto, a Linguística, que no campo das ciências humanas tem condições de fornecer aos apaixonados do novo paradigma as ferramentas essenciais para análise da língua.

No ano de 1969, marco inaugural do surgimento da AD, Michel Pêcheux escreve a obra Análise Automática do Discurso (AAD) e



lança a revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, buscando o “sujeito” até então descartado, o qual é encontrado na psicanálise, afetado pela ferida narcísica, distante do sujeito consciente, que se pensa livre e dono de si.

Guerra (2009), fala de um sujeito “desejante”, sujeito do inconsciente, interpelado pela ideologia, materializado e constituído pela linguagem que, através da AD, passa a ter um estruturalismo reinante, que sufocava o surgimento do sujeito.

A análise piloto do *corpus* recortado será embasada nas obras de Michel Foucault, o qual publicou “Doença Mental e Psicologia” (1954), mas foi com “História da Loucura” (1961), sua tese de doutorado na Sorbonne, que ele se firmou como filósofo, mas se considerava um “arqueólogo”, dedicado à reconstituição de uma cultura arqueológica do silêncio imposto ao louco, da visão médica (“O Nascimento da Clínica”, 1963), das ciências humanas (“As Palavras e as Coisas”, 1966), do saber em geral (“A Arqueologia do Saber”, 1969).

Em 1965, o autor esteve no Brasil, a convite de Gerard Lebrun, seu aluno na rue d’Ulm em 1954, sendo que, em 1975, Foucault assume a cadeira de Jean Hyppolite na disciplina História dos Sistemas de Pensamento, tendo como aula inaugural seu livro “a Ordem do discurso”, fazendo várias amizades e participando de várias conferências sobre “A Verdade e as Formas Jurídicas”, na PUC do Rio de Janeiro.

Na obra “Vigiar e Punir”, Foucault analisou os processos disciplinares empregados nas prisões, considerando-os exemplos da imposição, às pessoas, e padrões normalizadores de conduta estabelecida pelas ciências sociais. Com este trabalho, explicitou-se a noção de que as formas de pensamento são também relações de poder, que implicam a coerção e imposição do sujeito, que luta contra a dominação representada por certos padrões de pensamento e comportamento sendo, no entanto, impossível escapar completamente a todas e quaisquer relações de poder, criticando a psiquiatria e a psicanálise tradicionais, em seus escritos sobre a medicina.

A obra “História da Sexualidade”, o Foucault mostra como a sociedade ocidental faz do sexo um instrumento de poder, não por meio da repressão, mas da expressão, o primeiro dos seis volumes anunciados foi publicado em 1976 sob o título “A Vontade de Saber”, e em 1984, pouco antes de morrer, publicou outros dois volumes: “O Uso dos Prazeres”, que analisa a sexualidade na Grécia Antiga e “O Cuidado de Si”, que trata da Roma Antiga, os quais serão utilizados em nossa pesquisa.²

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada de forma qualitativa, a partir de uma abordagem de pesquisa que estuda aspectos

² “Michel Foucault” em *Só História*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2021. Consultado em 29/08/2021 às 13:08. Disponível na Internet em: <<http://www.sohistoria.com.br/biografias/foucault/>>.



subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura.

Uma pesquisa qualitativa aborda temas que não podem ser quantificados em equações e estatísticas. Ao contrário, estudam-se os símbolos, as crenças, os valores e as relações humanas de determinado grupo social.

A abordagem qualitativa exige um estudo amplo do objeto de pesquisa, considerando o contexto em que ele está inserido e as características da sociedade a que pertence.

Devido ao caráter subjetivo de uma pesquisa qualitativa, não será necessário realizar um trabalho de campo, devido todo material de análise estar disponível na *internet*, possibilitando ao analista se inserir e analisar através da AD o local onde ocorre o fenômeno social do objeto de estudo.

Abordaremos, em nossas análises, os estudos da Análise do Discurso de linha francesa, balizando conceitos das obras de Michel Foucault, que trarão à pesquisa a possibilidade de analisar em que condições de emergência os discursos jurídicos são produzidos em face do “sujeito de direitos”, bem como do “sujeito advogada”, do “sujeito testemunha” e do “sujeito autora e réu”.

UMA ANÁLISE DO CASO MARIANA FERRER: contraposição de um enunciado atualizado pela/na legitimação e exclusão.

O caso Mariana Ferrer traz um enunciado atualizado por meio de uma instância jurídica que acaba por colocar as mulheres no “banco dos réus” em casos de violência de estupro. Em setembro de 2018, a hashtag #justiçapormariferrer alcançou os *trend topics* do Twitter. Chegava ao fim o julgamento do empresário André de Camargo Aranha, acusado de estuprar a jovem promotora de eventos catarinense Mariana Ferrer, de 23 anos, durante uma festa.

O réu foi absolvido do crime imputado na denúncia do MP, pelo promotor Alexandre Piazza, de estupro de vulnerável, considerado, posteriormente, inocente na sentença proferida nos autos e, segundo o promotor Thiago Carriço de Oliveira, promotor que assume a audiência de instrução e as alegações finais do processo, que estava como defensor da vítima estuprada, não havia como o réu André de Camargo Aranha saber, durante o ato sexual, saber que a jovem não estava em condições de consentir a relação, não existindo, portanto, a intenção de estuprar.

Com toda a repercussão do caso na *internet*, redes sociais e televisivas, surge neste momento a discussão sobre o surgimento de um novo tipo penal não previsto no direito criminal: o “estupro culposo”. O termo “estupro culposo” embora não apareça nas alegações finais do MP, é posto em



circulação pela mídia que divulga o caso a população em geral.

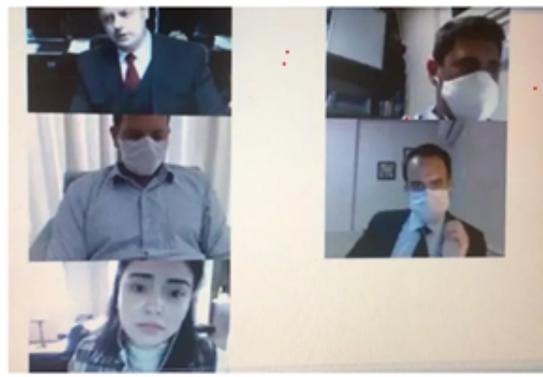
O juiz Rudson Marcos, na ação penal n. 0004733-33.2019.8.24.0023, é o responsável por conduzir a audiência, marcada por desrespeito e coação da vítima, uma mulher de 23 anos que teve sua virgindade tirada enquanto se encontrava supostamente dopada.

O processo é marcado por troca de delegados e promotores, sumiço de imagens e mudança de versão do réu acusado de estupro e, em tempos de pandemia, as audiências passaram a ser *on line* e gravadas.³

As imagens da audiência mostram Mariana sendo humilhada pelo advogado de defesa, Aranha, nas audiências de instrução e julgamento que ocorreram nos dias 20 e 27 de julho de 2020.

O segundo dia de audiência teve a duração de 3 horas e 11 segundos, dos quais 45 minutos se destinaram à oitiva da vítima, que foi desrespeitada e coagida em uma sala virtual, composta por um promotor, um juiz, um advogado de defesa e um advogado da defensoria pública, todos homens: apenas a vítima era uma mulher, o que já nos aponta indícios de uma estrutura jurídica coercitiva, considerando que não havia sequer uma figura de representatividade de gênero que compusesse a configuração do ritual da ação penal.

³ Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>>. Acesso em: 19 ago. 2021.



4

Para a AD, os sentidos passam a ser vistos como dependentes da enunciação, em que o sujeito é atravessado pela memória do “já-dito”, transformando-se em sujeito-outro devido às relações estabelecidas entre si mesmo, a língua e a história.

Butler (2003) traz em seu livro, *Problemas de Gêneros*, que a construção do sujeito está vinculada a uma formação que precede a construção do sujeito, vinculada à legitimação e exclusão, reforçada através de uma relação de poder, o direito como “controle social”.

Para Foucault (1999), a exclusão é um interdito, pressupondo quem é o órgão controlador, o qual controla o discurso jurídico, operado pelos atos de interdição, dando a quem profere o discurso jurídico propriedade de dizer, de proferir o discurso.

No site <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>, da agência de notícias The Intercept Brasil, foi publicado um vídeo editado que oferece o que se chama de

⁴ Disponível em: <<https://ndmais.com.br/seguranca/policia/exclusivo-os-detalhes-do-processo-que-absolveu-acusado-de-estuprar-mariana-ferrer/>>. Acesso em: 12 set. 2021



resumo sobre as facetas da audiência, do qual coletamos duas sequências discursivas para nossas análises:

SD1: O advogado de defesa, Gastão, diz: Essa foto foi manipulada, **muito bonita por sinal. Graças a Deus eu não tenho uma filha do teu nível e também peço a Deus que meu filho não encontre uma mulher que nem você.**

SD2: O promotor do caso diz: Não havia como o empresário saber, durante o ato sexual, que a jovem não estava em condições de consentir a relação, não existindo a intenção de estuprar.

A partir de recortes desse material, construímos um *corpus* que nos serve como ponto de partida para levantar questões que nos motivam nas SD1 e SD2, quando tomamos por objeto o discurso machista produzido em face à cultura do estupro, estruturada de maneira que recaia sempre uma acusação sobre o sujeito mulher, compreendida como gatilho para a consumação do estupro ou mesmo responsabilidade sobre o crime consumado.

Butler (2003) afirma que a construção do sujeito procede vinculada ao objetivo de legitimar e ao objetivo de excluir esse sujeito mulher que se encontra em um espaço do tribunal como sujeito “autora/vítima”.

Percebemos que o discurso produzido pelo advogado de defesa é atravessado pela legitimação/exclusão daquele “sujeito autora/vítima” que já está dado por uma memória discursiva, cristalizada

historicamente, que inscreve um tipo de mulher que *pode e/ou deve* ser estuprada, recuperando sentidos pré-existentes de que uma “mulher” que posta fotos sensuais nas redes sociais e/ou mostra o corpo *pode e/ou deve* ser estuprada, a partir de um imaginário social que cola rótulos de “recatada” X “oferecida” sobre a mulher, deslocando e desqualificando o acontecimento criminal.

Ao analisarmos a SD1, primeiro recorte da fala do advogado de defesa, Gastão, durante a audiência de instrução e julgamento, o qual indaga a vítima sobre a manipulação da foto abaixo:



Podemos verificar que o advogado de defesa questiona a vítima quanto a veracidade x manipulação da foto que o mesmo apresenta para câmera, aos demais presentes na audiência. A foto tem conotação sensual da vítima e foi postada, segundo a defesa, nas redes sociais pela própria.

Ao ser indagada a vítima, no momento da audiência por essa fala: “Essa foto foi manipulada, **muito bonita por sinal. Graças a Deus eu não tenho uma filha do teu nível**

⁵ Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>>. Acesso em: 12 set. 2021.



e também peço a Deus que meu filho não encontre uma mulher que nem você., o advogado de defesa mostra a coação como forma de diminuição e de desestabilização, através da humilhação, enquanto esse sujeito “mulher” é atualizado na desvalorização pelo seu modo de ser e vestir, deixando a vítima nervosa e com sua desestabilização favorece a defesa frente a um corpo jurídico de “homens” ali presentes.

Foucault (1999) vê o enunciado como uma materialidade igualmente constituída pelo interdito nas formações discursivas já existentes e, por outro, que essa estrutura não se dá na estabilidade da veiculação de valores ideológicos, mas, principalmente, na instabilidade produzida pela tensão, pelo conflito, pelo contínuo atravessamento de/entre esses valores já dados em uma formação discursiva que apenas está sendo reproduzida e atualizada no discurso da cultura do estupro.

Percebemos que a audiência corre no sentido de demonstrar que o réu é inocente e não estuprou a vítima, buscando nas falas ali produzidas, apenas demonstrar que o “sujeito-autora” foi responsável pelo réu praticar a conduta e que não poderá afirmar se houve ou não o “estupro”.

Percebemos que o discurso produzido pelo advogado de defesa é atravessado por um discurso já dado na história, de que uma “mulher que nem você” pode e deve ser estuprada, gerando sentidos estes já pré-existentes de que uma “mulher” que posta fotos sensuais pode e deve ser estuprada.

Todavia, trata-se, então, do ponto de vista da AD pensar, por um lado, o discurso como uma materialidade igualmente constituída por uma estrutura e por um acontecimento e, por outro, que essa estrutura se dá sempre não na estabilidade da veiculação de valores ideológicos, mas, principalmente, na instabilidade produzida pela tensão, pelo conflito, pelo contínuo atravessamento de/entre esses valores já dados em uma memória atualizada que apenas está sendo reproduzida no discurso da cultura do estupro da mulher “fácil”, “dada”, que se “mostra” com intuito de obter vantagem financeira.

No próximo recorte, SD2, a fala foi produzida pelo promotor de justiça: “O promotor do caso diz: **“Não havia como o empresário saber, durante o ato sexual, que a jovem não estava em condições de consentir a relação, não existindo a intenção de estupro.”** Esse discurso foi produzido nas alegações finais apresentadas no processo pelo MP, que deveria defender a vítima do estupro e inverteu seu papel pedindo ao juiz do caso que absolvesse o réu.

O MP na ação penal tem sempre o papel de acusação e defesa da vítima, atua como o advogado da vítima, praticando a defesa e sempre pedindo a condenação do réu/acusado, sendo que o advogado contratado pela vítima terá o papel de assistente da acusação, a acusação será sempre manejada pelo MP.

O réu/acusado foi denunciado, pelo MP, no artigo 217-A, parágrafo 1º, da lei 12.015/2008, estupro de



vulnerável, que se aplica a crimes praticados contra pessoas que não possuam discernimento para a prática do ato, devido a enfermidade ou deficiência mental, ou que por algum motivo não possam se defender, que se aplicou ao caso concreto devido a vítima afirmar que estava dopada no momento em que o réu/acusado praticou sexo com a mesma, não tendo condições de dizer que não queria.⁶

Na fala do MP, em suas alegações finais para posterior prolação de sentença pelo juiz da causa, o mesmo já se coloca em uma posição de justificativa, do porque não poderá manter o pedido realizado na denúncia pelo promotor anterior que deixa o caso, afirmando que o réu não saberia distinguir uma “mulher” em suas faculdades mentais perfeitas ou se esse “sujeito mulher” poderia estar dopada, prevalecendo-se de um “não saber” que, ao mesmo tempo em que não condena, inocenta o homem/macho/viril de um crime tipificado como “estupro de vulnerável” deslocando o “sujeito réu/acusado” para um lugar de ingenuidade.

A memória é atualizada, na fala do MP, através de uma “condição natural” dada pela defesa, que defende o “sujeito viril” o qual é transportado para a condição de satisfação do desejo instintivo/animal/selvagem/carnal, isento historicamente de culpabilidade pelo ato de “fazer sexo/estupro” com um “sujeito mulher” que supostamente estaria dopada ou não.

Na SD2, a explicação “**não existindo a intenção de estuprar**” produzida pelo MP para justificar o pedido de absolvição do réu, gerou muitas polêmicas na mídia em geral,

6 Disponível em: < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/103275/codigo-penal-decreto-lei-2848-40#>>. Acesso em: 12 set. 2021.

que passou a circular após a prolação da sentença que absolveu o réu, de que um novo “tipo penal”⁷ que havia sido criado na legislação criminal o “estupro culposo”⁸ que significa que não houve por parte do réu a intenção de praticar o sexo sem consentimento desse “sujeito-mulher-vítima”.⁹

O discurso produzido em defesa do réu/acusado defende que não foi intencional “fazer sexo sem consentimento”, ou seja, praticar o estupro. O MP reproduz um discurso do já dito que dá sentido ao não dito, utilizando-se da expressão “**não havia como o empresário saber, durante o ato sexual, que a jovem não estava em condições de consentir a relação**”, passando a percepção do réu/acusado que estupra sem intenção, que por sua vez não é crime.

A naturalização do estupro como ato instintivo, isento de culpabilidade para o sujeito viril, é preservada na fala do promotor - considerando que a atuação da figura do promotor no ritual jurídico é a acusação do réu/acusado em favor da defesa da vítima. Ocorre uma desfiguração do próprio ritual jurídico quando o “sujeito promotor” orienta sua fala de modo a tornar ré aquela que, dentro da instauração do processo penal, se inscreve como vítima.

7 Disponível em: https://multimedia.gazetadopovo.com.br/media/docs/1607734630_tutela-deferida.pdf?1607040000>. Acesso em: 12 set.2021.

8 Disponível em:< <https://www.migalhas.com.br/depeso/336618/caso-mariana-ferrer---o-estupro-culposo-e-a-ignorancia-deliberada>> Acesso em: 12 set.2021.

9 Após todo o reboliço na web, o site The Intercept Brasil assumiu publicamente a criação do termo “estupro culposo”, segundo consta em nota publicada no site em 3/11/20, para “resumir o caso e explicá-lo para o público leigo”, afirmando ainda que tal prática é usual no jornalismo.



Não é incomum que a reputação de mulheres seja usada em julgamentos para defender réus homens ou justificar seus comportamentos, por meio de dizeres (re) atualizados que retomam efeitos de sentido incrustados em uma memória discursiva machista/misógina, como linha de argumentação de defesa ou absolvição de réus/acusados, homens acusados de crimes graves contra mulheres, como homicídio e tentativa de homicídio, em histórias que voltam a chamar a atenção do público diante da comoção provocada pelo caso Mariana Ferrer.

O acontecimento discursivo novamente reverbera um “sujeito mulher” sem direito a voz, sem direito a ser vítima, realocada em um lugar de culpabilização, na condição de ré e não vítima, (re) atualizando uma prática discursiva que deposita no “sujeito mulher”, toda a responsabilidade pela violação do corpo, um corpo que, por ser mulher, ainda é tomado como objeto de satisfação da virilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima (2021) afirma que o julgamento do caso Mariana Ferrer recupera e ressignifica discursos e práticas de violência contra as mulheres, produzidos ao longo da história e cujos efeitos ainda se fazem presentes, marcando a produção de subjetividades contemporâneas.

Tais reflexões, em pleno século XXI, nos fazem observar muitas mulheres que ainda clamam por lugares de existência e resistência frente aos

poderes que normatizam discursos e práticas conservadoras.

A autora aborda não apenas a luta e a resistência da mulher por justiça, mas chama atenção também para questões políticas e jurídicas, trazendo à baila as pautas feministas, de gênero, de sexualidade etc., ligando a resistência deste sujeito mulher à evolução de uma questão de gênero que perdura em uma sociedade que, além de patriarcal, é machista.

No que diz respeito ao lugar do homem frente ao da mulher, nossa análise-piloto pode mostrar a repressão e tomada de lugar da mulher em lugares jurídicos, que deveriam protegê-la. No que diz respeito ao lugar do homem em relação ao da mulher, e que se marca, ainda atualmente, até mesmo no âmbito da justiça, segundo a autora, o bojo das relações de poder que perpassam as relações sociais nada mais é de que um lugar de excludentes que subalternizam esse sujeito ‘mulher’.

Dessa forma, cabe ressaltar que, se entre o poder e a resistência há espaço de luta e de ação, espaços de liberdade e contra conduta, acreditamos que a proposta de relação entre poder-saber expressa pelas teorias foucaultianas, aqui rapidamente discutidas, constitui um exercício de crítica aos discursos e práticas autoritárias e que, acima de tudo, colocam-se em prol de modos de afirmação do combate à desigualdade de gêneros e estereotipação de sujeitos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Disponível em: < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/103275/codigo-penal-decreto-lei-2848-40#>>. Acesso em: 12 set. 2021.

Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/336618/caso-mariana-ferrer---o-estupro-culposo-e-a-ignorancia-deliberada>>. Acesso em: 12 set. 2021.

Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Documents/doutorado%20documentos/senten%C3%A7a%20Mariana%20Ferrer/tutela%20deferida%20a%C3%A7%C3%A3o%20MP%20x%20imprensa.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2021.

Disponível em: <https://multimedia.gazetadopovo.com.br/media/docs/1607734630_tutela-deferida.pdf?1607040000>. Acesso em: 12 set. 2021.

Disponível em: < <https://ndmais.com.br/seguranca/policia/exclusivo-os-detalhes-do-processo-que-absolveu-acusado-de-estuprar-mariana-ferrer/>>. Acesso em: 12 set. 2021.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. *A Análise do Discurso de Linha Francesa e As Pesquisas nas Ciências Humanas*. An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009.

LIMA, E. S. de; SANTANA, W. K. F. de; MONTALVIÃO NETO, A. L.; SILVEIRA, E. L. A materialização do machismo no enunciado “Estupro culposo”. *Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 41- 57.

“Michel Foucault” em *Só História*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2021. Consultado em 29/08/2021 às 13:08. Disponível na Internet em: <http://www.sohistoria.com.br/biografias/foucault/>.

PEREIRA, Josana Maria Oliveira. *A Relativização do Estupro - Uma Análise Foucaultiana do Estupro nos Discursos Sociais*. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.



ESTUDO DO USO DA LINGUAGEM TÉCNICA NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS SEGUNDO A PERSPECTIVA BAKHTINIANA DOS GÊNEROS DE DISCURSO

Leandro Dias da Silva (UNIFRAN)
Assunção Cristovão (UNIFRAN)

RESUMO

Este trabalho visa analisar os enunciados utilizados no curso de graduação em Ciências Contábeis, estudando a característica polissêmica dos termos usados na perspectiva conceitual de gênero de discurso de Mikhail Bakhtin, abordando os conceitos de conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pretende-se nesse estudo demonstrar que a necessidade do uso da linguagem técnica padrão, valendo-se de termos com sentidos e significados específicos, diferentes do senso comum, interfere significativamente na compreensão por parte dos alunos dos conteúdos apresentados devido a falta de contextualização dos mesmos, ressaltando a importância do estágio supervisionado ou inserção do aluno nesse contexto através de experiências profissionais vividas durante sua formação, com o intuito de facilitar o seu aprendizado. Pretende-se no trabalho evidenciar, através de comparação, como os alunos que estão inseridos neste contexto tem mais facilidade no aprendizado em relação aos alunos que estão fora do mundo corporativo, onde se vive a contabilidade. A proposta é que o público se adeque ao discurso que ele escolheu para a sua vida acadêmica e profissional, onde fará uso de manuais de instrução, textos científicos jurídicos, administrativos e técnicos da própria área, dialogando de forma direta e de fundamental necessidade para o resultado acadêmico e de formação profissional esperado.

PALAVRAS-CHAVE gêneros de discurso; enunciados; contextualização; responsividade ética e estética; contabilidade.

INTRODUÇÃO

Se a linguagem se baseia na relação existente entre os usuários e o contexto de uso da língua, ou seja, se organizamos nosso discurso de acordo com os gêneros discursivos, fica aqui bem claro que a inserção dos alunos no mundo da contabilidade se torna mais fácil se ele estiver mais próximo do contexto do discurso através da vivência no dia a dia da profissão, partindo do conceito de que os sujeitos dos atos discursivos se influenciam de forma mútua, onde cada indivíduo como consciência é uma resposta ao meio em que ele está inserido socialmente, interagindo e sendo formado por esse mundo.

A responsividade ética e estética se constitui na forma como cada indivíduo se comporta em relação ao outro, então o papel do professor em relação ao aluno é formar um profissional que esteja apto a atuar no mercado, e o aluno, por sua vez, é saber ser aluno, no intuito da formação de sua consciência como profissional,



absorvendo conteúdos que o tornarão um profissional capacitado.

Em sua obra, Fiorin (2018, p. 21) destaca que para Bakhtin

[...] a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos.

Fiorin (2018, p. 23, 22) traz a definição de enunciado segundo os conceitos bakhtinianos como sendo “unidades reais de comunicação”, ou seja, o meio pelo qual se processa a relação dialógica entre os sujeitos que se comunicam, interagindo no presente como reflexo de suas experiências passadas e que irão influenciar suas experiências futuras em relações dialógicas, definindo dialogismo como “as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”.

Observa-se claramente que, para Bakhtin, a comunicação é baseada em enunciados que se utilizam de palavras que têm sentidos próprios, que levam em consideração o contexto no qual eles estão inseridos.

Segundo Fiorin (2018, p. 22):

Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por

isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras.

Aplicando esses conceitos nos discursos utilizados nas relações dialógicas do curso de Ciências Contábeis, observamos claramente como a teoria de Bakhtin é claramente identificada, fato que já era esperado, e que explica, de uma ótica diferente do habitual do curso, o motivo das dificuldades encontradas por parte dos alunos na iniciação das teorias gerais envolvendo a disciplina de contabilidade.

Segundo Ribeiro (2013, p. 1), “é comum encontrarmos, em toda profissão, um conjunto de palavras cujo significado seja específico para aquela área de trabalho”. Na contabilidade não é diferente; ela também possui vocabulário próprio e, em muitos casos, alguns termos e palavras ou expressões que também são usados em outros gêneros discursivos, contudo, nem sempre significam a mesma coisa.

Como exemplo, vamos citar as palavras que, conforme Ribeiro (2013, p. 1), são as que mais perturbam os estudantes contabilistas, principalmente os iniciantes: “débito e crédito”.

Conforme Ribeiro (2013, p. 2):

Débito, na nossa linguagem comum “situação negativa,



desfavorável”; ou “saldo negativo na conta bancária”; ou “estar em falta com alguém” etc. Na terminologia contábil, essa palavra pode ter esses mesmos significados ou até mesmo representar uma situação positiva. Crédito, no dia a dia, emprega-se para “situação positiva, favorável”; ou “saldo positivo na conta bancária”; ou “ter crédito no mercado” (“possibilidade de poder comprar a prazo”, “ter nome limpo na praça”) etc. Na terminologia contábil emprega-se da mesma forma, mas também pode corresponder a uma situação negativa.

Entendemos agora como não é fácil para quem está iniciando o estudo de contabilidade concordar que em determinado momento “débito” represente algo positivo, favorável, uma vez que, em seu cotidiano, essa palavra nunca assuma esse significado.

Para Ribeiro (2013, p. 2):

Portanto, para que se possa entender com facilidade não só o mecanismo do débito e do crédito, que representa a essência da contabilidade, mas também todo o processo contábil, é preciso ter noção de que algumas palavras ou expressões do cotidiano podem ter significados diferentes quando utilizados nesse estudo.

Além dessas duas expressões, temos inúmeras outras que podemos discutir sobre sua significação segundo os conceitos de contextualização e de gênero de discurso.

Segundo Fiorin (2018, p. 68-69), “Os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade”.

Ainda a respeito dos gêneros, explica Fiorin (2018, p. 69):

Eles estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação.

No curso de graduação em Ciências Contábeis não é diferente, os enunciados utilizados no seu gênero de discurso, na sua esfera de atividade, são produzidos e dialogam com o uso de palavras e expressões que tem sentidos próprios, e só conseguem atingir o seu objetivo final, que é a transmissão de conhecimento, no contexto em que estão inseridos, proporcionando o dialogismo necessário para que haja uma boa comunicação entre os indivíduos envolvidos nessa interação.

Como foi dito no início, se a linguagem se baseia na relação



existente entre os usuários e o contexto de uso da língua, ou seja, se organizamos nosso discurso de acordo com os gêneros discursivos, fica aqui bem claro que a inserção dos alunos no mundo da contabilidade se torna mais fácil se ele estiver mais próximo do contexto do discurso através da vivência no dia a dia da profissão, partindo do conceito de que os sujeitos dos atos discursivos se influenciam de forma mútua, sendo aqui cada indivíduo como consciência, uma resposta ao meio em que ele está inserido socialmente, interagindo e sendo formado por esse mundo. A responsividade ética e estética se constitui na forma como cada indivíduo se comporta em relação ao outro. Então, o papel do professor em relação ao aluno é formar um profissional que esteja apto a atuar no mercado, e o aluno por sua vez em saber ser aluno, no intuito da formação de sua consciência como profissional, absorvendo conteúdos que o tornarão um profissional capacitado.

Este trabalho visa analisar os enunciados utilizados na esfera acadêmica do curso de graduação em Ciências Contábeis, estudando a característica polissêmica de alguns termos, na perspectiva conceitual de gênero de discurso de Mikhail Bakhtin, abordando os conceitos de conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Pretende-se nesse estudo evidenciar que a necessidade do uso da linguagem técnica padrão no curso de bacharelado em Ciências Contábeis, interfere

significativamente na compreensão, por parte dos alunos, dos conteúdos apresentados devido à falta de contextualização, evidenciando, também, através de comparação, como os alunos que estão inseridos neste contexto tem mais facilidade no aprendizado em relação aos alunos que estão fora do mundo corporativo, onde se vive a contabilidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com a finalidade de desenvolver este trabalho, será necessária uma revisão bibliográfica da obra de Mikhail Bakhtin, em especial os livros que tratam dos conceitos de dialogismos, estilo, gêneros do discurso e ato responsável, assim como algumas das obras de Osni Moura Ribeiro que tratam dos conceitos de contabilidade que aqui irão dialogar com os conceitos de Bakhtin, a fim de fornecer o embasamento teórico para o trabalho.

Nos textos de contabilidade iremos encontrar termos e expressões que serão nosso objeto de estudo, que, dialogando com os conceitos de Bakhtin, irão dar corpo ao trabalho a fim de levantar a discussão do quanto é importante a contextualização por parte dos alunos do curso de graduação em relação ao gênero de discurso utilizado no curso de Ciências Contábeis, e conseqüentemente, na sua vida profissional, e que fazem parte da esfera de atividade em que eles estarão inseridos.

Partiremos do livro de Contabilidade Geral, em que o autor coloca suas considerações sobre o desafio da terminologia aplicada ao curso de



Ciências Contábeis, terminologias essas que iremos encontrar na leitura das obras de contabilidade aqui referenciadas, mostrando como os conceitos de Bakhtin, quando entendidos e aplicados, podem ajudar de forma substancial no estudo e compreensão da disciplina.

METODOLOGIA

Para alcançar o propósito a que se dispõe esse trabalho de cunho qualitativo, será feita uma amostragem de textos de livros que tratam de conteúdos relacionados aos apresentados no curso de graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Franca. Com a coleta do *corpus*, será feita uma análise desses textos a partir do conceito de gênero discursivo de Mikhail Bakhtin, considerando os conceitos de conteúdo temático, estilo e construção composicional, procurando trazer à luz as peculiaridades inerentes a esse gênero discursivo que divergem dos conceitos do cotidiano não acadêmico e não profissional dos alunos.

Para a realização da pesquisa quantitativa será proposto um questionário exclusivamente aos alunos do quinto e sétimo semestres do curso de graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Franca, do primeiro semestre de 2021, garantindo a liberdade de participação, integridade do participante e a preservação dos dados que possam identificá-los, garantindo, especialmente, a privacidade, sigilo e confidencialidade e o modo de efetivação. Os dados

personais coletados na aplicação do questionário, nome, série e idade, serão utilizados somente para controle de quais alunos já enviaram as respostas do questionário, não sendo utilizados para mais nenhuma finalidade. A população se restringe aos 64 alunos dos referidos semestres, sendo 36 alunos do 5º semestre e 28 alunos do 7º semestre. A escolha dos alunos que estão cursando o quinto e sétimo semestres do curso de Graduação em Ciências Contábeis para aplicação do questionário da pesquisa quantitativa se dá pelo fato de que esses alunos, provavelmente, já viveram situações que aqui queremos retratar, tendo alguns alunos já vivido a experiência de estar inseridos no mundo acadêmico no curso de graduação sem ter contato com o mundo profissional, ou estar no mundo acadêmico de graduação já tendo o contato com o mundo profissional, ou mesmo iniciado o curso de graduação se inserindo no mundo acadêmico sem o contato com o mundo profissional, mas ter se inserido no mercado de trabalho durante o curso, sendo assim, será possível testar a hipótese de que a contextualização proporcionada aos alunos, que estão inseridos no mercado de trabalho, influência de forma positiva ou não na melhora da compreensão dos conteúdos apresentados durante as aulas no curso de graduação em Ciências Contábeis. Inerentes ao processo de aplicação do questionário, podem ocorrer desconfortos advindos de lembranças desagradáveis ou qualquer alteração ao estado de



espírito do sujeito. Para minimizar os riscos, eles serão informados aos participantes antes que iniciem o processo de responder o questionário proposto, garantindo dessa forma aos participantes total liberdade de não participar da pesquisa caso se sintam desconfortáveis em realizá-la. Também haverá apoio de um profissional da saúde da área de psicologia caso haja necessidade.

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Nos enunciados, tanto nos textos quanto nas falas, produzidos para o curso de graduação em Ciências Contábeis temos, assim como nas outras esferas discursivas, características próprias que os diferem dos demais. O conteúdo temático, estilo e forma composicional são particulares desta esfera da atividade humana, mas foram formadas pela “extração” destas características em outros textos e falas de outras esferas de discurso, ou gêneros discursivos, que compactuam, dialogam e se fundem com ela, formando novas ideias que irão gerar novos discursos e seguir o fluxo natural da atividade humana que é a criação. O curso de graduação em Ciências Contábeis está no campo de conhecimento das ciências sociais aplicadas, ou seja, é um campo que acompanha a evolução da sociedade, ela se adapta as novas situações de acordo com as criações e a evolução da sociedade. Para Bakhtin a língua está em constante evolução, ela não pode ser entendida como um processo estático, ela é um fluxo de ideias formadas pelos diálogos resultantes

da evolução da sociedade. Quanto mais a humanidade evolui, mais gêneros discursivos surgem e mais complexos eles se tornam. Os enunciados proferidos dentro de cada esfera da atividade humana é melhor entendido e melhor produzido a medida em que os sujeitos discursivos vão se familiarizando com ele, através de uma participação ativa, dialogando com os enunciados de outros sujeitos e produzindo discursos que são influenciados e irão influenciar os demais sujeitos participantes daquela esfera.

Baseado nesses conceitos, tem esse trabalho o propósito de verificar a hipótese de que os alunos do curso de Graduação em Ciências Contábeis teriam maior facilidade em absorver os conteúdos ministrados em sala de aula na medida em que eles estiverem mais familiarizados com o tema, estilo e forma composicional dos enunciados desta esfera da atividade humana, e essa contextualização poderia se dar através de uma maior proximidade do sujeito com o meio profissional onde se vive a contabilidade, através de estágio supervisionado ou mesmo se inserindo no mercado de trabalho nos campos de atuação do profissional da área de ciências contábeis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de termos com sentidos e significados específicos, diferentes do senso comum, e a dificuldade do aluno na compreensão de uma linguagem mais formal inerente à profissão de contador, potencializa as dificuldades do seu aprendizado, ressaltando a importância do estágio



supervisionado, que atualmente não é obrigatório, ou inserção do aluno nesse contexto através de experiências profissionais vividas durante sua formação com o intuito de facilitar o seu aprendizado, situação altamente incentivada pelos docentes. A proposta é que o público se adeque ao discurso que escolheu para a sua vida acadêmica e profissional por intermediação dos docentes e auxiliado pela vivência profissional.

Podemos aqui afirmar que o curso de bacharelado em Ciências Contábeis está inserido na esfera da atividade educacional, assim como na esfera de negócios (business), fazendo uso de gêneros secundários como manuais de instrução, textos científicos jurídicos, administrativos e técnicos da própria área; portanto, a pesquisa está inserida nessas esferas de atividade ou gêneros discursivos, onde eles dialogam de forma direta e de fundamental necessidade para o resultado esperado.

A pesquisa quantitativa tem o intuito de identificar quantos ingressaram no curso por já estarem inseridos no mercado de trabalho em alguma área correlata ao contexto da esfera de negócios e como tal fato pode ter facilitado seus estudos, e quais não estavam e como eles entendem que a falta de contextualização pode ter dificultado seu aprendizado.

A partir desse material, será possível analisar como a contextualização ou a sua falta pode influenciar, ou não, no dinamismo do aprendizado dos alunos da graduação em Ciências Contábeis.

REFERÊNCIAS

- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª edição).
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo; Editora 34, 2019 (2ª edição).
- BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª edição).
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- RIBEIRO, Osni Moura. *Contabilidade geral fácil*. 9 ed.- São Paulo: Saraiva, 2013.
- RIBEIRO, Osni Moura. *Contabilidade de custos fácil*. 9 ed. - São Paulo: Saraiva 2013.
- RIBEIRO, Osni Moura. *Contabilidade Intermediária*. 4 ed. - São Paulo: Saraiva, 2013.
- RIBEIRO, Osni Moura. *Contabilidade de Custos*. 2 ed. - São Paulo: Saraiva, 2011.
- MIGLIORINI, Evandir. *Custos: análise e gestão*. 3 ed. - São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.
- PADOVESE, Clóvis Luis. BENEDICTO, Gideon Carvalho de. LEITE, Joubert da Silva Jerônimo. *Manual de contabilidade internacional: IFRS, US Gaap e Br Gaap: teoria e prática*. - 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.



ESTÁTUA DO SOLDADO CONSTITUCIONALISTA NA CIDADE DE FRANCA: SENTIDOS E MEMÓRIA

Lucinéia Pereira de PAULA (UNIFRAN)
Aline Fernandes de Azevedo BOCCHI (UNIFRAN)

RESUMO

A partir da memória que se estabeleceu ao longo do tempo, a pesquisa que se segue teve por objetivo discutir o que ficou denominado no campo historiográfico como Revolução Constitucionalista de 1932, e investigar os efeitos de sentido e de memórias de uma estátua no que tange à sua territorialidade, memória e espaço, sem esquecer que a identidade que é um movimento na história. A territorialidade, traz a ideia de controle: tentativa de influenciar e controlar as ações alheias através do reforço do controle sobre uma área e os objetos nela não só os objetos, mas também os sujeitos. O corpus escolhido foi a estátua em homenagem aos soldados francanos que participaram da Revolução Constitucionalista de 1932, instalada na praça Nove de Julho, na cidade de Franca-SP. O estudo foi desenvolvido da seguinte maneira: a princípio foram levantadas, a partir do método dedutivo-bibliográfico, as principais visões sobre o movimento, ou seja, a causa e seus desdobramentos através de vários autores que debateram o assunto. A pesquisa documental foi realizada em arquivos históricos e biblioteca da cidade de Franca, na busca de jornais que retrataram os acontecimentos da época da revolução. Também foram utilizados os procedimentos teórico metodológicos da Análise de Discurso (AD), com o apoio bibliográfico dos autores Eni Orlandi e Michel Pêcheux.

PALAVRAS-CHAVE Estátua, Revolução Constitucionalista, Análise de Discurso; Memórias.

ABSTRACT

Based on the memory that was established over time, the research that follows aimed to discuss what was called in the historiographical field as the Constitutionalist Revolution of 1932, and to investigate the effects of meaning and memories of a statue with regard to its territoriality, memory and space, without forgetting that the identity that is a movement in history. Territoriality brings the idea of control: an attempt to influence and control the actions of others through the reinforcement of control over an area and the objects in it, not only the objects, but also the subjects. The corpus chosen was the statue in honor of the Francon soldiers who participated in the Constitutionalist Revolution of 1932, installed in Praça Nove de Julho, in the city of Franca-SP. The study was developed as follows: at first, from the deductive-bibliographic method, the main views on the movement were raised, that is, the cause and its consequences through several authors who debated the subject. The documentary research was carried out in the historical archives and library of the city of Franca, in search of newspapers that portrayed the events

of the time of the revolution. The theoretical and methodological procedures of Discourse Analysis (DA) were also used, with bibliographical support from the authors Eni Orlandi and Michel Pêcheux.

KEYWORDS Statue, Constitutionalist Revolution, Discourse Analysis; Memories.

Introdução

Deixando marcas nas capitais, na cidade de São Paulo particularmente e na maioria das cidades do interior, hoje a memória da Revolução de 1932 está estampada em nome de ruas, praças, avenidas, monumentos, entre outros. Dessa forma, será mostrado como os espaços urbanos se apropriaram dos acontecimentos da Revolução de 1932, deixando um ideal de orgulho e heroísmo.

Dessa forma, hoje o tema sobre a Revolução de 1932, Revolução Constitucionalista ou Revolução Paulista, nos dá um leque de eixos a serem explorados, entre eles um vasto repertório de gênero, atualmente o caso em questão proporciona todo um aparato documental a ser avaliado, como jornais, telegramas, a radiodifusão nascedoura no período, cartas, telegramas, etc., sem contar obras de extremo valor que foram escritas no calor dos acontecimentos.

Assim, o trabalho objetiva investigar os efeitos de sentido e de memórias de uma estátua no que tangem à sua territorialidade e identidade. O corpus escolhido foi o monumento em homenagem aos combatentes soldado francanos que participaram da Revolução Constitucionalista de 1932, instalada na praça Nove de Julho, na cidade de Franca-SP.

Ligam-se aqui memória e espaço, sem esquecer que a identidade que é um movimento na história. Na busca de compreender como um objeto simbólico em sua materialidade significativa produz sentidos, foram utilizados os procedimentos teórico metodológicos da Análise de Discurso (AD), já que a AD tenta entender como os objetos simbólicos produzem sentidos, isto é, como eles estão investidos de significância para e por sujeitos.

O discurso sobre o levante e as características da participação da cidade foi analisada através de uma parcela da imprensa da época – encarnando a territorialidade em que se localiza Franca, em seu entorno, em sua sociedade, em sua cidade, sua população, em seus sujeitos.

No presente caso, está-se diante de uma forma material particular: um monumento, um lugar de memória, uma estátua. Também uma forma em sua materialidade. Que tem um corpo, os soldados que morreram lutando na Revolução de 1932. E é neste corpus para análise, é este o discurso que se precisa compreender. Um monumento, assim como qualquer objeto simbólico, que aqui se toma como um discurso, não significa apenas em si, também os discursos que ela produz – uma estátua não



fala, mas produz discursos - são parte de seus sentidos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para este trabalho, a compreensão de monumento utilizada é o seu sentido etimológico, debatido por vários autores, entre eles Le Goff (2003, p. 526), que o define como “tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”, nos fazer lembrar, avisar, iluminar.

A Revolução Constitucionalista de 1932 - um marco na história recente do Brasil e em especial do estado de São Paulo, também chamado de Guerra Paulista, foi o movimento armado ocorrido no Brasil entre os meses de julho e outubro de 1932, foi a malfadada tentativa do Estado de São Paulo de derrubar o Governo Provisório de Getúlio Vargas e a promulgar uma nova constituição para o Brasil.

Pelo menos nove voluntários francanos morreram na Revolução de 1932. Seus nomes estão fundidos em uma placa de bronze junto ao monumento ao Soldado Constitucionalista, erguido em 1935, na Praça Nove de Julho com a Rua Voluntários da Franca, no centro da cidade. Daí a forma da homenagem - uma estátua de um soldado com os nomes gravados de todos os combatentes que participaram das lutas e dos ideais históricos e culturais que foram perpetuados com a estátua, pelo fervor patriótico e pelo heroísmo daqueles que derramaram seu sangue em favor da liberdade e autonomia do estado de São Paulo.

Contudo, essa leitura apaixonada dos acontecimentos não nos restringe a analisar todos os meandros e os jogos de interesse, sejam eles políticos, econômicos e sociais, que se instalavam naquele momento, mas que já vinham de longa data.

Uma estátua, como aceno de uma memória, de um Estado, é um discurso que individualiza. (ORLANDI, 2010), no caso que se analisa, os indivíduos francanos, certamente estão presentes a imagem/estátua do soldado constitucionalista, que envolve o sujeito em seu processo de individualização pelo Estado, a na reflexão sobre a territorialidade.

A análise observa o modo como o sujeito se inscreve - pela simbolização em uma estátua - no território, como faz parte da sociedade e da economia brasileira. Espaço político de significação marcado pelo gesto administrativo em seus recortes (ORLANDI, 2010).

No entanto, esses sentidos dos soldados que morreram lutando na revolução e a estátua como homenagem chegam ao sujeito francano. Os moradores da cidade se envolveram em massa na causa que levantou o povo paulista pela Constituição, dando origem à maior guerra civil em solo brasileiro no século 20. Nós ajudamos a fazer este 9 de julho. O soldado, não é só estátua, não é só um monumento. É sujeito na memória de como se forma o Brasil. Nosso território e o povo que o habita. O mapa não é só esboço no papel. É traçado da



memória. É percurso de sentidos. Tem historicidade. (ORLANDI, 2010).

E temos aí um processo discursivo. O de uma estátua que nos faz pensar um corpo - o soldado - que se materializa em um sujeito histórico, os combatentes que perderam a vida durante o conflito, que transforma espaço em territorialidade, em acontecimento, em ideologia e história. Pode-se então observar como este corpo atualiza a memória dos cidadãos francanos. Como o corpo se textualiza em documentos que ao se constituírem em arquivo estabelecem a memória que não esquece.

Com efeito, o jornal Tribuna da Franca, teve intenção de mobilização ideológica, isso nos fica evidente a partir de frases de efeito colocadas entre os artigos jornalísticos, como, “FRANCANOS !!! Cumpri o vosso dever, alistando-vos nas fileiras do voluntariado francano. - Ide S. Paulo vos espera!!!” ou “FRANCANOS! Neste grave momento da vida de S. Paulo, o vosso auxilio é indispensável”. Dessa forma, além de enaltecer, como foi colocado acima, a maneira de redigir os textos heroificava a cidade, isto demonstrado a partir de um artigo publicado em meados do mês de agosto titulado “Para Honra de São Paulo”

A partir das análises, afirma-se que se pode reconhecer - pensando a relação desse sujeito assim individuado, com o corpo político, de que recebe por este mesmo ato sua unidade, seu eu comum, sua vida e sua vontade - a forma da pessoa

pública, esta correspondendo a uma forma de individuação, o sentimento de ser Um, no todo da sociedade. É a forma de individuação em relação à sociedade em geral, de que resulta o “eu comum”. Nesse imaginário que solda o grupo, no caso que estamos analisando, dos indivíduos francanos, certamente está presente a estátua do soldado constitucionalista.

Essa estátua, no centro da cidade de Franca, na postura de quem olha ao longe é o gesto que desencadeia esta memória, que filia o sujeito francano nas ordens superiores para a retiradas todas as tropas constitucionalistas existentes na região, a cidade era tomada: ocuparam o quartel constitucional, as repartições públicas, coletorias, correio, telégrafo, entre outros, ficaram sob sentinelas “ditatoriais”. As tropas mineiras e goyanas que tomaram Franca foram recebidas sem a menor hostilidade por parte da população (TRIBUNA DA FRANCA, 1932).

Dessa maneira, encontrando em situação crítica ao longo desses três meses de revolta e já desgastado boa parte dos recursos materiais e humanos, foi assinado no dia 2 de outubro armistício entre as forças combatentes. Na imprensa francana durante o mês que se seguiu o ar não era de tristeza nem de pessimismo. A opção e o direcionamento que ela tomou foi resgatar a memória histórica paulista sublinhando em especial a sua importância para o cenário nacional e o fervor patriótico desde velhos tempos. Assim, os documentos históricos se constituem



como o corpo que se contextualiza estabelecendo a memória que os francanos não esquecem.

A estátua funciona por um efeito de memória: não o interdiscurso, a memória que para constituir sentido, esquece, mas a memória institucionalizada, a memória de arquivo, que justamente é um marco/gatilho que desencadeia um processo de significação e de identificação em uma rede da memória gerida pelo Estado.

Escolher os princípios teóricos da AD para este estudo se deu também pelo modo que ela pensa a linguagem. “Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2010, p. 15). A base da AD é a preocupação em entender a linguagem em meio às transformações sociais, porém a AD vai além da linguística e toma o discurso como um efeito de sentidos determinados social e historicamente. Assim, a construção dos significados coloca em destaque tanto o produto como o processo, quer dizer, as condições sócio-históricas constitutivas do significado.

Escolher os princípios teóricos da AD para este estudo se deu também pelo modo que ela pensa a linguagem. “Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2010, p. 15).

Pêcheux (1995) trabalha com o conceito de discurso como efeito de sentidos entre interlocutores. Orlandi (2010, p. 30) nos infere que os efeitos de sentidos (discursos) são produzidos em determinadas condições de produção que “[...] compreendem os sujeitos e a situação, além da memória, dentro do contexto imediato, que são as circunstâncias da enunciação, e do contexto amplo, quando incluem o contexto sócio-histórico-ideológico”.

Pêcheux (1995) ainda formula dois conceitos fundamentais na AD: formações ideológicas e formações imaginárias. Ao se analisar os aspectos da materialidade ideológica, observa-se que o discurso é um desses aspectos e é por isso que ele só faz sentido para um sujeito perante o reconhecimento de que pertence a alguma formação ideológica. As formações imaginárias são as que indicam o lugar em que o destinador e destinatário se atribuem de forma recíproca. “Os valores ideológicos de uma determinada formação social têm o discurso representado pela formação imaginária” (PÊCHEUX, 1995, p. 18).

A palavra dita representa uma formação discursiva que, conseqüentemente, remete a uma formação imaginária. Portanto, no processo discursivo, observam-se várias formações imaginárias que determinam os lugares dos sujeitos.

Não restringindo a possíveis indagações futuras o debate estabelecido propõe a partir do resgate da memória constitucionalista



questionar e refletir até que ponto o episódio da Revolução de 1932 consistiu em defender a partir de seu discurso, o que foi ou o que seria ideal, politicamente falando, para um Brasil que acabara de se redefinir.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para atender aos objetivos propostos, será por meio de referências bibliográficas, pesquisa documental, a fim de conferir sustentação ao eixo teórico e iniciar o processo de apropriação do conhecimento em sua essência.

A pesquisa documental realizada no Arquivo do Museu Histórico Municipal e nas Biblioteca Municipal, dentre outras, em busca de jornais da cidade de Franca na época da revolução.

Para análise dos reflexos dessas convulsões nos primeiros anos da década de 1930 na cidade de Franca, apoiou-se sobre os discursos do principal mecanismo motivador revolucionário do momento: os jornais. Entre outros, como por exemplo, O Comércio da Franca, O Francano, serão visualizados os discursos em especial dos periódicos “O Aviso de Franca” e a “Tribuna da Franca”. Panoramicamente, o primeiro organizado pela “União Catholica da Mocidade Francana” era pautado sobre cunho extremamente religioso e em suas entre linhas observa-se levemente a aproximação e representatividade das elites agrárias.

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

O *corpus* é constituído foi o monumento em homenagem aos

combatentes soldado francanos que participaram da Revolução Constitucionalista de 1932, instalada na praça Nove de Julho, na cidade de Franca-SP, além de texto e livros de Eni Orlandi e Michel Pêcheux. Os artigos serão pesquisados nas bases de dados do Portal de Periódicos CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Nível Superior) e Scielo.

A busca norteou-se pelos descritores: análise de discurso; memória discursiva, territorialidade, revolução constitucionalista. Os descritores são inseridos no campo “assunto” para realização da busca dos artigos. O critério de inclusão adotados foram os trabalhos relacionados aos descritores elencados e que estão disponíveis na íntegra para leitura. Foram selecionadas as modalidades artigos de periódicos, dissertações e teses publicados no idioma português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estátua ou monumento é uma marca, que é um aspecto interessante que mostra imaginariamente o evento histórico a qual simboliza, no caso específico a luta do soldado na Revolução Constitucionalista de 1932. A estátua é o gesto de memória que ao individuar o sujeito francano o faz habitante singular de uma unidade territorial mais vasta: a do Brasil em São Paulo.

REFERÊNCIAS

- ANNO Novo. O aviso de Franca. Franca, 1º de jan. 1931. p. 1.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. O jogo do poder: revolução constitucionalista de 32. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1988. (Coleção Polêmica).
- BORGES, Vavy Pacheco. Getúlio Vargas e a oligarquia paulista: história de uma esperança e muitos desenganos. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- _____. Tenentismo e revolução brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CEL. João Alberto. O Aviso de Franca. Franca, jun. 1931 (5ª coluna).
- CAPELATO, Maria Helena. O movimento de 1932 a causa paulista. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982 (Coleção Tudo é história, v. 15).
- CASA do Soldado: A brilhante iniciativa que vae tendo o mais completo sucesso. Tribuna da Franca, Franca, 25 ago. 1932.
- COMO foram recebidas pelo povo as tropas. Tribuna da Franca, Franca, 1 out. 1932. p. 1, c.3-4.
- COMÍCIO pró-Constituinte. O Aviso de Franca, Franca, 28 fev. 1932 (1ª coluna).
- CUNHA, Francisco. Para a Honra de São Paulo. Tribuna da Franca. Franca, 25 ago. 1932. c 1.
- CRUZ VERMELHA DE FRANCA. Tribuna da Franca, Franca, 24 jul. 1932. p. 1.
- DONATO, Hernani. A revolução de 32. São Paulo: Circulo do Livro, 1982.
- FAUSTO, Boris. A revolução de 1930: historiografia e história. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- _____. História do Brasil. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997. (Didática, 1).
- FRANCA cafeeira. O Aviso de Franca. Franca, 23 ago. 1931. p. 1 (2ª coluna).
- F. V. Pondo as garras de fora. O Aviso de Franca. Franca, 15 mar. 1931.
- HOMENAGEM aos Paulistas que tombaram nas ruas da Capital de S. Paulo. O Aviso de Franca. Franca, 29 maio 1932. Seção Religiosa c. 1
- ORLANDI, Eni. Os sentidos de uma estátua: individuação, acontecimento e memória. Entremeios: revista de estudos do discurso. v.1, n.1, jul/2010.
- PÊCHEUX, Michael. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Unicamp. 1995.
- PESTANA, Mauricio. Revolução Constitucionalista de 1932 em quadrinhos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- VILLA, Marco Antonio. 1932: imagens de uma revolução. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- VILHENA, Mario A. de. Questões do dia. O Aviso de Franca, Franca, 10 maio 1931. p. 1.





A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES EM PARÁBOLAS BÍBLICAS¹

Luiz Alves de SOUZA (UNIFRAN)

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

RESUMO

Esta proposta de pesquisa aborda a teoria da trajetória das paixões, proposta por Figueiredo (2020), em parábolas do *Evangelho segundo Lucas*, bem como os expedientes linguísticos utilizados como elementos de persuasão e adesão ao seu discurso por parte do seu auditório. Com base em Aristóteles (2000), Figueiredo (2018, 2020), além dos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Meyer (2007), Trueba Atienza (2009) e Amossy (2005, 2020), o estudo objetiva aplicar a teoria da trajetória das paixões às parábolas, bem como examinar e descrever os recursos de persuasão contidos na obra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com objetivo descritivo e abordagem qualitativa. Suas apreciações iniciais mostram que, em texto sagrado, a teoria constitui-se instrumento profícuo na compreensão do percurso argumentativo do orador.

PALAVRAS-CHAVE Retórica; persuasão; paixões; argumentação; evangelho segundo Lucas.

ABSTRACT

This research project addresses the theory of the pathway of passions, as proposed by Figueiredo (2020), in parables from the *Gospel of Luke* as well as the linguistic devices used as elements of persuasion and adherence to the discourse by his audience. Based on Aristotle (2000), Figueiredo (2018, 2020), in addition to the works of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Meyer (2007), Trueba Atienza (2009) and Amossy (2005, 2020), this study aims to apply the theory of the pathway of passions to parables as well as examine and describe the persuasive resources present in this book. This is a bibliographic research, with a descriptive objective and a qualitative approach. Initial analyses have shown that, in sacred text, the theory has constituted a useful instrument in understanding the argumentative route of the orator.

KEYWORDS Rhetoric. Persuasion. Passions. Argumentation. Gospel of Luke.

Introdução

A Bíblia Sagrada, juntamente com o Alcorão, enquadra-se entre os livros sagrados utilizados pela humanidade como orientação espiritual, ética e moral da vida humana. Carlos Gohn (2001, p. 153) afirma que “as pesquisas sobre tradução de textos religiosos no Brasil são incipientes” e que a literatura sagrada “tem inspirado pesquisas que podem proporcionar uma abertura de horizontes, levando, numa

¹ Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.



perspectiva otimista, à possibilidade de ‘fusão de horizontes’” (GOHN, 2001, p. 148). Os textos sagrados são considerados sensíveis e “têm como matéria prima materiais linguísticos que podem mostrar-se voláteis e explosivos, o que funciona, às vezes, como um atrativo extra para os que amam uma certa dose de adrenalina em sua pesquisa” (GOHN, 2001 p.148).

Karl Simms (1997 apud GOHN, 2000) afirma que a Bíblia caracteriza-se como um texto sensível – na modalidade de texto sagrado – tendo em vista que a sua tradução pode provocar objeções por parte dos leitores que esperam a reprodução do considerado original. Para Simms (1997, p. 75 apud GOHN, 2001, p. 149), nenhum texto é considerado sensível *per se*, mas pode se tornar sensível para um leitor em particular quando esse lhe causa algum “tipo de objeção por motivos ligados 1. ao estado, 2. à religião, 3. ao pudor ou 4. a determinadas pessoas em particular (não estando excluída uma superposição desses motivos em um único caso)”.

Deve-se ponderar que, como escreveu Simms (1997, p. 4 apud GOHN, 2000, p. 149), “a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como o texto é visto”. Cabe destacar, de antemão, que as análises empreendidas neste estudo não visam julgar o conteúdo moral ou espiritual da Bíblia, mas sim abordar a sua materialidade linguística acerca das emoções, tema recorrente tanto nos escritos sagrados cristãos quanto na vida cotidiana moderna.

Sob a ótica da retórica, esta proposta de pesquisa aborda a trajetória das paixões em parábolas bíblicas bem como os expedientes linguísticos utilizados na obra *Evangelho segundo Lucas* como elementos de persuasão e adesão ao seu discurso por parte do seu auditório. O percurso analítico designado de trajetória das paixões compõe-se das seguintes etapas: disponibilidade; identificação; despertar da paixão; mudança de julgamento e ação (FIGUEIREDO, 2020).

Tomam-se por recursos linguísticos todas as possíveis operações e estratégias que podem ser efetuadas na (re)textualização de um discurso, tais como escolhas lexicais e sintáticas, paráfrases, acréscimos ou omissões, resumos e uso de figuras de linguagem.

Delimitou-se para esta pesquisa a materialidade linguística do evangelho de Lucas em seus relatos próprios e naqueles intertextuais com os evangelhos de Mateus e de Marcos, particularmente as parábolas em que se possam aplicar a teoria da trajetória das paixões, como proposta por Maria Flávia Figueiredo (2020).

A Bíblia é comumente considerada o livro mais vendido no mundo. Segundo Scliar (2005, p. 10), essa já foi traduzida em 2.167 idiomas e dialetos, teve edições que totalizaram mais de dois bilhões de exemplares apenas no século XX, está ao alcance de 85% da humanidade e é lida há cerca de três mil anos.



O desenvolvimento desta pesquisa se justifica pela popularidade da leitura bíblica em âmbito nacional. Em recorrentes edições da pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil” (2001, 2007, 2011, 2019), única pesquisa em âmbito nacional que visa avaliar o comportamento leitor do brasileiro, a Bíblia tem sempre ocupado lugar de destaque, e, em sua última edição, ele ocupou o primeiro lugar (35%), sendo “o gênero de leitura mais citado pelos entrevistados em todas as faixas etárias acima dos 18 anos” (FAILLA, 2020, p. 54). Essa autora, ao comentar os resultados da penúltima pesquisa, aponta também que:

Do ponto de vista da penetração, a Bíblia aparece citada como tendo sido lida nos últimos três meses por 26% da população, um crescimento de 62,5% frente ao dado apurado em 2011 (esse crescimento é de 31% para os livros lidos por vontade própria é de 12% para os livros em geral, ou seja, incluindo-se aí também aqueles lidos por obrigação) (FAILLA, 2015, p. 6).

Não obstante, percebe-se que a Bíblia não tem recebido, salvo poucas exceções, tratamento linguístico consoante com a sua popularidade. Há um reconhecimento generalizado de que ela pertence ao cânon de obras literárias da civilização atual, mas, conforme já mencionado, a quantidade de pesquisas que envolvem esse compêndio é modesta quando comparada com outros. Assim, o desenvolvimento desta pesquisa se somaria ao modesto repertório de estudos em nível *stricto*

sensu que abordam a sensibilidade textual.

Acrescenta-se que a consecução deste estudo possui, também, uma importância acadêmica pessoal e profissional, motivada pela continuação e expansão de um tema iniciado em nível de mestrado, o que poderá contribuir modesta e simultaneamente para preenchimento de lacuna existente em estudos com textos sensíveis.

Com vistas a se fazer o exame proposto, este estudo será desenvolvido a partir das seguintes hipóteses:

- 1) A aplicação da teoria da trajetória das paixões, proposta por Figueiredo (2020), às parábolas bíblicas pode se constituir como instrumento adicional e profícuo na compreensão do percurso argumentativo do orador à busca dos seus efeitos persuasivos, o que pode, prospectivamente, tornar-se uma tecla a mais a ser tocada para suscitar paixões num auditório.
- 2) O redator do *Evangelho segundo Lucas* se utilizou intencionalmente de recursos linguísticos de textualidade a fim de promover e facilitar a sua recepção;
- 3) Como se trata de texto para promover a adesão ao conteúdo por parte dos seus auditórios direto e indireto, o orador Lucas teria se utilizado de elementos retóricos de base aristotélica para suscitar paixões adequadas que os levariam a julgamento positivo e conseqüente aceitação do seu conteúdo;



O objetivo geral desta investigação será aplicar a trajetória das paixões, proposta por Figueiredo (2020), a parábolas bíblicas bem como examinar e descrever, em edições bíblicas de língua portuguesa, os expedientes linguísticos utilizados no *Evangelho segundo Lucas* como elementos de persuasão e adesão ao seu discurso por parte do seu auditório

Complementarmente, seus objetivos específicos são:

- 1) Verificar, contrastivamente com os evangelhos de Mateus e Marcos, se o orador do *Evangelho segundo Lucas* se utilizou intencionalmente de recursos linguísticos de textualidade a fim de promover a adesão e facilitar a recepção da sua obra;
- 2) averiguar se esse orador utilizou elementos retóricos de base aristotélica para suscitar julgamento positivo e consequente aceitação do seu conteúdo;
- 3) verificar qual o papel desempenhado pelo contexto de produção e pelo contexto de recepção na constituição textual desse evangelho;
- 4) reunir, numa perspectiva de intertextualidade temática, o repertório de paixões aristotélicas em extratos lucanos, analisando possíveis aproximações e distanciamentos semânticos;
- 5) identificar obras disponíveis ao autor da obra testamentária a fim de verificar possíveis influências intertextuais estilísticas.

1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização dos procedimentos propostos, esta pesquisa contará com variado arcabouço teórico. Para a descrição das paixões - o *pathos* -, este trabalho se fundamentará nos escritos de Aristóteles (2000), obra filosófica inserida na teoria linguística da argumentação que faz amplo detalhamento sobre as paixões humanas. A *Retórica*, inicialmente publicada há mais de dois mil anos, continua sendo profícua nos estudos acadêmicos que envolvem a argumentação.

Com base na retórica aristotélica, Figueiredo (2020) expõe que, para uma pessoa ser persuadida, todo ato comunicativo se estabelece por meio de um tripé, que é constituído por aquele que profere o discurso (instância do *ethos*); aquele a quem o discurso se dirige (instância do *pathos*) e o discurso propriamente dito (*logos*) (FIGUEIREDO, 2020, p. 40). A instância do *pathos*, ou seja, das paixões, constitui o foco deste estudo.

Sequencialmente, as 14 paixões mencionadas por Meyer (2000, p. XLI) na obra são: cólera, calma, temor, segurança (confiança, audácia), inveja, impudência, amor (*λέγωμεν*), ódio, vergonha, emulação, compaixão (*έλεος* - éleos), favor (obsequiosidade), indignação e desprezo. Essas constituem uma categoria de análise neste estudo.

A trajetória das paixões trata-se de um percurso analítico referente aos fatores que envolvem o despertar das paixões - o que inclui suas



origens – e as etapas subsequentes a essas. Figueiredo propõe um percurso constituído por cinco etapas envolvidas no que podemos chamar de “processo passional”, as quais são: disponibilidade; identificação; despertar da paixão; mudança de julgamento e ação. As três últimas constam em *Retórica* e são amplamente conhecidas na área da argumentação. As duas etapas iniciais possuem caráter inédito, que são a disponibilidade e a identificação (FIGUEIREDO, 2020, p. 39).

Por meio desse percurso, buscase “compreender, não apenas o que já intuiu o filósofo de Estagira, mas principalmente, o que permite que um orador consiga despertar a paixão adequada” (FIGUEIREDO, 2020, p. 50). Ou seja, passa-se a refletir sobre quais são as disposições presentes no auditório (essa é a fase de ‘disponibilidade’) e quais são as características discursivas (presentes no *logos*) que podem levar esse público à fase da identificação (FIGUEIREDO, 2020, p. 50), a uma paixão em particular e conseqüente mudança de julgamento e ação. É a partir desse construto que se apoiarão as análises desta pesquisa.

As discussões a serem empreendidas sobre a retórica e argumentação serão embasadas, sobretudo, em Aristóteles (2000, 2007, 2012), Figueiredo (2018, 2019, 2020), Michel Meyer (1998, 2000, 2007); Olivier Reboul (2004). São também apontados Antônio Soares Abreu (2002, 2008), Chaïm Perelman (2004), Chaïm Perelman e

Lucie Olbrechts-Tyteca (2014), José Luiz Fiorin (2014, 2015), Luiz Antônio Ferreira (2010), Carmen Trueba Atienza (2009) e Ruth Amossy (2005, 2020).

Para a descrição do *Evangelho segundo Lucas*, são indicados inicialmente as obras de John McKenzie (1983), Oscar Battaglia (1984), Wilfrid John Harrington (1985), Joachim Jeremias (1986), Ivo Storniolo (1992), Johan Konings (2005, 2014, 2016) e Isidoro Mazzarolo (2011, 2017a, 2017b, 2019) bem como anexos e comentários das Bíblia de Jerusalém (2002), Bíblia do Peregrino (2017), Bíblia Sagrada (2006, Ed. Vozes) e Bíblia Sagrada (2018, CNBB).

2 - METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa apresentará a seguinte organização metodológica: este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica em textos neotestamentários, elaborada a partir de sete edições bíblicas de língua portuguesa, incluindo aquelas em meios eletrônicos ou disponibilizadas na internet.

Em um primeiro momento, tomar-se-ão diversas edições do *Evangelho segundo Lucas* para seleção de potenciais relatos que comportem a verificação do percurso analítico designado de trajetória das paixões, a saber: disponibilidade; identificação; despertar da paixão; mudança de julgamento e ação (FIGUEIREDO, 2020). São indicadas particularmente as parábolas, pois o seu uso constitui



um expediente retórico na construção argumentativa em compêndios neotestamentários.

Na sequência, proceder-se-á à comparação de relatos comuns entre Lucas e os intertextos temáticos dos evangelhos de Mateus e Marcos para verificar a ocorrência das paixões aristotélicas, especificamente se esses teriam o mesmo percurso passional. Esses três formam o grupo dos Evangelhos Sinóticos, que contrastam naturalmente com o *Evangelho segundo João*. Quando houver relato intertextual também no *Evangelho segundo João*, o mesmo será igualmente considerado.

Para os principais termos conflitantes ou duvidosos entre as diversas edições será feito um trabalho de comparação – apenas das palavras-chave – com os chamados textos originais.

Por ser uma tradução ecumênica muito utilizada em trabalhos acadêmicos no Brasil e no exterior, a Bíblia de Jerusalém (2002) será empregada nas citações-chave desta pesquisa. Para efeito de comparação e ampliação de análises, serão também usadas: 1) Bíblia do Peregrino (2007), por conter extensas notas explicativas; 2) Bíblia Ave-Maria, por ser bastante conhecida e utilizada no Brasil pela população católica, sendo usado aqui o texto da versão *online* disponível em <http://www.bibliacatolica.com.br/>; 3) Bíblia Sagrada (2006, Ed. Vozes); 4) Bíblia Sagrada (2018, tradução da CNBB; editoras diversas); 5) Bíblia Sagrada (2002, Edição Pastoral Intratext), com

programa de concordância *online* disponível em http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/_FA.HTM, que permite a busca por palavra; e 6) Bíblia Sagrada Nova Almeida Atualizada (2017), por ser amplamente usada por leitores protestantes e evangélicos brasileiros.

O uso das diversas traduções bíblicas visará, tão somente, apreender as diferentes possibilidades de construção de sentido das palavras pelos leitores comuns, na expressão de um sentimento ou ação. As diferenças ou a adequação de traduções de um determinado termo não constituem o foco da análise, embora sejam feitas algumas ponderações em alguns casos específicos.

Como instrumento auxiliar de pesquisa, serão utilizados programas computacionais de concordância. Para Ball (2000, citado por GOHN, 2000, p. 161): “uma concordância, em sua forma mais simples, é simplesmente uma listagem alfabética de palavras em um texto, trazendo o contexto no qual as palavras ocorrem”.

Para localizar passagens que são o objeto de estudo serão utilizados índices analíticos e doutrinários que acompanham as edições bíblicas delimitadas. Outros recursos são livros catequéticos, guias bíblicos, versões multimídia na internet com programa de concordância. Essa é a etapa mencionada nesta seção para o uso de programa de concordância, pois o potencial oferecido pelo estudo de *corpora* (MAGALHÃES, 2001, p. 98) permite localizar de forma rápida um grande número de



termos relacionados, no caso desta pesquisa, aqueles relacionados às paixões aristotélicas.

A partir dos dados encontrados, serão definidos os excertos a serem examinados e contrastados, particularmente as parábolas intertextuais por essas permitirem as comparações e verificação dos três estágios do *pathos* (paixão, mudança de julgamento, ação) usados pelo orador, como apresentado por Aristóteles (2000) e nos desdobramentos propostos por Figueiredo (2020), que são a disponibilidade e a identificação (FIGUEIREDO, 2020, p. 101).

A pesquisa tem objetivo descritivo, pois visa descrever características de certos procedimentos linguísticos em um dado contexto, e tem uma abordagem qualitativa, pois considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (GIL, 2006). Contudo, na verificação da ocorrência de termos nos evangelhos através do programa de concordância utilizado, algumas considerações quantitativas poderão ser realizadas. As conclusões a que se chegará através dessas, porém, serão ancoradas também em análises semânticas contextuais e intertextuais das ocorrências, não somente nos números encontrados.

Na sequência, será empreendida a análise dos resultados obtidos no levantamento anterior com a organização de quadros comparativos

para sistematização, apreciação interpretativa dos dados que servirão para comentários preparatórios para redigir a conclusão da pesquisa e apresentação final da tese.

3 - ANÁLISE PILOTO

Na perspectiva proposta deste projeto, um capítulo de análise inicial do percurso das cinco etapas envolvidas na trajetória das paixões, foi realizado e publicado sob o título de *A trajetória das paixões na parábola do filho pródigo*², em Figueiredo (2020). Na análise, tem-se que a parábola lucana (Lucas 15, 11-32) soma apenas 22 versículos, mas nessa foi possível identificar treze das quatorze paixões aristotélicas: a impudência (do filho pródigo em relação aos parentes), o amor e a calma (do pai em relação aos filhos), o temor, a vergonha, a emulação e a confiança (do filho pródigo em relação à penúria, conhecidos e parentes, aos empregados e ao pai, respectivamente), a compaixão e obsequiosidade (do pai pelo filho mais novo), bem como a cólera, a indignação, a inveja e o desprezo (a primeira do irmão mais velho em relação ao pai, as outras contra o seu irmão) (SOUZA, 2020, p. 373).

O **Quadro 1**, da sequência, busca identificar a presença das paixões aristotélicas no texto bíblico, baseando-se nas descrições dessas seja em Aristóteles (2000) ou em seu longo prefácio, por Meyer (2000). Ao considerarmos as paixões antagônicas, no raciocínio de

² Disponível em <http://mariaflaviafigueiredo.com.br/downloads/paixoes.pdf>



Aristóteles, uma sendo o oposto da outra, o elenco se completa no relato.

Com repertório tão amplo, com propósito de delimitação, enfatizaram-se os antecedentes das paixões – que são tênues – especificamente as fases da disponibilidade e da identificação, pois as fases da mudança de julgamento e da ação são textualizadas na parábola.

Atienza (2009, apud FIGUEIREDO, 2020, p. 13) propõe que na fase de identificação, uma pessoa se sente interpelada na alma devido a suas percepções sensíveis, por sua memória ou sua imaginação. Aplicando tal percurso à parábola, pode-se dizer que a partir das suas experiências e aspirações, da sua percepção de mundo, desejos e paixões, das suas repressões, vendo ou ouvindo o que acontecia fora do ambiente familiar e comunitário próximo, esse jovem se identificou com um mundo externo e interno, com aquilo que lhe ia ao encontro, que atendia aos seus anseios expectativas. Ele se identificou com algo que o levou ao despertar de várias paixões, como teorizado por Figueiredo (2020).

A primeira paixão que acende o pavio das demais, em um efeito dominó, é exatamente a sua impudência³ ou desvergonha, que consistiu em exigir que o pai lhe desse a parte da herança ainda em vida. A impudência, antítese da vergonha, “consagra praticamente a não-essencialidade do outro, o fato de que a imagem que ele tem de

mim carece de importância”. Meyer (2000, p. XLV). A partir dessa, as demais foram desencadeadas.

No suceder das paixões, tal despudor do filho desencadeia não a cólera, mas a calma e o gesto de amor do pai que dividiu tudo entre os dois, supostamente não ficando com nada senão com o usufruto da parte doada ao filho mais velho. A partir do preâmbulo da cogitada impudência e ações dela decorrentes, desenvolve-se uma intrincada concatenação do *pathos* cujo fim vai além da inveja e do desprezo do ‘filho mais velho’, criando outras disponibilidades, identificações, paixões, julgamentos e ações que extrapolam textos e auditórios. Seria o propósito comunicativo do orador Lucas em sua obra marcada pelas emoções.

Pôde-se perceber que a aplicação da teoria da trajetória das paixões, proposta por Figueiredo (2020), a esta parábola bíblica constituiu-se instrumento útil na compreensão do percurso argumentativo do orador à busca dos seus efeitos persuasivos. Prospectivamente, pode tornar-se recurso adicional e profícuo para suscitar paixões num auditório.

3 Cf. nosso artigo sobre o pudor: www.cepad.net.br/discursividade/EDICOES/05/Arquivos/Souza.pdf



Quadro 1 – As paixões aristotélicas na parábola do filho pródigo

Lucas 15, 11-32	PAIXÕES COGITADAS
<p>¹¹Disse ainda: “Um homem tinha dois filhos. ¹²O mais jovem disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte da herança que me cabe’. E o pai dividiu os bens entre eles. ¹³Poucos dias depois, ajuntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou sua herança numa vida devassa. ¹⁴E gastou tudo. Sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar privações. ¹⁵Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para seus campos cuidar dos porcos. ¹⁶Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. ¹⁷E caindo em si, disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome!’</p> <p>¹⁸Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; ¹⁹já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados’. ²⁰Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.</p> <p>Ele estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.</p> <p>²¹O filho, então, disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho’.</p> <p>²²Mas o pai disse aos seus servos: ‘Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. ²³Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, ²⁴pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!’ E começaram a festejar. ²⁵Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. ²⁶Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. ²⁷Este lhe disse: ‘É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde’. ²⁸Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar.</p> <p>Seu pai saiu para suplicar-lhe.</p> <p>²⁹Ele, porém, respondeu a seu pai: ‘Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. ³⁰Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!’</p> <p>³¹Mas o pai lhe disse: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. ³²Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!’”</p> <p>(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.817, grifos nossos)</p>	IMPUDÊNCIA
	AMOR E CALMA
	IMPUDÊNCIA
	TEMOR E VERGONHA
	EMULAÇÃO
	CONFIANÇA
	COMPAIXÃO
	AMOR
	CONFIANÇA E VERGONHA
	CALMA, AMOR E OBSEQUIOSIDADE
	CÓLERA
	DESPREZO
	CALMA
	INVEIA E INDIGNAÇÃO
AMOR E CALMA	

Fonte: elaboração dos autores



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa encontra-se na fase de revisão da bibliografia prevista, conforme cronograma. Não se atingiu ainda a fase do uso de programa de concordância para lavamento de itens lexicais alusivos às paixões e, portanto, os textos e intertextos ainda estão sendo examinados para definição do repertório final para proceder às análises. No entanto, as apreciações parciais da análise piloto vislumbram um estudo peculiar e inédito por lançar sobre texto sensível, na modalidade de texto sagrado, a recém-lançada teoria da trajetória das paixões. Espera-se, assim, contribuir para a expansão das pesquisas na área da argumentação e retórica.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

ABREU, A. S. Breves considerações sobre a arte de Argumentar. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. (Orgs.). *Sentidos em movimento: identidade e argumentação*. Franca: UNIFRAN, 2008. p. 63-90. (Coleção Mestrado, 3)

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa et al.. São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Rideel, 2007. (Coleção Biblioteca Clássica).

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2012.

BATTAGLIA, O. *Introdução aos evangelhos*. Tradução de Carlos A. da Costa Silva. Petrópolis: Vozes, 1984.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*: tradução em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*: tradução de Domingos Zamagna, Emanuel Bouzon, Ivo Storniolo et al. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BÍBLIA. Português. *Bíblia do Peregrino*: tradução do texto bíblico: Ivo Storniolo e José Bertolini; notas e comentários: Luís Alonso Schökel. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*: Nova Almeida Atualizada: tradução de João Ferreira de Almeida; revista e atualizada no Brasil. 3 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*: tradução oficial da CNBB. 3 ed. Loyola, 2018.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave Maria*. 105 ed. São Paulo: Ave Maria, 2018.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave Maria*. Versão online. Disponível em <<http://www.bibliacatolica.com.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2021.



FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil* 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FAILLA, Zoara. In: PLATAFORMA PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitada. In: MANFRIM, A. P.; LUDOVICE, C. B. A.; FIGUEIREDO, M. F. *O texto: corpo, voz e linguagem*. Franca: Unifran, 2018. (Coleção Mestrado, 13). p. 141-148.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. *Sinergia* (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo), v. 20: Edição Especial - Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, p. 6-17, set. 2019.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (org.). *Trajectoria das paixões: uma retórica da alma*. Franca: Unifran, 2020.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOHN, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os textos sagrados. In: PAGANO, A. (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2001. p. 147-170.

HARRINGTON, W. J. *Chave para a Bíblia: a revelação: a promessa: a realização*. Tradução de Josué Xavier, Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 1985.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Trad. João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 1986.

KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da 'fonte q'*. São Paulo: Loyola, 2005.

KONINGS, J. *A Palavra se Fez Livro*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

KONINGS, J; MAZZAROLO, I. *Lucas, o evangelho da graça e da misericórdia*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

MAGALHÃES, Célia. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: ALVES, F.; MAGALHÃES C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia: estratégia para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto. 2000.

MAZZAROLO, Isidoro. *O apóstolo Paulo, o grego, o judeu e o cristão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.

MAZZAROLO, Isidoro; *Lucas, a antropologia da salvação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2017.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2017.

MAZZAROLO, I. *A bíblia em suas mãos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2019.

MCKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha et al. Revisão geral Honório Delbosco. São Paulo: Paulinas, 1983.

MEYER, M. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*, Lisboa: Edições 70, 1998.

MEYER, M. Prefácio - Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MEYER, M. *A retórica*. Tradução Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial)

PERELMAN, C. *Retóricas*. Tradução Maria Ermentina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermentina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PLATAFORMA PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCLIAR, M. O fascinante universo bíblico. Biblioteca EntreLivros. *A Bíblia muito além da fé*, a. 1, n. 2, 2005. p. 10-19.

SIMMS, K. (org.) *Translating sensitive texts: linguistics aspects*. Amsterdam-Atlanta: GA, 1997.

SOUZA, Luiz Alves. A trajetória das paixões na parábola do filho pródigo. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (org.). *Trajectoria das paixões: uma retórica da alma*. Franca: Unifran, 2020. p. 368-399.

STORNIOLO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

TRUEBA ATIENZA, Carmen. La teoría aristotélica de las emociones. *Signos filosóficos*, México, v. 11, n. 22, jul./dic. 2009



DO DISCURSO MÉDICO AO KIT GAY: PAIXÕES, FORMAS DE VIDA E IDENTIDADE DE GÊNERO NA MÍDIA BRASILEIRA

Luiz Henrique PEREIRA (UNIFRAN)¹
Vera Lucia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)
Matheus Nogueira Schwarztmann (FCLAr-UNESP)

RESUMO

O objeto desta pesquisa reúne textos midiáticos brasileiros que abordam o tema da transexualidade a partir da década de 1980. Com base no instrumental teórico-metodológico da semiótica francesa, nosso objetivo é repertoriar as nuances da cobertura midiática brasileira acerca da identidade de gênero numa perspectiva diacrônica. Para tanto, utilizamos principalmente o percurso gerativo de sentido, a semiótica das paixões e os níveis de pertinência da análise semiótica, com ênfase no conceito de forma de vida. Partimos do discurso médico sobre o tema, depois para a esfera artística e, por fim, para o âmbito político. Preliminarmente, percebemos, no texto *Mulher de verdade*, conflitos e paixões, como a solidão, a vergonha, a cólera e a obstinação, que motivaram o ator protagonista a lutar pela conquista de direitos e pelo respeito da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE Mídia brasileira; identidade de gênero; paixão; forma de vida;

ABSTRACT

The object of this research comprises texts found in the Brazilian media sources, which address the topic of transsexuality as of the 80s. Using the theoretical-methodological framework of French Semiotics, the aim is to build a repertoire of nuances in the Brazilian media coverage towards the gender identity on a diachronic perspective. To do so, the generative process of meaning, elements of the Semiotics of passion, and the levels of pertinence of semiotic analysis, especially the notion of forms of life were used. It was started from the medical discourse on the topic, then, proceeded to the artistic field, and, finally, to the political scope on that. Initially, conflicts and passions such as solitude, shame, wrath, and obstinacy that motivated the protagonist of the text *Mulher de verdade* to fight for her rights, and for theE respect from society were observed.

KEYWORDS Brazilian media; gender identity; passion, forms of life.

Introdução

Conforme dossiê compilado de notícias veiculadas na mídia, elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), em 29 de janeiro de 2021, Dia Nacional da visibilidade Trans, o Brasil continua sendo o país que mais mata

¹ Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.



peças trans no mundo. Conforme reportagem do portal UOL, 175 travestis e mulheres trans foram vítimas de assassinato em 2020 - um aumento de 41% em relação ao ano anterior (MINUANO, 2021).

Esses dados ilustram o recrudescimento da violência sempre presente na história dessa parcela da população marcada por discursos de ódio, preconceito e marginalização. Isso intensifica a sua luta por direitos principalmente à vida, considerando que a expectativa de vida de uma travesti é de 35 anos em média, segundo dados do IBGE (MINUANO, 2021). Dessarte, tanto a violência quanto o engajamento dessas pessoas na militância motivam sua presença na mídia.

Graças à mídia, a sociedade brasileira iniciou o contato com as confusões de gênero, em 1984, quando uma revista publicou a manchete “A mulher mais bonita do Brasil é um homem”, como afirma a socióloga Berenice Bento (2008). Essa mulher da reportagem era Roberta Close, ícone transexual que batalhou judicialmente por sua identidade de gênero, a qual lhe foi negada por muito tempo, sob a justificativa de que ela havia nascido homem e nada podia “ser feito contra seu destino biológico” (BENTO, p. 13, 2008).

Nesse contexto, percebe-se a importância da cobertura midiática que faz circular certos discursos e contribui para a formação de motivos estereotipados (BERTRAND, 2003), no seio da cultura brasileira,

relacionados à identidade de gênero. Considerando esse papel, chegamos ao corpus desta pesquisa, ainda em construção, que reúne textos midiáticos diversos, sejam verbais escritos ou audiovisuais, disponíveis online, que abordam a transexualidade em suas diversas expressões identitárias - travestis, transgêneros, drag queens e kings para citar os principais - desde a década de 1980 até os dias atuais.

Tomamos neste trabalho a perspectiva de Bento sobre a transexualidade (2008, p. 18), a qual sugere que “a transexualidade é uma expressão identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”. Esse modo sociológico de entendê-la diverge do ponto de vista patologizante atribuído ao que essa pesquisadora chama de ciências psi (psicologia, psiquiatria e psicanálise). Bento (2018, p. 18-19) também argumenta que “definir a pessoa transexual como doente é aprisioná-lo, fixá-lo numa posição existencial que encontra no próprio indivíduo a fonte explicativa para os seus conflitos, perspectiva divergente daqueles que a interpretam como uma experiência identitária”. Em outras palavras, o sujeito que deseja reivindicar outro gênero que não aquele condicionado ao seu sexo biológico (masculino/homem-pênis vs feminino/mulher-vagina) está em desacordo com as leis da natureza e isso deve ser tratado como uma doença mental ou como anormal.

Logo, nosso objetivo é analisar diacronicamente mudanças na



cobertura midiática sobre a identidade de gênero no Brasil, com base no referencial teórico-metodológico da semiótica francesa. Buscamos observar, aprioristicamente, as paixões e as questões de gênero, para a posteriori, depreendermos a(s) forma(s) de vida trans manifestadas nessas publicações. Desse modo, partimos de uma dimensão identitária corporal para uma dimensão sociocultural. Inicialmente, focalizaremos a identidade de gênero sob a luz do discurso médico. Depois, na esfera pública marcada pelo reconhecimento artístico, considerando as drag queens como herdeiras das transformistas. Por último, trataremos da dimensão política, focalizando desde passeatas até mudanças legais que redundaram numa reação conservadora mais recente, cuja figura mais evidente é o kit gay.

Assim, a pesquisa justifica-se em razão da relevância social do tema e dos resultados esperados, já que é possível perceber o potencial de contribuir para a melhoria de políticas públicas, de promover o debate e de favorecer o acesso à informação sobre a identidade de gênero no país, para combater o preconceito, a discriminação e o ódio à classe. Ademais, espera-se contribuir com a pesquisa em semiótica aplicada acerca da cultura LGBTQIAP+ brasileira em textos midiáticos, visto que são poucos trabalhos com essa temática na área.

Bento (2008, p. 23) explana que “as narrativas de pessoas transexuais

nos remetem para um mundo de dúvidas, angústias, solidão, e um medo constante de serem rejeitados. Nos relatos biográficos nota-se que sentem dificuldades em falar de seus conflitos porque não sabem como nomeá-los”. A socióloga acrescenta que elas enfrentam dificuldade em explicar o seu desejo de portar figuras como roupas e acessórios e reconfigurar o corpo com traços convencionados ao outro gênero. Ademais, questionam-se “como essa vontade intensa pode fazer sentido se o corpo é formado por um órgão sexual que tem como principal fazer o entrave desse trânsito?”

Considerando as características recorrentes e típicas do tema, manifestadas em textos midiáticos, escolhemos realizar, como recorte do corpúsculo desta pesquisa, a análise de uma reportagem intitulada *Mulher de Verdade*. A reportagem é sobre Bianca Magro, “que entrou para a história como a primeira pessoa a se submeter a uma operação de mudança de sexo (transgenitalização) realizada legalmente no Brasil” (CORRÊA, 1998, p. 1), publicada em 08 de abril de 1988.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

O aparato teórico-metodológico empregado será o da Semiótica francesa (SLF). O método da teoria Semiótica é hipotético-dedutivo (Cf. GREIMAS; COURTÉS, 2011). Para realizar o projeto, utilizaremos, além do percurso gerativo do sentido (PGS), os modelos mais recentes



da Semiótica das Paixões (SP), (GREIMAS; FONTANILLE, 1993), e dos níveis de pertinência da análise Semiótica (NPAS) propostos por Fontanille (2015, 2008a, 2008b), especialmente aquele das formas de vida.

Lançaremos mão das contribuições sobre transexualidade e identidade de gênero propostas por Bento (2017 e 2008), bem como as proposições de Butler (2010) para embasar as questões de gênero. Sobre a homocultura e a homossexualidade, as principais contribuições serão de Green (2019) e Trevisan (2011).

2.1 Composição e seleção do Córpus

Para que a análise possa efetivamente repertoriar as nuances da abordagem midiática sobre a identidade de gênero na sociedade brasileira nas últimas décadas, é necessário construir um cörper representativo, que abarque a diversidade de experiências semióticas dessa esfera. O recorte temporal dos textos contempla quatro décadas, entre 1980 a 2020. Estamos selecionando os cinco textos mais representativos de cada década, que distribuiremos sob as categorias dos discursos médico, artístico e político.

No momento, encontramos-nos na etapa da construção desse cörper, compreendida pela busca em mídias digitais (revistas, jornais, programas de TV, documentários etc.), para encontrar textos que permitam verificar a abordagem do tema em questão.

Dessa maneira, pesquisamos nos arquivos online dos principais veículos midiáticos de maior circulação impressa do país como *Veja*, *Folha de São Paulo*, na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional e no Youtube. No campo de busca de cada site, digitamos as palavras-chave transexual, travesti, transgênero, drag queen e transformista. Foi assim que chegamos ao texto *Mulher de Verdade*.

3. ANÁLISE PILOTO DE MULHER DE VERDADE

3.1 Quem é essa *Mulher de Verdade*?

A entrevista foi concedida a Sílvia Corrêa, publicada na revista *Trip* em 01/06/1998 (disponível online). Para facilitar o trabalho, produzimos uma versão impressa, contendo 16 páginas, resultantes do acompanhamento do protagonista por cinco meses, ator que escolheu o antropônimo Bianca Vitória Magro para a mudança dos documentos após a cirurgia.

Esse sujeito tem seu percurso de transição de gênero, ou melhor, o devir mulher traçado na reportagem cujo enunciador o projeta temporalmente desde sua infância em Ribeirão Preto -SP até seus planos após a conjunção com o objeto modal, a cirurgia de mudança de sexo, em suas palavras, das quais destacamos as figuras “meu complemento” e “minha varinha de condão” (CORRÊA, 1998, p. 11), com detalhes do pós-operatório e de suas expectativas em relação a sua vida sexual e a sua carreira.

Em resposta a perguntas escrutinadoras, Bia, apelido dado



pelas amigas ao protagonista, narra seus conflitos internos, com a família e com a sociedade. Dentre esses, o conflito mais importante e recorrente, que revela os mais variados estados de alma do sujeito, ocorre com o ator que exerce o papel actancial de antissujeito - seu próprio pênis - apresentado desde a primeira pergunta da entrevista: **“Trip. Você se considera uma mulher?** Eu sou uma mulher. Uma mulher que tinha um pênis. Esse sempre foi o meu grande conflito” (CORRÊA, 1998, p. 2).

Nesse ínterim, ela também compartilha a solidão, frequente nas pessoas trans, que também lhe acomete. Esse estado de alma decorre das violências de vários tipos sofridas em razão do preconceito, discriminação e marginalização a que foi submetida, inclusive de sua própria comunidade, perceptível no trecho a seguir:

Você tem muitos amigos? Não. São 27 anos de solidão... Sempre convivi com a [...] rejeição social, rejeição familiar, discriminação. Tinha um aniversário na casa da minha irmã e eu não era convidada. [...] Os heterossexuais discriminam e os homossexuais rejeitam porque eu não me comporto como eles. Cheguei a ser agredida na rua sem motivo. Um cara me bateu com um paralelepípedo na minha cabeça. Quebrou meu maxilar, deslocou minha retina e perdi a visão de um olho (CORRÊA, 1998, p. 9-10).

O tema da violência, que chega ao seu grau máximo e atenta contra sua vida, é manifestado

pelas figuras “agredida”, “bateu”, “quebrou”, “deslocou”. Já o tema da marginalidade social é recuperado pelas figuras “rejeição social”, “rejeição familiar”, “discriminação”, “não era convidada” para eventos sociais, que demonstram o não-poder ocupar e circular o mesmo espaço que pessoas cisgêneras.

Como adjuvante na resolução de certos conflitos, que lhe doa um saber para a compreensão de sua condição e de sua identidade de gênero, depreendemos a terapia:

Você faz terapia? Faço há dez anos, desde quando eu realmente senti necessidade de saber o que eu era, de entender porque eu sentia que era uma mulher e ninguém aceitava isso. Foi quando a terapeuta disse: [...] Você é uma transexual”. Ela me explicou o que era isso e senti um alívio enorme. (CORRÊA, 1998, p. 9).

Embora a reportagem se pareça com um conto de fadas daqueles com finais felizes, já que o sujeito se torna realizado quando entra em conjunção com o objeto-valor vida, após adquirir o poder para isso, em decorrência da eliminação de seu antissujeito, essa narrativa é marcada por paixões disfóricas e por uma eufórica que a move até esse desfecho: a obstinação.

Analisaremos a seguir, essas paixões que acometem o sujeito para, só então mais adiante na pesquisa, descrevermos a(s) forma(s) de vida trans, dado que, segundo Fontanille



(1993, p.11), como fundamento de toda forma de vida, encontra-se um estado de alma.

3.2 Uma mulher apaixonada

Para relembrar, a transexualidade é uma expressão identitária que se dá pela desconformidade com as normas de gênero (BENTO, 2008). Essas normas são convencionadas pela sociedade, ditadas pelas ciências médicas através de um determinismo biológico que está condicionado ao sexo biológico e à heterossexualidade, sendo considerado o binarismo masculino vs feminino, homem vs. mulher o único natural. Assim, a pessoa trans que compartilha desses valores mas deseja expressar um gênero diferente do genital com o qual nasceu, sente-se culpada por essa incompatibilidade e sofre de conflitos internos que geram tumultos modais de diferentes arranjos sintagmáticos, como é o caso de Bianca que quer e sabe ser mulher, mas não deve sê-lo como prescreve o destinador sociedade, muito menos pode sê-lo por obstaculização de seu antissujeito, o pênis. Dessa relação polêmica intersubjetal surge o ódio.

O ódio é uma das variações da cólera, cuja estrutura actancial é composta de três papéis: sujeito, objeto (esperado ou desejado) e outro sujeito, que se constitui como antissujeito (DITCHE; FONTANILLE; LOMBARDO, 2005, p. 64).

Outrossim, Bertrand (2003, p. 360) explica que “a cólera, que exprime a frustração de um sujeito em relação a um objeto do qual ele

está privado e ao qual ele “crê ter direito”, intensifica, em relação a ela, o estado de disjunção”.

Para analisar o desenrolar da cólera no texto, tomamos o seu dispositivo passional, que foi inicialmente sequenciado por Greimas em *Du Sens II* (1983) e remodelado por Fontanille (2005, p. 74), com o acréscimo de fases antecedentes e subsequentes, como demonstrado no esquema abaixo:

rivalidade exigência
 confiança → espera → frustração
 → descontentamento
 → agressividade → explosão
 impaciência aflição ressentimento
 ódio
 agitação desespero despeito
 vingança
 inquietude revolta

A passagem abaixo mostra tal estrutura actancial e é constituída de alguns estágios dessa sequência, como se observa na passagem a seguir:

Você culpava o seu genital por isso? Qual era a sua relação com o seu pênis: tocava ou sentia nojo?

Ele era poderoso: me impedia de trabalhar, de estudar, de viver. Era uma coisa que tava ali, mas que não me pertencia. Um apêndice, um pedaço de carne morta que só servia para me incomodar. [...] Eu odiava aquilo. Eu queria bater na cabeça dele com um martelo, porque era horrível. (CORRÉA, 1998, p. 7, grifos nossos).

O pênis, enquanto figura, exerce o papel actancial de antissujeito, pois, ao sequestrar ao sujeito a modalização do poder, impede-



lhe de viver como uma mulher de verdade (com vagina), conforme as regras do destinador sociedade, ou seja, de entrar em conjunção com o objetos-valor trabalho, estudo e vida, aos quais esse sujeito crê ter direito (confiança), além de desejá-los (espera). A frustração provém do impedimento dessa conjunção e o descontentamento se manifesta por meio da figura “insuportável”.

Devido ao recrudescimento da intensidade desse descontentamento e, portanto, do querer-ser, esse sujeito de estado passa a ser modalizado pelo querer-fazer. Conseqüentemente, é motivado a empreender um programa de uso para aniquilar o antissujeito através de uma sanção pragmática negativa manifestada em “eu queria bater na cabeça dele com um martelo”.

Assim, observa-se um avanço para os estágios da agressividade e da explosão na sequência do dispositivo passional da cólera. No trecho a seguir, Bianca intenta chegar às vias de fato, e partir para a performance através da autocastração, mas sem sucesso, já que embora haja um querer intenso, existe um não-poder-fazer que a impede, pois estava impelida pelo medo. Assim, experimenta mais um tumulto modal: **“Você tentou se castrar?”** Eu tinha uma vontade de me livrar daquilo e pensei nisso algumas vezes. [...] Já peguei a faca, já encostei, dei um cortezinho. Mas deu medo. Parei. Tive medo de morrer” (CORRÊA, 1998, p. 8).

A única forma viável de realizar-se e adquirir a modalização do poder-

ser impedido pela legislação seria a cirurgia de transgenitalização, em outros termos, a extirpação do pênis, análoga a finalmente livrar-se do antissujeito, e a construção de uma vagina, um de seus objetos-valor mais cobiçados. Só assim Bianca cumpriria o contrato firmado com o destinador sociedade, porém, isso não era tão simples quanto se pensava, visto que por muito tempo esse procedimento fora proibido pela legislação. Observemos o seguinte:

Foi difícil chegar à cirurgia? Foi terrivelmente difícil e sofrido. Passei a procurar a Unicamp insistentemente em 93. Fiquei cinco anos nesse vaivém. [...] Chegava lá às dez da noite para ser atendida às dez da manhã. Fiz uma maratona de exames nada se resolvia. [...] Podia ter ido operar no exterior, mas eu precisava provar para o meu país quem eu era. (CORRÊA, 1998, p. 10).

Você acha que a cirurgia se tornou uma obsessão? Era sua razão de viver? Sim, foi o que me moveu por esses anos. Ela era a única forma de extrair uma coisa que me fazia mal, me deprimia, que não me deixava viver. (CORRÊA, 1998, p. 10-11)

Destarte, Bia é dotada de um *querer-ser* que está em conflito com um *não-poder-ser* e tem ciência disso, ou seja, ainda é modalizada por um *saber-não-ser*. Para Greimas e Fontanille (1993, p. 63) essa é uma das possibilidades de paradoxo da obstinação. Segundo Bertrand (2003, p. 371-372):

A obstinação caracteriza o sujeito que não somente quer fazer, mas quer ser aquele faz, embora saiba que a conjunção a que ele visa pode não se realizar, ou mesmo pode não ser: ele quer apesar dos obstáculos, e a própria resistência alimenta sua vontade. [...] Aqui aparece a tensividade aspectual, ao modo da duratividade [...] Os traços aspectuais definem a maneira de ser que “sensibiliza” a modalidade e a rege, atribuindo-lhe valores variáveis (BERTRAND, 2003, p.371-372.).

As figuras “terrivelmente” e “sofrido” demonstram o modo que a própria resistência intensificava o querer-fazer desse sujeito. Já os traços aspectuais da duratividade dessa paixão podem ser recuperados dos cronônimos, como os o número de horas e anos dispensados a esse fazer, como também pelo advérbio de modo “incessantemente”. Além de ser movido por essa obsessão, evidencia-se que o destinatário age manipulado por provocação, posto que precisava “provar para o seu país quem era”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, portanto, que o texto *Mulher de Verdade* possui traços comuns às narrativas típicas de pessoas trans mencionadas por Bento (2008), dentre os quais se destacam os conflitos e a solidão. Desses conflitos, emergem vários estados de alma que marcam o percurso de transição desse sujeito, especialmente o ódio e a obstinação, que mantêm uma relação de causa e consequência entre si

respectivamente. Isso, porque ao chegar na fase de explosão e atentar contra sua própria vida para aniquilar seu antissujeito, é tomado por um não-poder-fazer, que a direciona para a busca qualificada dessa remoção, a cirurgia de transgenitalização. Por ser aparentemente inatingível, age motivada pela obstinação para transformar esse quadro modal e, enfim, realizar-se, consoante os valores do Destinator da sociedade, que só considera uma mulher de verdade aquela que tem vagina.





REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017. 329 p.
- _____, Berenice. *O que é transexualidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. 223 p.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CORRÊA, Sílvia. *Mulher de Verdade*. Revista trip, [S. l.], n. 62, p. 1-16, 1 jun. 1998. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/bianca-magro-e-a-primeira-pessoa-a-passar-por-uma-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-legalmente-no-brasil>. Acesso em: 31 ago. 2021.
- FIORIN, José Luiz de. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FONTANILLE, Jacques. *Formes de vie*. Liège, Belgique: Presses Universitaires de Liège, 2015. 274 p. ISBN 978-2-87562-066-8.
- _____, Jacques. *Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização*. Trad. Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz et al. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (Orgs.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Faac, 2008a.
- _____, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008b.
- GREEN, James. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. FINO, Cristina; LEITE, Cássio Arantes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2019. 551 p. ISBN 978-85-393-0793-7.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. 1 ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.
- _____, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo. Tradução de Alceu Dias Lima, Diana L. Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 2011.
- _____, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- MINUANO, Carlos. *Brasil é o país que mais mata pessoas trans: 175 foram assassinadas em 2020*. UniversuOL, [S. l.], 29 jan. 2021. Diversidade, p. 1-10. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/29/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-175-foram-assassinadas-em-2020.htm>. Acesso em: 31 ago. 2021.
- NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes Santos; ABRIATA Vera Lucia Rodella. *Um Copo de Cólera: A Afirmação de Si e a Destruição do Outro*. Revista Intercâmbio, volume XVII: 142- 153, 2008. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.
- RALLO DITCHE, Elisabeth; FONTANILLE, Jacques; LOMBARDO, Patrizia. *Jalousie. Dictionnaire des passions littéraires*. Paris: Belin, 2005.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 8. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Record, 2011. 586 p. ISBN 978-85-01-05066-3.



A CAMPANHA PUBLICITÁRIA DA NATURA PARA O DIA DOS PAIS. UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA.

Marcela Soares de PAULA (UNIFRAN)
Vera Lúcia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)

RESUMO

O *cópus* desta pesquisa é constituído de dois vídeos de campanhas publicitárias da Empresa brasileira de Cosméticos *Natura*, produzidos em 2020 e 2021 para o Dia dos Pais. Com base no instrumental teórico da semiótica francesa, nosso objetivo é apreender a construção dos sentidos dos textos, analisando o contrato enunciativo que o enunciador visa estabelecer com o enunciatário para convencê-lo a adquirir produtos da *Natura*. Para isso, utilizamos elementos do percurso gerativo de sentido, o conceito de paixão em semiótica e os regimes de interação, especialmente os regimes de manipulação e de ajustamento que se apreendem na relação entre os sujeitos do enunciado e da enunciação em ambos os textos.

PALAVRAS-CHAVE Percurso gerativo de sentido, paixão, regimes de interação, intertextualidade, plano de expressão.

ABSTRACT

The corpus of this research consists of two advertising campaigns videos by the Brazilian Cosmetics Company *Natura*, obtained in 2020 and 2021 for Father's Day. Based on the theoretical instruments of French semiotics, our objective is to apprehend the construction of meanings of the texts, analyzing the enunciative contract that the enunciator aims to establish with the costumers to convince them to purchase *Natura* products. For this, it uses elements of the generative path of meaning, the concept of passion in semiotics and the interaction regimes, especially the manipulation and adjustment regimes that are apprehended in the relationship between the subjects of the utterance and the enunciation in both texts.

KEYWORDS generative path of meaning, passion, interaction regimes, intertextuality, expression plane.

Introdução

Esta pesquisa, intitulada “A campanha publicitária da *Natura* para o dia dos pais. Uma abordagem semiótica” analisa duas campanhas da empresa brasileira de cosméticos *Natura* para o Dia dos Pais dos anos de 2020 e 2021.

O primeiro vídeo, anunciado no período de julho a agosto de 2020 pela mídia televisiva, Youtube e, também, Instagram e Facebook da empresa, divulga o perfume Homem Emocion.e por meio da hashtag #MeuPaiPresente. O segundo vídeo, objeto de análise, faz parte da campanha para o dia dos pais de 2021 da empresa e com



a hashtag #SejaHomemPraSentir, divulga produtos cosméticos para o homem que exerce o papel temático de pai, especialmente o Novo Natura Homem tato.

Neste texto analisaremos apenas o primeiro vídeo de 2020 no qual o enunciador estabelece diálogo intertextual com a letra da música “Velha Infância”, do grupo Tribalistas, canção que repertoria toda a campanha e se manifesta como um diálogo musical dos atores “pais” e “filhos” que se projetam no texto.

Nosso objetivo é observar, com base nos pressupostos teóricos da semiótica francesa, o modo como se constrói a significação dos textos sincréticos. Para isso, no plano de conteúdo, utilizamos elementos do percurso gerativo de sentido, examinando os níveis fundamental, narrativo e discursivo, com o intuito de mostrar as estratégias utilizadas pelo enunciador para persuadir seu enunciatário a adquirir o perfume “Homem” da Natura. Utilizamos ainda os regimes de interação de Eric Landowski (2014), especialmente os regimes de manipulação e de ajustamento que se apreendem entre sujeitos do enunciado. Tendo em vista o plano de expressão e sua relação com o plano de conteúdo, utilizamos respectivamente fundamentos da semiótica plástica e da semiótica tensiva, focalizando a noção de presença desenvolvida por Fontanille e Zilberberg (2001).

A pesquisa se faz importante, pois a campanha, para além de visar à venda do perfume para o dia dos pais cria a

imagem do ator em interação com o filho. A campanha, visa romper com valores estereotipados associados à figura paterna, advindos da sociedade patriarcal, a fim de mostrar a necessidade de reflexão sobre tais valores que revelam preconceitos de gênero, raça e classe social. Além disso, tem por objetivo sensibilizar o enunciatário para a importância da presença dos pais na vida dos filhos e da relação de união e amor entre eles.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

A pesquisa tem como referencial teórico a semiótica francesa. Portanto, o trabalho está sendo realizado através de pesquisas bibliográficas, tendo como foco os teóricos Algirdas Julien Greimas (2020) e Joseph Courtés (2020), Jean Marie Floch (2014), Denis Bertrand (2003), Eric Landowski (2014), Ugo Volli (2016), Jacques Fontanille e Claude Zilberberg (2001), José Luiz Fiorin (2018), e Diana Luz Pessoa de Barros (2005), Teixeira (2009).

Como o vídeo da campanha selecionado para esta análise é um texto sincrético no qual se manifestam a linguagem verbal e a linguagem visual, é importante definir o sincretismo: “[...] pode-se considerar como sincréticas, num sentido amplo, as semióticas que como [...] o cinema, acionam várias linguagens de manifestação” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p.467).

A construção da significação do texto terá por fundamento elementos do percurso gerativo



de sentido. Para Fiorin (2018), o percurso gerativo de sentido é uma sucessão de níveis que recebem uma descrição adequada com o objetivo de produzir e interpretar os sentidos de um texto. Nessa perspectiva, no nível discursivo analisaremos as estratégias do enunciador para persuadir seu enunciatário a adquirir os produtos da Natura., e a análise se voltará especialmente para a dimensão enunciativa, observando o modo como se estabelece o contrato entre enunciador e enunciatário

Outro referencial teórico que embasará nossa pesquisa é a Sociossemiótica, sistematizada por Eric Landowski, com a aplicação de conceitos da obra *Interações Arriscadas* (2014), que nos possibilitará compreender os regimes de sentido inscritos no texto, particularmente o regime de ajustamento.

2. ANÁLISE PILOTO DO CÓRPUS

O texto selecionado para esta análise faz parte do *corpus* que constitui o objeto de nossa pesquisa de mestrado: um vídeo em homenagem ao Dia dos Pais da empresa Natura, campanha de 2020, nomeado #MeuPaiPresente.

O vídeo permite compreender o amor e a dedicação dos pais pelos seus filhos. Assim, a categoria semântica que se fundamenta em uma oposição na campanha publicitária #MeuPaiPresente é /presença vs. ausência/, sendo a presença eufórica e a ausência, disfórica.

A campanha mostra a relação amorosa entre pais e filhos em

seu cotidiano. As cenas revelam a presença dos pais na vida dos seus filhos desde a mais tenra infância até a fase adulta. A canção “Velha Infância” do grupo Tribalistas é cantada pelos atores em cena, simulando um diálogo entre eles.

A união entre pais e filhos é perceptível do início ao fim da campanha. O que prevalece entre eles é a competência estética, do sentir. De acordo com Landowski, essa interação entre os sujeitos é nomeada de ajustamento.

Nos processos de ajustamento, a maneira como o ator influencia um outro passa por caminhos bem diferentes: não mais pela comunicação de objetos autônomos (mensagens, simulacros, valores modais ou objetos-valor) que desempenham a função de discursos persuasivos ou dissuasivos no quadro de uma lógica da “junção”, mas pelo *contato* (“contagioso”) [...] (LANDOWSKI, 2014, p. 50).

O contato entre pais e filhos é constante. Ora o sujeito pai está com seu filho em seus braços, fazendo-o ninar, ora o pai está pintando o corpo de seu filho, ora estão abraçados, ora estão brincando, ora estão cozinhando e almoçando juntos, entre outras atividades em que há um contato direto entre eles, o corpo a corpo. Eles se sentem reciprocamente.

Dessa maneira, a relação entre os sujeitos na campanha se dá através do regime do ajustamento.

A relação que une os *interactantes* [...] no ajustamento pode ser



representada pelo *entrelaçamento*, motivo que figurativiza bem precisamente o tipo de coordenação dinâmica que articula nesse caso o *fazer junto*, ao mesmo tempo concomitante e recíproco, de dois parceiros (ou de dois adversários) em movimento, em que cada um sente o sentir do outro graças a uma relação direta, corpo a corpo, e se amolda (por contágio) a suas emoções, a seu ritmo, a sua hexis mesma (LANDOWSKI, 2014, p.97).

Figura 1



Figura 2



Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w8AQe9jop8Y>>. Acesso em: 13 out. 2020.

Nestas cenas, em especial, notam-se pais e filhos praticando as mesmas ações juntos, corpo a corpo, em um mesmo movimento, concomitante. Na cena da esquerda, o pai se agacha para se amoldar à altura do filho para *fazer junto* o movimento da luta marcial. Na cena à direita, ambos desfrutam o prazer de escorregar na grama, vivenciam juntos a mesma sensação, como se pode observar em suas expressões faciais. Em contato direto um com o outro, “cada um sente o sentir do outro”. Há harmonia entre eles através do olhar, do agir e do dialogar. Estão fortemente ligados um ao outro e isso se dá de forma natural entre eles.

A interação se dá através do contato, da importância do estar junto, do sentir um ao outro. O que importa é “fazer sentir que se deseja para fazer desejar”, “é acalmar o outro com sua própria calma” (LANDOWSKI, 2014 p. 51).

É importante destacar também que os textos publicitários têm dois objetivos, que possuem diferentes relações e gradações: um é promover a venda de produtos, o outro é associar valores a uma determinada marca, segundo Hernandez (2005, p.235).

O objetivo da campanha é promover o perfume *Homem Emocion.e e*, e quando o enunciador Natura propõe uma homenagem para o Dia dos Pais, há ainda a intenção de fazer o enunciatário comprar a imagem positiva da empresa, que propõe a diversidade de gênero, raça e de classe social, como se pode notar na figurativização dos atores. Essa estratégia visa a combater o preconceito social. Nesse sentido, convém lembrar que entre os 17 objetivos do desenvolvimento sustentável da ONU, 13 falam do impacto social, e empresas como a Natura têm atentado para isso.

O combate aos preconceitos citados pode ser observado na narrativa, já que apresenta as figuras de pais, de filhos - pertencentes a classes sociais diferentes, assim como, idades e raças - que abraçam, beijam, brincam, cantam e cozinham, simulando elementos do mundo natural e isso cria efeito de sentido de verdade no texto. Dessa forma, pais e filhos são figuras que revelam, através dos sentimentos de alegria, companheirismo, amizade e confiança, a paixão do amor filial, a representação da paternidade, que só é possível, dentro do texto, com a presença.

Além de mostrar que os atores pertencem a classes sociais e raças diferentes, o enunciador constrói um novo papel temático do ator “pai”. O ator pai na propaganda revela a imagem de um pai ideal, participante, que sabe cozinhar, tem tempo para brincar, dar carinho, ensinar e educar o filho, entre outras funções importantes. Temos, portanto, a imagem de um pai que, ao fazer tarefas domésticas e cuidar dos filhos também expressa suas emoções, através do abraço, do beijo, do olhar e através do diálogo.

Há, assim, um rompimento com os valores estereotipados da sociedade patriarcal, em que as funções de cuidar dos filhos e da casa era apenas função da mulher, no papel temático de mãe. Sem contar que o homem não podia demonstrar seus sentimentos, pois isso era sinal de fraqueza.

É válido ressaltar que essa campanha teve uma grande

repercussão nas mídias, pois vários pais foram contratados para serem influenciadores digitais do perfume *Homem Emocion.e* na campanha do Dia dos Pais de 2020 e um deles foi Thammy Miranda, ator transexual, pai de um garotinho. Dessa forma, a campanha vem mostrar um novo conceito de paternidade que vigora na sociedade atual.

Para atingir o objetivo desejado - venda do perfume *Homem Emocion.e*- o enunciador tenta persuadir seu enunciatário através da manipulação por sedução e tentação e a manipulação acontece tanto no nível do enunciado, quanto no nível da enunciação.

Em relação ao nível do enunciado, o sujeito “filho” na narrativa, sente-se tentado a comprar o objeto-valor perfume, que lhe é oferecido, como forma de recompensar seu pai por tudo aquilo que este já fez por ele em toda sua vida. Assim, temos a manipulação por tentação no nível do enunciado. Isso se comprova nas cenas a seguir:

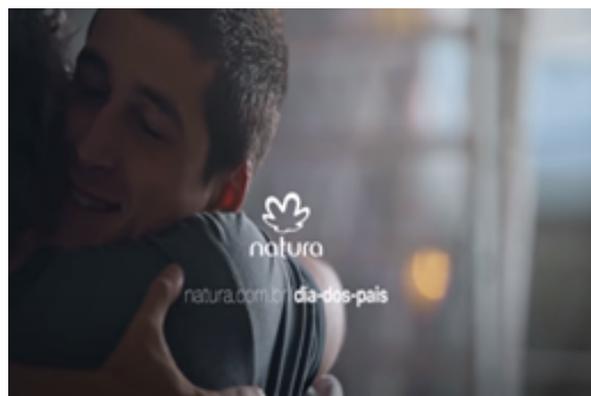




Figura 3



Figura 4



Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w8AQe9jop8Y>>. Acesso em: 13 out. 2020.

Na cena à esquerda, a projeção metonímica da figura de um homem (filho), figurativizado por sua mão, faz referência ao momento em que o filho entrega o presente (perfume) ao seu pai no Dia dos Pais e, logo em seguida, eles se abraçam. Isso mostra que o sujeito “filho” reconhece a importância de tudo aquilo que seu pai já fez por ele, inclusive a importância da sua presença na vida do pai. A cena em que eles se abraçam mostra que o filho marcou aquele dia (Dia dos Pais) tanto com o perfume *Homem Emocion.e* quanto com a sua presença física.

Já no nível da enunciação, o enunciador tenta manipular o enunciatário através da tentação e da sedução. Na tentação, o enunciador tenta despertar nos enunciatários “filhos” – espectador - o sentimento de gratidão por tudo que os pais já fizeram por eles desde a mais tenra infância, oferecendo o objeto-valor perfume, para que esses espectadores “filhos” presenteiem seus pais.

A intenção do enunciador, também, é fazer com que o enunciatário “filho” – espectador - perceba a importância da sua presença na vida de seus pais, ora reforçando a importância da presença aos seus enunciatários “filhos” que já são presentes, ora querendo instigar nos enunciatários “filhos” que não são presentes na vida de seus pais, a sê-los.

Enquanto na sedução, o enunciador cria uma imagem positiva da empresa Natura, como já foi mencionado, mostra que a empresa não possui preconceitos de gênero, raça e classe social. O enunciador constrói essa imagem positiva da marca, visando a que o enunciatário (consumidor de um modo geral), ao se sensibilizar com esses valores e concordar com eles, adquira o produto.

Nesse processo, o enunciatário é instado não somente a comprar o produto, mas a ideia, os valores oferecidos pelo enunciador. Visa-se construir, portanto, uma imagem positiva do enunciatário, que se concordar com os valores e comprar os produtos, irá mostrar-se também livre de preconceitos. Há, assim, um espelhamento, entre enunciador e enunciatário. Um se torna reflexo do outro.



Em relação à hashtag #MeuPaiPresente – nome do vídeo da campanha, é possível apreender os seguintes sentidos:

1. *Meu pai é meu presente*
2. *Meu pai está presente*
3. *Meu pai merece este presente – o perfume.*

No título do vídeo, temos a debreagem enunciativa com o pronome “Meu” referindo-se à primeira pessoa do discurso, criando o efeito de sentido de subjetividade. Assim como no diálogo entre os atores que se manifesta no plano verbal da letra de “Velha Infância”:

“Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito
Eu gosto de você
E gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo
O meu melhor amigo é o meu amor
E a gente canta
E a gente dança
E a gente não se cansa
De ser criança
A gente brinca
Na nossa velha infância”

Fonte: Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/tribalistas/64148/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

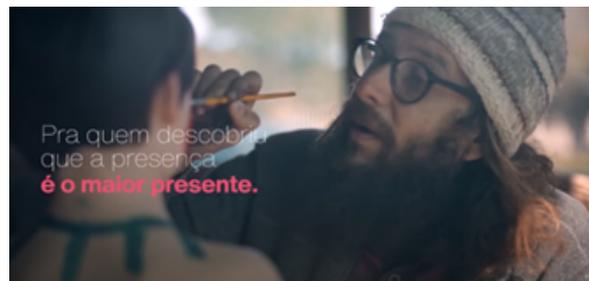
O enunciador de “Velha Infância” projeta os atores pais e filhos por meio de debreagem actancial e temporal enunciativa que se observa no diálogo entre os atores pais e filhos. Estes, como interlocutores, tomam a palavra, simulando ações no tempo presente da enunciação.

A figura “presente” na hashtag #MeuPaiPresente é polissêmica: como adjetivo refere-se tanto ‘a um pai interessado na vida do filho quanto pode ser considerada uma dádiva na vida do filho ou ainda àquele que está presente no momento da enunciação.

No vídeo, o sentido da palavra “presente” ainda se refere ao perfume *Homem. Emocion.e*, objeto-valor que deve ser dado aos pais como forma de recompensa; além disso, a palavra “presente” refere-se ao tempo verbal, o que caracteriza a debreagem temporal do texto – presente no diálogo entre os atores através da canção.

Outros enunciados verbais compõem o texto publicitário, como este a seguir: “Para quem descobriu que a presença é o maior presente” que aparece em tela na cena a seguir:

Figura 5



Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w8AQe9jop8Y>>. Acesso em: 13 out. 2020.

Esse enunciado refere-se aos sujeitos que descobriram a importância da união. Fica implícito que há sujeitos que ainda não adquiriram esse saber. Dessa maneira, a narrativa no plano visual tem a intenção de levar o enunciatário a refletir e se sensibilizar, por meio



da lembrança do cuidado paterno na sua infância, sobre o dever-fazer: presentear o pai em seu dia. Portanto, sua presença deve ser marcada com o perfume, assim como, com sua presença física. Isso se comprova com as últimas cenas, já citadas anteriormente nas figuras 3 e 4, quando o enunciador enuncia: “Emocione com a sua presença, uma homenagem de Natura Homem para o dia dos pais”. O pronome “sua” no enunciado “Emocione com a sua presença”, refere-se ambigualmente tanto à importância da presença do filho no dia dos pais quanto à presença do perfume. O verbo “emocione”, no imperativo afirmativo, é um apelo com a intenção de levar o enunciatário “filhos” a crer que a sua presença, juntamente com o perfume, irá emocionar seu pai. Dessa forma, reforça ainda mais a importância tanto da presença do filho na vida dos pais quanto a importância de presentear-lo com o perfume – *Homem Emocion.e*

O enunciador dirige-se ao enunciatário e provoca ambiguidade ao estabelecer um jogo entre o objeto-valor perfume, do universo do consumo, e o objeto amor filial com o objetivo de persuadir o filho a adquirir o produto.

É importante ressaltar que o verbo “emocione” no enunciado está diretamente relacionado ao nome do perfume *Homem Emocion.e*, divulgado na campanha, pois a Natura possui outros perfumes da mesma linha como: *Homem Cor.agio*, *Homem Sagaz*, *Homem Essence* etc.

No plano visual, as cenas da propaganda, configuram-se, inicialmente, de maneira que mostram a imagem do convívio de um único ator pai com seu filho(a) ou filhos, ou seja, são projetados individualmente em tela. Ao iniciar o refrão da música “Velha Infância”, essa configuração muda, mostrando em uma única tela, o convívio de vários atores pais e filhos.

Dessa forma, no momento do refrão, o espectador visualiza várias cenas, concomitantemente, de pais e filhos unidos, se abraçando, dialogando e cantando juntos o refrão da música: “Você é assim, um sonho pra mim”, formando um coro. Essa mudança de configuração de tela que sai do particular e vai para o coletivo cria o efeito de sentido de que a união entre pai e filho, que se inicia na infância por contágio, ecoa ao longo da vida desde que se sinta que a presença é o maior presente.

No plano visual, ainda, é importante ressaltar que os atores “pais” aparecem em várias posições: ora estão em pé segurando seus filhos, ora estão sentados e ora estão deitados brincando com eles. Essas diferentes posições também são mostradas pelos diferentes lugares em que se encontram: ora estão em cima de um telhado de uma casa, ora estão no chão, simulando situações vividas no cotidiano e revelam que os atores “pais” estão presentes em todos os momentos na vida dos filhos, na infância, juventude, na idade madura, proporcionando-lhes carinho, dedicação e cuidado.



3. RESULTADOS PARCIAIS

A análise, que se encontra em construção da campanha publicitária #MeuPaiPresente da *Natura*, possibilitou-nos verificar a maneira como o enunciador visa persuadir seu enunciatário. Essa persuasão se dá através de dois regimes propostos por Landowski, o regime de manipulação e do ajustamento.

No regime de manipulação, o enunciador manipulador propõe ao destinatário um objeto-valor positivo, do universo da mercadoria, o perfume, levando-o a querer adquiri-lo por meio da tentação e da sedução.

No regime de ajustamento, o “sentido é criado em ato” (LANDOWSKI, 2014, p.91), através do “gesto enunciativo de *endereçamento recíproco*” entre o eu ‘filho’ e o tu “pai” numa dança de interlocução que “contagia” o interlocutário (filho), tanto no nível do enunciado verbo-visual, quanto no nível da enunciação - enunciatário filho - simulacro do consumidor.

O enunciador *Natura*, nessa perspectiva, visa levar seu enunciatário não somente a adquirir o perfume “Homem” como a “comprar” a imagem positiva da empresa, cujo objetivo é revelar um conceito da figura paterna que seja isento de preconceitos de raça, gênero, sexualidade, conforme se pode notar em reportagem do site *Observatório de qualidade no audiovisual*¹.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2001.
- _____. *Teoria Semiótica do texto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BATISTA, J. #sejahomemparasentir. Youtube, 02 ago. 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wDBsMbvIvr0&t=2s>>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- DISCINI, N. *Estilística discursiva: modos de presença do sujeito*. Passo Fundo: 2007.
- FIORIN, J.L. *As astúcias da Enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FLOCH, J.M. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*. Pour une sémiotique plastique. Paris-Amsterdam: Hadès-Benamins, 2014.
- _____. *Le carré: semiotique: Pour une topographie du sens*. Semiotique et publicité II, Institute de Recherches et d'Etudes sur la Publicité, Paris: IREP, 1983.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- GREIMAS, A.J. *Da Imperfeição*. 2.ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

¹ Segundo Perobeli (2020) a Natura, em sua campanha de dia dos pais de 2020, “celebra diferentes formas de paternidade, entre elas a representada por Thammy Miranda, pai de Bento, de 9 meses. Homem transgênero, o ator foi um dos 14 personagens escolhidos para representar a empresa por meio de posts patrocinados em suas redes sociais. E a sua participação foi o que gerou a enorme repercussão da campanha.



GREIMAS, A. J. COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

HERNANDES, N. Duelo: a publicidade da tartaruga da Brahma na Copa do mundo. In: LOPES, Ivã Carlos (orgs). *Semiótica objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

LANDOWSKI, E. *Interações Arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores 2014.

NATURABROFICIAL. #MeuPaiPresente.Youtube, 19 jul.2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w8AQe9jop8Y>>. Acesso em: 13 out. 2020.

TEIXIERA, L. Para uma metodologia de análise de textos verbosuais. In: *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

_____. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. *Gragoatá*, Niterói, v.9, n.16, p.229-242,1. sem. 2004.

TRIBALISTAS. *Velha infância*. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/tribalistas/64148/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

VOLLI, U. *Semiótica da Publicidade: A criação do texto publicitário*. Lisboa: Arte & Comunicação, 2016.



PRODUÇÃO DE SENTIDOS PARA UM TROTE: DISCURSO DE OFENSA ÀS MULHERES OU APENAS UMA ‘BRINCADEIRA INFELIZ’ ...?

Marília Achete Junqueira GARCIA (UNIFRAN)¹
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)

RESUMO

Em 2019, um trote ocorrido nas imediações da Universidade de Franca - Unifran, para ingressantes do curso de Medicina, causou comoção na cidade, devido ao entendimento de algumas instituições e do Ministério Público desta Comarca de ter havido conteúdos ofensivos às mulheres. Contrapondo-se à posição da promotoria, a juíza proferiu sentença, não só negando o sentido de ofensa quanto culpando o ‘gênero’ feminino pelo acontecimento. Em face disso, objetivamos – com esse trabalho – mostrar, a partir da análise de algumas sequências discursivas selecionadas do texto da sentença, como o sujeito discursivo, que, no caso, ocupa a posição de juíza, produz sentidos de culpabilização da mulher para o acontecimento, ancorando-nos, para tanto, no conceito de memória discursiva desenvolvido no campo Análise de Discurso.

PALAVRAS-CHAVE Trote; sentença; memória discursiva.

ABSTRACT

In 2019, a hazing occurred in the vicinity of the University of Franca - Unifran, for newcomers to the medical course, caused a commotion in the city, due to the understanding of some institutions and the Public Ministry of this District that there was content offensive to women. Opposing the position of the prosecution, the judge handed down a sentence, not only denying the sense of offense but also blaming the female ‘gender’ for the event. In view of this, we aim – with this work – to show, from the analysis of some discursive sequences selected from the text of the sentence, how the discursive subject, who, in this case, occupies the position of judge, produces meanings of the woman’s guilt for the event, anchoring us, for that, in the concept of discursive memory developed in the field of Discourse Analysis.

KEYWORDS Trotting; Verdict; Discursive memory.

Introdução

No início de 2019, em decorrência de um ‘trote’ realizado por um veterano do curso de Medicina da Universidade de Franca, a promotoria de justiça acionou o Ministério Público para promover uma Ação Civil contra um ex-aluno de Medicina, por este ter estimulado práticas (entoamento de um discurso de juramento, por exemplo), com ingressantes do curso, as quais, para o promotor do processo,

¹ Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.



configuravam discursos de ofensa às mulheres, rememorando a condição de inferioridade em que viviam e contra a qual lutaram e estimulando a continuidade da violência contra elas, discursos esses perpetuados pelo discurso machista.

Contrapondo-se a esse posicionamento, a juíza da Comarca desta cidade construiu sua argumentação, na sentença, recorrendo a discursos que combateram tanto a ocorrência de ofensa quanto a existência de um discurso machista no acontecimento, tendo recorrido, na tessitura de sua contra-argumentação, a estratégias discursivas que foram compondo, a partir de regularidades enunciativas, o sentido de culpabilização das mulheres para o acontecimento.

É válido, neste momento, transcrevermos os conteúdos dos entoamentos do trote para que o leitor se situe com relação à análise e aos posicionamentos assumidos neste trabalho.

Entoamento das bixetes:

Eu prometo nunca entregar meu corpo a nenhum invejoso, burro, frouxa, filho da puta da Odonto ou da Facef. Repudio totalmente qualquer tentativa deles se aproveitarem e me reservo totalmente à vontade dos meus veteranos e prometo sempre atender aos seus desejos sexuais. Compreendo que namoro não combina com faculdade e, a partir de hoje, sou solteira, estou à disposição dos meus veteranos. Trecho do vídeo: inaudível...por suas reputações, mesmo que

eles sejam desprovidos de beleza ou cheire a ovo vencido. Juro solenemente nunca recusar a uma tentativa de coito de veterano (inaudível...) mesmo que ele cheire cheire cecê vencido e elas, a perfume barato.(PROCESSO)

Parte do entoamento dos bixos: “(...) E prometo usar, manipular e abusar de todas as dentistas e facefianas que tiver oportunidade, sem nunca ligar no dia seguinte.”

Assim, tendo-se em vista essa breve exposição, objetivamos analisar, neste trabalho, o funcionamento da memória discursiva em algumas sequências enunciativas proferidas pela juíza do processo em questão. Nosso interesse por essa análise se justifica pelo fato de que, ao nos envolvermos nos movimentos de descrição e de interpretação das sequências discursivas selecionadas, percebemos a produção do efeito de sentido de culpabilização das mulheres, para o acontecimento do trote, por um sujeito discursivo que ocupa uma posição de autoridade e de legitimidade do dizer, escancarando o discurso machista perpetuado em nossa sociedade e que induz à continuidade da violência contra as mulheres. E esses posicionamentos e ações precisam ser combatidos...

UMA BREVE PASSAGEM PELA TEORIA: MEMÓRIA E MOVIMENTOS DE SENTIDOS

...uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido

homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de desdobramentos e de retomadas, de conflitos de regularização...Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (PÊCHEUX, 2015, p.54)

Com a finalidade de elucidar o caminho que percorreremos para efetuar os gestos de análise propostos, será traçado um breve trajeto teórico, sendo preciso destacar que o gesto de análise interpretativa almejado trilhará caminhos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, com ênfase no conceito de memória discursiva, no qual nos ancoraremos para mostrar os funcionamentos discursivos da memória nas sequências discursivas selecionadas para análise.

Como analistas de discurso, é necessário mostrar como os sentidos vão se produzindo, mediante movimentos que vão da descrição para a interpretação e desta para compreensão. Na AD, a descrição precede a interpretação, sendo que esses movimentos ocorrem num 'batimento', conforme Pêcheux (2002), já que a linguagem - para a Análise de Discurso - não é transparente, isto é, interpretar é "expor-se à opacidade do texto" (Pêcheux, 2002) ou, como propõe Orlandi (1987), interpretar é compreender a maneira pela qual um objeto simbólico produz sentidos. Aqui, faz-se importante acrescentar que interpretar é buscar

pelos vestígios das redes de discurso que envolvem os sentidos de um enunciado, seja ele verbal e/ou imagético, atentando-nos para o fato de que "o sentido sempre pode ser outro" (ORLANDI, 2004, p. 64). E, nesses movimentos, é imprescindível observar o funcionamento da memória discursiva na materialidade discursiva, visto que esta abarca diferentes relações da posição-sujeito com a exterioridade:

Os discursos resultam de processos de significação que se fazem pela linguagem e pela história; apresentam, portanto, uma memória que recupera do interdiscurso os dizeres que já foram ditos antes, em outro lugar e independente deste dizer que é atualizado no momento da enunciação (LEANDRO FERREIRA, 2020, p.207).

Sendo assim, o funcionamento da memória discursiva na produção de sentidos se faz por um trabalho de repetição, de regularização, de cristalização de saberes, de práticas, no campo da memória. Consoante Orlandi (2004), o dizível tem como condição a repetição, porque é passível de interpretação, suscetível a ser repetido - efeito de já-dito na relação com o interdiscurso.

No entanto, esses saberes instaurados nas práticas discursivas sofrem atualizações, desvios no âmbito da atualidade de um acontecimento, a partir da inscrição dos sujeitos em formações discursivo-ideológicas, das posições que ocupam nessas formações, já que as palavras, as frases, as expressões





adquirem sentidos tendo em vista a inscrição desses lugares de ‘fala’ (em uma FD, não em outra; em uma posição dentro dessa FD). Ademais, é preciso que uma palavra já tenha sentido para fazer sentido.

Essa impressão do significar deriva do interdiscurso – o domínio da memória discursiva, aquele que sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, mas ‘esquecidas’, e que vão construindo uma história dos sentidos. Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do anonimato e da universalidade. Ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história. Esse é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível. Dessa ilusão resulta o movimento da identidade e o movimento dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se transformam, eles deslocam seu lugar na rede de filiações históricas, eles se projetam em novos sentidos. (ORLANDI, 2004, p. 71, 72).

De acordo com Pêcheux, em *Semântica e Discurso* (1988), existem funcionamentos discursivos que permitem acessar uma memória, sendo que o filósofo dá atenção especial ao pré-construído decorrente de um procedimento de encaixe sintático no interior do discurso do sujeito (INDURSKY, 2011) e ao discurso

transverso, cujo funcionamento “remete àquilo que classicamente é designado por metonímia, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa etc.” (PÊCHEUX, 1988, p. 166). O funcionamento do discurso transverso também é da ordem da repetibilidade que ocorre por meio da retomada de “saberes já-ditos em outro discurso, em outro lugar e cujo eco ressoa no discurso do sujeito.” (INDURSKY, 2011, p. 69).

Retomando a noção de pré-construído, seguindo com reflexões de Pêcheux (1988), sobre essa se faz preciso salientar que se trata de uma forma em que pode ocorrer a repetibilidade, a partir da inscrição de elementos do interdiscurso no discurso do sujeito enunciador em um movimento em que o que provém da região interdiscursiva seja absorvido-esquecido no intradiscurso. Tal procedimento não se faz perceptível ao sujeito; porém, “Algo fala sempre antes e em outro lugar e independentemente” (PECHÊUX, 1988, p. 149).

Funcionamento da memória discursiva na produção de sentidos para o trote

...se as mulheres que lá estavam são plenamente capazes e concordaram com a brincadeira infeliz, por que precisam de um ente estatal para falar em nome de uma “coletividade” da qual, em tese, fazem parte, mas de cujas ideias discordam?...
(JUÍZA, 2019, p. 1183)



Vejam, então, o funcionamento da produção de sentidos das sequências discursivas extraídas da sentença proferida pela juíza (como ação **improcedente**), atentando-nos para os enunciados destacados por nós.

SD1: “Apesar de vulgar e imoral, o discurso do requerido não causou ofensa à alegada coletividade das mulheres, a ensejar a pretendida indenização. O requerido não se dirigiu ‘às mulheres’ em geral, mas àquele grupo restrito de pessoas mencionado expressamente.”

Atentando-nos para a materialidade discursiva desse enunciado e visando ao enfoque do conceito de memória discursiva, no intuito de realizar o gesto de análise que ora se apresenta, volvamos, primeiramente, nossos olhares para o funcionamento discursivo da estrutura linguística ‘Apesar de...x’. Essa locução prepositiva com valor de conjunção adverbial concessiva, conforme perspectiva de gramáticas normativas, traz, em sua formulação, os sentidos pré-construídos de ‘possível’ impedimento contido no argumento 1 (que contém o sintagma concessivo) e de concessão (não impedimento) dos sentidos do discurso que a sucede, reforçando o sentido deste último. Trata-se de uma estratégia argumentativa que produz significações de que a enunciação do primeiro argumento (mais ‘fraco’) não impede a afirmação, o sentido de ‘verdade’ do argumento segundo. Expliquemo-nos, recorrendo ao método de parafraseagem. Antes,

porém, recorramos a reflexões de Pêcheux (2015) acerca da paráfrase.

O autor francês demonstra que há, em determinados processos discursivos, um distanciamento entre a palavra e a memória que, ao se ‘desmontar’, desdobra-se em paráfrases outras: “sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva (...). Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 2015 apud FRANÇA, 2016, p. 4).

Retomemos a análise:

- “Apesar de vulgar e imoral, o discurso do requerido não causou ofensa à alegada coletividade das mulheres, a ensejar a pretendida indenização(...)”.

E1: “Apesar de vulgar e imoral”: O sentido de vulgar e imoral para o discurso não impede a negação que virá no enunciado a seguir, produzindo o sentido de que ‘O discurso até pode ter sido vulgar e imoral, mas não causou ofensa...’;

E2: “o discurso do requerido não causou ofensa à alegada coletividade das mulheres”: ‘Não concedo que o discurso tenha causado ofensa à alegada coletividade das mulheres, mesmo tendo sido vulgar e imoral’, ou seja, as possíveis designações ‘vulgar e imoral’ não tornam o discurso ofensivo, uma vez que o sintagma concessivo concede ao sujeito do discurso um posicionamento favorável ao argumento 2.



Logo, constata-se, no funcionamento discursivo dessa estratégia argumentativa, que o sujeito do discurso não só deixa evidente seu posicionamento ideológico - que o discurso não causou ofensa -, como é a partir dele que articulará os discursos que serão construídos na sequência da formulação “Apesar de/x”.

Vejamos agora como se dá o funcionamento da memória discursiva na sequência discursiva seguinte:

SD2: “A inicial retrata bem a panfletagem feminista, recheada de chavões que dominam, além da esfera cultural, as universidades brasileiras. É bom ressaltar que o movimento feminista apenas colaborou para a degradação moral que vivemos, bem exemplificada pelo ‘discurso/juramento’ que ora se combate.”

Antes de nos atermos à análise do funcionamento discursivo desses enunciados, faz-se mister pontuar para o leitor que o sujeito discursivo que ocupa o lugar social de promotor constrói sua argumentação (que é analisada em outro lugar da pesquisa), assumindo uma posição ideológica inserida em uma formação discursiva que produz sentidos de ofensa às mulheres, de incentivo à violência contra elas, de misoginia, entre outros, para o discurso/juramento do trote.

A juíza, em nenhum momento da sentença, fez remissão às falas sobre misoginia, violência, apenas tomou

como referencial de seus discursos o sentido de ofensa às mulheres, para negá-lo, para desconstruí-lo. A fim de deslegitimar os discursos de estímulo à misoginia, à violência, esse sujeito discursivo ‘apaga-os’, ‘silencia-os’ ao não retomá-los em suas falas, como se pertencessem ao *non sense*. Ademais, ao fazer remissão ao discurso de ofensa, para negar a produção desse sentido, inscreve-se em uma formação discursiva filiada a uma rede de dizeres machistas, de refutação dos valores positivos do movimento feminista em prol dos direitos das mulheres. Ao seguir por esse caminho, constrói sua contra-argumentação, tomando como referencial de fala os movimentos feministas para se opor a eles, de modo tal que - rememorando, em sua fala, já-ditos, discursos cristalizados provenientes de práticas discursivas patriarcais - (re)produz os discursos de culpabilização das mulheres, consolidando seu posicionamento de que o acontecimento não passou de um discurso ‘vulgar e imoral’, uma **brincadeira infeliz!**

Vamos à análise do funcionamento discursivo dos enunciados:

- “A inicial retrata bem a panfletagem feminista, recheada de chavões que dominam, além da esfera cultural, as universidades brasileiras.”

A retomada da argumentação construída pela promotoria a partir da designação daquela como ‘panfletagem feminista’ não só deslegitima os sentidos produzidos pelos discursos do outro sujeito

discursivo, como os desrespeita, haja vista que os pré-construídos que produzem sentidos para ‘panfletagem’ inferiorizam o valor dos movimentos de luta e de conquista das mulheres pelos seus direitos, relegam-nos a uma instância de volatilização de dizeres, como panfletos que são distribuídos ‘por aí’, ‘pega quem quer’, ‘dá uma olhada’, ‘joga fora’, pois não têm valor, ou, se alguns se interessam por eles, logo se esquecem de seu conteúdo passageiro, descartável... Discursos/ ‘papéis’ que ‘só servem’ para ‘sujar as ruas’, ‘sujar a esfera cultural’, ‘sujar as universidades brasileiras’ com seus suportes (panfletos) descartáveis, com seus ‘chavões’, ou seja, ‘ideias e frases desgastadas, clichês’... E clichês são tão saturados de sentidos que já não fazem mais sentido... O sentido sem sentido produz a ilusão de que não há espaço para significar...

SD3: “Estamos vivendo a degradação moral e a subversão das identidades, de onde advém comportamentos como aquele descrito na inicial. Diante dos usos e costumes instalados na sociedade, promovidos pelo próprio movimento feminista, entender ofensivo o discurso do requerido é, no mínimo, hipocrisia.”

Lendo os enunciados que compõem a sequência discursiva acima, o que se produz como sentidos evidentes/verdadeiros é a afirmação da existência de um processo de degradação da moral (que sentido se atribui a essa ‘moral’?, moral de quem?) na sociedade, o

qual, aliado (‘e’) ao processo de subversão das identidades (quais?) são mecanismos responsáveis por engendrar comportamentos “como aquele descrito na inicial” (quais? mulheres ajoelhadas, entoando discurso degradante?). Há muitos sentidos incompletos nesses dizeres; contudo, a enunciação numa modalização de afirmação incontestada nos permite localizar o lugar ideológico de onde partem os dizeres, vez que são discursos ditos em outros lugares, por outros sujeitos. São discursos transversos, que atravessam os dizeres da ‘juíza’; discursos moralizantes provenientes da religião, da medicina e que se moldaram na forma (lê-se ‘fôrma’) do patriarcado, do machismo. Discursos esses com os quais se identifica o sujeito do discurso.

Dando prosseguimento à sua argumentação, ao acrescentar que “Diante dos usos e costumes instalados na sociedade, promovidos pelo próprio movimento feminista, entender ofensivo o discurso do requerido é, no mínimo, hipocrisia.” , o sujeito discursivo recorre ao mecanismo linguístico da anáfora, produzindo sentidos de verdade, de irrefutabilidade para a condição de degradação e de subversão das identidades em que ‘vive’ a sociedade, a partir do enunciado “Diante dos usos e costumes instalados na sociedade” que retoma os dizeres sobre os usos e costumes degradantes responsáveis por subverter as identidades. E tudo isso posto na conta do movimento feminista, o próprio, ele ‘mesmo’, isto é, as mulheres – elas mesmas,





elas próprias – são responsáveis pelo acontecimento do trote nos moldes em que foi produzido!

Para arrematar seu discurso, o julgamento incontestável de que “entender ofensivo o discurso do requerido é, no mínimo, hipocrisia” produz sentidos de verdade por um sujeito legitimado a enunciar e a julgar o que é verdadeiro e o que é falso. Ou seja: é verdade que o movimento feminista, e, portanto, as mulheres que se identificam com os discursos deste são responsáveis pela degradação dos usos e costumes da sociedade; são responsáveis pela subversão de identidades; são responsáveis pelos homens acharem que podem fazer com elas brincadeiras vulgares e imorais ... Consequentemente, “entender ofensivo o discurso do requerido é, no mínimo, hipocrisia” é verdade! Analisemos com mais acuidade esse enunciado.

No enalço de traçar um percurso argumentativo que deslegitimasse, que tornasse ‘improcedente’ o processo instaurado pela promotoria diante do acontecimento do trote em pauta de análise, o sujeito do discurso, no lugar de fala de juíza (autorizado e legitimado a julgar, a sentenciar, a dar um desfecho aos ‘sentidos’), mobilizou estratégias linguístico-discursivas que produziram não só ilusões de evidência de sentidos da não existência de ofensa, mas, e principalmente, também ilusões de evidência de produção de discursos de sentidos verdadeiros para o acontecimento, salientando a culpabilização das próprias mulheres

pelo ocorrido, de maneira a subverter os sentidos do discurso ofensivo, atribuindo-lhe a designação “discurso vulgar e imoral”.

Ao designar como ‘hipocrisia’ o posicionamento assumido pelo sujeito discursivo que ocupa o lugar de fala de promotor, o discurso machista atravessa sua enunciação (da juíza), sustentando seu dizer. Tentemos fazer desdobramentos para compreender o funcionamento dessa estratégia discursiva que se sustenta em um discurso transversal.

O sintagma ‘hipocrisia’ remete aos sentidos de dissimulação, de fingimento por parte de um sujeito. No caso, o sujeito empírico que tomou parte no processo é um homem e, como tal, só pode estar ‘fingindo’ entender que o discurso do trote foi ofensivo. Eis o funcionamento do discurso machista que atravessa a enunciação da juíza, sustentando sua argumentação.

Destarte, a estrutura linguística ‘Apesar de’ empregada como estratégia discursiva que marca um posicionamento inicial do sujeito discursivo – qual seja, o de que o discurso do trote fora vulgar e imoral, mas não ofensivo –, ao alicerçar-se nos argumentos encadeados a *posteriori*, reforça o sentido da não existência da ofensa (argumento mais forte na estrutura frasal) e abranda a designação de ‘vulgar e imoral’ para o discurso, visto que, se este adquiriu tais contornos, foi por culpa das mulheres que permitiram que o fosse, já que ‘os usos e costumes’ degradantes são de sua



responsabilidade. Esses sentidos vêm de já-ditos, ressoando com força as vozes que repetem: ‘Mas a culpa por isso é das mulheres!’ Ao final, sobre os ombros do acusado, restou (e não pesou) apenas ‘uma brincadeira infeliz’!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

...o dizer é sempre heterogêneo...é nesse percurso que vai entre o já dito e o futuro discursivo que o sentido e o sujeito podem (ou não) ganhar novas determinações, produzir (ou não) deslocamentos. Porque entre o dito e o não-dito é irremediável que haja um espaço de interpretação que não se fecha. Lugar de equívocos, de deslocamentos, de debates, de possíveis.
(ORLANDI, 2004, p. 72-73)

Valendo-nos de reflexões de Foucault (2005), ao analisar as relações de poder/saber, o autor assevera que essas relações são de luta no espaço de dizer, luta pela palavra, pelos sentidos regidas por uma ‘vontade de verdade’. Nessa esteira do pensamento foucaultiano, “há sempre uma tensão, uma luta entre os saberes de teorias globais e totalitárias contra os saberes da crítica, do contradiscurso” (MANZANO, 2018, p. 2).

Alicerçando-nos nesses postulados e interseccionando-os ao funcionamento da memória discursiva, ressaltamos que, nas produções de discursos pelos sujeitos, há sempre embate de sentidos, sentidos que se dão no encontro da língua com a história, no encontro de

um acontecimento com uma ou várias memórias, haja vista que os sentidos se produzem a partir da inscrição dos sujeitos em formações discursivas, de seus posicionamentos ideológicos, das condições de produção de seus discursos.

Nas tensões provocadas por esses embates, sujeitos discursivos legitimados ao dizer, autorizam determinados sentidos e não outros mediante práticas discursivas de produção de ‘verdades’. Todavia, nesses movimentos tensionados, há sempre lacunas, buracos, falhas por onde os sujeitos resistem, ressignificam...Os confrontos das posições-sujeito do discurso se dão nesses lugares, lugares de resistência e de ressignificação. Desse modo, devemos lutar nesses interstícios, reatualizando uma rede de memória com discursos de combate às desigualdades, aos preconceitos, aos racismos, à misoginia, ao machismo, à ‘brincadeira infeliz’...



REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FRANÇA, Thyago Madeira. Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux. In: *Interletras*, ISSN N° 1807-1597. V.4. Edição número 22, de outubro/2015 a março/2016.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. IN: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011b.
- LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Glossário de termos do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2020. 298 p.
- MANZANO, Luciana Carmona Garcia. Verdade(s) no discurso político midiático: construindo um inimigo público. IN: *Revista eletrônica* – ISSN 1807-8591, v. 15, nº 2 (jul.-dez. de 2018).
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. Nem escritor, nem sujeito: apenas autor. In: *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. Terra à vista. São Paulo: Cortez, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Tradução Eni Puccinelli Orlandi... et al. Campinas: Pontes, 1988.
- PROCESSO - 1020336-41.2019.8.26.0196



METODOLOGIAS ATIVAS EM DIÁLOGO COM OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO: ato responsável para a educação sustentável

Meiriele da Silva Rodrigues ROCHA (UNIFRAN)
Marilurdes Cruz BORGES (UNIFRAN)

RESUMO

A sociedade perpassa, nos últimos séculos, por diversas mudanças, principalmente na área industrial, devido às tecnologias desenvolvidas que contribuem para esse avanço. Para atuar nesse novo mercado de trabalho, é necessário profissionais capacitados e habilitados às novas demandas e, para isso, a educação tem papel primordial. Observar os métodos de ensino frente à crescente era tecnológica e digital motivou a presente pesquisa cujo objetivo é verificar a relação dialógica entre as metodologias ativas e os quatro pilares da educação e analisar como elas agem responsivamente à educação de qualidade em prol de uma sociedade sustentável, conforme estabelece o ODS 4, da Agenda 2030. A investigação tem como pressuposto teórico os conceitos de dialogismo e de ato responsivo de acordo com os pensamentos bakhtinianos (BAKHTIN, 2017; AMORIM, 2009, FIORIN, 2006; SOBRAL, 2009); de pedagogia da autonomia (FREIRE, 2016) e das metodologias ativas (BACICH; MORAN, 2018; NEVES, 2018). Metodologias de ensino que dialogam com os pilares da educação respondem à Agenda 2030 e promovem uma educação de qualidade pois oferecem aos sujeitos uma formação com diversas capacidades e habilidades.

PALAVRAS-CHAVE Dialogismo; ato responsivo; metodologias ativas; pilares da educação; Agenda 2030.

ABSTRACT

In recent centuries, society has undergone several changes, mainly in the industrial area, due to the technologies developed that contribute to this advance. In order to work in this new job market, it is necessary to have trained and qualified professionals to meet the new demands and, for this, education plays a key role. Observing teaching methods in the face of the growing technological and digital age motivated the present research whose objective is to verify the dialogic relationship between active methodologies and the four pillars of education and to analyze how they act responsively to quality education in favor of a sustainable society, as established in SDG 4, of Agenda 2030. The investigation has as its theoretical assumption the concepts of dialogism and responsive act according to Bakhtinian thoughts (BAKHTIN, 2017; AMORIM, 2009, FIORIN, 2006; SOBRAL, 2009); autonomy pedagogy (FREIRE, 2016) and active methodologies (BACICH; MORAN, 2018; NEVES, 2018). Teaching methodologies that dialogue with the pillars of education respond to the 2030 Agenda and promote quality education as they offer subjects training with different abilities and skills.

KEYWORDS Dialogism; responsive act; active methodologies; pillars of education; Agenda 2030.



Introdução

Ao longo dos séculos, a humanidade enfrentou e enfrenta inúmeras transformações, que vão de mudanças nos conceitos econômicos, sociais, políticos e culturais a meio de produção de bens de consumo. Revoluções marcam as transformações, e o século XXI é marcado pela 4ª Revolução tecnológica, também chamada de Revolução Digital. As revoluções são manifestações humanas em busca de melhor qualidade de vida para a humanidade, mas para alcançar êxito, o homem precisa participar ativamente, de forma qualitativa e colaborativa.

Além das mudanças derivadas de revoluções, há também as que surgem de forma repentina e inesperada. A década de 20 do século XXI teve início com a pandemia causada pela Covid-19, a qual exigiu novos comportamentos em todos os segmentos da sociedade e promoveu grandes mudanças pelo mundo em vários setores como: saúde, empresarial, segurança, transporte e educação. Em decorrência do distanciamento social, abruptamente, todos passaram a reinventar a maneira de viver e de se comunicar. A tecnologia foi a ferramenta encontrada para a continuidade da vida na esfera do trabalho e da educação.

Na esfera educacional, para dar continuidade ao ano letivo e ao processo de ensino-aprendizagem, escolas e universidades recorreram a ferramentas digitais. O ensino

síncrono-remoto foi um meio encontrado para ministrar as aulas e manter a interação entre professor e aluno. Com o auxílio de tecnologias da informação e da comunicação (TIC), professores e alunos encontraram formas e métodos para viabilizar a aprendizagem.

A pesquisa em estudo tem por objetivo verificar como as metodologias ativas dialogam com os quatro pilares da educação e promovem, de forma responsável, uma educação de qualidade e sustentável, de acordo com o que prevê as Políticas Públicas Nacionais de Educação e a Agenda 2030. A análise recai também sobre essas metodologias no ensino remoto e híbrido.

A investigação parte da perspectiva de que o diálogo não permite sua atribuição a apenas um sujeito, mas se estabelece entre sujeitos - o eu e o outro - estabelecidos em um tempo e um lugar. Ao partir dos conceitos bakhtinianos, observa-se a relação dialógica entre os quatro pilares da educação e as metodologias ativas, visto que ambos visam a uma educação que propicia a autonomia do aluno, a sua participação ativa no processo da aprendizagem e a descentralização do ensinar, pois tira o aprendente da posição de mero espectador e receptor de informações. Assim, interessa-nos investigar as práticas que envolvem os sujeitos do processo educacional em tempos de ensino síncrono-remoto e ensino híbrido.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de dialogismo é o princípio unificador da obra de Bakhtin. Ele destaca o caráter dialógico, considerando o diálogo como uma amostra, isto é, um conceito-fonte organizador da reflexão, definindo-o “como a alternância entre enunciados, entre acabamentos, ou seja, entre sujeitos falantes, entre diferentes posicionamentos” (MARCHEZAN, 2018, p. 116).

De acordo com as reflexões bakhtinianas, a condição do sentido de todo discurso está no diálogo. Como toda atividade verbal do comportamento humano, o diálogo não pode ser atribuído a uma pessoa individual, ele se dá na relação entre o eu e o outro, em processos discursivos historicamente estabelecidos em um tempo e lugar (BORGES, 2015).

Segundo Bakhtin, a língua em sua totalidade viva, concreta, em seu uso real, tem propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se atêm ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma maneira composicional, em que elas acontecem. Todavia, todos os enunciados, no processo de comunicação, apesar de sua dimensão, são dialógicos. Fiorin (2006, p. 19) afirma que “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Portanto, todo discurso é inevitavelmente ocupado, enviesado pelo discurso alheio.

Nessa perspectiva, Bakhtin considera que a linguagem é essencialmente ativa, porque está

centrada no sujeito agente, sujeito da ação. Assim, a linguagem só é dotada de sentido, se existir, no discurso entre sujeitos, a possibilidade de interação verbal. Para o Círculo de Bakhtin, todo enunciado pressupõe uma enunciação, e toda enunciação produz enunciados. Desse modo, tanto o locutor quanto o interlocutor, em seu processo, são importantes, pois “toda enunciação é uma ‘resposta’, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras e, ao mesmo tempo, uma ‘pergunta’, uma ‘interpelação’ a outras enunciações” (SOBRAL, 2009, p. 33).

O diálogo fundamenta e também instrui a consideração da linguagem em ato, que constitui e movimenta a vida social, que surge como réplica social e contra a réplica que consegue antever. Guarda em relação à linguagem, assim entendida, estreita “adequação”. Da vida à teoria, o diálogo, de maneira recursiva, é identificado na ação entre interlocutores, entre autor e leitor, entre autor e herói, entre heróis, entre diferentes sujeitos sociais que, em espaços e tempos diversos, tomam a palavra ou têm a palavra representada, ressignificada. (MARCHEZAN, 2018, p. 128)

Nesse contexto, o que fomenta o sentido do enunciado são as vozes dialógicas expressas em sua materialidade discursiva. Logo, “ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos





de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolúvelmente ao outro” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 141). Os sujeitos que promovem o diálogo são vários e são esses mesmos sujeitos que refratam e refletem as vozes ideológicas, por isso revelam dissonantes opiniões em determinados contextos sócio-históricos.

Destaca-se que, no dialogismo, há o diálogo entre sujeitos e entre discurso. A palavra do outro é a condição necessária para que haja discurso. Como sob um discurso existem outros discursos, eles são historicamente construídos (BORGES, 2015). É nesse sentido que o conceito de diálogo, para Bakhtin, refere-se à condição de composição de enunciados e discursos; à condição do como e de onde os sujeitos agem e com quem eles interagem ao produzirem seus enunciados (SOBRAL, 2009).

Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. (FIORIN, 2006, p. 24)

Bakhtin diz que todo enunciado articula relações interativas e enuncia respostas com as quais constrói

conhecimentos. Desse modo, os enunciados só se concretizam quando os sujeitos envolvidos compreendem que o enunciado não é um produto acabado e sim construído por meio da interação, da exposição de pontos de vistas (BORGES, 2015). É, portanto, na alteridade, na interação entre sujeitos que a linguagem se manifesta. Em um enunciado há vozes que se enfrentam e representam, reproduzindo e refratando elementos históricos, sociais e linguísticos.

A arquitetônica da alteridade está precisamente na dialogicidade, no encontro de palavras em que a consciência de um sujeito só se realiza sobre a consciência que o outro tem dela. Bakhtin considera que a palavra, na alteridade, é sempre dirigida a outra palavra, a alguém a quem ela responde. É, pois, no contexto da alteridade, que o sentido é percebido.

Acerca do ato, Bakhtin diz ser uma totalidade na enunciação, porque o ato não se realiza sem a participação do outro. Além disso, “em todo ato há conteúdo e forma, elaboração teórica e materialidade concreta, ser-no-mundo e categorização do mundo” (SOBRAL, 2009, p.123). Concentram-se no ato, segundo Bakhtin, os aspectos ético e estético. O ato ético realiza-se através de um sujeito singular, todavia esse sujeito, ao pensar, participa do pensamento universal, do qual completa esse pensamento e o atualiza.

O ato é irrepitível, pois o sujeito singular e único está em um tempo e em um espaço que só ele pode ocupar no mundo. O sujeito do ato



só pode pensar aquele pensamento do lugar de onde vê, do lugar em que está, de onde pensa (AMORIM, 2009). Cabe ao sujeito pensar o contexto da ação que abrange tanto o princípio dialógico quanto os elementos socio-históricos (BORGES, 2015). Logo, compete ao sujeito o dever de pensar e a possibilidade de não pensar, visto que o ato de pensar não é uma ação espontânea, uma mera opinião, ele é sempre provocado pelo outro.

Além do ato não se repetir, Bakhtin destaca que “para o dever de pensar é necessário o ato de responder do sujeito” (BAKHTIN, 2017, p. 46). Assim, não há ato ético se o sujeito não participa do ato, não pensa, não responde. No que se refere ao ambiente educacional, o sujeito aluno é provocado a pensar, e o seu pensamento responde ao pensamento de diferentes sujeitos e enunciados, como, por exemplo: professor, colegas, material didático, contexto sociocultural, dentre outros (BORGES, 2015).

É, portanto, no ato de pensar que o sentido se constrói, pois, um enunciado possui sentido quando o sujeito compreende o seu dever em relação a esse enunciado, ou seja, pratica o ato responsivo e participativo. “Entre o conteúdo-sentido (o produto) e o ato (a real efetivação histórica) não existe unidade nem interpenetração, em consequência da abstração fundamental de mim mesmo enquanto participante da afirmação do sentido e da visão” (BAKHTIN, 2017, p. 67). Desse modo, é preciso que o sujeito reconheça que o conhecimento teórico não é um conhecimento único

ou absoluto, ele não pode obrigar a uma mesma resposta.

Após discutido os conceitos de dialogismo e ato responsável, conclui-se que, como é inerente aos sujeitos a interação e diálogo, o sujeito só se constitui aluno ou professor na interação. Logo, nas aulas síncronas-remotas, mesmo que haja a distância física entre professor e aluno, o evento escola/aprendizagem se realiza, pois há interação social e as relações dialógicas continuam ativas, visto haver comunicação entre os sujeitos enunciativos, seja por meio do espaço social, seja por meio da língua, seja por meio dos papéis sociais ou de seus conhecimentos culturais e históricos (BORGES, 2015).

No relatório da Unesco, a interação social foi posta em pauta como fundamento dos quatro pilares, os quais tem como objetivo despertar e motivar, nos estudantes, a vontade e o desejo de aprender, de querer saber mais, de comunicar-se melhor por meio de diferentes linguagens, de selecionar as informações essenciais, aprender a interpretar, além de conviver com atitudes éticas, com valores e ações respeitosa para com outrem.

Jacques Delors (2014) definiu os quatro pilares da educação em: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Para o autor, a educação é imprescindível no combate às desigualdades e a educação básica “é um indispensável ‘passaporte para a vida’, que possibilita a escolha do que se pretende fazer, a participação



na construção do futuro coletivo e a continuação da aprendizagem” (DELORS, 2014, p. 102).

Tal qual as transformações acontecem no mundo, as práticas de ensino-aprendizagem também se modificam no tempo e no espaço, adaptando métodos e ferramentas de acordo com os sujeitos e os objetivos da educação. Para práticas de metodologias ativas, é exigido do professor, investimento de tempo na preparação das aulas, pesquisas acerca de técnicas adequadas ao conteúdo da disciplina e de habilidades na condução das aulas presenciais ou remotas. Além disso, requer a participação ativa dos educandos e de um ambiente que estimule discussões críticas e flexíveis (NEVES, 2018).

Neves (2018, p. 13) afirma que as “metodologias ativas de aprendizagem são mecanismos didáticos que colocam o aluno direta e ativamente no centro do processo de aquisição do conhecimento, pois concentramo ensino e a aprendizagem no ‘fazer para aprofundar o saber’”. Nessa perspectiva, o aluno precisa ter habilidades para localizar e utilizar informações pertinentes e necessárias; ter responsabilidade individual e coletiva; ter iniciativa e independência pessoal; ter capacidade de planejamento e de execução; além de autoconfiança, poder de reflexão, de cooperação e de autoavaliação.

Essas habilidades respondem aos quatro pilares da educação, porque enfatizam o diálogo entre

alunos e professores, desenvolve a aprendizagem, a criticidade, autonomia, autoconfiança e ética. Qualidades que o mercado de trabalho pleiteiam nos dias atuais, após tantas inovações tecnológicas que facilitam e agilizam a produção e prestação de serviço.

Dessa forma, mesmo em meio a pandemia por meio do ensino remoto as metodologias ativas são um método de ensino que coloca sujeitos: professor e aluno, em interação e diálogo assim como busca o desenvolvimento de um cidadão ativo no século XXI pela Agenda 2030 e os quatro pilares da educação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, analisa as metodologias ativas em diálogo com os quatro pilares da educação como um ato responsivo para uma educação sustentável, a partir de investigação bibliográfica.

O estudo contempla, inicialmente, as reflexões do pesquisador Mikhail Bakhtin e demais integrantes do Círculo de Bakhtin acerca dos conceitos de dialogismo e ato responsivo, por meio das obras desses pensadores e filósofos da linguagem, como também dos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros de perspectiva bakhtiniana, como Brait (2005), Fiorin (2006), Faraco (2006), Sobral (2009), entre outros. As principais questões teóricas discutidas no presente trabalho fundamentam a análise da materialidade escolhida para investigação.



Após apresentada a teoria estruturante, abordamos as principais revoluções que a humanidade passou nos últimos séculos, como a Revolução Industrial e a Revolução Tecnológica. Na sequência, investigamos os fundamentos dos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser definidos em relatório da Unesco. Após tratar cada um dos pilares, verificamos os seus letramentos e multiletramentos. Outro ponto apresentado nesse capítulo é a definição e os objetivos das metodologias ativas, sua importância e os métodos mais desenvolvidos na educação básica.

A última parte da pesquisa, apresenta a análise da relação dialógica e os ato responsivo que esse método educacional possui em relação ao relatório definido pela Unesco em meio à Revolução digital, na qual estamos inseridos e à pandemia que o mundo enfrenta no momento. Por meio dos estudos do educador Paulo Freire, verificamos o papel da escola e dos professores nesse contexto, que vêm ao encontro das preocupações que a Agenda 2030 levou em consideração ao desenvolver os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) na busca de uma sociedade sem pobreza, com proteção do planeta, da paz e da prosperidade da humanidade. Destacamos os princípios contidos no ODS 4 - educação de qualidade - por relacionar diretamente com os temas abordados nesta pesquisa.

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Formar cidadãos para o presente século requer desenvolver habilidades e competências que até então não eram demandadas, pois a sociedade nunca se viu tão globalizada e digital. Assim, no ambiente educacional, as interações voltadas à formação do cidadão mostram, segundo Faraco (2006, p. 64):

relações entre índices sociais de valor - que, como vimos, constituem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido este não como unidade de língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.

Junto às relações dialógicas, os atos responsivos, em relação aos quatro pilares da educação, são fundamentais para a formação dos cidadãos. É necessário que a escola amenize as desigualdades, que os sujeitos participem das diferentes aprendizagens e que haja desenvolvimento tanto do sujeito individual quanto do sujeito coletivo. As metodologias ativas de ensino-aprendizagem é uma estratégia educativa que permite ao aluno ser o protagonista na construção do conhecimento.

As metodologias ativas é uma opção para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em especial o ODS 4 e, desse modo,

termos um cidadão reflexivo e autônomo, um agente ativo na construção de sua própria aprendizagem.

Há muito o que se debater e discutir para a conquista da formação de cidadãos ativos para uma sociedade dinâmica em que vivemos. O novo ambiente educacional, criado em decorrência do vírus da Covid-19, tirou todos da zona de conforto e permitiu pôr em prática uma nova maneira de aprender. São as metodologias que garantem à aprendizagem dos conteúdos e promovem atitudes mais participativas e, com certeza, contribuem à formação de sujeitos historicamente construídos, sujeitos do conhecer, do fazer, do ser e do aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve seu início desenvolvido a partir das reflexões bakhtinianas acerca de relações dialógicas e responsividade. Foram feitas análises preliminares da relação dialógica entre as metodologias ativas e os quatro pilares da educação para verificar como a educação atual, em meio às mudanças decorrentes da evolução digital e tecnológica, bem como a pandemia, pode promover uma aprendizagem responsiva que contribua para uma sociedade mais sustentável.

Apesar de a pesquisa não estar finalizada, imagina-se que, ao partir dos conceitos bakhtinianos, poderá se comprovar a dialogicidade e responsividade entre o relatório da Unesco, as metodologias ativas e o atendimento das sulcitudes da educação no momento presente.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: válido e inserido no contexto. In: BRAIT, B. *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail M. VOLÓCHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BACICH, Lilian; MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora uma abordagem teórico-prática*. São Paulo: Penso, 2018.

BORGES, Marilurdes Cruz. *A seção o português é uma figura, de Marcílio Godói, em diálogo com gêneros discursivos nas esferas jornalística, científica e pedagógica*. 2015. 215 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/132142>. Acesso em: 05 jun. 2021.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. Voloshinov: um coração humboldtiano? In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FREIRE. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. IN: BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin outros conceitos-chaves*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, Vander José; MERCANTI, Luiz Bittencourt; LIMA, Maria Tereza. *Metodologias ativas: perspectivas teóricas e práticas no ensino superior*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2018.

PLATAFORMA AGENDA 2030. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado Letras, 2009.

O ACONTECIMENTO EM “O HOMEM AMARELO”

Nayara Christina Herminia CARRIJO (UNIFRAN)¹
Vera Lúcia Rodella ABRIATA (UNIFRAN)

RESUMO

A Semana de Arte Moderna de 1922 é considerada o marco inaugural do Modernismo nas artes brasileiras. Assim, o objetivo principal é compreender um acontecimento estético que funda ou consolida um movimento artístico o qual mobiliza e concretiza uma forma de vida. Para tanto, analisaremos *O homem amarelo*, de Anita Malfatti, considerando-o como um acontecimento (FONTANILLE, 2006), ou ainda, como o belo gesto proposto por Algirdas Julien Greimas (1993). A metodologia empregada advém de Greimas (2004), em seu texto *Semiótica figurativa e semiótica plástica*, bem como fundamentos da semiótica tensiva de Zilberberg (2011). Espera-se evidenciar como a Semana de Arte Moderna de 1922 apresenta em sua totalidade uma forma de vida que será recorrente nas atualizações que o Modernismo brasileiro continua a reverberar nas manifestações artísticas contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE Semiótica figurativa e plástica; Semiótica Tensiva; Acontecimento; O belo gesto; *O homem amarelo*.

ABSTRACT

The 1922 Modern Art Week is considered the inaugural milestone of Modernism in Brazilian arts. Thus, the main objective is to understand an aesthetic event that founds or consolidates an artistic movement which mobilizes and materializes a form of life. Therefore, we will analyze *The Yellow Man*, by Anita Malfatti, considering it as an event (FONTANILLE, 2006), or even as the beautiful gesture proposed by Algirdas Julien Greimas (1993). The methodology used comes from Greimas (2004), in his text *Figurative Semiotics and Plastic Semiotics*, as well as the foundations of tensive semiotics by Zilberberg (2011). It is expected to show how the Week of Modern Art of 1922 presents in its entirety a form of life that will be recurrent in the updates that Brazilian Modernism continues to reverberate in contemporary artistic manifestations.

KEYWORDS Figurative and plastic semiotics; Tensive Semiotics; Event; The beautiful gesture; The yellow man.

Introdução

*E eu via cores, cores e cores riscando o espaço, cores que eu desejaria fixar para sempre na retina assombrada. Foi a revelação: voltei decidida a me dedicar à pintura.*²

¹ Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - código de financiamento 001.

² BATISTA, 2006, p. 40.



Esta pesquisa tem por objetivo evidenciar a importância da Semana de Arte Moderna no contexto histórico-cultural do início do Século XX no Brasil, demonstrando, assim, não somente sua função artística e estética, mas também sua função social.

Para isso, é necessário apresentar as inovações e as rupturas que a arte moderna brasileira apresentou, conforme a doxa do momento histórico em que se situam os objetos de nossa pesquisa, para que se possa compreender os sentidos de cada obra selecionada em particular e sua integração na Semana de 22, que estamos considerando como um texto.

Vale lembrar que, a partir do final do Século XIX e início do Século XX, surgiram os grandes ismos da Arte Moderna mundo afora (Cubismo, Fauvismo, Abstracionismo, Expressionismo etc.). No Brasil, o grande divisor de águas entre o Academicismo³ dos movimentos estéticos anteriores e as rupturas e inovações propostas pelo Modernismo se deu inicialmente com a *Exposição de Arte Moderna Anita Malfatti* em 1917 e consolidou-se, ampliando sua alçada, em 1922, com a *Semana de Arte Moderna de 1922*.

Dessa forma, nossa pesquisa averiguará esse evento artístico-cultural, a *Semana de Arte Moderna de 22*, analisando-a como um texto, com base nos pressupostos

³ Escola de artes que se pautava na reprodução fiel da realidade, onde a obra se limitava a regras de rigor formal, que seguia os padrões de beleza da Academia de Belas Artes, recriando a beleza ideal em suas obras.

teórico-metodológicos da Semiótica discursiva. Portanto, empreender-se-á a análise da Semana, primeiramente com as análises dos textos selecionados para constituir o *corpus* deste trabalho e, após, como uma totalidade discursiva, uma unidade de sentido.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os fundamentos desta pesquisa se encontram na teoria Semiótica francesa. Utilizaremos elementos do Percurso Gerativo de Sentido de Algirdas Julien Greimas (1987, 1979, 2014), além de contribuições de Barros (2002, 2005), Bertrand (2003) e Fiorin (2018); conceitos da teoria pictórica ou plástica e figurativa, propostos por Greimas (1984), as noções que envolvem arte, o plástico e o visível de Landowski (2004), Floch (2004), Geninasca (2004), Schaeffer (2004), Oliveira (2004); bem como particularmente as noções de *belo gesto* e *acontecimento estético* de Greimas (1993), e *acontecimento de Zilberberg* (2011).

Outro referencial teórico importante para esta pesquisa é o Percurso Gerativo da Expressão de Jacques Fontanille (2006) que articula a noção de práticas semióticas, com foco na corporeidade do objeto-suporte, na conjuntura das estratégias, bem como com o conceito de *ethos* e comportamento nas formas de vida.

Sobre a Semana de Arte Moderna de 22, o contexto cultural, social e político em que o evento foi realizado, tomar-se-ão pressupostos teóricos de Candido (2000), Batista (2012),



Amaral (1998), Rezende (2011) e Coleção Modernismo +90 (2012-2014).

METODOLOGIA

Escolhemos, como objetos desta pesquisa, textos apresentados especificamente na *Semana de Arte Moderna* de 1922, pois a grande infinidade de textos modernistas anteriores e posteriores à Semana é gigantesca. Assim, o recorte realizado possui aspectos qualitativos e distributivos, considerando a importância do texto para a Semana, tendo como base não só a crítica especializada, mas também averiguando a distribuição do texto no contexto da Semana.

Dessa forma, delimitamos o *corpus*, evidenciando três tipos textuais apresentados na Semana⁴. Assim, selecionamos, entre os textos verbais: o poema *Inspiração* e o *Prefácio interessantíssimo* de Mário de Andrade.

Entre os textos sincréticos, analisaremos o catálogo de apresentação da Semana de 22, desenhado por Di Cavalcanti; e a capa original do livro *Paulicéia Desvairada* de Mário de Andrade, desenhada por Anita Malfatti (que contém *Inspiração* e o *Prefácio interessantíssimo*).

Por fim, entre os textos plásticos, temos a pintura *O homem amarelo*, de Anita Malfatti, uma das mais emblemáticas da exposição de Malfatti em 1917 e representativa para Modernismo; os *Boêmios* de Di

4 Uma análise dos aspectos sonoros da Semana ficará para um trabalho posterior.

Cavalcanti (artista que criou a arte do folder de apresentação da Semana).

Assim, com base na teoria semiótica, analisaremos a construção de sentidos de cada um dos textos elencados, atentando para a sua relação com seu plano de expressão. Após todas as análises realizadas, temos por objetivo observar a Semana como uma Semiótica-objeto, constituída de cena predicativa e modalizações, e, com base no Percurso Gerativo da Expressão (FONTANILLE, 2006), pensando-a como uma unidade dotada de sentido, em seu percurso expressivo. Simultaneamente, evidenciar-se-á o *ethos* ou *ethe* projetado (s) pela Semana, bem como as interações sensíveis (GREIMAS) estabelecida pelos textos, além do comportamento e os estilos estabelecidos pela totalidade de sentido (DISCINI).

Enfim, procuraremos analisá-la como um *belo gesto*, proposto pelo semioticista Greimas (2014), buscando evidenciar como a teoria, em acepção, pode ser revista para abarcar alguns pontos específicos do objeto-semiótico.

O HOMEM AMARELO

Selecionamos como recorte de análise para esta apresentação a pintura *O homem amarelo*⁵ que abre a segunda exposição de Anita Malfatti, em 1917, dando início ao reboliço na concepção de arte que vigorava até

5 *O homem amarelo*, 1915/16, óleo s/ tela, 61x51 cm, coleção Mário de Andrade/Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo. (BATISTA, 2006, p. VII). A primeira versão foi pintada a carvão e pastel, em 1915/16, óleo s/ tela, 61x45,5 cm, coleção Mário de Andrade/ Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo. (BATISTA, 2006, p. VI).



então. O texto de Malfatti é concebido como um divisor de águas para o Modernismo no Brasil, tornando-se de grande valor histórico e cultural para o patrimônio artístico brasileiro. Integra os textos da *Semana de Arte Moderna* de 1922 e faz parte do *corpus* proposto para nossa tese.

Figura 1 – O homem amarelo ⁶, Anita Malfatti



Fonte: Itaú Cultural online, 2021.

Essa obra é considerada a pintura que precedeu o movimento modernista brasileiro, bem como é a pintura da exposição de Malfatti de 1917 que obteve maior visibilidade e, portanto, a mais comentada e criticada.

Na biografia e estudo de obra de Malfatti, Batista observa que a pintura, sua obra mais célebre, era “resolvida em planos chapados de amarelos,

vermelhos e marrons, com algumas delimitações de verde”. Teve como modelo um imigrante italiano pobre e nas palavras da própria Malfatti: “Era um que entrou para posar. Tinha uma expressão tão desesperada”. (BATISTA, 2006, p. 159).

Não partiremos dessa informação, pois nosso percurso de leitura tratará da relação entre a forma de expressão e do conteúdo para a apreensão dos sentidos do texto. Assim, em termos de papel patêmico o ator manifestado no texto, “antes um sujeito passivo que ativo”. (CRUZ JÚNIOR, 2008, p. 5), revela, por meio de seu olhar uma introspecção que remete ao estado de dispersão.

Dessa forma, Malfatti cria a obra *O homem amarelo*, em que o ator surge no plano de frente da tela como o protagonista do texto. Como figura do plano de conteúdo visual, é um simulacro de um sujeito masculino, elaborado por meio de formas, cores e sua disposição no espaço da tela. As dimensões eidéticas, cromáticas e topológicas na forma de expressão sobrepõem-se às figuras do plano de conteúdo. Essas últimas concretizam o simulacro de um homem, que está sentado numa cadeira, de terno e gravata escuros e com uma camisa branca. Visualiza-se apenas seu tronco até a cintura, que toma o espaço mediano da tela, ao passo que sua face se volta para o lado esquerdo e seu olhar observa algo além do que nos mostra a cena pictórica. Logo atrás do homem, do lado esquerdo, há o encosto da cadeira, e do lado direito, o braço da cadeira, pintados em tons escuros de

⁶ *O homem amarelo*, 1915, Anita Malfatti, óleo sobre tela, c.i.d. 51,00 cm x 61,00 cm. Coleção Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (SP).



marrom, em oposição a um efeito de luz que parece incidir sobre o homem, vindo do lado direito. Essa luz ilumina parte de seu rosto, esvanecendo-se ao longo da pintura.

Nos contrastes cromáticos, o tom amarelo domina a face do homem, bem como lhe dá o nome, mas em contraste com o laranja e o vermelho dos lábios. Há ainda cores que reforçam esses tons de amarelo, com os tons de marrom, vermelho e laranja, como numa repetição pictórica, denominada por Carrere e Saborit (2000, p. 235, tradução nossa), como *repetição-variação*, compondo “um dos procedimentos mais frequentes nas figuras retóricas que são geradas por adição”⁷, sendo vista no uso contínuo de elementos cromáticos, configurando uma *repetição plástica*, em que a cor assumia uma posição de destaque, que se deve aos contornos que formam linhas em preto, que são como recortes delineando as sobrancelhas, a lateral direita da face, a parte inferior do nariz e dos lábios; formas que caminhando para a abstração, se associam ao sombrio da figura humana agindo sobre o espectador como o acontecimento estético de Greimas (2002), na medida em que enfatizam o afetivo e sensível apreensíveis por meio da ruptura em relação à pintura figurativa que fazia parte do gosto vigente à época.

Sob o olhar de Teixeira (2004, p. 231-232), podemos compreender que Malfatti, rompendo com questões

⁷ Es uno de los procedimientos más frecuentes en las figuras retóricas que se generan por adición. (CARRERE; SABORIT, 2000, p. 235).

artísticas que ditavam regras plásticas na doxa da época, construiu “signos que transformaram o olhar em gesto, para preencher de formas e cores tornadas linguagem a superfície branca” do quadro.

O actante homem amarelo é projetado por meio da embreagem enunciativa, ou ainda como embreante de subjetividade. O enunciador o constrói como “eu” no quadro, como emissor de seu aspecto, do seu estar no mundo, num espaço do “aqui, agora” criado pelo quadro. Assim, a pintura fala de um homem, de um tempo específico, de uma construção discursiva sócio-histórica evocada pela enunciação. (TEIXEIRA, 2004).

O sujeito parece ter sido manipulado pelo querer se postar como sujeito que posa para ser pintado, conforme Barthes (1984) discorre: “a partir do momento que me sinto olhado [...], ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem”, numa clara alusão metapictórica. Nessa mesma perspectiva, Teixeira (2004, p. 230) nos mostra como o sujeito que posa torna-se assujeitado pelo discurso do pintor-enunciador, e transforma-se, assim, em objeto, com o qual um outro ser, o espectador-enunciatário, entrará em conjunção. Com essa transformação de sujeito em objeto, estabelece-se um campo de presença para o ser que se deixa pintar, e o perceber do enunciatário, simulacro de um observador-espectador, sobre esse sujeito-objeto, torna-o observável pela grandeza



intelectual, racional e pela dimensão sensível. (GREIMAS, 2002).

Portanto, o enunciador não só criou a forma do corpo do sujeito observado, como simulacro de um sujeito do mundo natural, mas conferiu ao sujeito-objeto de seu texto plástico uma alta pregnância e gradações cromáticas que tanto o fascinavam, além de recortes eidéticos em formas retas, preenchidas por pinceladas grossas que lhe dão substância, dos quais se apreendem sentidos e sensações estéticas.

Ao perceber as dimensões cromáticas e eidéticas dessa pintura, averigua-se que o terno do homem ocupa boa parte da pintura, parece amassado e desbotado, pois as pinceladas retilíneas ora mais escuras, aparentes, ora mais diluídas do marrom que o compõe, provocam uma descontinuidade no tom do tecido, conferindo-lhe um aspecto de velho, antigo, amassado, volumoso em volta do corpo, que está diretamente virado para a direita, em oposição à face. Os aspectos descritos criam uma movimentação, o que confere ao andamento discursivo ares de preparação, e segundo Teixeira, pode sempre indicar uma “rebeldia” (2004).

Essas estratégias levam o enunciatário-observador a apreender o sensível que emana da gestualidade do sujeito-objeto. Aqui, a experiência do sensível rege o inteligível, guia o olhar do enunciatário pelas pinceladas grossas e violentas, pelo torso tenso, pelos braços em níveis diferentes, pousados sobre os braços

da cadeira, pelas cores dos olhos do homem amarelo, avermelhados, e pela gestualidade de seu olhar que topologicamente se voltam para a esquerda, como se estivesse a contemplar algo ou alguém fora, no além da tela, transmitindo o efeito de sentido de alheamento

Percorrendo o caminho da expressão, observam-se as categorias topológicas curvilíneas de periférico/central e circunscrite/circunscrito, onde o homem ocupa o centro da pintura, bem como o entorno, em que partes dos braços não são vistas na pintura, mas formam uma continuidade além-quadro, como se ele não coubesse ali. Há, assim, dois espaços *englobantes*, o fundo e a roupa do corpo do homem, o *englobado*, numa categoria topológica planar total, cujo centro aparece deslocado.

O enunciatário-leitor da doxa da época se vê tomado em seu campo de presença pelo homem, pois, quando o olha, o sentido primeiro que se esperava, para ser considerado “arte”, seria o de “imitar” um homem do mundo real, em suas formas, profundidade, cores e feições, totalmente intelectual, como ditava a escola Acadêmica⁸. Mas o que se desprende da pintura é a quebra,

8 O Academicismo se faz presente na Europa desde meados do século XVI, a partir da fundação da Academia de Desenho de Florença, e é amplamente disseminado e esteticamente marcado pela Real Academia de Pintura e Escultura, fundada em Paris em 1648. Já a arte acadêmica no Brasil se inicia em 1816, com a fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. A arte Acadêmica brasileira tem seu início por meio do incentivo da Missão Artística Francesa, que tinha como objetivo: Institucionalizar a produção artística; criar um modelo padrão de formação. In.: Disponível em: <https://laart.art.br/blog/arte-academica-no-brasil/>. Acesso em: 23 ago. 2021.



a ruptura com a forma esperada do padrão artístico, das regras que determinavam como se deveria representar um modelo. Assim, de acordo com palavras de Greimas (2002, p. 33), “o objeto estético se transforma em ator sintático que, manifestando de tal modo sua ‘pregnância’, avança sobre o sujeito-observador”.

Esse percurso nos mostra dois movimentos, como articula Cruz Júnior (2008, p. 6), “o de constituição de um sentido que obedece determinadas leis, depois a quebra dessas leis e a constituição de um novo sentido, segundo novas regras”.

Observando ainda as categorias eidéticas e cromáticas, surpreendemo-nos com o rosto que surge na altura do peito do homem amarelo, um rosto visto a olho nu, que aparentemente faz parte de um desenho primeiro, que começou a ser elaborado, mas não teve conclusão. (CAMPOS, 2015, p. 150).

Essa visão de uma escolha artística do enunciador despertou questões sobre uma possível análise pragmática do texto pictórico. Seria possível averiguar a significação desse signo dentro da discursividade dada pelo texto pictórico?

Figura 2 – O rosto por trás do corpo.



Fonte: Campos, 2015, p. 150.

As interações entre as figuras do plano da expressão determinam figuras do plano do conteúdo, e assim, organizam o percurso patêmico do desalento, do alheamento, como se o homem amarelo manifestasse o estado de alma de desesperança, o que é corroborado pela cor que o envolve, não em seu uso simples, mas reiterando sua complexidade, por suas feições e, por fim, pelo fato de não ser contido pelo quadro que o representaria, extrapolando seus limites.

Dessa forma, conforme Teixeira (2004, p. 232 apud SILVA, 1995), a figuratividade “fratura a continuidade para ressemantizar a vida, funda a transformação da experiência em signo”. Portanto, a experiência do actante, o homem amarelo, a posar, para a pintura o torna também objeto do enunciatário, que produz com essa narrativa um fazer-sentir o



incômodo, a tristeza. Assim, o enunciador-produtor revela um fazer inovador por meio de sua pintura, não apenas para fazer crer, mas sobretudo para fazer-sentir, toda a beleza das formas, cores e sua disposição no espaço da tela que, fugindo ao academicismo, é inovadora e cria o efeito de sentido de verdade para o estado de alma de alheamento e tristeza do ator.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem amarelo demonstra uma ruptura com o fazer pictórico da época e, assim, integra-se aos textos da Semana como propagador de um novo olhar sobre as artes, de forma a evidenciar a liberdade criativa.

Na pintura, o ator revela-se como simulacro de uma figura humana masculina do universo natural, um actante sujeito que manifesta um estado de alma de alheamento, sendo, na verdade, um objeto emoldurado pelo limite do quadro que invade o campo de presença do enunciatário, o que lhe possibilita apreender um acontecimento estésico.

Esta análise, em vias de elaboração, será objeto de aprofundamento, pois pretendemos demonstrar a relação das categorias cromáticas, topológicas e eidéticas com categorias do plano de conteúdo, observando ainda o modo como o enunciador rompeu com os padrões da arte pictórica e propôs uma nova forma de vida relacionada à pintura brasileira moderna que consolidou um estilo inovador.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Aracy. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Tradução de Isabel Pascoal. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BATISTA, Marta Rossetti. *Escritos sobre arte e modernismo brasileiro*. Prata Design, 2012.
- BATISTA, Marta Rossetti. *Anita Malfatti no tempo e no espaço: Biografia e estudo de obra*. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2006.
- BATTEUX, Charles. *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio*. Tradução do francês de Natalia Maruyama e Adriano Ribeiro. Coleção A formação da estética. São Paulo: Humanitas; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2009.
- CAMPOS, Pedro Herzilio Ottoni Viviani de. *Caracterização de pinturas da artista Anita Malfatti por meio de técnicas não destrutivas*. Universidade de São Paulo, 2015.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura - de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade*. São Paulo, T. A. Queiroz, 2000.
- CARRERE, Alberto; SABORIT, José. *Retórica de la pintura*. Madri: Cátedra, 2000.
- CRUZ JÚNIOR, Dilson Ferreira da. *Semiótica tensiva: princípios básicos*. São Paulo, 2008
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.



DISCINI, Norma. Jornal: um modo de presença. n. 5 *Galáxia*, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1306/802>. Acesso em: 29 jan. 2021.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, José Luiz. A crise da representação e o contrato de veridicção no romance. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 197-218, 2008.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: Diniz, Maria Lúcia Vissotto Paiva; Portela, Jean Cristtus (org.) *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias* São Paulo: Unesp/Faac, 2008, p. 15-74.

GENINASCA, Jacques. O olhar estético. In.: OLIVEIRA, Ana Cláudia de (Org.) *Semiótica plástica*. Hacker, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima; Diana Luz Pessoa de Barros; Eduardo Peñeula Cañixal; et. al. São Paulo: Cultrix, 1979 Disponível em: <https://edoc.site/queue/dicionario-de-semiotica-greimas-algirdas-j-courtes-joseph-pdf-free.html>. Acesso em: 25 mar. 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica plástica e semiótica figurativa. In.: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.) *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOMBRICH, E. H. *Réflexions sur l'histoire de l'art*. Paris: Editions Jacline Chambon, 1992.

MARTINS, Simone R; IMBROISI, Margaret H. *Impressionismo*. Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/impresionismo/>. Acesso em: 12 out. 2018

NOGUEIRA, Rejane Martins de Oliveira. Uma explosão de cores no início do século XX: o Fauvismo. In.: IV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM. *Anais...* Londrina-PR 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Rejane%20Martins%20de%20Oliveira%20Nogueira.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

O Homem Amarelo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2054/o-homem-amarelo>. Acesso em: 04 ago. 2021. Verbete da Enciclopédia.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos em semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2009.

PILES, Roger. *L'idée du peintre parfait*. Paris: Editions Le Promeneur, 1993

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Tradução Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

TEIXEIRA, Lúcia. A práxis enunciativa num auto-retrato de Tarsila de Amaral. In.: OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.) *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker, 2004.



RELAÇÕES DIALÓGICAS, CRONOTOPIA E AUTORIA EM TRÊS ROMANCES ESPÍRITAS DE LUIZ SÉRGIO

Nícolás Vladimir de Souza JANUÁRIO (UNIFRAN)¹
Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)

RESUMO

Três romances espíritas de Luiz Sérgio foram selecionados para esta pesquisa, sendo: “O mundo que encontrei”, “Na hora do adeus” e “Ainda existe esperança”. As obras narram respectivamente os bastidores do mundo espiritual e apresentam orientações doutrinárias sobre a vida após a morte física. Partindo dessa observação, nossa pesquisa tem por objetivo, a partir de uma análise qualitativa e comparativa, perscrutar as relações dialógicas, a cronotopia e a autoria. Esta investigação se norteia pelas perspectivas teóricas de Bakhtin (2018), Brait (2018), Faraco (2018), Grilo (2017), Marchezan (2015) e Volochinov (2017 [1930]), trabalhando com os conceitos sobre relações dialógicas, cronotopia e autoria. Considerando que as obras de Luiz Sérgio pertencem à literatura espírita, importa-nos os estudos de Allan Kardec (1857-1868) – sobre o espiritismo kardequiano.

PALAVRAS-CHAVE Romance espírita; relações dialógicas; cronotopia; autoria.

ABSTRACT

Three spiritist novels by Luiz Sérgio were selected for this research, namely: “The world I found”, “At the time of farewell” and “There is still hope”. The works respectively narrate the backstage of the spiritual world and present doctrinal guidance on life after physical death. Based on this observation, our research aims, from a qualitative and comparative analysis, to scrutinize the dialogical relationships, chronotopy and authorship. This investigation is guided by the theoretical perspectives of Bakhtin (2018), Brait (2018), Faraco (2018), Cricket (2017), Markezan (2015) and Volochinov (2017 [1930]), working with the concepts of dialogical relations, chronotopy and authorship. Considering that Luiz Sérgio’s works belong to spiritist literature, we are interested in the studies by Allan Kardec (1857-1868) – on Kardec spiritism.

KEYWORDS Spiritist novel; dialogical relationships; chronotopy; authorship.

Introdução

A doutrina espírita kardecista foi codificada pelo então Hippolyte Léon Denizard Rivail, com pseudônimo de Allan Kardec, educador, autor e tradutor francês. Foi o único, a priori em sua época a contribuir significativamente para que a doutrina filosófica espírita surgisse. Para tanto, seu trabalho era traduzir mensagens ditas pelos espíritos, em sessões mediúnicas, na França. Kardec foi um visionário de sua época, isso em meados de 1854, considerando que as manifestações “sobrenaturais”,

¹ Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP

em sessões, responderiam a inúmeras questões sobre o comportamento humano e, sobretudo, como as pessoas poderiam melhorar como seres viventes no plano físico e, a posteriori, no mundo fora da matéria. A partir disso, nascia como doutrina filosófica e cristã a “Doutrina Espírita Kardecista” ou “Doutrina Kardequiana”. Desde a codificação da mesma, calcada nos ensinamentos do Cristo, inúmeras obras sob a influência dos espíritos e ou entidades, inicialmente denominados mentores, reverberaram, no mundo inteiro. Ensinamentos e práticas mediúnicas são hoje atividades inerentes à doutrina e o que nos chama a atenção são, em especial, os romances mediúnicos, obras consideradas literárias ditadas pelos espíritos aos médiuns que atuam como psicógrafos. Vejamos abaixo as imagens das capas das obras que constituem nosso objeto, a título de apresentação:

Figura 1: Imagem da capa da obra “O mundo que eu encontrei”



Fonte: Luiz Sérgio (2013)

Figura 2: Imagem da capa da obra “Na hora do adeus”



Fonte: Luiz Sérgio (2019)

Figura 3: Imagem da capa da obra “Ainda existe esperança”



Fonte: Luiz Sérgio (2016)

A princípio, segundo Bakhtin (2018), o romance é um enunciado macroscópico da realidade, em que a estética, em amplitude e profundidade, são reflexivas para o entendimento da dialogia, dos valores de cronotopia e autoria. Nesse sentido, inicialmente, podemos dizer que as obras selecionadas para esta pesquisa apresentam uma interação conduzindo os seres partícipes do discurso – narrador e leitor à detecção do que realmente importa, buscando o entendimento e a reconstituição do mundo que se realiza na esfera romanesca.



A partir disso, em percurso metodológico, nossa pesquisa parte de três obras espíritas psicografadas por médiuns diferentes. Dos diversos trabalhos publicados com a “autoria” de Luiz Sérgio (espírito que se comunica por meio dos médiuns psicógrafos), a seleção foi feita para tratar da importância das relações dialógicas, cronotopia e autoria. As obras, “O mundo que encontrei”, “Na hora do adeus” e “Ainda existe esperança” apresentam, respectivamente, 18 (dezoito), 46 (quarenta e seis) e 28 (vinte e oito) capítulos, com edições de 2013, 2019 e 2016. A seleção das obras partiu do interesse inicial da cronologia autoral de um espírito (Luiz Sérgio) e como as manifestações pela psicografia se configuram como repertórios subjetivos, de versatilidade intelectual e discursividade, características essas que ratificam a importância da doutrina espírita kardecista, bem como proposições reflexivas sobre as existências – na matéria e fora dela.

Ademais, trata-se de uma pesquisa qualitativa com cunho comparativo, que busca a compreensão dos aspectos dialógicos, da cronotopia e autoria, a partir das concepções bakhtinianas. Ao passo que se possa entender os enunciados proferidos nas obras como atos responsivos que contemplam os construtos de sentidos no processo interacionista (autor – mediador/médium – leitor).

Objetivamos analisar a importância das relações dialógicas entre as vozes presentes nas narrativas, a autoria, uma vez que, cada uma das obras tem a interlocução de médiuns diferentes,

além de verificar o enquadramento das obras no gênero romance.

Partindo do pressuposto de que a linguagem é parte integrante e constitutiva do ser humano, vimos que a materialidade discursiva, propositada nesta pesquisa, a priori, é um artefato para que se possam entender as duas concepções mencionadas, e entender que a discursividade é sempre um “ato responsivo” na proposição de sentidos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa está pautada em estudos sobre as relações dialógicas, cronotopia e autoria. Para compreender as noções sobre essas perspectivas, tomaremos das posições teóricas Bakhtin (2018), Brait (2018), Faraco (2018), Grilo (2017), Marchezan (2015) e Volochinov (2017 [1930]), trabalhando com os conceitos de relações dialógicas, cronotopia e autoria. É importante ressaltar que todo o composto teórico possibilita entender diferentes interfaces da interação discursiva que efetiva a importância e necessidade da compreensão do nosso objeto de estudo.

Entende-se por dialogismo as relações entre índices sociais que constituem o enunciado. O sujeito social, ao deparar-se com outros enunciados, interage com os discursos, num ato responsivo, concordando ou discordando, complementando e se construindo na interação verbal. Portanto, a língua tem a propriedade de ser dialógica e os enunciados são proferidos discursivamente, partindo



de um alguém que se encontra com o discurso de outrem, participando, assim, de uma interação viva, sem que a mesma seja face a face, dentro da ideia de um espaço e tempo consolidados (cronotopia). Já a questão de autoria, daremos importância a duas categorias – o autor-pessoa e o autor-criador, trazendo à tona a questão: quem executa a ação de escrever, os médiuns ou a entidade? E, entender as obras psicografadas como constituintes estéticos com relações axiológicas.

PRINCÍPIO DE ANÁLISE

Primeiro recorte – “O mundo que eu encontrei” - Capítulo I – A nova vida

“Veja você que só agora pude vir a escrever e dar notícias daqui. Ainda estou meio embaraçado com a nova vida. Tudo mudou; o que já não era voltou a ser e o que era já não é mais, ainda vai ser. Compreendeu?” (SÉRGIO, 2013, p.05).

Segundo Januário e Ludovice (2020, p. 585-586), “no trecho anterior, o sujeito social (Luiz Sérgio), profere um enunciado direto, com o objetivo de interagir com seu leitor, também sujeito social”. Essa interação tem como objetivo a adesão do interlocutor, no caso o leitor. Percebemos no trecho em análise a responsividade do ato de fala de Luiz Sérgio que intencionalmente, coloca o interlocutor quase que em uma posição de concordância, quando é dito – “veja você que só agora pude vir a escrever e dar notícias daqui”. Neste enunciado, entende-se que as

ideias completam-se na construção de sentidos. A partir das concepções bakhtinianas, podemos entender que o processo dialógico é direto entre narrador-personagem e seu leitor-virtual, não “face a face”, mas em uma dinâmica que propicia a interação viva, “real”, como podemos verificar na análise a seguir.

verifica-se, portanto, que a língua tem a propriedade única no trecho de ser também dialógica, e o enunciado proferido inicialmente por uma voz, do narrador-personagem, a um alguém –o leitor. Esse processo de interação, portanto, torna-se “vivo”. Nesse caso específico, o dialogismo não se restringe ao diálogo face a face, como mencionado anteriormente, mas em todo enunciado proferido no processo de comunicação manifestado em uma dimensão perceptiva entre o ato de dizer de um e o ato de ler e entender do outro (JANUÁRIO; LUDOVICE, p. 585-586).

Entendemos, portanto, que o diálogo consiste em partes importantes da interação humana, mesmo que seu sentido seja amplo, literalmente. Assim, à luz das concepções bakhtinianas podemos entender que o recorte proposto evidencia a interação em atos responsivos, possibilitando o entendimento das instâncias subjetivas dos indivíduos/sujeitos e suas marcas ideológicas, bem como suas posições em um determinado tempo e espaço.

Quanto à relação de tempo e espaço, temos neste trecho as



seguintes considerações, sendo (i) a seleção lexical e (ii) a construção narratológica que permite ao leitor-virtual o entendimento das categorias (tempo/espço) e dos planos existenciais que se concretizam imageticamente, pois as palavras e expressões que constroem o trecho acima, conseqüentemente, permitem a apreensão de sentidos em atos responsivos da fala de Luiz Sérgio e da leitura do interlocutor.

Segundo recorte - “Na hora do adeus” - Capítulo I - Meu novo amigo, um jardineiro de Jesus

“No Departamento do Trabalho, o movimento era intenso, um vaivém constante. Olhando aquele prédio majestoso, som, pensando na cara do materialista que, ao desencarnar, constata que os espíritas não são tão doidos quanto ele imaginava. Que surpresa, ao perceber que sua roupa de griffe está desintegrando-se junto ao corpo físico, por ambos pertencerem à terra! E depois, aqui não existe “pistolão” nem se fura fila. Chegamos e percorremos todos os departamentos a que temos direito.

Soraia, uma amiga espiritual, aproximando-se de mim, falou:

— Olá, Luiz, você aqui? Posso saber o porquê?

— Claro, minha linda, estou à procura de trabalho.

— Não me diga que foi despedido... Pensei que houvesse estabilidade na Universidade Maria de Nazaré! exclamou e sorriu.

— Desculpe, Soraia, estava brincando. Encontro-me em trabalho; estou iniciando um

estudo sobre a hora do adeus; como devem proceder aqueles que ficam no plano físico. [...]” (SÉRGIO, 2019, p.9)

Pelo trecho anterior, percebemos três relações dialógicas, sendo: (i) o narrador e leitor-virtual, (ii) personagens e leitor. Essas relações evidenciam a importância da construção de sentidos no processo comunicacional de indivíduos valorizados, instituídos enunciativamente. Também, é importante destacar três eixos básicos que norteiam as concepções de Bakhtin a respeito da dialogia que podem ser apreendidos no trecho proposto. Primeiro é a *unicidade do ser e do evento*, ou seja, os enunciados proferidos pelo narrador-personagem (Luiz Sérgio) e personagem secundária (Soraia), constituem-se a partir de outros enunciados associados à situação comunicativa, o evento de interação. O segundo, a *relação eu e outro* que se faz a partir da interação responsiva, permitindo ao leitor o entendimento do evento comunicacional ou da progressão narrativa e, o terceiro, a *dimensão axiológica*, em que os sujeitos do processo de interação são capazes de construir um evento verbal, a partir de suas identidades e subjetividades.

Quanto aos valores de cronotopia, destacamos as seguintes expressões presentes no diálogo - “você aqui?”, “estou à procura”, “pensei que houvesse”, “estou brincando”, “estou iniciando” e “aqueles que ficam”. Tais expressões oferecem ao leitor, de maneira antitética, o distanciamento e



a aproximação do evento interacional das personagens. O distanciamento se refere à percepção do evento de maneira mais generalista, ou seja, o leitor consegue perceber toda a proporcionalidade da interação das personagens, como se estivesse observando de cima para baixo, o todo do acontecimento e, ao mesmo tempo, como se fosse partícipe da cena. Aquilo que antes era abstrato passa a ser concreto, a partir dos sentidos propositados pelo enunciado. Vale salientar ainda que, as expressões destacadas acima, ressignificam os sujeitos partícipes da interação, relacionando-os aos elementos, abstrato (causa) – aquilo que era e concreto (efeito) – aquilo que se tornou. Diante disso, podemos afirmar que tal perspectiva ratifica a importância do dialogismo em que os sentimentos, saberes e simbologias são revelados na interação “face a face” entre as personagens de maneira responsiva.

Terceiro recorte - “Ainda existe esperança” - Capítulo I - Escola Sitiada

“Esperar, esperar e esperar para aprender.

Acreditamos sempre que estamos prontos para o mundo, mas o saber é algo que vem com o tempo, e o aprendizado se renova a cada dia.

Assim, vinha sendo minha rotina e aprendizado.

Meu instrutor sempre me dizia com paciência:

— Luiz Sérgio, o tempo que nos dedicamos no próprio aprendizado não é tempo perdido. Existem situações que

acreditamos estar preparados para atender, mas não é o suficiente para fazermos o melhor. Estamos sendo convocados a auxiliar alguns jovens no mundo e retratar isso para os nossos irmãos encarnados. [...] (SÉRGIO, 2016, p. 25).

Em se tratando das obras supracitadas, a relação conteudista nos recortes só pode ser apreendida se seu enunciatário tiver o conhecimento espírita e, além disso, concordar com a questão ideológica que os conteúdos explicitam.

Ademais, podemos afirmar categoricamente, pelas concepções bakhtinianas, que o narrador-personagem, ao ser deslocado para outra “esfera existencial”, movimenta-se de maneira a mostrar ao seu leitor que mudanças são responsáveis por “novas atitudes”, “novos comportamentos”, colocando em destaque inicialmente no trecho, o verbo *esperar*, no infinitivo. Partindo deste verbo, o enunciado, na sequência, evidencia não só o processo dialógico, baseado em um EU que fala, para um TU que também se coloca de maneira responsiva, como, a evidenciação dos valores de cronotopia, pelo uso das respectivas expressões – “a cada dia”, “minha rotina”, “estamos sendo convocados”. A partir disso, podemos entender que os valores de cronotopia, neste recorte e nos dois anteriores, evidenciam a ideia de acabamento e refletem sobre os lugares distintos que os partícipes ocupam.

A QUESTÃO DE AUTORIA: AUTOR-PESSOA E AUTOR-CRIADOR

Em se tratando das obras “O mundo que eu encontrei”, “Na hora do adeus” e “Ainda existe esperança” é sabido que os mediadores das mensagens de Luiz Sérgio são pessoas distintas.

A princípio, uma vez que a pesquisa será mais aprofundada, sobre a questão de autoria, entende-se que os médiuns ao psicografarem as mensagens de Luiz Sérgio executam uma ação responsiva, tornando-se assim, autores dos enunciados. Para elucidar, segundo Allan Kardec (1861, p.206-2010), a psicografia é uma manifestação inteligente, por consistir na comunicação discursiva escrita de uma suposta entidade incorpórea ou espírito, por intermédio de um homem. O mecanismo de funcionamento da psicografia, de maneira geral, ainda segundo Kardec, pode ser consciente, semi mecânico ou mecânico, a depender do grau de consciência do médium durante o processo de escrita. Embora esses graus sejam importantes para entender o mecanismo da mediunidade psicográfica, devemos salientar que espírito e médium se “tornam um” nas relações dialógicas.

Segundo Faraco (2017, p.37-38), há distinção entre o autor-pessoa e autor-criador. Segundo o linguista, o primeiro é o escritor, a pessoa, o artista. O segundo, é aquele que inventa, cria esteticamente um repertório discursivo. Com base nisso, podemos dizer, a priori, que Luiz Sérgio e os médiuns em conjunto são autores-pessoas e somente Luiz Sérgio é o

autor-criador, pois é responsável em dar forma ao objeto estético – cada obra psicografada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, nosso objeto de estudo categoriza-se como narrativa literária do universo espírita. O processo dialógico presente na obra ratifica a importância das concepções bakhtinianas. O espaço/tempo, valor dicotômico é indissociável e consiste em cronotopia. A questão de autoria, ainda que complexa, permite entendermos o processo de produção discursiva para se enquadrar em um gênero específico. A partir desse percurso, é possível o leitor depreender que as situações referentes à natureza humana são elementos mais que basilares na constituição de sentidos. Eles são efetivos para a compreensão de nossa história como sujeitos instituídos de valores e também responsivos no processo de interação, ratificando assim, interesses individuais e coletivos.

Destarte, de acordo com as concepções de Bakhtin, os variados enunciados que são construídos levam em consideração os seguintes valores: o tempo, o espaço, a historicidade, a ideologia e a cultura. Nesse processo de interação, para que os sentidos sejam devidamente depreendidos, faz-se necessária a reflexão sobre as vozes que nascem e se consolidam nas relações. Com isso, vale ressaltar que as contribuições de Bakhtin permitem aos leitores, estudantes e pesquisadores acolherem a perspectiva do “diálogo”



em sentido amplo. Logo, compreender os recortes das obras psicografadas como atividade humana, enaltece as práticas sociais de interação e consolida o ato enunciativo como responsivo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. *Cronotopo e exotopia*. In: B. BRAIT. Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018, p. 95-113.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: Dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2006.

_____. *Autor e autoria*. In: B. BRAIT. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2017, p. 37-60.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2018.

JANUÁRIO, Nicolas Vladimir Souza; LUDOVICE, Camila Araújo Beraldo. Relações dialógicas e cronotopo no romance espírita "O Mundo que Encontrei", ditada pelo espírito de Luiz Sérgio. *Educação e Linguagens*. Campo Mourão, v.9, n.18, p. 578-590, Dez/Ago. 2020.

SÉRGIO, Luiz. *O mundo que encontrei*. Psicografia por Alayde de Assunção e Silva. 32. ed. Brasília- DF: Recanto, 2013. Disponível em <<http://www.rema.org.br/luiz-sergio-colecao-completa/>>. Acesso em 18 dez. 2020.

_____. Luiz. *Na hora do adeus*. Psicografia por Irene Pacheco Machado. 17. ed. Brasília - DF : Recanto, 2019. Disponível em < <https://aelauiromachado.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Na-Hora-do-Adeus-psicografia-Irene-Pacheco-Machado-espírito-Luis-Sergio.pdf>>. Acesso em 27 de julho de 2021.

_____. Luiz. *Ainda existe esperança*. Psicografia por Adeilson Salles. São Paulo : Intelítera, 2016.

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. *Bioethikos*. São Paulo, v.3, n.1, p. 121-126, Fev/Mar. 2009.

VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch. construção da enunciação. In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013c [1930], p. 157-188.





COSTURANDO IDENTIDADES, MODELANDO GÊNEROS: O CORPO -SUJEITO NO ESPAÇO DA MODA

Pâmela Tavares de CARVALHO (UNIFRAN)¹
Luciana Carmona GARCIA (UNIFRAN)

RESUMO

O presente trabalho propõe, a partir do método arqueogenealógico engendrado por Michel Foucault, observar os mecanismos que constroem o corpo, dado nas linhas históricas, sociais e culturais como masculino, nas redes discursivas da Moda. De início contextualizamos a noção de acontecimento para que fosse possível tomar os enunciados que, em diferentes ordens, selecionam, organizam e redirecionam os discursos que falam sobre o homem e/ou a mulher. Em seguida, procuramos demonstrar como o corpo, e seus significantes, tem sido aquilo pelo que se luta no espaço da Moda. Com um olhar analítico voltado para um ensaio-reportagem publicado pela revista Manchete observou-se que a Moda, inscrita na desobediência do corpo, pode ser capaz de desestabilizar verdade sobre as políticas determinantes do corpo e do gênero.

PALAVRAS-CHAVE Moda; discurso; corpo; gênero.

ABSTRACT

The present work proposes, from the archeogenealogical method engendered by Michel Foucault, to observe the mechanisms that build the body, given in the historical, social and cultural lines as male, in the discursive networks of Fashion. At first, we contextualized the notion of event so that it was possible to take the statements that, in different orders, select, organize and redirect the discourses that talk about men and/or women. Then, we try to demonstrate how the body, and its signifiers, has been what is being fought for in the fashion space. With an analytical look turned to an essay-report published by Manchete magazine, it was observed that Fashion, inscribed in the disobedience of the body, may be able to destabilize the truth about the determinant policies of the body and gender.

KEYWORDS Fashion; discourse; body; gender.

Introdução

Dia a dia, ao colocarmos no espaço do corpo tecidos modelados em meio a retas e curvas, diagonais e perpendiculares, construímos uma série de conexões que dão a ver o nosso modo de ser e estar enquanto sujeitos no mundo, sejam elas, entre tantas outras, pela linguagem, hábitos e experiências. Habitar um corpo, desde a sua nudez até a produção de sua exterioridade, é carregar consigo valores simbólicos, construídos pelo contexto histórico e social na superfície da pele, dado

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), assim como com o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS)



que “não existe nada que possa ser chamado de corpo completamente ‘nu’, pois o corpo nu estará sempre ‘vestido’ em razão de suas definições sociais (...). Removendo todas as roupas, não encontramos um corpo ‘natural’, mas um corpo moldado pela moda” (SVENDSEN, 2010, p. 89).

A construção da aparência envolve conceitos e práticas culturais corporificados, não somente por meio dos significados intrínsecos condicionados pelos dispositivos sociais, mas também uma série de elementos, com formas, cores e texturas, tais como as roupas e demais acessórios de moda, que colaboram para a materialização de subjetividades, sejam elas para o romper dos limites identitários ou mesmo corroborar com o conjunto de códigos, normas e valores culturais partilhados no espaço da sociedade contemporânea. Corpo e vestimenta formam, portanto, no âmbito da moda, um e O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), assim como com o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) exercício constante de modelagem a produzir sentidos em um dado momento e lugar.

Entre aproximações e distanciamentos, individualidade e coletividade, a moda assume seu papel como símbolo de expressão social e cultural, um sistema de significados que, junto a constante busca do sujeito pela identificação na sociedade atual, materializa-

se por meio de discursos verbais e imagéticos nas necessidades, desejos, performances e subjetividades.

Azul para meninos, rosa para meninas; Calça para homens, saias para mulheres. Da nudez da criança que nasce à performance do vestuário e gestos, o sistema da moda, ao longo de anos, afirmou discursivamente um modelo dicotômico de corpo-identidades em relação aos espaços percebidos socialmente como próprio ao masculino e ao feminino. De acordo com Lipovetsky (2009, p. 29), a moda surge em uma direta relação com o dispositivo de controle dos corpos, então, estabelecidos como de homem ou mulher, reforçando o binarismo de gênero.

Na busca por uma arqueologia dos saberes sobre a virilidade, lançamos luz às condições de possibilidade que tornaram possível o discurso midiático da moda sobre o corpo normatizado como masculino, com o objetivo de descrever a formação de um saber modelar da vida social, dado que esses enunciados, regularmente, baseiam-se em aspectos comportamentais, médicos e/ou biológicos para caracterizar o indivíduo como sujeito do masculino ou feminino.

Logo, tomamos os enunciados a serem analisados como acontecimentos de diferentes ordens que selecionam, organizam e redirecionam os discursos e estes, por sua vez, repousam sobre o corpo na análise dos movimentos de objetivação e subjetivação das práticas discursivas que falam sobre o



homem, afinal é ele, o corpo, vestimenta de nossa história individual, coletiva e cotidiana, “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (FOUCAULT, 2008, p. 22).

Para tanto, sustentadas teoricamente pelos estudos discursivos foucaultianos, dividimos nosso texto, além deste tópico introdutório, em dois momentos: inicialmente traçaremos uma breve discussão teórica tomando a Moda como um acontecimento discursivo, ou seja, como resultante do atravessamento de diferentes práticas discursivas determinadas sócio historicamente. Na continuidade, a partir do movimento analítico, descreveremos como o corpo, seus significantes e significados, no espaço da Moda tornou-se objeto de luta.

MODA, UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Diferentemente da história tradicional, que traz como da ordem do acontecimento fatos notórios no contexto da atualidade, na perspectiva arqueológica a partir da sobreposição de histórias pequenas e ordinárias materializam-se trajetórias de sentidos que fazem emergir acontecimentos. Estes, por sua relação com a descontinuidade e a dispersão dos enunciados, irrompe inscrito na história, como algo que não se repete. Da anterioridade de um sussurro cotidiano à instauração

de novas discursividades, de sentidos outros, ressignificados em sua estabilização, colocados em movimento.

Michel Foucault (1987), na proposição de fazer uma arqueologia do saber, traz o enunciado como base do edifício analítico e ao considerá-lo impregnado pela história trata-o sob a perspectiva do acontecimento, este que engloba: (i) a novidade – ruptura histórica associada à regularidade e à descontinuidade das práticas; (ii) a irrupção de uma singularidade em dado momento histórico; (iii) a atualidade, construída a partir de certo tipo de temporalização, portanto não corresponde ao tempo presente; (iv) e a relação de forças que “não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não têm aspecto de um resultado. Elas aparecem sempre na álea singular do acontecimento” (FOUCAULT, 2008, p. 28).

Isto posto, pensar o conceito de acontecimento é observar a circulação de uma nova regularidade discursiva considerando as condições de existência que determinam a materialidade própria do enunciado, ou seja, o conjunto de regras que compõe as condições para que algo possa ser dito em um dado momento. A pergunta que Foucault (1987, p. 31) nos coloca é: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” E ao pensar com ele estamos em busca dos fios que teceram uma rede, como aqueles tímidos pontos soltos de linha a descosturar o traje, a desarrumar o bordado, que precisam ser cerzidos



esperando que nosso olhar pouse sobre eles em meio a tanto outros que seduzem ao redor de seu apagamento.

A emergência de acontecimentos no âmbito da moda ocorre com a irrupção singular de existência e aparição. No movimento de dispersão enunciativa, a unidade do discurso sobre o homem, sobre a virilidade, é possível ser apreendida as singularidades e regularidades na análise dos enunciados acolhidos em uma história serial. Em outras palavras, é preciso suspendermos as formas imediatas de continuidade como a faz a história tradicional para que, assim, possamos olhar para os pequenos acontecimentos na inteligível trama da história descontínua da moda; é preciso nos atermos ao que, face a um conjunto de regras que compõe as condições de possibilidade, é discursivizado em um dado momento e lugar acerca de um acontecimento histórico-social.

De alguma forma, a ideia da moda com suas regressões a formas anteriores, ao mesmo tempo, com um desejo de singularidade, projetando-se para o futuro, nos pareceu muito próxima, quando da leitura da obra *A Arqueologia do Saber* (1987), do conceito de acontecimento, dado que este ocupa-se daquilo que foi dito e que é tomado como algo novo. Sem presunções reducionistas parece-nos haver entre a noção de acontecimento e a dinâmica da moda algo de similar.

Michel Foucault (1987), em suas reflexões teóricas, ao dissertar

a noção de acontecimento articulando-a as noções de atualidade e problematizações tematiza, no entremeio de ambas, o que se determina como uma ontologia do presente. A história é trabalhada e demarcada nesse percurso, entre a repetição e a diferença. O autor nos diz, ainda, que o acontecimento discursivo é diverso compreendendo instituições, questões políticas, econômicas, jurídicas e sociais. Logo, aqui descrevemos a Moda no tocante a esse conjunto de elementos que balizam sua produção e circulação discursiva. Por certo, o discurso sobre o homem no espaço da Moda foi sendo construído ao longo dos tempos por meio do jogo de relações sociais e históricas, o que nos faz retornar na história para que possamos questionar o porquê de determinados enunciados e o campo discursivo em que eles circulam, assim como compreender, posteriormente, a construção de sentido do ser-masculino discursivizado na atualidade.

Assim, à presente escrita não se faz essencial o movimento analítico de temporalidades como faz a História da Moda, mas sim, com atenção para a história do presente, os acontecimentos efetivados no cotidiano, os quais se marcam em rede construindo efeitos e possibilidades. De outro modo, ao problematizar o corpo do homem neste século XXI, à esteira arqueológica, compreendemos que ao revolvermos o terreno, certamente organizado sob a ordem do olhar que



a contemporaneidade possibilita, encontraremos elementos de outrora.

Colocadas tais premissas é chegada a hora do recorte, o momento da irrupção dos acontecimentos!

1. ABRINDO O ARMÁRIO

Todos nós passamos por essa primeira mesa de operação performativa: 'é uma menina!' ou 'é um menino!' O nome próprio e seu caráter de moeda de troca tornarão efetiva a reiteração constante dessa interpelação performativa. Mas o processo não para aí. Seus efeitos delimitam os órgãos e suas funções, sua utilização 'normal' ou 'perversa'. A interpelação não é só performativa. Seus efeitos são prostéticos: faz corpos. PRECIADO (2014, p.130)

Rapazes vestidos como môças, e môças vestidas como rapazes, escandalizam Londres. A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM, anuncia a revista Manchete aos seus leitores na página 128 da edição número 0652 de 17 de outubro de 1964. Poucas palavras que aqui deixam de serem tomadas como ato de linguagem, proposição ou mesmo uma frase, para serem consideradas uma função enunciativa que cruzará um domínio de estrutura e de unidades possíveis fazendo aparecer conteúdos concretos, no tempo e no espaço. Ora, desse modo, na busca da constituição do discurso, olhemos os recortes apresentados na tensão entre descrição e interpretação dos enunciados.

Figura 1: A roupa não faz o homem – Revista Manchete 1964



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira²

Inicialmente, chamamos a atenção para o que já foi dito, para a não aleatoriedade, bem como a não intencionalidade da existência do enunciado em estudo, este que está ali excluindo outros enunciados e se correlacionando com outros tantos, todos articulados em uma relação de dependência. Está, portanto, inserido em um domínio associado de formulações outras, que são repetidas, modificadas, ou mesmo refutadas, produzindo efeitos de memória específicos postos na relação entre interdiscurso e intradiscurso.

Nesse jogo entre memória e sua irrupção na atualidade, o sintagma *A roupa não faz o homem*, em uma cadeia enunciativa, (re)atualiza a memória proverbial *O hábito não faz o monge*, ressoando efeitos de moral e didática. A partir de valores já cristalizados na sociedade, é preciso dizer ao outro o que fazer ou qual atitude tomar em uma determinada situação, ora, as

² Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=59253>>. Acesso em: 07 jun. 2021.



peças não devem ser julgadas por sua aparência externa, mas sim por suas ideias e atitudes. Contudo, essa construção de sentidos começa a ruir em face da complementariedade do enunciado imagético que o segue, que assim como o verbal é dotado de historicidade e atravessado por discursos outros que constituem sua discursividade.

A imagem fotográfica, por um instante, congela em uma avenida urbana, dada a ver pela presença de prédios e automóveis, mulheres com as pernas posicionadas uma à frente da outra, braços estendidos ao longo do corpo, outrora posicionados com a mão na cintura em poses de parada. No percurso de leitura, à esquerda da imagem “ela se veste sem ornamentos e ele tem blusa rendada. Ela leva o guarda-chuva e ele o cão, ela é o que conduz pelo braço e não ao contrário”, já ao centro e com sorrisos discretos “a moça é a da direita. Embora o rapaz use cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher, eles se amam e vão se casar”. E a direita, a dúvida, “quem é a moça e quem é o rapaz?” Corpos desenhados no gênero e legitimados em tecidos.

Segundo Davallon (2010, p. 30), “a imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação [...] e um operador de significação”. Assim, ao lermos a produção editorial dada na relação entre verbo e imagem, a singularidade do movimento e postura dos corpos, que na forma de legenda se marcam e são reiterados nas roupas que os envolvem, indicadas pelos léxicos

blusa rendada, blusão verde berrante, cabelos compridos, sinalizam uma informação de moda deslocando o enunciado primeiro, *A roupa não faz o homem*, do caráter consensual para o espaço da moda.

Verbo e imagem identificam, portanto, um campo de memória, de (trans)formação social em que o corpo, no espaço da Moda, embora não isento de repreensão, é acionado como um recurso potente de performances, experimentação, liberdade e confronto. Entendendo com Foucault (1987) que os enunciados tornam-se objetos de luta ao entrarem em uma rede de circulação, tomemos as seguintes formulações linguísticas:

R1: *Ela se veste sem ornamentos, e ele tem blusa rendada. Ela leva o guarda-chuva e ele o cão. Ela é o que conduz pelo braço e não ao contrário.*

R2: *A moça é a da direita. Embora o rapaz use cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher, eles se amam e vão se casar.*

R3: *Quem é a moça e quem é o rapaz? É preciso olhar duas vezes para descobrir que ele é o da direita. Mas ainda assim a dúvida continua.*

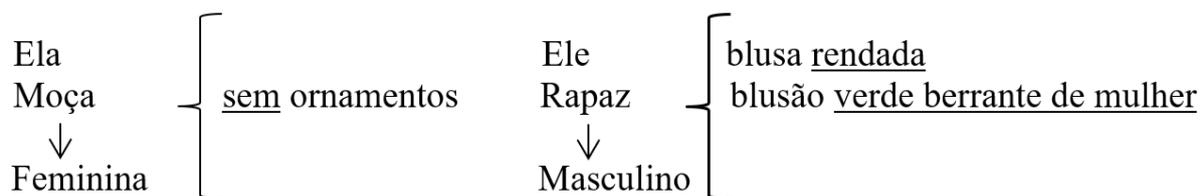
A partir desse quadro enunciativo e imersos a um processo de descrição dos movimentos de luta em torno da produção de verdades, somos incitados a refletir sobre o uso regular dos pronomes pessoais na busca por responder *quem é a moça e quem é o rapaz*. Ele, ela, formatam, pela estrutura morfológica da língua, as classificações sociais de



feminino e masculino produzindo sentidos de evidência, um pré-construído que aciona um dito, uma memória, consolidados anteriormente e em outro lugar que determinam, sob uma ordem binária (corpo-vagina-mulher, corpo-pênis-homem), comportamentos sociais, gestuais e performáticos. Às mulheres, a representação da delicadeza, aos homens, a virilidade, marcas identitárias que subsistem sob a força de estereótipos.

Os processos históricos, sociais, e culturais, de (re)produção de sentidos para as sexualidades, como a emergência do casal burguês, encontram na moda e suas tecnologias o instrumento para o que se convencionou chamar de homem e de mulher. Por consequência, antes mesmo do nascer, nosso corpo já é operado pela língua e pela história, e maculado pelas formas e cores de uma “estilística definida como ‘apropriada’ aos sexos masculino e feminino” (BENTO, 2004, p. 4). E, no interior dessa prática social binária, uma espécie de enunciado *síntese* reverbera e ecoa como efeito de memória: rosa para meninas, azul para meninos.

Entretanto, ao observamos os recortes acima, se pudermos designar uma formação discursiva que, a princípio, organiza os saberes ali materializados, poderíamos nomeá-la *transgressora*, cuja matriz de sentidos aponta para uma desestabilização de verdades sobre políticas determinantes dos corpos, do gênero e das subjetividades.



Conforme síntese elaborada a partir de R1, R2, R3, os marcadores pronominais ela acompanhado da preposição indicativa de falta (sem) do que dá graça e beleza à mulher, a roda da saia, faixa na cintura, cabelos elaborados e bem cuidados, sapatilhas de salto raso, entre outros ornamentos, e ele ligado a significantes que reiteram o feminino em trajés (blusa, blusão) ora confeccionado com um tecido leve, delicado e transparente como a renda, ora com uma cor berrante de mulher, entretecendo-se pelos fios da memória, no interdiscurso, deslocam os lugares comuns e estereótipos acerca da feminilidade e virilidade, produzindo um efeito de liberdade ao mesmo tempo em que faz ressoar sentidos de desobediência sobre os padrões de vestimenta dos gêneros. As formulações, em seu funcionamento, jogam com o antagonismo e nas roupas o masculino e o feminino se embaralham, perturbam os sentidos pré-existentes na memória, ao passo que o corpo parece instaurar uma desordem na organização das aparências.

Liberdade e desobediência alinhavam, portanto, os limites dessa formação discursiva transgressora. Porém, com suas margens inacabadas, em que no limite coexistem unidade e polissemia, tem-se no intradiscurso das formulações



o discurso outro próprio do funcionamento do enunciado dividido (COURTINE, 2009).

Em outras palavras, no recorte 1, assim como em R2 e R3, marcas linguísticas, como não ao contrário, embora e quem, assinalam um limite entre a formação discursiva transgressora e outra que denominamos conservadora, em cujo antagonismo as contradições se materializam. Isto se dá, pois partimos do pressuposto que todo discurso se constitui na heterogeneidade, e sendo ela marcada na língua ilumina as laçadas do heterogêneo entre as formações discursivas.

Courtine, ao analisar o discurso comunista endereçado aos cristãos, esquematiza os enunciados divididos na fórmula $P\{X/Y\}$ a qual “provém, efetivamente, da correlação de duas formulações extraídas de processos discursivos heterogêneos em relação ao outro, mas de forma sintática determinada” (2009, p. 190). Ainda segundo o autor, trata-se de um enunciado que apresenta “não comutabilidade dos elementos em posição X e Y no contexto de formulação P” (COURTINE, 2009, p. 191). Assim, sob a forma de enunciado dividido, apresentamos abaixo os discursos em confronto que coexistem nos mesmos enunciados, levando-se em conta que X representa o discurso próprio da formação discursiva 1 (transgressora) e Y o discurso próprio da formação discursiva 2 (conservadora).

R's	X (FD 1)	- Ela é quem está sem ornamentos. Ele é quem tem blusa rendada. Ele é quem usa cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher.
	Y (FD 2)	- Ela é quem deve usar ornamentos e deve ter blusa rendada. Ele é quem deve estar sem ornamentos. Ela é quem deve usar cabelos compridos e blusão verde berrante.

Examinado os articuladores discursivos não ao contrário, embora e quem, compreendemos que eles funcionam como indícios de que no interdiscurso, há um enunciado afirmativos próprio da FD 2 (conservadora). O sujeito discursivo resgata o discurso-outro no interdiscurso e, desse modo, insere-o no seu discurso por meio da oposição, resultando em outro discurso próprio da formação discursiva transgressora (FD 1). Depreendemos que partindo do que é refutado na FD 1, o sujeito do discurso (da FD 2), afirma para em seguida interditar o discurso-outro transgressor demarcando, sob a produção de um efeito de sentido aversão, o que pode/deve ser dito e o que não pode/não deve ser dito pela moda ao traduzir, na multidão de corpos, quem é e como deve ser ele, o homem/rapaz, quem é e como deve ser ela, a mulher/moça. Observemos o que nos afirmam tais formações discursivas e o que nos nega a formação discursiva conservadora (FD 2):

O que afirma FD 1 - Transgressora	O que afirma FD 2 - Conservadora
Ela é quem está sem ornamentos. Ele é quem tem blusa rendada. Ele é quem usa cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher	Ela é quem deve usar ornamentos e deve ter blusa rendada. Ele é quem deve estar sem ornamentos. Ela é quem deve usar cabelos compridos e blusão verde berrante
	O que refuta FD 2 - Conservadora



	Ela é quem está sem ornamentos. Ele é quem tem blusa rendada. Ele é quem usa cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher
--	--

Se é preciso refutar quem é moça e quem é o rapaz, é porque houve antes uma afirmação instaurando sentidos na pele que se veste. Nesse jogo estratégico do discurso, a relação produzida entre afirmar e refutar materializa o modo como o pré-construído se encaixa por meio de “uma operação sintática que sinaliza a fronteira entre o que veio de outro lugar [...] e o que foi produzido pelo sujeito do discurso” (INDURSKY, 2011, p. 69). Eis, assim, o embate pela significação dos significantes ela/ele, em que os sentidos, no espaço da moda, se degladiam, se misturam, se fundem e se confundem no fio do discurso.

Entre as maneiras possíveis de classificação do vestuário, seja por tipo (principal ou de proteção) materiais e/ou técnicas, a verdade biologizante do gênero institui-se como argumento primeiro e mais regular³. Para Lipovetsky (2009) é no século das Luzes que a moda rompe com o equilíbrio da aparência na relação com os gêneros, com a preponderância de um vestuário masculino mais ostensivo e ornamentado do que o feminino. Já no final do século XVIII, cenário da Revolução Francesa, a moda que era vista como uma expressão do masculino passou a ser vista como uma prerrogativa do feminino. Progressivamente a roupa do homem passa a expressar uma nova ética calcada na valorização do trabalho, uma nova moral, uma nova forma de vida e masculinidade.

Assim, sob o triunfo da burguesia, via-se modos de homem e modas de mulheres que ao se estabelecerem na memória coletiva, via aprendizagem social, sustentados por saberes e poderes, fazem cristalizar a imagem do homem calcada na força e virilidade, características evidenciadas pelo uso de formas em linhas verticalizadas que ressaltam principalmente ombros e pernas, em oposição à pretensa fragilidade e delicadeza atribuída como natural à imagem da feminilidade. Tais representações, ao fazerem circular, incessantemente, modos de ser, agir e vestir, desponta como algo saturado de verdades inserindo uma nova ordem do discurso. E estas, com uma função normativa e reguladora, ao repousar na oposição acentuada dos sexos, determina a formação discursiva conservadora (FD 2 - conforme apontada anteriormente no movimento de contradição) na qual homens e mulheres estão fadados a desempenhar, respectivamente, na/pela moda os papéis masculino e feminino.

EFEITOS DE FECHAMENTO

Ainda que um movimento de escrita em construção, a fim de analisarmos a emergência de discursos sobre o corpo e gênero no espaço da moda em nossa atualidade, é necessário, tendo em vista a retomada, ouvirmos o que já foi dito, no terreno íngreme e movediço da história, nas estratégias de construção dos modos de ser homem e ser mulher.

³ Em nossa atualidade tal regularidade pode ser observada, a exemplo, na organização dos setores, esses divididos em masculinos e femininos, em lojas de departamento físicas ou on-line.



Sob uma perspectiva arqueogenealógica, no qual temos nos mecanismos de exercício do poder o instrumento de análise capaz de explicar a produção de saberes, fomos incitadas a iniciar uma cartografia dos movimentos de luta em torno da produção de verdades que atravessa a moda e falam sobre o seu objeto, o corpo, por meio de enunciados materializados edição número 0652 da revista Manchete no ano de 1964.

Na discussão realizada, observamos o embate pela significação dos significantes ela/ele, homem/mulher, em que os sentidos, no espaço da moda, se degladiam, se misturam, se fundem e se confundem no fio do discurso. E nessa tensão discursiva, o que a imagem deixa ver, a desobediência do corpo e moda, o verbo parece sequestrar para (re)organizar certos lugares há muito cristalizado no imaginário, tal como quem pode, deve e como deve ser homem ou mulher.

E antes que encostemos as portas desse armário, faz-se oportuno dizer que a moda, outrora considerada como um dispositivo de controle, em suas lacunas pode ser capaz de (re)modelar-se na multiplicidade do masculino e feminino desestabilizando verdade sobre as políticas determinantes do corpo, do gênero, das subjetividades.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual. In: LOPES, D.; BENTO, B.; ABOUD, S.; GARCIA, W. (Org.). *Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004.

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EDUFSCar, 2009.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J. L.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. P. (Org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

EM CORES: beleza e poderio da França. *MANCHETE*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, n. 0652, 17 Out. 1964. 144 p.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. 3. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 36 ed. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

LIPOVETSKY, G. O. [1987]. *O império do efêmero: a moda e seu destino na sociedade moderna*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas da identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SEVENDSEN, L. *Moda: uma filosofia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.



UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO TEÓRICA DA TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES

Priscila Antunes de SOUZA (UNIFRAN)
Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

RESUMO

O *pathos* é um dos elementos que compõe o tripé retórico, juntamente com o *ethos* e o *logos*. Na teoria da Trajetória das Paixões, desenvolvida por Maria Flávia Figueiredo (2020), o elemento *pathos* é estudado de forma a demonstrar como o orador pode fazer uso das emoções para convencer/persuadir o auditório por meio do despertar das paixões e de suas etapas: disponibilidade, identificação, despertar da paixão, mudança de julgamento e ação. Esta pesquisa tem o intuito de verificar se essa recente teoria comporta ampliação por meio de outras, tais como a Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006), *Design Thinking* (BROWN, 2010), Comunicação Empática (KRZARNIC, 2015; KIMURA, 2016; JAMISON, 2016) e Modelo Milton (BLANDER; VALLE, 1999). Faremos uma pesquisa bibliográfica, de cunho comparativo, para verificar se a Trajetória das Paixões comporta ampliação e, em caso afirmativo, analisar em quais etapas cada uma das teorias mencionadas poderia ser utilizada.

PALAVRAS-CHAVE Retórica; *pathos*; Trajetória das Paixões; Ampliação.

ABSTRACT

Pathos is one of the elements that make up the rhetorical tripod, along with *ethos* and *logos*. In the Trajectory of Passions theory, developed by Maria Flávia Figueiredo (2020), the pathos element is studied in order to demonstrate how the speaker can use emotions to convince/persuade the auditorium through the awakening of passions and their stages: availability, identification, awakening of passion, change of judgment and action. This research aims to verify whether this recent theory can be expanded through others, such as Non-Violent Communication (ROSENBERG, 2006), Design Thinking (BROWN, 2010), Empathic Communication (KRZARNIC, 2015; KIMURA, 2016; JAMISON, 2016) and Milton Model (BLANDER; VALLE, 1999). We will carry out a comparative bibliographical research to verify if the Trajectory of Passions can be expanded and, if so, analyze in which stages each of the mentioned theories could be used.

KEYWORDS Rhetoric; *pathos*; Trajectory of Passions; enlargement.

Introdução

Com o advento da recente teoria da Trajetória das Paixões (FIGUEIREDO, 2018, 2019, 2020), pareceu-nos importante verificar se outras teorias já existentes poderiam ajudar a entendê-la e aperfeiçoá-la, pois sabemos que quanto mais conseguirmos compreender cada uma das etapas dessa teoria e, quanto mais



elementos tivermos para que a paixão seja despertada e para que haja o convencimento/persuasão, mais próximos estaremos do objetivo da retórica que é a etapa final: a “ação” (prova da persuasão).

Assim, ao verificar algumas teorias utilizadas com sucesso pelo Vale do Silício e por empresas de renome para angariar a atenção do público e conseguir vender seus produtos e serviços, elencamos quatro das teorias mais utilizadas para investigarmos se poderiam contribuir para a ampliação e melhor entendimento da Trajetória das Paixões e suas etapas, são elas:

a) Comunicação Não-Violenta, desenvolvida por Marshall B. Rosenberg (2006, 2019), que “se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas” (ROSENBERG, 2006, p. 21).

b) *Design Thinking*, que utiliza métodos e processos dos designers, os quais criam uma solução para uma necessidade determinada que possa ser acessível e desejável. Esse processo passou a ser utilizado pelo Vale do Silício em razão da obra de Tim Brown (2010): *Design thinking – uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias*. Cinco etapas fazem parte do processo de aplicação do *Design Thinking*, são elas: criar empatia (compreender o desejo das pessoas), definir (fase de coleta de informações para definir os problemas), idear (fase de sugestões), prototipar (escolha das ideias para

experimentá-las, com intuito de verificar qual melhor solução para o problema) e testar (momento de testar e experimentar os protótipos).

c) Comunicação Empática visa o respeito ao outro e a compreensão de todas as partes. Nessa teoria, todos ficam em igualdade e, por meio do diálogo, tentam compreender sua realidade e transformá-la. Foi destacada por Carl Rogers em seu artigo: *As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade* (2008), no qual elenca quatro regras para que essa comunicação ocorra: ouvir sem preconceitos, compreender o que o outro está dizendo, valorizar as posições do outro com as quais se concorda e concluir.

d) Modelo Milton, desenvolvido por Milton Erickson – um importante hipnoterapeuta – e cocriado por Richard Bandler e John Grinder (1999). O método utiliza técnicas para a Programação Neurolinguística, a qual se vale da linguagem para induzir e manter o transe, pois entende que uma mente consciente tende a distorcer, eliminar ou modificar fatos, o que dificulta o terapeuta e a pessoa a encontrar uma melhor solução para seus problemas.

Antes de adentrar no arcabouço teórico desta pesquisa, vejamos, de forma resumida, em que consiste a teoria da Trajetória das Paixões.

A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES

A Trajetória das Paixões é uma teoria desenvolvida por Maria Flávia Figueiredo (2018, 2019, 2020) em face



do que Aristóteles já havia proposto em suas obras quanto ao estágio do convencimento/persuasão por meio das paixões.

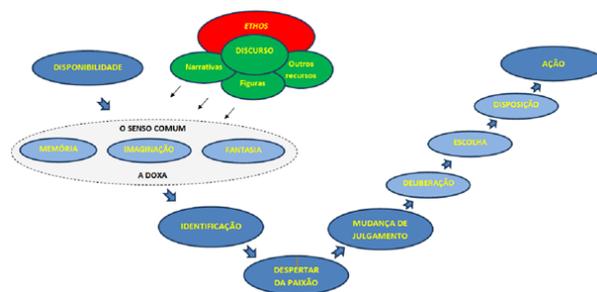
Para o filósofo, o primeiro estágio começa com o despertar das paixões, por meio do discurso proferido pelo orador. Com esse despertar, o auditório se vê impelido a mudar seu julgamento, pois não consegue se manter inerte em razão das alterações físicas e psicológicas que as emoções lhe causam e, por isso, é convencido a aderir às ideias do orador para agir em seguida.

Figueiredo (2020), com o intuito de estudar as fases que precedem o despertar das paixões, buscou entender a maneira como as emoções são acionadas e como estas atuam na mente e no corpo humano para que o auditório seja impulsionado a agir (passe para a ação por meio do convencimento). Para a autora, as

emoções funcionam como pontes entre orador e auditório e permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação. Nesse sentido, as paixões podem ser consideradas pontífices da retórica, isto é, exercem a autoridade de consumir o ato persuasivo. (FIGUEIREDO, 2020, p. 33)

Segundo a teoria da Trajetória das Paixões, podemos visualizar as seguintes etapas apresentadas na figura a seguir:

Figura 1: proposta de ampliação da trajetória das paixões



Fonte: Figueiredo, 2020, p. 47.

Nos tons azul claro, há “elementos que remetem a processos internos ao psiquismo das pessoas que compõem o auditório” (FIGUEIREDO, 2020, p. 47); em verde, há “uma representação da instância do *logos*, isto é, os elementos discursivos de que o orador poderá se valer para despertar as paixões almeçadas em seu auditório” (FIGUEIREDO, 2020, p. 48); e, em vermelho, a imagem daquilo que representa o orador por meio do seu discurso.

Na primeira etapa, chamada “disponibilidade”, a autora nos faz imaginar que as emoções estão guardadas em uma “prateleira imaginária”. Quando algum elemento do discurso toca o auditório, essas emoções são pinçadas ou mexidas conforme as lembranças ou as memórias vêm à tona. Por essa razão, o orador deve conhecer muito bem o público a quem se dirige, para poder utilizar de maneira mais efetiva as estratégias retóricas e, assim, fazer com que as emoções sejam ativadas na “prateleira imaginária”.

Desse modo, após os sentimentos terem sido acionados, passa-se para a fase seguinte, que é a “identificação”.



Nessa fase, a estratégia discursiva utilizada pelo orador deve fazer com que o auditório se sensibilize, além disso, nesse momento, verificamos a importância da narrativa, das figuras de linguagem e de o orador permear seu discurso por meio da doxa, pois todos esses elementos são capazes de trazer o auditório para dentro de seu discurso porque, nele, são acionadas lembranças e memórias.

Após a “identificação”, passa-se à fase do “despertar da paixão”, que, ao vir à tona, leva o auditório a sentir alterações no corpo (choro, risos, arrepios, etc.) ou na alma (dor ou prazer), sensações estas que são responsáveis pela “mudança de julgamento”, que é a etapa seguinte. Nela, no momento em que as paixões são despertadas, o auditório não consegue permanecer inerte e, por isso, por elas impulsionado, age, aderindo à ideia proposta pelo orador.

Após deliberar e escolher, Figueiredo (2020, p. 52) nos mostra que “saímos do universo estritamente passional, para adentrar no âmbito das virtudes e dos vícios”, dessa forma, a disposição é o que impulsiona o auditório a agir por meio de suas convicções.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fundamentamos nossa pesquisa na teoria Retórica, em especial: Aristóteles (2000, 2015), Figueiredo (2018, 2019, 2020) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Quanto às teorias que servirão de base comparativa, faremos o estudo da Comunicação Não-Violenta

(ROSENBERG, 2006; 2019), do *Design Thinking* (BROWN, 2010), da Comunicação Empática (KRZYNARIC, 2015; KIMURA, 2016; JAMISON, 2016) e do Modelo Milton (BLANDER e VALLE, 1999).

METODOLOGIA

Como a base de nossa pesquisa é bibliográfica e comparativa, partimos da teoria da Trajetória das Paixões (FIGUEIREDO, 2018, 2019, 2020) e elencamos quatro teorias com as quais faremos a comparação de forma dedutiva, para verificar se estas podem contribuir para a ampliação da proposta de Figueiredo.

Empreenderemos, inicialmente, um estudo qualitativo das quatro teorias analisadas para, em seguida, efetuar a comparação entre a Trajetória das Paixões e essas teorias. Posteriormente, ainda por meio do estudo qualitativo e comparativo, elencaremos as contribuições que cada uma das teorias têm para crescer ou não à Trajetória das Paixões e suas etapas.

Após essas verificações, selecionaremos um objeto de pesquisa (possivelmente de caráter multimodal) para verificar se os acréscimos feitos à Trajetória das Paixões colaboram para um melhor entendimento do objeto analisado. Caso isso ocorra de forma satisfatória, poderemos propor uma ampliação teórica à Trajetória das Paixões, que poderá se constituir em um modelo de análise a ser utilizado por outros pesquisadores em futuras investigações retóricas.

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Nossa pesquisa, ainda em fase embrionária, avança na comparação entre a Trajetória das Paixões e a Comunicação Não-Violenta.

Em face da importância que a teoria da Comunicação Não-Violenta pode oferecer para o mundo, é necessário que se faça um estudo científico mais aprofundado, pois a violência na linguagem é um fato e um problema que vivenciamos, e a CNV¹ propõe formas de fazer com que as pessoas consigam se comunicar compassivamente.

Rosenberg, propositor da CNV, entende que a maioria das culturas educam para que o ser humano seja violento, na exploração de uns em relação aos outros e no sistema de punição e recompensa e, em todo esse processo a linguagem é o principal meio. Dessa forma, aliar o estudo aprofundado da linguística à CNV, somados aos conceitos e práticas da Retórica, abriria um campo muito inexplorado e fértil para que os seres humanos passem a se entender e a melhor se comunicar.

Chäim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005) em seu *Tratado da argumentação*: a nova retórica, obra que veio inaugurar uma nova fase nos estudos da argumentação e da retórica no mundo, entendem que a argumentação e, conseqüentemente, as técnicas da retórica conseguem fazer com que as pessoas dialoguem para chegar a um consenso, pois assuntos em que já exista um certo

valor preestabelecido ou em que haja uma certa unanimidade, se alguém dele discordar ou queira acrescentar alguma proposição, pode sofrer censura, controle de fala ou até mesmo ser calado pelo uso da força. Não é por acaso que a Retórica surgiu como técnica argumentativa para que os conflitos fossem solucionados de forma pacífica e por meio de proposições lógicas.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 61) acreditam que “a argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente”, e esse estado de coisas pode ser modificado pela violência ou pela adesão dos espíritos.

Dessa maneira, entendemos que o pensamento desses autores coaduna com o que propõe Marshall B. Rosenberg sobre a Comunicação Não-Violenta, pois, para esses teóricos, recorrer à argumentação supõe excluir o uso da violência, é dar espaço para que os interlocutores utilizem a persuasão racional e façam uso com consciência da sua liberdade, pois, a partir do momento em que se dá abertura ao diálogo, a violência, em tese, está, em primeiro plano, excluída, e

Consentir na discussão é aceitar colocar-se do ponto de vista do interlocutor, é só se prender ao que ele admite e não se prevalecer de suas próprias crenças, senão na medida em que aquele que procuramos persuadir está disposto a dar-lhe seu assentimento. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 62)

¹ Passaremos a utilizar a sigla CNV para abreviar Comunicação Não-Violenta e deixar o texto mais fluido.





Assim, as técnicas da Comunicação Não-Violenta são essenciais para o desenvolvimento do diálogo quando há barreiras culturais, religiosas e sociais que fazem com que a violência nas palavras e na própria argumentação ocorra, por isso da importância da CNV para que o entendimento possa, de fato, acontecer.

Em face disso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 581) concluem sua obra e demonstram que

Apenas a existência de uma argumentação, que não seja nem coerciva nem arbitrária, confere um sentido à liberdade humana, condição de exercício de uma escolha racional. Se a liberdade fosse apenas adesão necessária a uma ordem natural previamente dada, excluiria qualquer possibilidade de escolha; se o exercício da liberdade não fosse fundamentado em razões, toda escolha seria irracional e se reduziria a uma decisão arbitrária atuando num vazio intelectual. Graças à possibilidade de uma argumentação que forneça razões, mas razões não-coercivas, é que é possível escapar ao dilema: adesão a uma verdade objetiva e universalmente válida, ou recurso à sugestão e à violência para fazer que se admitam suas opiniões e decisões.

Rosenberg (2006, p. 37) identificou cinco formas de expressão na linguagem e na comunicação que podem bloquear a compaixão, chamadas pelo autor de

“comunicação alienante para a vida”. São elas:

a) os julgamentos moralizadores:

Nos julgamentos há uma gama de palavras e atitudes que classifica, hierarquiza e ordena as pessoas e suas atitudes em face do que o outro pensa, porém, esquece-se que “analisar os outros é, na realidade, uma expressão de nossas necessidades e valores” (ROSENBERG, 2006, p. 38) e, quando isso ocorre, resistimos a tudo que seja contrário ao que estamos acostumados ou que pensamos que seja o bom/correto/verdadeiro/errado/mau.

b) as comparações:

As comparações são uma forma de desdobramento do julgamento, por isso quando as pessoas se comparam com outras ou comparam outras pessoas entre si, há um bloqueio da compaixão. Com a comparação, todos os presentes na fala podem obstruir o acesso ao argumento da paz, pois, nesse tipo de menção, as pessoas, automaticamente, colocam-se em posição de inferioridade/superioridade e não têm interesse em seguir com a comunicação.

c) a negação da responsabilidade:

Essa forma de expressão faz com que as pessoas neguem sua responsabilidade por aquilo que, de fato, são. Rosenberg (2006, p. 43) menciona que negamos a responsabilidade quando responsabilizamos: as forças vagas e impessoais; nossa condição, diagnóstico, histórico pessoal ou psicológico; as ações dos outros; as



ordens de autoridades; a pressão do grupo; as políticas, regras e regulamentos institucionais; os papéis determinados pelo sexo, idade e posição social; os impulsos incontroláveis.

Assim, para que consigamos nos comunicar de forma compassiva, é necessária a substituição de “uma linguagem que implique falta de escolha por outra que reconheça a possibilidade de escolha” (ROSENBERG, 2006, p. 44), pois a negação da responsabilidade pode fazer com que a pessoa se torne extremamente violenta, pois passa a não ter consciência de seus atos, pensamentos e sentimentos.

d) as exigências:

A comunicação dos desejos como exigência também bloqueia a linguagem compassiva, pois a exigência é uma forma de ordem, a qual, se não cumprida, pode gerar punição. Por outro lado, a linguagem de forma a exigir algo pode fazer com que o outro faça, mas o faça por medo ou receio, raramente pela livre vontade.

e) os conceitos de punição e recompensa:

A comunicação alienante da vida também está relacionada ao sistema de punições e recompensas que existe em quase todas as sociedades, pois a dominação e a hierarquia é o que as baseiam.

Rosenberg (2006) entende que as pessoas crescem estimuladas a julgar, comparar e exigir, e que, muitas vezes, apenas não mudam ou não agem de

determinada forma por medo das punições, e não porque considera a mudança e a atitude benéficas.

Quando analisamos o tipo de linguagem da comunicação que bloqueia a compaixão, podemos encontrar relação com as etapas da Trajetória das Paixões: “disponibilidade” e “identificação”. Isso se dá pois, se o discurso bloqueia a adesão do auditório, não chegaremos a concluir todas as etapas, assim, se há rejeição do auditório, ele sequer se identificará. A utilização de linguagens que impedem que o auditório se identifique interrompe o ciclo do despertar das paixões e o conseqüente convencimento/persuasão. Dessa forma, a escolha por uma linguagem compassiva faz com que o orador não cometa o erro de afastar o auditório no início do seu discurso.

Verificamos também que Rosenberg (2006) propõe quatro componentes para o modelo da CNV:

a) a observação: em que o comunicador deve notar a situação em que está inserido sem fazer qualquer julgamento ou avaliação, e deve saber dizer o que ali lhe agrada ou não.

b) o sentimento: ocorre após a identificação do fato, deve-se verificar quais sentimentos esse fato causa no observador, o que ele provoca ou desperta. Esse elemento está amplamente interligado à etapa do “despertar das paixões”.

Para a CNV, assim como o “despertar das paixões”, o sentimento



que é despertado está disponível em nós e é estimulado por algo do mundo externo que o faz vir à tona. O sentimento/paixão/emoção despertado é interno ao ser humano ou a uma necessidade não satisfeita que é o terceiro elemento da comunicação para a paz.

Outra característica da CNV que se alinha à Retórica é que em ambas o que interessa é o outro – o que aquele com quem se relaciona sente ou quer, o que se passa com o outro.

c) a necessidade: são as razões pelas quais os sentimentos afloram (na Trajetória das Paixões, são os elementos que circundam entre a fase da “disponibilidade” e da “identificação”), na Comunicação Não-Violenta, a necessidade são os valores naturais e universais dos seres humanos e seus desdobramentos.

d) pedido: deve ser bem específico, como se fosse o espelho do pensamento que é posto no mundo com a expressão.

Para a CNV, os quatro elementos devem ser expressos de forma muito clara, seja pela linguagem verbal, corporal ou pelo silêncio. Além de que, o outro também deve nos dar essas quatro informações de forma nítida.

Assim, quando conseguimos utilizar esses quatro elementos e fazemos com que o outro também o faça, aí se estabelece a comunicação em ambos os lados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de nossos estudos se encontrarem em fase inicial, com o

avanço das pesquisas com a teoria da Comunicação Não-Violenta, já pudemos verificar alguns pontos em comum com Retórica, a Trajetória das Paixões e três de suas etapas: “disponibilidade”, “identificação” e “despertar da paixão”.

Conseguimos verificar que ambas as teorias têm como interesse o auditório; tanto a Retórica quanto a CNV são teorias em que a pessoa e suas decisões são o que importa, e isso pode ser melhor verificado nos estudos dos quatro componentes da CNV.

Além disso, o estudo das linguagens que podem bloquear a compaixão tem forte ligação com o interesse final da Retórica que é convencer/persuadir e a transição entre as etapas da “disponibilidade” e da “identificação” na Trajetória das Paixões, pois a estratégia do orador deve levar em conta o auditório e a utilização de expressões e ideias que façam com que esse não perca interesse no discurso proferido.

Até o momento, esses são os estudos realizados e as conclusões a que chegamos, porém, entendemos que, com o avanço de nossa pesquisa, chegaremos a uma possível ampliação da teoria da Trajetória das Paixões e a um aprimoramento desse instrumento de análise.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; 1)

BLANDER, Richard; VALLE, John La. *Engenharia da persuasão*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Antônio Luiz de Medina Filho. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

BROWN, TIM. *Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitada. In: LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo; MANFRIM, Aline Maria Pacífico (org.). *O texto: corpo voz e linguagem*. Franca: Unifran, 2018.

_____. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. *Sinergia* (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo), v. 20: Edição Especial - Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, p. 6-17, set. 2019.

_____; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ Luana (org.). *Trajectoria das paixões: uma retórica da alma*. Franca: Unifran, 2020.

JAMISON, Leslie. *Exame de empatia*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2016.

KIMURA, Koichi. *A arte da empatia: a consideração ao próximo*. São Paulo: Satry, 2016.

KRZYNARIC, Roman. *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MOTTA, Ana Raquel. “Comunicação não-violenta” pelas lentes da linguística: embates no combate à intolerância. *Letrônica: revista digital do programa de pós-graduação em letras da PUCRS*. Porto Alegre, v.13, n. 2, p. 1-17, 2020.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROGERS, CARL R. As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade. In: J. K. Wood, J. R. Doxsey, L. M. Assumpção, M. A. Tassinari, M. Japur, M. A. Serra, R. W. Rosenthal, S. R. Loureiro, & V. E. Cury (org.). *Abordagem centrada na pessoa* (4. ed., p. 143-161). Vitória: EDUFES. (Original publicado em 1957).

ROSENBERG, Marshal B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

_____. *A linguagem da paz em um mundo de conflitos*. Tradução Grace Patricia Close Deckers. São Paulo: Palas Athenas, 2019.



A ENUNCIÇÃO DA MEMÓRIA COMO PROSA DE RESISTÊNCIA NO DISCURSO ROMANESCO DE *K - RELATO DE UMA BUSCA*, DE BERNARDO KUCINSKI: UM ESTUDO BAKHTINIANO

Rafael Menari ARCHANJO (UNIFRAN)¹

Camila de Araújo Beraldo LUDOVICE (UNIFRAN)

RESUMO

Por meio da presente investigação, tem-se como objetivo analisar a construção romanesca em *K - Relato de uma Busca*, de Bernardo Kucinski (ano), em sua sutil fronteira entre o discurso da memória - ou a “enuncação mnemônica” - e o discurso da “ficção literária”. Outrossim, intenciona-se observar, por meio das relações dialógicas e do cotejamento de outros conceitos-chave da obra de Bakhtin, como os dispositivos estéticos atuam na constituição de um tempo-espaço narrativo em que múltiplas vozes e entonações são orquestradas na criação de um heterodiscurso que se caracteriza como *prosa de resistência*, responsiva e responsável, em antagonismo à centralização verboideológica ainda presente e a um passado histórico inconcluso e doloroso vinculado à Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Propõe-se, portanto, uma reflexão epistemológica que se valerá da revisão bibliográfica com análise qualitativa e investigação em perspectiva descritivo-analítica, tendo como principal referência a estilística sociológica de Mikhail Bakhtin, seus outros textos clássicos, bem como as reflexões de outros estudiosos da memória, da História e da estética.

PALAVRAS-CHAVE Enuncação da Memória; prosa de resistência; discurso no romance; *K - Relato de uma Busca*; estudos bakhtinianos.

ABSTRACT

By means of this investigation, we aim at analyzing the romantic construction in *K - Relato de uma Busca*, by Bernardo Kucinski (ano), in its subtle boundary between the memory discourse - or the “mnemonic enunciation” - and the “literary fiction” discourse. Likewise, we aim at observing, by means of the dialogic relations and the comparison of other key concepts of Bakhtin’s work, how the esthetical devices affect the constitution of a narrative space-time in which multiple voices and intonations are orchestrated towards the creation of a heterodiscurso characterized as resistance prose, responsive and responsible, in opposition to the still present verboideological centralization and to an unfinished and painful historical past linked to the Civil-Military Dictatorship (1964-1985). We propose, therefore, an epistemological reflection, employing the bibliographic review with qualitative analysis, as well as the descriptive-analytical investigation. The main reference is Mikhail Bakhtin’s sociological stylistics, his other classic texts, as well as reflections from other memory, History, and esthetics scholars.

KEYWORDS Memory Enunciation; resistance prose; discourse in romance; *K - Relato de uma Busca*; bakhtinian studies.

¹ Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“A arte existe para que a verdade não nos destrua.”
Friedrich Nietzsche*

Com a ascensão da direita ultraconservadora ao poder – com destaque para a eleição do ex-deputado Jair Bolsonaro à Presidência da República –, e a aplicação contínua de estratégias de revisionismo sobre um dos períodos mais violentos da história brasileira, a saber, a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), a permanência da violência estrutural na sociedade brasileira (GINZBURG, 2012; SCHWARZ, 2019; SELINGMANN-SILVA, 2019), os ataques sintomáticos à liberdade do pensamento crítico e de cátedra (DALCASTAGNÈ, 2020), dentre outros sinais, aquece-se a “guerra de narrativas” (NAPOLITANO, 2020) sobre o contexto circunscrito. Nessa seara axiológica, em que os discursos se antagonizam em contínua tensão, é coerente recuperarmos o conceito de Bakhtin e Voloshinov (2000, p. 67) acerca da enunciação como “arena de vozes”, “[...] onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória”.

Ao negar o saber sistematizado da ciência, à medida em que se resgatam discursos já bem conhecidos no imaginário social brasileiro, comuns ao contexto da Guerra Fria (séc. XX), como os da “ameaça comunista” (CAPELATO, 2006; FRANCO, 2014; NAPOLITANO, 2020) para justificar posturas unilaterais, o uso da força ostensiva e as enunciações centrípetas, as vozes

dos antigos algozes de um período ainda nebuloso da história do país ressurgem dialogicamente nos dias atuais, ocupando ruas, redes virtuais, igrejas pentecostais, botequins e até a cadeira da presidência da República, povoando variados gêneros e esferas – em defesa de uma “nova” intervenção militar, da destituição do papel das instituições e do cerceamento das liberdades individuais e coletivas.

Nessa seara, as mesmas vozes que enunciam narrativas negacionistas e/ou monológicas colaboram para a construção de uma contranarrativa radical que é capaz de heroicizar notáveis torturadores, ou ainda, em termos mais amenos, de enunciar uma réplica sobre as violações de Direitos Humanos perpetradas pelo Estado brasileiro carregadas de eufemismos, atenuações e inversões, reforçando o efeito de “amnésia” e relativo “apagamento” da violência histórica, escamoteando rastros e culpabilizando vítimas pelo seu arbitrário destino. Como observa Schwarcz (2019, p. 225):

Todo governo procura usar a história a seu favor. No entanto, e não por coincidência, governos de tendência autoritária costumam criar a sua própria história – voltar ao passado buscando uma narrativa mítica, laudatória, e sem preocupação com o cotejo de fatos e dados – como forma de elevação. Para tanto, reconstroem o passado nacional como se ele fosse uma idade de ouro (que ele não foi).





A não superação do horror ganha força no não reconhecimento público das Forças Armadas sobre os crimes cometidos durante o período de 1964 a 1985, no revisionismo e no negacionismo financiados por grupos de extrema direita que transformam a memória do período num “palimpsesto”, como a produtora *Brasil Paralelo*, dentre outras, e a *Lei da Anistia* (1979), promulgada pelo ex-presidente João Batista de Figueiredo, que colocou na mesma vala vítimas e perpetradores.

Como observa Selingmann-Silva (2017), na mítica Grécia Antiga, dois rios se avizinhavam no cruzamento dos limites do reino de Hades, o reino dos mortos – o rio da “recordação”, chamado *Mnemosyne*, e as águas do “apagamento”, representadas por “Letes”, o rio do “esquecimento”. Tal paralelismo é representativo ao apresentar duas categorias aparentemente irreconciliáveis como “companheiras” – “memória” e “esquecimento” --as quais acabam por caminhar lado a lado. Em sua essência, o enunciado “anistia” significa “perdão” e “esquecimento”, porém, no caso específico do Brasil, aproxima-se do sentido de “amnésia” (REIS, 2010; SELINGMANN-SILVA, 2017), dado o caráter de opacificação sobre os crimes cometidos pelas forças da repressão e a consequente dificuldade de constituição de uma memória consolidada que permita à nação afastar o fantasma do autoritarismo que, de tempos em tempos, ronda a frágil democracia brasileira; daí também a “anistia” ser classificada, por Ricoeur (2007,

p. 495; 460), como “a caricatura do perdão”, uma vez que “[...] aponta para a existência de um pacto secreto com a denegação de memória que [...] na verdade a afasta do perdão após ter proposto sua simulação”.

Kehl (2010) e Ginzburg (2012) alertam para a abnegação sobre a tortura no Brasil, que, ao promover a política do esquecimento, estimula a naturalização da violência como política ou necropolítica de Estado. Ocorre, portanto, uma inversão axiológica que acaba por alimentar a “[...] memória sem lugar institucional dos nostálgicos da ditadura”, que conta “[...] com ampla difusão social a partir das redes sociais e espaços virtuais na internet, e que vem reclamando legitimidade no seio do debate público e acadêmico”, repetindo o mantra: “[...] não houve golpe, não houve ditadura, não houve tortura” (NAPOLITANO, 2020, p. 38; 41).

Napolitano (2020, p. 37-38) aponta que o “[...] alvo mais direto do negacionismo da extrema direita”, é a “[...] memória socialmente restrita dos familiares de mortos e desaparecidos”. Por essas e outras questões, o trauma de um período ainda recente continua não superado (TELLES; SAFATLE, 2010; SELINGMANN-SILVA, 2009; 2014; 2019) e, de alguma forma, explica a quantidade significativa de dissertações, teses e artigos sobre o tema produzida recentemente, dentre tantos outros em produção. Igualmente ocorre uma intensa produção ficcional sobre



o período² – parte dela elaborada por vítimas diretas das “políticas de Estado” da época – parte dela não vinculada diretamente ao contexto, conforme podemos identificar nas contribuições analíticas recentes de expressivo número de pesquisadores (FIGUEIREDO, 2017; SELINGMANN-SILVA, 2017; CURY, 2020; DALCASTAGNÈ, 2020; HEINEBERG, 2020; OLIVIERI-GODET, 2020; PIVETTA, 2020; RUSSO, 2020 – dentre tantos outros).

Se de um lado do simpósio de vozes são amplificados discursos autoritários em defesa da “ordem” totalitária e de uma narrativa controversa largamente combativa pelas Ciências Humanas e Sociais, do outro lado do campo de batalha discursivo, pesquisadores e artistas da palavra escrita (para não citar outras manifestações artísticas) produzem, a cada dia, novas contribuições preñhes de sentido, nos mais variados gêneros e estilos, responsivas à tentativa de revisionismo e cada vez mais elucidativas sobre o cronótopo supracitado, atuando como forças centrífugas sobre os discursos

2 Como exemplos citamos: *É tarde para saber* (2021), de Josué Guimarães, *Júlia nos campos conflagrados do Senhor* (2020), de Bernardo Kucinski, *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage, *Não falei* (2017), de Beatriz Bracher, *Depois da rua Tutóia* (2016), de Eduardo Reina, *Cabo de guerra* (2016), de Ivone Benedetti, *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende, *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, *Volto semana que vem* (2015), de Maria Pilla, *Palavras cruzadas* (2015), de Guiomar de Grammont, *A resistência* (2015), de Julián Fuks, *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014), de Bernardo Kucinski, *Qualquer maneira de amar* (2014), de Marcus Veras, *Damas da noite* (2014), de Edgar Telles Ribeiro, *Tempos extremos* (2014) de Mirian Leitão, *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre, *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia* (2012), de Liniane Haag Brum, *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, *O punho e a renda* (2010), de Edgar Telles Ribeiro – dentre outras.

monológicos e como réplicas em contraposição ao revisionismo/negacionismo.

Na orientação bakhtiniana (1998, p. 88), concordar que “[...] a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso” não significa, porém, concluir que as relações dialógicas sejam necessariamente harmoniosas. Na negociação de sentidos que ocorre em processos de interação e na relação entre dois falantes ou mais, sempre haverá uma tensão axiológica envolvendo os sujeitos do discurso. Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p. 110-111). Entendemos, destarte, que a harmonia ou a tensão entre discursos será mediada pelo posicionamento ético-valorativo dos participantes do diálogo. Suas convicções, seus posicionamentos, suas defesas e ataques estão direcionados por sua leitura de mundo sobre um determinado objeto.

Nessa arena axiológica, o discurso literário, em especial o discurso no romance, apresenta-se como *prosa de resistência* na tentativa de refletir e refratar as enunciações de negação da violência e de um passado



nefasto. Estilizando-se como arquivo, relato documental e diversos outros gêneros, “A memória do passado é submetida a um processo estético” (BAKHTIN, 1997, p. 167), compondo um “[...] espaço onde a história dos vencidos continua se fazendo, lugar onde a memória é resguardada para exemplo e vergonha das gerações futuras” (DALCASTAGNÉ, 1996, p. 25), como tem ocorrido com a intensa produção recente de romances sobre o período. Para Bakhtin (2019, p. 60, destaque do autor):

Não se pode mudar o aspecto efetivamente *material* do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre). O papel da memória nessa

É justamente nos aspectos expressivos da artesanaria literária, singularmente no romance – para Bakhtin (2019, p. 68), o único gênero portador do “discurso com ressalvas” –, que a enunciação mnemônica toma outros acentos apreciativos capazes de promover fissuras nos discursos oficiais e revelar sentidos escamoteados e entranhados nas dobras dos discursos, relativizando as divisas entre a criação e o fato, como alerta Rancière (2009, p. 58, destaque nosso):

[...] a ficção definiu modelos de conexão entre a apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção, e que esses modos de conexão foram retomados

pelos historiadores e analistas da realidade social. **Escrever história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade.**

No jogo entre a memória e a ficção, apenas a criação literária, sem compromisso absoluto com a verdade, é capaz de recriar “[...] a dor, o sangue, as lágrimas e as feridas que se abriram no corpo da Nação e na lembrança traumática dos sobreviventes. [...]” (FINAZZI-AGRÒ, 2014, p. 181). Após a barbárie do Holocausto e do sem número de experiências traumáticas do século XX, somente a estética da palavra foi e ainda é capaz de dizer “[...] aquela verdade que, no âmbito histórico, balançava entre a afirmação e a negação, entre a denúncia documentada e a ultrajosa incapacidade de admitir o horror extremo” (FINAZZI-AGRÒ, 2014, p. 180).

Nesselada da arena de vozes, insere-se o jornalista e escritor Bernardo Kucinski, autor do romance *K – Relato de uma Busca* (ano), o primeiro livro ficcional do autor. A obra recebeu sua primeira edição em 2011 e já foi traduzida para várias línguas, dentre elas, a inglesa, a espanhola, a alemã, a catalã e a hebraica. Desde então, vem sendo estudada frequentemente por pesquisadores da romancística da Ditadura Militar Brasileira.

A narrativa apresenta a história do escritor Majer Kucinski, o personagem “K” que dá título ao livro, em busca de sua filha, Ana Rosa Kucinski, Professora do Departamento de Química da Universidade de São



Paulo (USP), torturada e morta pela Ditadura Civil-Militar ocorrida no Brasil de 1964 a 1985 (GUERRA, 2012; BRASIL, 2014). Ana Rosa e seu esposo, Wilson Silva, que tivera o mesmo fim, eram militantes da Ação Libertadora Nacional (ALN). Bernardo é irmão de Ana Rosa, estando exilado em Londres no momento de seu desaparecimento.

Dado o contexto apresentado, tem-se como objetivo analisar a construção romanesca em *K - Relato de uma Busca*, em sua sutil fronteira entre o discurso da memória - ou a “enunciação mnemônica” - e o discurso da “ficção literária”. Outrossim, intenciona-se observar, por meio das relações dialógicas e do cotejamento de outros conceitos-chave da obra de Bakhtin, como os dispositivos estéticos atuam na constituição de um tempo-espaco narrativo em que múltiplas vozes e entonações são orquestradas na criação de uma *prosa de resistência*, responsiva e responsável, que se coloca em antagonismo à centralização verboideológica ainda presente e a um passado histórico inconcluso e doloroso.

Considerando as discussões de Bakhtin (2019) a respeito da “pesquisa nas ciências humanas”, propõe-se uma análise em diálogo com, ao menos, quatro instâncias: a teoria, o objeto de estudo, o contexto extratextual e o pesquisador, apoiando-se na licença outorgada pelo filósofo russo, para quem “[...] o interpretador é parte do enunciado a ser interpretado, do texto (ou melhor, dos enunciados, do

diálogo entre estes), entra nele como um novo participante”. A enunciação presente no romance será analisada em diálogo com seu cronotopo, uma vez que “A obra é integrada também por seu contexto extratextual” (BAKHTIN, 2019, p. 73) e pelo timbre axiológico-entonacional em que é analisada. Propõe-se, portanto, uma reflexão epistemológica que se valerá da revisão bibliográfica com análise qualitativa e investigação em perspectiva descritivo-analítica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa em curso tem como balizas fundamentais as reflexões bakhtinianas sobre o gênero romanesco (a estilística sociológica), bem como a iniciativa de interpretação da obra e seu contexto extratextual por meio dos conceitos de “relações dialógicas”, “heteroglossia”, “estilo”, “arquitetônica”, “autor-criador” e “autor-pessoa”, “cronotopia”, “grande tempo”, “cultura”, “forças centrípetas” e “forças centrífugas”, “discurso internamente persuasivo” e “ato responsável”, diluídos nas obras reflexivas do filósofo russo, a saber: Bakhtin (1997; 1998; 2011; 2017; 2019) e Bakhtin e Voloshinov (1926; 2000). Para a abordagem dos conceitos de “memória”, “memória individual”, “memória coletiva”, “memória cultural”, “memória intergeracional”, “testemunho”, “esquecimento”, “amnésia” e “amnésia geracional”, serão acionados os pesquisadores Le Goff (1996), Ricouer (2007), Rancière (2012), Seligmann-Silva (2009; 2014; 2019) e Zilá Bernd (2018). Para tratar dos conceitos de “resistência” e “prosa

de resistência” serão acionados Bosi (2002) e Brait (2019).

ANÁLISE PILOTO DO CÓRPUS

“O real precisa ser ficcionado para ser pensado”.

Jacques Rancière (2012, p. 59)

Após décadas de buscas da família Kucinski sobre o paradeiro de Ana Rosa, uma entrevista concedida por Cláudio Guerra, ex-delegado do *Departamento de Ordem Política e Social* (DOPS), revelou o destino da vítima: após ser violentada, torturada e executada na “Casa da Morte”, aparelho militar situado na cidade Petrópolis (RJ), o corpo de Ana, juntamente com o de seu marido, foram incinerados na Usina Cambahyba, em Campos (RJ) (KUCINSKI, 2016b, p. 76-83).

A situação factual ocorrera um ano após o lançamento de *K - Relato de uma Busca*. O episódio histórico mencionado é citado no capítulo final da novela *Os visitantes*, do mesmo autor, lançada em 2016. Diferentemente de *K*, em *Os visitantes*, uma espécie de *post scriptum* da primeira, a enunciação está centralizada na voz do autor-pessoa, Bernardo Kucinski, que tece um meta-discurso por meio do qual repara pequenos erros e culpas referentes à escrita de *K* e oferece, ao leitor, situações inusitadas que mais parecem ficção, como os nove visitantes que, incomodados com o romance, procuram o autor para cobrar satisfações sobre o livro.

As evidências apresentadas sobre o contexto extratextual permitem

a identificação de uma intenção discursiva do autor-criador que busca – por intermédio da linguagem e das reminiscências –, esclarecer fatos apagados pelo discurso autoritário. O ato responsável projeta-se na autoficção que personifica o dever de enunciar e combater a amnésia sobre a memória dos desaparecidos políticos. Ocorre, portanto, uma tentativa de exumação de acontecimentos e de responsabilização do regime pelo “sumidouro” de pessoas.

Arrastado por um imperativo ético, o sujeito do discurso agita-se contra o não lugar dos corpos insepultos, fazendo uso de dispositivos literários capazes de produzir frestas na centralização verboideológica e de tornar presente a materialização da consciência discursiva da vítima e de familiares, como resistência ao esquecimento:

[...] basta, por exemplo, observar a expressão “foram desaparecidos”, utilizada ao longo da narrativa *K*. A substituição linguística do termo “desapareceram” por “foram desaparecidos” deflagra o embate entre duas vozes, entre dois discursos em tensão: o oficial, aquele que confere aos desaparecidos a condição de sujeitos ativos de uma ação (desaparecer), e o de resistência, que expõe, linguisticamente, a condição passiva, subjugada, sem escolha e sem defesa dos que foram existencialmente subtraídos. A troca, pela força da linguagem, expõe outro sujeito para a assombrosa ação, por meio da qual “as pessoas desapareciam

sem deixar vestígios” – Kucinski (2012, p. 27). (BRAIT, 2019, p. 247).

A luta contra a amnésia individual e geracional, contudo, não é tarefa fácil. Ao passo em que o autor-criador elabora seu discurso internamente persuasivo, construindo, por meio da linguagem, um lugar de fala das vítimas, as vozes de outrem, antagônicas, também reclamam seu lugar, monossêmicas e rígidas, avessas ao dialogismo, apenas autoritárias e dogmáticas – como no capítulo em que Majer busca autorização para construir uma pequena lápide para a filha, ao lado do túmulo da mãe, e recebe uma dura resposta do “rabino”:

- O que você quer na verdade é um monumento em homenagem à sua filha, não é uma lápide, não é uma matzeivá; **mas ela era terrorista, não era? E você quer que a nossa comunidade honre uma terrorista no campo sagrado, que seja posta em risco, por causa de uma terrorista? Ela não era comunista?** (KUCINSKI, 2016, p. 77, destaques nossos).

A relação tensa entre os discursos de orientação axiológica se faz presente ao longo de todo o romance. Ao tom dogmático e amorfo do discurso autoritário, o jogo estilístico do autor responde com a descentralização verboideológica das forças centrífugas. Assim, a escritura de K não se dirige somente ao “corpo interminável” de Ana, mas, metonimicamente, às milhares de vítimas do terror de Estado, como Frei Tito, dominicano que

cometeu suicídio por não suportar as reminiscências da tortura. A morte do religioso é resgatada por meio do falar indireto da personagem que é amante do perpetrador Sérgio Fleury:

- **Eu sei desse caso do padre³ que se matou por causa dele**, não sei de tudo, mas o que sei já me deixa mal. Eu li a história. Quando eu posso, eu leio, afinal, é o meu homem. Nós não falamos disso, temos esse pacto, mas eu quero saber. Preciso saber, tentar entender. Como é que um homem assim, tão bom comigo, pode ser tão ruim com outros. Eu não sou nenhuma santa, podendo tirar vantagem eu tiro, mas crueldades como estas, da parte dele, confesso à senhora que me assustam... quando eu li me deu pânico. (KUCINSKI, 2016, p. 100).

A variedade de gêneros e estilos presentes na enunciação estético-ideológica de K também chama a atenção. Sua forma composicional é constituída de 29 capítulos sintéticos (de acordo com o autor-pessoa, foram concebidos inicialmente no formato de novelas, sem uma ordem cronológica). Tratam-se de escrituras passíveis de serem lidas individualmente que, reunidas a partir do tema central da arquitetônica da obra, tornaram-se um romance (KUCINSKI, 2016, [n.p.]). A voz central que dá sustentação à obra parte de Majer Kucinski, personagem que

³ Os acontecimentos que culminaram na prisão e tortura dos Frades Dominicanos são relatados na obra “Batismo de Sangue: Os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella”, de autoria do escritor e religioso Frei Betto. O “padre” referido no fragmento é Frei Tito de Alencar Lima. Não sendo capaz de conviver com o trauma das torturas a que fora submetido, Tito se enforcou em 1974.





empreende uma saga em busca do paradeiro de sua filha, Ana Rosa, e de seu genro, Wilson Silva. Entretanto, apesar do ato responsável de enunciar e denunciar a indústria da tortura e das execuções sumárias assumidas pelo narrador, a alteridade entra em cena através de outras vozes que dividem com Majer a responsabilidade de testemunhar. “Vida” e “arte” lidam com a “culpa mútua” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1926). Há, nesse sentido, a abertura para a alteridade, como a participação da própria Ana Rosa que escreve carta a uma de suas amigas, na estilização epistolar:

Querida:

Ontem assisti de novo ao Anjo exterminador, do Buñuel, que tínhamos visto juntas nos bons tempos do Bijou. Lembra? Decidi te escrever. Fazia tempo que não ia ao cinema. Mal tenho saído da minha toca. Eu que gosto tanto de cinema virei uma reclusa. Da Química volto direto para casa. Tenho evitado encontros com os amigos. Só mesmo as saídas para almoçar na Biologia. Quando tem feriado prolongado vamos para bem longe, fora de São Paulo, onde ninguém nos conheça. Passamos três dias em Poços. Me lembrei daquela vez que fomos juntas a Parati. Às vezes eu me pergunto: por que tudo isso? Não sei se é paranoia, mas sinto um perigo me rondando. Todo dia prendem alguém no campus. Não preciso falar do que tem acontecido. O clima está muito pesado. Como sair disso? Não sei como sair, só sei que, se antes havia algum sentido no que fazíamos, agora não há mais. (KUCINSKI, 2016, p. 46).

Outro exemplo significativo de estilização é o deslocamento da enunciação do narrador em terceira pessoa para o personagem “Sérgio Paranhos Fleury”, temível torturador do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) de São Paulo. As marcas enunciativas da brutalidade, do sadismo e do autoritarismo ecoam na primeira pessoa do discurso, materializando a confissão da máquina de horror do Estado, do assassinato de Ana Rosa Kucinski por parte do regime e da resistência da linha dura da época à “abertura política” que se desenhava.

- Me deram carta branca, que era para acabar com os comunistas, não deram? Acabei com eles, não acabei? Então que não encham o saco.

[...]

- Ele veio porque tinha que vir. Ele tinha que vir, entendeu? Mineirinho, aí é que está o truque, a psicologia. Ele tinha que vir, mesmo não acreditando. E sabe por quê? Porque se ele está correndo atrás desses figurões, mesmo depois desse tempo todo, **é porque não quer aceitar que a filha já era.** Se recusa. Daí se agarra em qualquer coisa, mesmo sabendo que é armação. (KUCINSKI, 2016, p. 65; 67, destaques nossos).

Bakhtin (1997, p. 167) orienta que “A memória do passado é submetida a um processo estético”. Logo, o que ocorre em *K* é justamente a busca de um acabamento: a estrutura fragmentária e digressiva da narrativa simula o processo da memória. Nessa



dialogicidade interna diversas vozes, tonalidades, discursos, valores e gêneros tomam seu lugar na estrutura do romance, que “[...] tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 1998, p. 73).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] o passado deve ser criador, deve ser eficaz no presente [...]. Esse passado criativamente eficaz, que determina o presente, fornece com este uma determinada direção também para o futuro, que em certo sentido antecipa também o futuro”.

Mikhail Bakhtin (2011, p. 226, 238).

Lançado antes do “relatório final” da Comissão Nacional da Verdade (CNV) e em um contexto heterodiscursivo em que toma novo calor a histórica tensão entre discursos antagônicos sobre o tema da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), o romance K relativiza o distanciamento entre fato e criação literária, memória e ficção, construindo-se por meio de uma arquitetônica romancística que aglutina diversos gêneros, como a autoficção, o testemunho, a epístola, o relato documental, a novela policial, a ata de reunião, a confissão, dentre outros, orquestrados como prosa de resistência pluridiscursiva e plurivocal, em denúncia ético-estética sobre a política de tortura, assassinatos e desaparecimentos vivida no Brasil durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

Em uma análise preliminar, identifica-se que o autor-criador que ressoa das tramas traumáticas de K labora um heterodiscurso ético-estético no território sócio-ideológico da palavra, que se debate na tentativa de refratar as forças centrípetas revisionistas e negacionistas que procuram se estabelecer como voz hegemônica. O autor-criador, portanto, assume-se responsivo e responsável à barbárie de um passado permanente que resiste à narrativa da história como ciência e ao testemunho das vozes das vítimas direta ou indiretamente afetadas pela violência, pela perda e pela não reparação.

REFERÊNCIAS

ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.



BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. [Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra]. 2. Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2019.

BAKHTIN, Mikhail.; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *O discurso na vida e o discurso na arte. Sobre poética sociológica, 1926*. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristovão Tezza. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BETTO, Frei. *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2002. p. 118-135. BRACHER, Beatriz. *Não falei*. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAIT, Beth. Sobras e sombras de memórias da resistência. In: VÁZQUEZ, R. B.; SAMARTIM, R.; FEIJÓ, E. J. T.; BRITO-SEMEDO, M. (ed.). *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Brasileiras Santiago de Compostela*. Coimbra: AIL Editora, 2015. v. 1. p. 43-52.

BRAIT, Beth. La escena que retorna: memoria y escritura. In: ARAN, Pampa Olga. (Org.). *La herencia de Bajtín: Reflexiones y migraciones*. Córdoba, Argentina: Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba, 2016. p. 173-201.

BRAIT, Beth. Discursos de resistência: do paratexto ao texto, ou vice-versa. *Alfa*, São Paulo, v. 63, n. 2, p. 243-263, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/ytTWBVFcYsjj_QhMtfR5gx/F/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

BENEDETTI, Ivone. *Cabo de guerra*. São Paulo: Boitempo, 2016.

BERND, Zilá. *A persistência da memória em textos literários*. Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: Edições BesouroBox Ltda, 2018.

BRASIL. *Ato Institucional n. 5*. 13 dez. 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. *Mortos e desaparecidos políticos*. v. 3. Brasília: Comissão Nacional da Verdade (CNV), 2014.

BRASIL. *Crimes da ditadura militar*. Brasília: Ministério Público Federal, 2017.

BRUM, Liniane Haag. *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.

CURY, Maria Zilda. *Literatura e ditadura*. [nov. 2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qVwJWv0SAYo>. Acesso em: 20 ago. 2021

DALCASTAGNÉ, Regina. *O espaço da dor: o Regime de 64 no romance brasileiro*. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 1996.

DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura e resistência no Brasil hoje. In: OLIVEIRA, Regina Pivetta de; THOMAZ, Paulo César (Org.). *Literatura e ditadura*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 17-30.

DA MATA, Anderson.; DUTRA, Paula.; FREDERICO, Grazielle (Org.). *Literatura brasileira contemporânea: resistências, escritas, leituras*. Araraquara: Letraria, 2020.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance pós-64: a festa*. São Paulo: UNESP, 1998.
- FUKS, Julián. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GASPARI, Élio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Élio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- GODOY, Marcelo de. *A casa da vovó*. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2014.
- GRAMMONT, Guiomar de. *Palavras cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- GUERRA, Cláudio. *Memórias de uma guerra suja*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2012.
- GUIMARÃES, Josué. *É tarde para saber*. São Paulo: L&PM, 2021.
- KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.
- KUCINSKI, Bernardo. *K - Relato de uma Busca*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KUCINSKI, Bernardo. *Os visitantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.
- KUCINSKI, Bernardo. *Entrevista*. [27 nov. 2016]. Livrada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I_2RSVWw7To. Acesso em: 12 jan. 2021.
- KUCINSKI, Bernardo. *Júlia nos campos conflagrados do Senhor*. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.
- LAGE, Claudia. *O corpo interminável*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEITÃO, Mirian. *Tempos extremos*. São Paulo: Intrínseca, 2014.
- LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- MANSO, Bruno Paes. *A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.
- NAPOLITANO, Marcos. Desafios para a história nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus. *História: Questões e Debates*, Curitiba, v. 68, n. 01, p. 18-56, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67794>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- OLIVEIRA, Regina Pivetta de; THOMAZ, Paulo César (Org.). *Literatura e ditadura*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- OLIVIERI-GODET, Rita. *Literatura e ditadura*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CPbPnrhHEqk&t=258s>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. São Paulo: Alfaguara, 2015.
- PILLA, Maria. *Volto semana que vem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- REINA, Eduardo. *Depois da rua Tutoia*. São Paulo: 11 Editora, 2019.
- REIS, Daniel Aarão. *Ditadura, anistia e reconciliação*. Estudos Históricos, vol. 23, n. 45, p. 171-186, jan./jun. 2010.
- REZENDE, Maria Valéria. *Outros cantos*. São Paulo: Alfaguara, 2016.





- RIBEIRO, Edgar Telles. *O punho e a renda*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- RIBEIRO, Edgar Telles. *Damas da noite*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- RUSSO, Vincenzo. *Literatura e ditadura*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzgC3gsfZjg&t=55s>. Acesso em: 20 maio 2021.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do autoritarismo brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus LTDA, 1988.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SELIGMANN-SILVA, M. Anistia e (in)justiça no Brasil: o dever de justiça e a impunidade. In: SANTOS, C. M.; TELES, É.; TELES, J. A. (Orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*, 2. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 541-556.
- SELINGMANN-SILVA, Márcio. Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. [online]. 2014, n. 43, p. 13-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n43/02.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- SELINGMANN-SILVA, Márcio. *Do revisionismo ao negacionismo: pensando uma historiografia crítica*. [17 dez. 2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNRI6bD904k&t=1757s>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- SILVESTRE, Edney. *Vidas provisórias*. São Paulo: Intrínseca, 2013.
- TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- VECCHI, Roberto. *Literatura e ditadura*. [nov. 2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ErmjFLMefg>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- VERAS, Marcos. *Qualquer maneira de amar*. São Paulo: Ponteio, 2014.



A (RE)PRODUÇÃO DOS SENTIDOS SÓCIO-HISTÓRICOS NAS PICHAGENS DE CARÁTER HOMOFÓBICO NOS BANHEIROS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Raquel Gomes Ferreira NEVES
Luciana Carmona GARCIA

RESUMO

O presente trabalho, com base nos conceitos da AD francesa e ênfase nos estudos foucaultianos do discurso, apresenta um exercício de análise de práticas discursivas homofóbicas que vieram à tona no formato de pichações em banheiros universitários durante a pré-campanha, a campanha, o intervalo entre o primeiro e segundo turno e após o resultado das eleições à Presidência da República nas eleições de 2018. Como ferramenta metodológica de pesquisa, valemo-nos, neste trabalho, das reflexões desenvolvidas por Michel Foucault acerca do Discurso, da Descontinuidade Histórica e do Dispositivo da Sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE Pichações; análise do discurso; homofobia; violência.

ABSTRACT

The present work, based on the concepts of French DA with emphasis on Foucault's studies of discourse, presents the analysis of homophobic discursive practices that surfaced in the form of graffiti in university bathrooms during the electoral pre-campaign, campaign, the interval between the first and second round and after the result of the elections for the Presidency of the Republic in the 2018 elections. As a methodological research tool, we use, in this work, the reflections developed by Michel Foucault about Discourse, Historical Discontinuity and the Dispositive of Sexuality.

KEYWORDS Graffiti; discourse analysis; homophobia; violence;

Introdução

O presente trabalho, com base nos conceitos da AD francesa e ênfase nos estudos foucaultianos do discurso, pretende analisar práticas discursivas homofóbicas que vieram à tona no formato de pichações em banheiros universitários durante a campanha à Presidência da República nas eleições de 2018. A escolha desse tema se deve a uma grande inquietação pessoal em virtude do notável aumento de episódios de intimidação, violência física e psíquica, assassinatos e suicídios da população LGBTQIAP+ na atual sociedade brasileira.

É o lugar que ocupo no mundo e o meu papel social e político que me conduzem ao comprometimento com o escopo desta pesquisa. Portanto, para retratar a relevância deste trabalho de análise é preciso, antes de tudo, contar, mesmo que brevemente, um pouco da minha trajetória pessoal para que se faça compreender



as motivações acerca da escolha da materialidade discursiva que aqui se pretende analisar.

Há 7 anos, publiquei um livro contando sobre a descoberta da homossexualidade da minha filha e sobre o meu processo de aceitação da sua orientação sexual. Nele, descrevi todos os sentimentos e as emoções que me invadiram na época de tal descoberta, contei sobre as dores e as delícias de um processo de autoconhecimento que gerou muito aprendizado, superação e transformação.

O processo de autoconhecimento que gerou a minha aceitação plena da homossexualidade da minha filha e, acima de tudo, a compreensão acerca da naturalidade da diversidade sexual, me fez perceber que eu preciso estar em constantes vigília e ação e que as mudanças que experimentei foram apenas o início de um processo que perdurará até o fim da minha existência. Compreendi que uma mudança individual é apenas o começo de uma caminhada para uma existência mais ética e feliz, mas só ela não basta: é preciso mudar o coletivo, cuidar do outro. Hoje compreendo mais intimamente o que diz Foucault sobre o cuidado de si: “poderá ser, ao mesmo tempo, senão um cuidado dos outros, pelo menos um cuidado de si benéfico para os outros” (2004, p.6).

Agora me encontro em uma escrita diferente: a escrita científica. Contudo, a razão que me leva a escrever, mesmo que de uma perspectiva distinta, sobre as questões que envolvem

a homossexualidade é a mesma: a resistência! Ou seja, cumprir meu compromisso social com o combate às práticas homofóbicas. É por essa razão que, neste trabalho de pesquisa, me proponho a realizar a análise de enunciados homofóbicos, visto que constituem uma prática discursiva que ainda permeia boa parte da conduta social vigente, conduta que oprime, marginaliza, exclui, machuca e mata.

Para Foucault (2008), é por meio do discurso que constituímos nossa maneira de pensar, nossa maneira de ser. Somos a morada do discurso e, por meio dele, atualizamos os sentidos sócio-históricos que já foram postos anteriormente. A todo tempo, os discursos se reatualizam, se completam ou se opõem e, por meio das relações constituídas de poder, rege, permitindo ou interditando, a normatividade social e especificará o comportamento permitido e o proibido.

Tem-se como objetivo geral desta pesquisa, analisar o funcionamento discursivo das práticas homofóbicas que compõem o material de análise no que tange às relações de poder e saber dentro do dispositivo de controle (sexualidade), e como objetivos específicos, observar o funcionamento da violência explícita num espaço de uso privado, materializada nos enunciados das pichações, a partir da análise arqueogenalógica que vai buscar, historicamente, a construção e a reatualização de sentidos sobre a homossexualidade que atualiza, na sociedade brasileira contemporânea,



uma concepção sobre a homossexualidade produzida por uma vontade de verdade no século XIX.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica deste trabalho, propomos buscar a compreensão dos modos de constituição do sujeito homossexual em um período histórico que abarca o surgimento da psiquiatria no século XIX, bem como mostrar a existência de um embate de sentidos do discurso na sociedade contemporânea ancorados numa memória social e discursiva em que esses sentidos estão inscritos.

Michel Foucault (1988), ao anunciar os conceitos de descontinuidade, de transformação e ruptura, nos apresenta um novo olhar sobre a história: ela é descontínua! Para Foucault, é preciso romper com a busca de um início único, de uma origem das coisas, pois os saberes aparecem e se transformam no decorrer da história. Esse necessário rompimento refere-se também à busca da origem do discurso, visto que todo discurso terá sempre como referência um vasto campo de domínio associado. Contudo, é possível evocar as memórias dos saberes e das verdades aos quais o discurso se vincula.

Observa-se, na sociedade brasileira atual, a coexistência de práticas discursivas confrontantes acerca da homossexualidade: a descontinuidade histórica se revela por meio das incursões de outros discursos que insurgem das vozes da

população LGBTQIAP+ e por meio da reatualização de uma prática discursiva homofóbica. Na busca de alcançar o campo de memória e o domínio associado de produção de saberes e verdades aos quais essa prática discursiva de caráter homofóbico se vincula, chegamos aos saberes produzidos pela psiquiatria por uma vontade de verdade do século XIX.

Michel Foucault, em sua obra *História da sexualidade*, dedicou-se a desafiar a ideia vigente sobre a “natureza” do discurso do sexo e do conhecimento objetivo sobre ele. Em sua investigação, a sexualidade é uma produção histórica de poder pela vontade de saber, diferente do que preconizavam as ciências humanas da época que compreendiam a sexualidade como um objeto passível de se conhecer e uma verdade do sujeito.

Assim, as sociedades modernas do século XIX criaram as heterogeneidades sexuais com “uma implantação múltipla das “perversões”” (FOUCAULT, 2008, p.38), voltando a produção discursiva para a sexualidade das crianças, dos loucos e dos criminosos.

Observamos, até aqui, que a ideia de homossexualidade não é uma constante histórica e sim uma produção de modos de subjetividade a partir dos discursos de verdade e das práticas de si, pertencentes ao dispositivo histórico da sexualidade.

Foucault refere-se ao dispositivo da sexualidade como um dispositivo recente de poder instituído pela



sociedade moderna e que passou a operar no controle do corpo, considerando as sensações, as impressões e os prazeres, tendo como campo não mais a reprodução, mas sim “[...] o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar a população de modo cada vez mais global.” (FOUCAULT, 1988, p. 101).

O conceito de homossexualidade referido na modernidade como perversão foi criado, no século XIX, por médicos psiquiatras e geneticistas, e passou a definir quem são os sujeitos homossexuais, seu modo de ser, seus gostos e desejos. Foucault (1988) denomina como *psiquiatrização do prazer perverso* a busca e a categorização das normalidades e patologias nas condutas sexuais e o estabelecimento de uma tecnologia corretiva para as anomalias.

No Brasil, em meados do século XIX, assim como na Europa, deu-se à cargo das ciências ocupar-se das “perversões sexuais”. Segundo Trevisan (2018, p.172), “setores da medicina e da jurisprudência brasileiras passaram a se debruçar sobre a existência dos “atos sexuais contra a natureza””.

Os estudiosos brasileiros dos aspectos da sexualidade “desviante” buscavam as definições rigorosamente científicas dessa época que produziu a figura clínica do homossexual, vocabulário que foi, de acordo com Trevisan (2018, p.173), “...lançado pela primeira vez em 1869, na Alemanha, pelo médico

austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, e desde então amplamente utilizado pela ciência, inclusive no Brasil”. Psiquiatras e juristas passaram a interceder física e/ou psiquicamente para o que se compreendia como a cura da anormalidade, definindo-a, buscando suas origens, prescrevendo tratamentos e punições para esses “desvios”, criminalizando e internando os “desviantes” em manicômios judiciários.

A criação de uma concepção médico-científica acerca da homossexualidade pela psiquiatria do século XIX, ao definir, quem são as pessoas homossexuais e o seu modo *anormal* de ser, provoca, ainda hoje, a partir das relações de poder, efeitos de interdição.

Conforme dito anteriormente, observamos na sociedade brasileira contemporânea a coexistência de práticas discursivas distintas acerca das questões sobre a homossexualidade. Evidencia-se, hoje, no Brasil, o discurso de extrema direita do Chefe de Governo, incitando, em seu dizer, no segmento radical da sociedade, a violência física e psíquica, a intolerância, o ódio, a ameaça e a perseguição a essa população vulnerável que não é aceita em decorrência da sua orientação sexual.

Esse discurso emerge como uma prática que tem, em sua formação, um momento específico da história, ou seja, está inscrita historicamente na sociedade. Os enunciados ditos hoje acerca da anormalidade da homossexualidade reatualizam,



numa produção de memória, os saberes e os dizeres sobre o sexo pela psiquiatria do século XIX, retratados de forma reducionista nesse texto. Esses enunciados reemergem, na atualidade, num movimento descontínuo, tal qual o que nos afirma Michel Foucault.

As práticas discursivas de caráter homofóbico sempre estiveram presentes em nossa sociedade, porém, em alguns momentos encontram-se silenciadas e, em outros, reaparecem incrustadas no imaginário social, pois, esses saberes, segundo Foucault (1988, p. 111), constituíram "... a abertura desse grande domínio médico-psicológico das perversões...", se tornando também um projeto político de controle dos casamentos, dos nascimentos e das sobrevivências.

O intervalo entre a ditadura militar no Brasil (1964-1985) e o atual Governo conservador foi marcado, em nosso país, pela reabertura política, pela instauração da democracia e pelo declínio das repressões. Com a promulgação da Constituição de 1988, os governos progressistas que assumiram a liderança do país passaram, então, a pautar a sua governança na defesa dos direitos humanos. Nesse período, as práticas discursivas governamentais de cunho homofóbico que incitam violência física e simbólica estiveram adormecidas.

Contudo, a retomada de um poder de extrema-direita nas últimas eleições fez emergir uma nova ofensiva contra o sujeito homossexual, bem como

a tentativa de normatização dos comportamentos, por meio de um discurso de ódio, de discriminação, de combate às diversidades e ameaças de retirada de direitos conquistados pela comunidade LGBTQIAP+.

Foucault (1996) explica que as sociedades ocidentais têm, hoje, como traço fundamental, o investimento na ordem do poder político:

[...] nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, alguns dos seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 1996, p.2)

No ano de 2018, houve uma eclosão de vídeos e entrevistas concedidas por Jair Bolsonaro, trazidos à tona pela mídia brasileira e que viralizaram na *Web*, exibindo o seu discurso de ódio contra a população LGBTQIAP+, época em que os banheiros das Universidades foram pichados. O então candidato passou a se manifestar publicamente contra a homossexualidade e a utilizar esse tema como um dos motes da sua campanha na disputa pela presidência do país. Abaixo, como exemplo, duas declarações:

Mas vocês querem o quê? Levar a PLC122 (projeto que criminaliza a homofobia) ao Código Penal? Só porque alguém gosta de



dar o rabo dele passa a ser um semideus e não pode levar porrada...?¹

Não vou combater nem discriminar, mas se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater.²

Como ponto de embate a essa conjuntura, evidencia-se, no cenário atual, o crescimento dos movimentos sociais de resistência LGBTQIAP+ que assumem lugar de oposição e de reação na luta pela conquista de uma sociedade que lhes reconheça, lhes legitime e lhes respeite como pessoas humanas e sujeitos/cidadãos plenos de direitos.

Há quase duas décadas, movimentos sociais organizados em prol da garantia de direitos da população LGBTQIAP+ vêm buscando, junto aos poderes legislativo e judiciário, a efetivação desses direitos e a contenção dos índices de LGBTfobia no país. Nessa época, inúmeras conquistas foram alcançadas nos âmbitos dos direitos civis, saúde pública, educação, cultura, etc.

Contudo, a maior conquista da população homossexual nas últimas 3 décadas, sendo o marco que viabilizou as demais conquistas citadas acima, foi a retirada da homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID), em 1990, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia formulou em 1990 a Resolução 001/99 considerando que "... para a

1 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html

2 <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200210.htm>

Psicologia a sexualidade faz parte da identidade de cada sujeito e, por isso, práticas homossexuais não constituem doença, distúrbio ou perversão.”³. Desde essas medidas, o termo homossexualismo foi substituído pelos termos homossexualidade e bissexualidade, tendo em vista o estigma que carregava a palavra anterior, pois o sufixo “ismo” é uma terminologia que se refere a doenças, enquanto o sufixo “dade” se refere a modo de ser.

Tomando como orientação a afirmação de Foucault (1996) de que um dos princípios pelos quais um discurso deve ser visto é a descontinuidade que pressupõe, enquanto práticas, que o discurso deve ser entendido como descontínuo e suscetível a rupturas, encerramos por aqui nosso empenho de demonstrar as rupturas e descontinuidades do discurso sobre a homossexualidade presentes em nossa sociedade atual: a reatualização de discursos homofóbicos coexistindo com discursos que, em um embate acirrado, alcançam uma brecha para a resistência.

2 METODOLOGIA

Este trabalho está inserido teoricamente na análise do discurso de orientação francesa. Segundo a AD francesa, todas as questões ideológicas presentes de maneira intensa nas estruturas sociais inserem-se na linguagem enquanto produção social e possibilidades de ação de uns sobre os outros. Para tanto, é preciso

3 <https://site.cfp.org.br/resolucao-01-99/o-que-e/>



conhecer o sujeito discursivo e, acima de tudo, as condições de emergência para o dito. No caso desta pesquisa, tomamos como sujeito discursivo o pichador dos banheiros das universidades. É preciso analisar o fio do discurso para encontrar ali os efeitos de sentido que trazem à tona a articulação da língua com a história.

Como ferramenta metodológica de pesquisa, valemo-nos, neste trabalho, das reflexões desenvolvidas por Michel Foucault - a partir das quais o sujeito é um produto da história e constitui sua subjetividade ao longo dela por meio do discurso - dando destaque ao conceito foucaultiano sobre o Discurso, como um acontecimento que deve ser compreendido sob a ótica da descontinuidade, da ruptura, da série e da transformação (FOUCAULT, 2008); ao conceito de Descontinuidade Histórica, que explica a produção de diferentes constituições de sujeitos ao longo do tempo; e ao conceito de Dispositivo da Sexualidade, enquanto uma rede de práticas discursivas ou não discursivas, poderes e saberes que ordenam normas, controlam e constituem verdades em relação ao corpo e aos seus prazeres.

Como materialidade discursiva para esta análise, selecionamos um conjunto de enunciados, entendidos como práticas discursivas/sociais e sustentados na mesma formação discursiva, que eclodiram em formato de pichações nos banheiros de diversas universidades particulares, estaduais e públicas do país entre o primeiro e o segundo turno da campanha à Presidência da República

nas eleições de 2018. A escolha deste *corpus* de pesquisa tem como propósito compreender os efeitos de sentido postos nessas práticas discursivas homofóbicas.

3 ANÁLISE PILOTO

Os enunciados que compõe a série desta análise emergiram como pichações de cunho homofóbico nos banheiros das seguintes universidades brasileiras: UFRJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), UFCA (Universidade Federal do Cariri), UFV (Universidade Federal de Viçosa), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), USP (Universidade de São Paulo), UNIVALI (Universidade Federal do Vale do Itajaí), UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), Federal do ABC, Mackenzie e Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Ressalta-se que as pichações começaram a ocorrer a partir do momento em que foi cogitada a hipótese de Jair Bolsonaro, deputado (PSL) de extrema-direita, se candidatar à presidência da república.

Ademais, não foi somente o período em que as pichações aconteceram que as conectam ao então candidato à presidência da república: os enunciados, em si, fazem referência ao candidato, às eleições e ao seu número eleitoral. Por sua vez, Jair Bolsonaro passou a ser conhecido internacionalmente por suas declarações homofóbicas, machistas, racistas e a favor da ditadura militar. Na época em que começou a ganhar visibilidade, o capitão reformado do Exército condenava implacável e



publicamente a homossexualidade. Durante a sua campanha presidencial, tornou-se uma das maiores ameaças à comunidade LGBTQIAP+ por declarações de ódio e por se opor intensamente às leis que garantem direitos a essa comunidade.

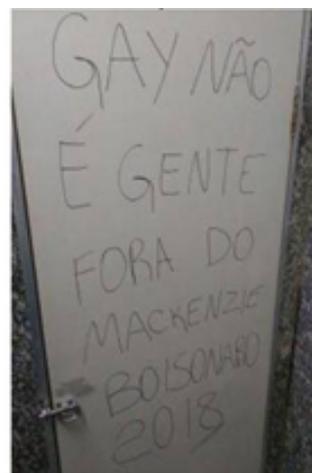
Os enunciados deslocam-se do lugar público, onde ocorrem de forma geral as pichações e onde se manifestam os enunciados homofóbicos de Jair Bolsonaro, para o lugar público/privado: o banheiro das Universidades. O campo de memória da prática das pichações remete a uma escrita geralmente feita em espaços públicos como forma de resistência e de protesto. No Brasil, as primeiras pichações surgiram durante a ditadura militar como um instrumento de luta e reivindicação pela democracia e pela liberdade. No artigo intitulado *Escritas da cidade: as pichações no combate à ditadura civil-militar*, Soares (s.d, p. 12)) nos conta que,

Para atingir os seus objetivos, esses militantes reivindicaram de múltiplas formas, dentre elas, as pichações. Um eficiente instrumento de luta através de palavras, que simbolizaram um cotidiano brasileiro, nesse período repleto de ideologias, de angústias, de lutas e esperanças do fim de um Estado governado com “mãos de ferro” e “chumbo grosso”. Ao longo de todo o período ditatorial, as escritas da cidade estiveram presentes em espaços públicos, em defesa do retorno à democracia e até mesmo pela continuidade desse tipo de governo.

Ao se inscrever em local público/ privado, as pichações deslocam os efeitos de sentido de um movimento marginal e periférico de resistência para os efeitos de sentido de dominação, de opressão e de conservadorismo, produzindo um novo acontecimento discursivo. Neste local, as inscrições de ameaça atingem os sujeitos individualmente, provocando enfraquecimento e medo.

Utilizaremos, neste exercício de análise, imagens que circularam pelas mídias sociais dos enunciados pichados nos banheiros para que o leitor possa captar visualmente o efeito de sentido ameaçador e devastador que os enunciados apresentam.

Figura 1 - Pichação na Mackenzie



Fonte: “Banheiros do Mackenzie são pichados com ataques a gays e mulheres”. Folha de São Paulo. Site. 24 fev 2017.⁴

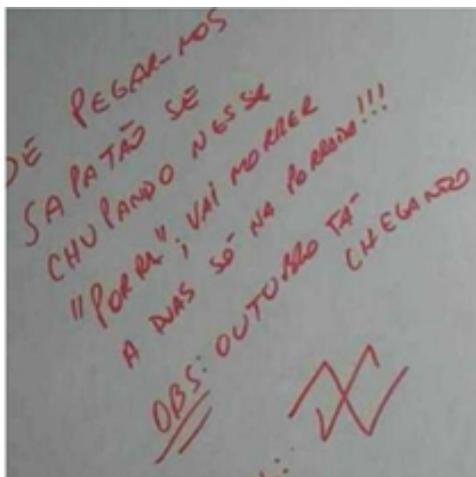
Ao afirmar que “Gay não é gente” e decretar a sua expulsão da universidade, o enunciado reatualiza

⁴ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/educacao/2017/02/1861671-banheiros-do-mackenzie-sao-pichados-com-ataques-a-gays-e-mulheres.shtml> | Acesso em: 30 de ago. de 2021



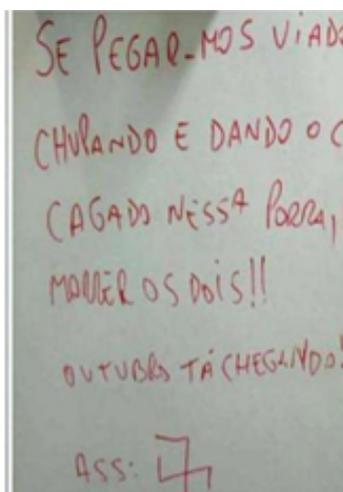
a memória de um saber produzido pela vontade de verdade pela psiquiatria do século XIX que considerava o sujeito homossexual um anormal, combatia veementemente essa *anomalía* por meio de tratamentos e punições, interditava e bania da sociedade aqueles cuja *cura* não se realizasse.

Figura 2 – Pichação na UERJ



Fonte: “Uerj tem paredes de banheiros sujas com pichações homofóbicas”. Globo.com. Site. 15 mar 2018.⁵

Figura 3 – Pichação na UERJ



Fonte: “Uerj tem paredes de banheiros sujas com pichações homofóbicas”. Globo.com. Site. 15 mar 2018.⁶

Os enunciados aparecem aqui reatualizando o poder disciplinar no controle dos corpos dos sujeitos homossexuais num espaço de intimidade. Em sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault (2014, p.134) afirma que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações” e descreve o poder disciplinar como um sistema que

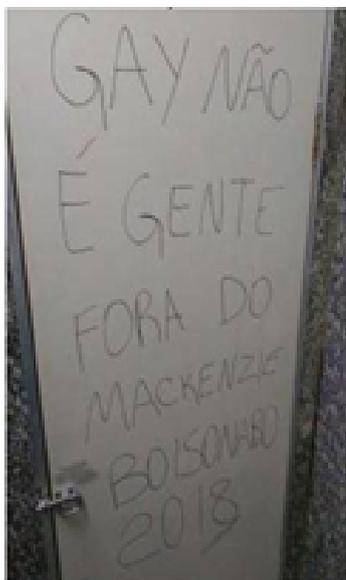
⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/uerj-tem-paredes-de-banheiros-sujas-com-pichacoes-homofobicas.ghtml> | Acesso em: 30 de ago. de 2021

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/uerj-tem-paredes-de-banheiros-sujas-com-pichacoes-homofobicas.ghtml> | Acesso em: 30 de ago. de 2021



fabrica corpos “dóceis”, instituindo “...uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.” (p.135). Por esse método, se resolve a disciplina do sujeito *anormal* reduzindo os desvios por meio do castigo. A tentativa de normatizar os corpos se encontra há muito tempo enraizada na história. Interditada-se o discurso sobre a sexualidade que recai sobre o próprio corpo do sujeito: é o corpo que está sendo interditado porque ele é a manifestação da sexualidade. Nos enunciados citados, a ameaça da interdição é clara: “Se pegarmos...” e “vai morrer na porrada!”. O castigo ao comportamento “anormal” e “desviante” será físico e mortal.

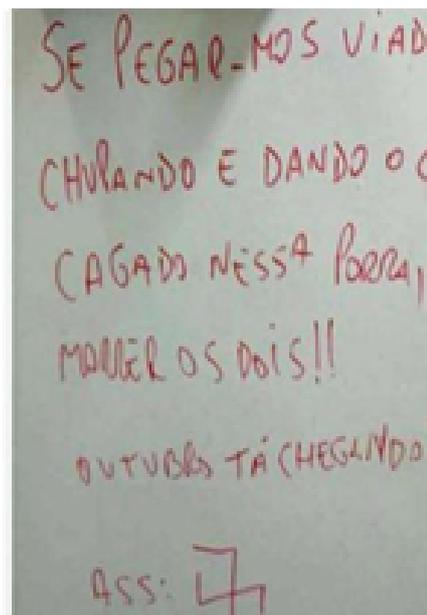
Figura 4 - Pichação na Mackenzie



Fonte: “Banheiros do Mackenzie são pichados com ataques a gays e mulheres”. Folha de São Paulo. Site. 24 fev 2017.⁷

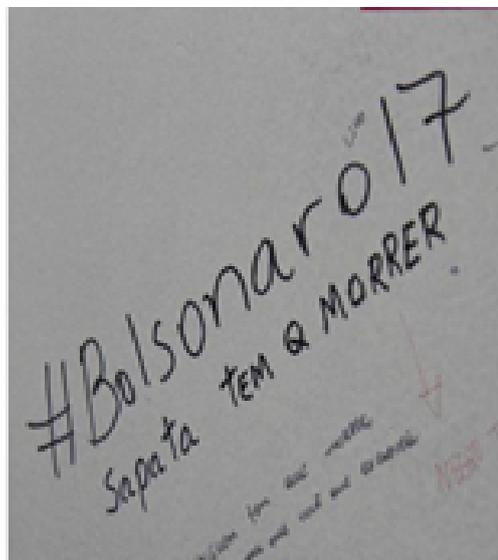
7 Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/educacao/2017/02/1861671-banheiros-do-mackenzie-sao-pichados-com-ataques-a-gays-e-mulheres.shtml> | Acesso em: 30 de ago. de 2021

Figura 5 - Pichação na UERJ



Fonte: “Uerj tem paredes de banheiros sujas com pichações homofóbicas”. Globo.com. Site. 15 mar 2018.⁸

Figura 6 - Pichação na UNICAMP



Fonte: “Ofensa homofóbica com “#Bolsonaro 17” é pichada na Unicamp”. A cidade ON. Site. 11 out 2018.⁹

8 **Fonte:** “Uerj tem paredes de banheiros sujas com pichações homofóbicas”. Globo.com. Site. 15 mar 2018.

9 “Ofensa homofóbica com “#Bolsonaro 17” é pichada na Unicamp”. A cidade ON. Site. 11 out 2018.

Quando dito, o enunciado se associa a outras formulações que coexistem num dado momento histórico, num dado espaço histórico. Os enunciados acima têm como campo associado as declarações de cunho homofóbico do então candidato à presidência Jair Bolsonaro e as práticas discursivas do então candidato legitimam as condições de emergência das pichações nos banheiros das universidades. Os enunciados das pichações emergem como a dispersão da memória atualizada pelo candidato. As referências ao candidato estão presentes como regulares nos enunciados pichados: “Bolsonaro” e “B”; às eleições: “2018” e “outubro”; ao seu número eleitoral: “17”. Jair Bolsonaro se tornou um *mito* para o segmento radical de extrema direita da sociedade brasileira que, entre outras, corrobora seu pensamento e atitude conservadores frente aos homossexuais. Declarações públicas do candidato como, por exemplo, “Eles querem é privilégios! Eles querem é se impor como uma classe à parte. E eu tenho imunidade pra falar que sou homofóbico, sim, com muito orgulho se é pra defender as crianças nas escolas. Não vão encontrar sossego!”¹⁰ fortaleceram a emergência dos enunciados das pichações formando com elas uma rede de enunciados e práticas discursivas.

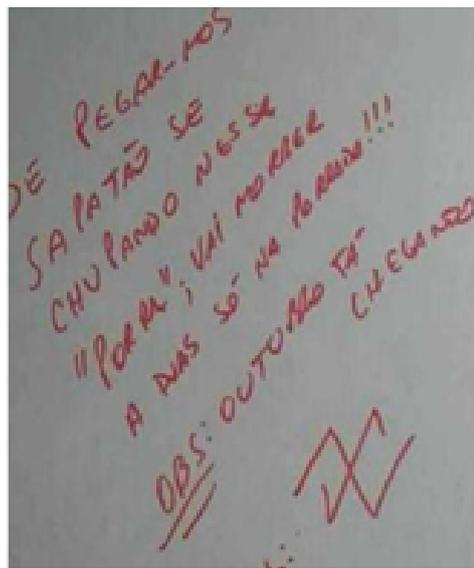
10 Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>

Figura 7 – Pichação na UFCA



Fonte: “UFCA diz repudiar pichação homofóbica em banheiro do campus” Portal Cearensidade. Site. 01 nov 2018.¹¹

Figura 8 – Pichação na UERJ



Fonte: “Uerj tem paredes de banheiros sujas com pichações homofóbicas”. Globo.com. Site. 15 mar 2018.¹²

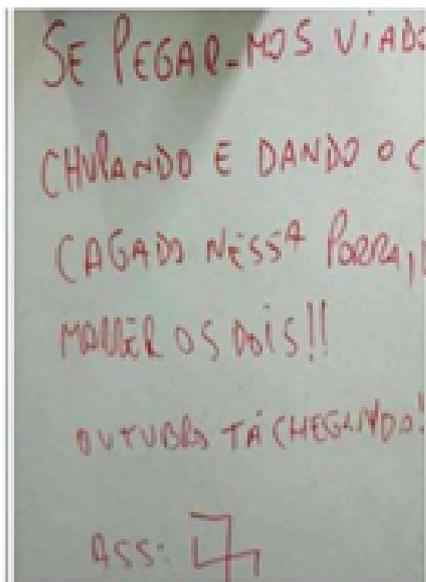
11 Disponível em: <https://cearensidade.com.br/ufca-diz-repudiar-pichacao-homofobica-em-banheiro-do-campus/> | Acesso em: 30 de ago. de 2021

12 Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/uerj-tem-paredes-de-banheiros-sujas-com-pichacoes-homofobicas.ghtml> | Acesso em: 30 de ago. de 2021





Figura 9 – Pichação na UERJ



Fonte: “Uerj tem paredes de banheiros sujas com pichações homofóbicas”. Globo.com. Site. 15 mar 2018.¹³

Figura 10 – Pichação na USP



Fonte: “Seguidores de Bolsonaro picham escolas do Brasil todo com frases contra gays, negros e judeus”. Diário do Centro do Mundo. Site. 12 out 2018.¹⁴

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/uerj-tem-paredes-de-banheiros-sujas-com-pichacoes-homofobicas.ghtml> | Acesso em: 30 de ago. de 2021

¹⁴ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/seguidores-de-bolsonaro-picham-escolas-do-brasil-todo-com-frases-contra-gays-negros-e-judeus/> | Acesso em: 30 de ago. de 2021

Os enunciados acima exibem como regularidade em sua materialidade simbólica a suástica nazista, sendo que, na figura 10, o enunciado apresenta a suástica usada no lugar da letra “s” para compor o nome Bolsonaro.

Os enunciados formam a prática discursiva que carrega em si o domínio de memória dos saberes produzidos na construção de uma verdade de uma época histórica. O emprego da suástica nazista nos enunciados reatualiza os dizeres e as atrocidades cometidos pelo holocausto contra judeus, homossexuais, ciganos, deficientes físicos e mentais, poloneses, prisioneiros de guerra soviéticos e afro-germanos.

A suástica nazista atualiza um domínio de memória de perseguição, aprisionamento e extermínio de toda a raça não pertencente à *ariana*. Nesse caso, os homossexuais também eram considerados “ameaças raciais”.

Ao associar a suástica nazista a Jair Bolsonaro, os enunciados das pichações produzem efeitos de sentido de extrema violência e devastação. Durante a campanha, Jair Bolsonaro se manifestou a favor do nazismo, defendeu o uso de armas e destilou o seu ódio contra homossexuais. Portanto, esses enunciados trazem um campo associado e um domínio de memória que reatualizam os efeitos de sentido do nazismo e reverberam no momento histórico atual como uma ameaça de extermínio.

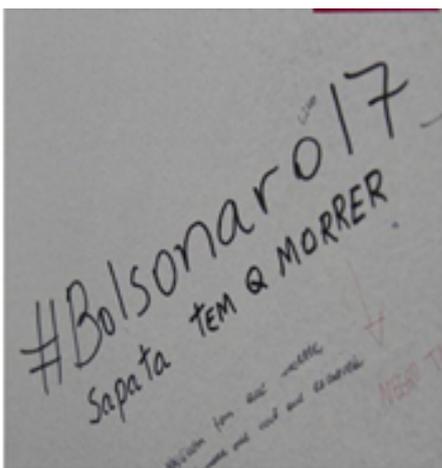


Figura 11 – Pichação na UFCA



Fonte: “UFCA diz repudiar pichação homofóbica em banheiro do campus”. Portal Cearensidade. Site. 01 nov 2018.¹⁵

Figura 12 – Pichação na UNICAMP



Fonte: “Ofensa homofóbica com “#Bolsonaro 17” é pichada na Unicamp”. A cidade ON. Site. 11 out 2018.¹⁶

Na série de enunciados acima, a ameaça de morte se apresenta também como uma regularidade: há a sentença de morte. Nos enunciados “se preparem pra morrer” e “tem que

morrer”, toma-se para si, autorizado por uma vontade de verdade das ciências médicas, o direito de “discriminar e perseguir”, de extinguir a “praga”, a “abominação”, a “escória” e aquilo que “não é gente”. Toma-se para si o direito de decidir sobre o valor da vida, sobre quem vive e quem morre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, para o fechamento deste texto, de uma pesquisa que ainda está em andamento, que os enunciados de caráter homofóbico do candidato Jair Bolsonaro e os enunciados das pichações nos banheiros das universidades brasileiras formam uma rede de memória inserida num conjunto de possibilidades históricas. Essas práticas de cunho homofóbico revisitam e atualizam a vontade de verdade das ciências médicas do século XIX sobre os homossexuais, reatualizando saberes e construindo efeitos de sentidos sobre o sujeito homossexual.

O exercício de análise dessas materialidades discursivas aponta para a articulação de um poder e de um saber que, por meio do discurso, perpetua a intolerância e o preconceito contra o sujeito homossexual em nossa sociedade. Ao mesmo tempo, a irrupção de outros discursos se manifesta na sociedade brasileira pelas práticas de resistência das vozes da população LGBTQIAP+ na luta contra o autoritarismo, produzindo um embate nas relações de poder. Foucault afirma que é

¹⁵ Disponível em: <https://cearensidade.com.br/ufca-diz-repudiar-pichacao-homofobica-em-banheiro-do-campus/> | Acesso em: 30 de ago. de 2021

¹⁶ Disponível em: <https://www.acidadeon.com/campinas/onclick/GFOT,0,3,31606,ofensa+homofobica+com++bolsonaro+17++e+pichada+na+unicamp.aspx> Acesso em: 30 de ago. de 2021

nas estratégias de saber e poder que o controle e a resistência se encadeiam (FOUCAULT, 1988).

Não podemos encontrar a origem da prática do extremismo e do ódio: ela sempre existiu e continuará existindo. É certo que sempre haverá controle, contudo, também haverá resistência!

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, edições Graal, 1988

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhere. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução 01/99*. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/resolucao-01-99/o-que-e/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MARTÍN, M. “Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”. EL PAÍS online. Site. 14 fev 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html Acesso em: 30 jun. 2021.

SOARES, Thiago Nunes. *ESCRITAS DA CIDADE: AS PICHACÕES NO COMBATE À DITADURA CIVIL-MILITAR*. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%202002%20-%20Thiago%20Nunes%20Soares%20 TC.PDF Acesso em: 25 ago. 2021.

‘SOU homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro em vídeo. *Catraca Livre*. São Paulo, 11 out 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/> Acesso em: 30 jun. 2021.

SUWWAN, Leila. *Reações variaram de repúdios a declarações contra o homossexualismo; projeto de lei tramita há mais de seis anos*. Folha de São Paulo. Cotidiano - 19 de maio de 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200210.htm/>. Acesso em: 06 jul. 2021.





DANTE ALIGHIERI E O IMAGINÁRIO MEDIEVAL DO ALÉM-MUNDO DIALOGISMO E POLIFONIA NO INFERNO DA DIVINA COMÉDIA

Ricardo Boone Wotckoski (UNIFRAN)¹
Assunção Cristovão (UNIFRAN)

RESUMO

O além-mundo e, em especial, sua dimensão destinada à punição dos maus constitui-se em tema recorrente ao longo do grande tempo das culturas. Estilizado em diferentes gêneros que melhor representavam a época em voga, já se fazem presentes desde tempos remotos até a atualidade. Foi na Idade Média, no entanto, que se fez representar de modo universal na Divina Comédia. A presente pesquisa objetiva demonstrar, referenciada pelo conceito de dialogismo e seus desdobramentos postulados pelo círculo de Bakhtin, como essa trilogia de Dante Alighieri, em especial o Inferno, além de enriquecer a língua e fundar a literatura italiana, produz uma crítica social ácida ao medieval, enquanto, por outro lado, entroniza a cultura cristã para a qual, segundo sua obra, convergem todas as que a antecederam.

PALAVRAS-CHAVE Dialogismo; grande tempo; Dante Alighieri; Divina Comédia, Inferno

ABSTRACT

The beyond and, in particular, its dimension destined to the punishment of the bad, constitutes a recurring theme throughout the great time of cultures. Stylized in different genres that best represented the era in vogue, they have been present since ancient times to the present. It was in the Middle Ages, however, that he was universally represented in the Divine Comedy. The present research aims to demonstrate, referenced by the concept of dialogism and its developments postulated by the Bakhtin circle, how this trilogy by Dante Alighieri, especially Inferno, in addition to enriching the language and founding Italian literature, produces an acidic social critique of the medieval period. , while, on the other hand, he enthrones the Christian culture to which, according to his work, all those that preceded it converge.

KEYWORDS Dialogism; big time; Dante Alighieri; Divine Comedy, Hell

Introdução

Os registros linguísticos a respeito do além-mundo ou da vida após a morte acompanham o ser humano desde tempo ancestrais e se fazem presentes nos achados arqueológicos das mais antigas civilizações. Na literatura da Antiguidade clássica e na literatura judaico-cristã, encontramos uma herança com a qual dialogam a literatura medieval sobre o tema e a Divina Comédia, de Dante Alighieri.

¹ Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP



Todavia, há uma lacuna existente nos estudos sobre a Comédia em língua vernácula, que ignoram em seus apontamentos a vasta produção literária sobre além-mundo e sua herança judaico-cristã anterior e contemporânea à obra dantesca, em especial, no que se refere ao inferno.

Por outro lado, a Divina Comédia, como manifestação dos gêneros do discurso, se configura em resposta ao momento histórico em que é concebida, propiciando o diálogo diacrônico e sincrônico, por meio da linguagem, entre indivíduos e culturas, contribuindo com a emancipação do tema no grande tempo.

A presente pesquisa, referenciada pelo conceito de dialogismo e seus desdobramentos postulados pelo Círculo de Bakhtin, objetiva identificar as marcas linguísticas que propiciam o diálogo da trilogia dantesca, em especial o Inferno, com o grande tempo das culturas e situá-la como fração desse processo contínuo, enquanto surge como crítica social, mas nos moldes da visão de mundo medieval, cuja cultura cristã é alçada ao patamar de corolário produzido pelas manifestações culturais que a antecederam.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa em curso tomará como referência o Círculo de Mikhail Bakhtin (2011; 2015; 2018; 2019); Valentin Volóchinov (2018), em especial, seus postulados sobre dialogismo, polifonia, gêneros do discurso e seus desdobramentos relacionados e aplicados à literatura.

Para Bakhtin e o Círculo, o enunciado cotidiano ou literário é um processo que se dá num grande diálogo.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, 2011, p. 410)

O retorno de determinada temática, na grande temporalidade, permite o diálogo entre homens e culturas, promovendo uma intersecção, mas também uma resposta que insere nova perspectiva ao tema, ao mesmo tempo em que toma lugar no grande tempo. Processo que se manifesta não só na individualidade, mas que abarca a noção e uso dos gêneros do discurso (MACHADO, 1998).



Essa participação das culturas por meio de gêneros que melhor emancipam a visão de mundo é perceptível, por exemplo, na abordagem que o Ocidente promoveu sobre o além-mundo ao longo de sua história, o que inevitavelmente culminará na Divina Comédia (ALIGHIERI, 2019), em torno da qual se move o presente trabalho, pois a literatura medieval sobre o além-mundo abarca um número expressivo de relatos em que um visionário, deixa seu corpo e, em espírito, empreende uma jornada ao mundo dos mortos acompanhado por um guia, geralmente anjo ou santo, com permissão para testemunhar onde e em que condições vivem os mortos no além.

METODOLOGIA

Com referência à natureza das fontes utilizadas para a abordagem qualitativa do *corpus*, a pesquisa fará uso de bibliografia especializada no que se refere a seu aporte teórico, das fontes de análise e às contribuições já consagradas de autores especialistas. Dessa forma, fará uso de artigos, livros e teses que abordam na sua inteireza o inferno dantesco ou o além mundo na sua recorrência nas diferentes culturas ao longo do tempo e no contexto em que se originou a Divina Comédia. A coleta desses dados serão confrontados com o referencial teórico e aplicado à análise do Inferno em termos de tema dialógico e sua relevância no contexto do *corpus* selecionado.

ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Embora encontre na Idade Média campo fértil, os relatos de jornadas ao além-mundo já eram comuns na Antiguidade. Estão presentes, por exemplo, na literatura do Oriente Próximo, na Antiguidade Clássica; e na tradição judaico-cristã, que se desenvolveu ao longo da Idade Antiga e se consolidou na Idade Média.

Na mitologia do Oriente Próximo já nos deparamos com deuses que, em oposição a seus parentes que vivem no paraíso, têm sua habitação no mundo subterrâneo no qual em alguns casos residem os mortos e, em outros, apenas os maus (GARDINER, 1989). Na literatura da Antiguidade Clássica, podemos citar a Odisseia, de Homero (2014), representando a cultura grega, e a Eneida, de Virgílio (2016), representando a cultura romana.

No contexto da tradição judaico-cristã, é na literatura apocalíptica, que proliferou no período após o exílio na Babilônia e início da era cristã, que encontramos os relatos que mais se aproximam das visões medievais do além-mundo. Conforme sintetiza Collins (2010, p. 22), a apocalíptica diz respeito a:

Um gênero de literatura revelatória com uma estrutura narrativa, em que a revelação é mediada por um ser de outro mundo para um receptor humano, revelando uma realidade transcendente que é simultaneamente temporal, na medida em que prevê a salvação escatológica, e espacial na medida em que envolve outro mundo sobrenatural.



O gênero se destina a um público que se mantém resistente diante de uma realidade para a qual não há mais saída dentro do curso natural da história, cujo curso reflete a batalha entre o bem e o mal, na dimensão transcendente e que resultará no rompimento do curso da história por intervenção divina para instaurar uma nova realidade, em conformidade com a fé do público com o qual o gênero interage. Dentre a extensa produção do gênero na Antiguidade, a obra dessa natureza mais conhecida na atualidade, sem dúvida, é o Apocalipse de João, escrito que faz parte da Bíblia cristã, e didaticamente inserido como último livro no Novo Testamento, corroborando para sua leitura como grande narrativa da história humana. Nele, João de Pátmos é instado a escrever e compartilhar com as sete igrejas da Ásia Menor o que vê em sua jornada transcendente guiado por um anjo, que mostra o curso da história sendo traçado na dimensão transcendental, numa batalha intensa entre Deus e o Diabo, que culminará com a destruição da realidade como a conhecemos hoje e a recriação de uma nova, completamente livre das forças do mal.

Na esteira da literatura bíblica, surge no fim da Idade Antiga, a literatura dita apócrifa. Essa produção judaico-cristã, embora tenha alcançado popularidade em seu tempo, ficou de fora do cânone da Bíblia definido pela Igreja oficial e desapareceu por muitos séculos. Seu papel principal parece ter sido o de suprir a falta de informações do

texto bíblico, cujas lacunas aguçaram a curiosidade dos primeiros cristãos e, por conseguintes, encontraram farta fonte de respostas na literatura apócrifa. Ao fazê-lo, observa Morgan (2007) que estabelece diálogo direto com a literatura clássica grega, resgatando ideias e mitos de sua produção. Projeta também os elementos com os quais o imaginário ocidental posterior, sobretudo da Idade Média, dialogará em sua retomada da temática sobre o além, especialmente, o inferno. Dentre a extensa produção apócrifa relacionada ao além, podemos citar o Apocalipse de Pedro e o Apocalipse de Paulo.

No primeiro, a narrativa começa com Pedro e os demais apóstolos, no MonteddasOliveiras,ouvindo o discurso apocalíptico de Jesus (Evangelho de Marcos 13). Depois o Mestre responde à indagação de Pedro sobre o juízo final, descrevendo os terríveis acontecimentos que acompanharão a destruição do mundo pelo fogo. Detalha ainda alguns dos tormentos eternos reservados aos condenados ao inferno e as bem-aventuranças sem fim dos salvos. O Apocalipse de Pedro gozou de considerável prestígio entre comunidades cristãs dos primeiros séculos, constando inclusive como canônico em algumas listas desse período. Todavia, nos séculos posteriores foi relegado à condição de apócrifo, mas continuou a exercer influência sobre o imaginário cristão ocidental a respeito do além-mundo, para além da Antiguidade, estendendo seu alcance como inspiração a numerosas visões posteriores.



Já o Apocalipse de Paulo se propõe a preencher uma lacuna deixada pelo Apóstolo Paulo ao mencionar uma jornada ao paraíso por ele empreendida, na sua Segunda Carta aos Coríntios, versos 2 a 4. No relato, ao ser arrebatado aos céus, o apóstolo observa as almas que, ao deixarem seus corpos, comparecem perante Deus e são recompensadas ou castigadas, de acordo com os atos praticados em vida. A narrativa faz também uma descrição do paraíso e dos tormentos dos condenados ao inferno, cujo panorama descrito muito se assemelha a seu antecedente, o Apocalipse de Pedro.

Já no século VI, o gênero visão do além-mundo se consolida com a publicação de *Diálogos*, de Gregório Magno, obra em que narra vários relatos visionários, que serviram de motivação e modelo para as narrativas posteriores. Morgan (2007) assinala que o caráter didático que envolve a literatura visionária sofre uma mudança abrupta, durante o Império Carolíngio (século IX). A sátira é introduzida ao gênero, propiciando a crítica social. É comum encontrar em relatos visionários, desse período e em posteriores, o castigo infernal sendo aplicado a figuras importantes, como papas, bispos, padres, reis, nobres, juízes, dentre outros.

Dentre as visões de além-mundo desse período, a mais conhecida e, talvez mais estudada, é a Visão de Tundalo. A última é a Visão de Thurkill, datada de 1206. Todavia, a coletânea existente continuou circulando em enciclopédias e livros de histórias

pela Europa cristianizada, um indício de que a tradição continuou viva por algum tempo, o que justifica sua presença na Divina Comédia, em plena Idade Média.

Com relação ao Medievo, é importante destacar que a teologia cristã oficial do Ocidente é da Igreja Católica Apostólica Romana, suprimidas todas as outras que se contrpuseram à sua força política. Funciona essa teologia como grande ciência da Europa medieval cristianizada, cuja antropologia é universalista e determinista com relação à origem, natureza e destino do homem que, criado por Deus, mas corrompido pelo pecado, tem diante de si dois destinos: a condenação eterna no inferno ou a salvação de sua alma imortal, após a morte.

Vivendo num mundo agrícola, em que se percebe cotidianamente como alguns seres precisam morrer para que outros possam viver, convivendo com a constante ameaça da fome, das epidemias e das guerras, os medievais sentiam a onipresença da morte, mas isso não os incomodava. Eles tinham dela uma visão natural, tranquila, diferente da de seus descendentes dos séculos seguintes. Como o cristianismo ensina que a morte é o começo da vida eterna, e não o fim definitivo, chegado o momento as pessoas procuravam se preparar. A grande tragédia não era morrer, mas morrer inesperadamente, sem ter confessado, recebido os sacramentos, feito doações e esmolas, estabelecido o testamento. Tinha-se consciência



e resignação pelo fato de que o destino das espécies vivas é morrer. A morte nivela os homens e mostra o despropósito de seu orgulho e suas riquezas. (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 188)

Le Goff (1989) observa que a Idade Média é o período em que a dimensão negativa do homem é mais acentuada, sobretudo dos séculos IV ao XII, sendo que, especialmente dos séculos XII a XV, desenvolve-se uma progressiva ênfase no Cristo da Paixão que, como o homem do medievo, sofre, mas o padecimento humano tem causas transcendentais, cujas origens estão na revolta de Satanás e na queda dos primeiros seres humanos em pecado. Todavia, sua luta terrena não é o fim, mas apenas o começo e culminará no além-mundo, que será eterno. Daí, mais importante sofrer o presente e ganhar a eternidade no paraíso que passar o resto da imortalidade no inferno.

Esse homem, que o dogma e a prática do cristianismo medieval tendem a transformar em tipo universal, reconhecível seja qual for a sua condição, é um ser complexo. Em primeiro lugar, é constituído pela união contrastante entre a alma e o corpo. Qualquer que tenha sido o desprezo que o cristianismo medieval nutriu pelo corpo, «esse abominável revestimento da alma», segundo Gregório Magno, o homem medieval vê-se obrigado — e não apenas pela sua própria experiência de vida, mas também pelos ensinamentos da Igreja — a viver na dualidade

corpo/alma. Cada parte do corpo, cada sintoma carnal é um sinal simbólico que remete para a alma. É através do corpo que se concretiza a salvação ou a condenação, ou melhor, a alma atinge o seu destino através do corpo. (LE GOFF, 1989, p. 13)

Observa ainda o citado autor que a dicotomia corpo/alma reverbera nas demais instâncias da sociedade medieval e toma forma, por exemplo, nas oposições superior/inferior; clérigos/leigos; poderoso (rico)/pobre, que caracterizam a sociedade desse período. A Igreja, por sua vez, torna-se o grande árbitro entre o homem pecador e Deus. Institui para tanto diversos ritos considerados purificadores das almas, preparando-as para a passagem deste mundo para o além. Ascende nesse período a veneração aos santos, que se tornam mediadores entre a dimensão terrena e a espiritual. Por fim, surge a ideia do purgatório, o que permite que a Igreja estenda seu domínio também sobre o além, requerendo dos fiéis missas e orações em prol das almas que necessitam purgar seus pecados, no purgatório, para então, finalmente, adentrar no paraíso.

O purgatório é, se assim se pode dizer, uma sala de espera destinada aos pecadores médios e ordinários (mediocres, em latim), que não podem ir diretamente para o paraíso, mas que também não merecem o inferno. Quase todo cristão podia então pensar que passaria por esse purgatório para limpar-se de suas faltas. Era reconfortante. Todos supunham que poderiam escapar do

inferno. Mas representava-se (sic) muito mal esse lugar vago e cinzento onde a alma suspirava por estar tão próxima de Deus, sem entretanto chegar até Ele. A visão que se construiu dele é a de um inferno menos terrível, porém de qualquer modo temporário. (LE GOFF, 2005, p. 131)

É, pois, nesse contexto, que as visões medievais sobre o além-mundo ganham maior relevo. Compiladas entre relatos considerados históricos de autores como Gregório de Tours (538-594), Beda o Venerável (675-735) e das hagiografias de Gregório Magno (540-604) transitavam pelo continente, imprimindo maior concretude ao além, em especial, ao inferno. Essa literatura se configura como importante fonte para se entender o imaginário medieval.

O tema do além-mundo não retorna na Idade Média descolada, mas em diálogo com a vasta produção antecedente, embora em sintonia com a visão de mundo que configura a esse período histórico do Ocidente. Reflete, sim, como o homem desse período digere e ressignifica o além. Dessa forma, a literatura visionária não se apresenta na Idade Média como mera continuação ou reprise do que já se manifestara em épocas passadas. Em síntese, embora retome e dialogue com o passado, configura-se a partir e na cultura presente, projetando-se para o futuro.

Evidencia-se, portanto, mais uma vez, que, embora as visões de além-mundo retomem o mundo dos mortos, não o fazem como em outros

momentos, pois o tempo e mesmo o espaço são outros e contribuem, de maneira particular, para o imaginário de então. O que ocorre com a Divina Comédia e, em especial, com sua primeira parte: o Inferno.

Ao se ocupar com o tema, Dante demonstra uma preocupação estética singular, o que se materializa na métrica de seus versos escritos em italiano, uma inovação para uma época em que o latim era a língua da escrita por excelência. Inaugura, assim, o poeta florentino a língua e, por conseguinte, a literatura italiana. E nisso reside, sem dúvida, uma das funções sociais de sua escrita.

No entanto, Dante pertence à sua época, por mais que possamos analisar sua obra hoje a partir de uma visão alargada. É em termos de conceitos e crenças medievais que propaga sua crítica à sociedade de seus dias. O que o faz pensar essa crítica em termos de punição divina, numa estrutura segundo os padrões medievais.

Mesmo quando convida à sua representação da sociedade medieval a filosofia latina, na pessoa de Virgílio, não o faz em termos de universalização da cultura, mas nos moldes do pensamento vigente, reduzindo-o a habitante de uma dimensão do inferno reservada aos bons que não foram batizados, por não viverem na era cristã, que no poeta florentino, é a síntese de todas as culturas que a antecederam, e encontra na Divina Comédia, sua formulação em contornos mais vívidos.





Como composição local e temporalmente situada, a Divina Comédia se apresenta como fração do diálogo contínuo da civilização e das culturas em seu grande tempo. Seu tempo se faz representar na manifestação de um gênero em que Dante procura dialogar com seu público por meio da compreensão da sociedade em termos de realidade dual e refletida no além, uma metáfora da própria realidade medieval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O além e suas dimensões se configuram em temática recorrente ao longo da história do Ocidente, ancorada em diferentes gêneros, de acordo com a épocas e culturas nas quais é retratado. Grosso modo, percebe-se, por exemplo, que a Antiguidade clássica dialoga com o tema em epopeias que abordam a questão dentro do determinismo imputado sobre os gregos pelos deuses, uma realidade transcendente com forte impacto sobre o mundo imanente. A literatura apocalíptica judaico-cristã, influenciada por culturas do oriente próximo, retoma a dimensão transcendente num período de dominação estrangeira, para consolar os fiéis por meio da noção de que a realidade humana é decidida sim na dimensão transcendente, mas que

Deus está no comando e tudo caminha de acordo com seu plano, que culminará com a sua intervenção direta na história com a chegada do Messias, no Juízo Final. A literatura apocalíptica chamada apócrifa, por sua vez, propõe-se a responder

lacunas deixadas pelos textos bíblicos no que se refere ao além. As visões do além-mundo, que floresceram na Idade Média, por sua vez, servem ao propósito, num primeiro momento, de incutir o temor da morte sem penitência e obras meritórias. Contudo, passam por um processo de ressignificação que inclui em seu discurso a crítica social e, em seu ponto alto, chegam à condição de literatura, atingindo seu ápice com a Divina Comédia, considerada a obra inaugural da língua italiana.

Na Divina Comédia, a literatura visionária assume contornos estilísticos mais elaborados, propiciando o enriquecimento da língua e da literatura italiana. Dante, homem de seu tempo, soube inovar a partir do já conhecido gênero em suas diversas possibilidades, refletindo a sociedade de seu tempo, sendo ele mesmo personagem dessa realidade política, social e econômica, centrada na religião e, por conseguinte, a partir dessa linguagem exterioriza sua subjetividade em termos de condenar essa sociedade como inferno, no qual transita rumo o alvorecer do paraíso.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: inferno*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. *Teoria do romance I: a estética*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- _____. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- _____. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- GARDINER, E. (Editora). *Visions of Heaven & Hell before Dante*. New York: Italica Press, 1989.
- HOMERO. *Odisseia* (edição bilingue). São Paulo: Editora 34, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.20.
- _____. et al. *O homem medieval*. Lisboa: Editora Presença, 1989.
- MACHADO, Irene. A. *Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica*. Itinerários - Revista de Literatura. Araraquara, n. 12, p. 33-46, 1998.
- MORGAN, Alison. *Dante and the Medieval Other World*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- VIRGÍLIO. *Eneida* (edição bilingue). São Paulo: Editora 34, 2016.
- VOLÓCHINOV, Valentin (círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2018.





A FORMAÇÃO DA AUTOCONSCIÊNCIA DO HERÓI NA OBRA CRIME E CASTIGO DE DOSTOIEVSKI E O PERCURSO ANALÍTICO DO HOMEM SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA E DA PSICANÁLISE.

Sirlene Ap. Pessalacia BARRETTO (UNIFRAN)¹
Marilurdes Cruz BORGES (UNIFRAN)

RESUMO

Diante da riqueza de dados psíquicos comportamentais existentes na obra Crime e Castigo de Dostoiévski, buscamos como instrumento de análise a formação da autoconsciência do herói, juntamente com o percurso do homem em análise na linha psicanalítica sob a perspectiva bakhtiniana e da teoria da psicanálise, com o objetivo de examinar e compreender a construção da autoconsciência e sua transformação. Para tanto, partimos da formatação que o autor faz do herói em sua obra Crime e Castigo e em comparação com o homem em processo de análise. Utilizamos dos conceitos bakhtinianos e da teoria psicanalítica como balizadores para a análise de todos os elementos utilizados. Em Bakhtin, usamos seus principais conceitos como dialogismos, polifonia, cronotopo, entre outros, e na filosofia, usamos principalmente o texto “Para uma filosofia do ato responsável”. Da teoria psicanalítica buscamos o pensamento de Freud e Lacan para que possamos embasar e demonstrar nosso objetivo.

PALAVRAS-CHAVE Bakhtin; Dostoiévski; psicanálise.

ABSTRACT

Faced with the wealth of behavioral psychic data in Dostoyevsky's Crime and Punishment, we sought as an instrument of analysis the formation of the hero's self-awareness, together with the path of the man under analysis in the psychoanalytic line under the Bakhtinian perspective and the theory of psychoanalysis, with the aim of examining and understanding the construction of self-awareness and its transformation. In order to do so, we start from the author's formatting of the hero in his work Crime and Punishment and in comparison with the man in the process of analysis. We used Bakhtinian concepts and psychoanalytic theory as guidelines for the analysis of all the elements used. In Bakhtin, we use its main concepts such as dialogisms, polyphony, chronotope, among others, and in philosophy, we mainly use the text “Towards a philosophy of the responsible act”. From the psychoanalytic theory we seek the thought of Freud and Lacan so that we can support and demonstrate our objective.

KEYWORDS Bakhtin; Dostoevsky; psychoanalysis.

¹ Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP

Introdução

1.1 Contextualização e Tema

Mediante o cabedal do comportamento humano descrito e contido no livro Crime e Castigo do autor russo Fiódor Mikháilovitch Dostoievskiesua inegável colaboração para a compreensão de questões psíquicas e práticas relevantes para a humanidade quer seja nas áreas da literatura, ou do direito, da psicologia e da psicanálise, buscamos como instrumento de análise a Formação da Autoconsciência do Herói Raskólnikov, juntamente com o percurso analítico do homem sob a perspectiva bakhtiniana e da psicanálise, com interesse de examinar a construção da autoconsciência e compreender o processo de formação e transformação do homem que é submetido a uma análise na linha da psicanálise.

Em Crime e Castigo, encontramos um herói calcado nos diálogos e sentimentos contraditórios, na polifônica, exercitando a linguagem de forma simétrica e oposta.

No percurso analítico trilhado, caminhos semelhantes são encontrados, seja no dialogismo estabelecido entre analista e analisando, ou mesmo na polifonia que o analisando estabelece durante todo o percurso de sua análise.

1.2 Justificativa e Problematização

A busca pela pesquisa ora em pauta foi se fortalecendo na medida em que as leituras das obras de Dostoievski foram se aprofundando e fazendo conexão com os estudos

bakhtinianos e com as experiências psicanalíticas desta pesquisadora enquanto analista e analisanda, ampliado ainda, com os interesses literário e linguístico.

O herói em Dostoievski nos chama a atenção por ser descrito como um ser angustiado, atormentado, marcado pelas vivências psíquicas, sociais e ideológicas de um tempo e espaço característico de uma época. Um homem que trava diálogos infinitos consigo, gerando e tecendo sua autoconsciência e se transcendendo, fato semelhante ao percurso daquele que faz análise na linha psicanalítica que, de forma análoga ao herói de Dostoievski, ressignifica, reelabora fatos e forma de se viver, transformando-se.

A abordagem dos conceitos bakhtinianos, juntamente com a psicanalítica, será balizada para o estudo e compreensão da formação da autoconsciência do herói e do analisando, que poderá atender à problemática e responder às questões levantadas. Tendo como premissa que o ser humano só se torna sujeito com o estabelecimento da linguagem, situado em um espaço, tempo e pelas relações sociais consolidando uma consciência psíquica.

1.3 Objetivo

Demonstrar como se dá a formação da autoconsciência do herói em Dostoievski e do homem em processo de análise. Partindo da formatação que o autor faz do herói em sua obra Crime e Castigo, analisando esse herói, comparado com o homem em processo de análise, utilizando-





se dos conceitos bakhtinianos e da teoria psicanalítica.

São questões, a saber: por que o herói em Dostoiévski vive na agonia de ser um abismo em si mesmo? Será esse herói fruto da construção que faz de sua autoconsciência permitindo-lhe vislumbrar a si e o mundo em que vive? O herói de Dostoiévski é o mesmo homem em processo de análise pela psicanálise? Aquele que ressignifica e reelabora seus medos e traumas? O herói dostoiévskiano é o mesmo homem que sofre os impactos históricos sociais do seu tempo e do seu espaço vivendo a angústia da razão e da emoção? Quem é o herói do tempo e espaço de hoje? O que o leva a se transformar e transcender?

São problemáticas a serem exploradas e questões que deverão ser respondidas na medida em que for se aprofundando no estudo e no entendimento da formação da autoconsciência do herói em Dostoiévski e na compreensão do homem em análise na linha psicanalítica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Quem Foi o Homem Dostoiévski?

A proposta é traçar um perfil de Dostoiévski para entender a complexidade de sua obra e de seus personagens.

Faz-se necessário à compreensão da história do homem Dostoiévski e da sociedade do século XIX no cenário da Rússia dos Czares, assim como, o pensamento Dostoiévskiano

para que se possa dialogar com a psicanálise e a teoria bakhtiniana.

Na visão de Bakhtin, é de extrema relevância conhecer o autor-pessoa e o autor-criador para compreensão da obra em estudo. Importante também delimitar o tempo e o espaço em que viveu esse herói com o intuito do entendimento dessa figura.

Assim, iniciamos com a definição do cronotopo para Bakhtin em busca de compreender o homem Dostoiévski, a complexidade de sua obra, seus heróis e a sua relação com o período histórico em que viveu. É, pois, do ambiente sociocultural que Dostoiévski extraiu as ideias e valores com os quais assimilou as experiências vividas, permitindo transformá-las nos temas e técnica de sua arte.

Continuamos delineando O Ser e o Estar na Rússia do Século XIX, período em que exercerá grande influência nas obras de Dostoiévski e que retratará, de forma realista, a vida e as agruras do povo russo através de seus heróis.

Outro item desenvolvido é: Obras e Pensamento de Dostoiévski, no qual é descrito e comentado alguns dos principais trabalhos desse autor, com o desígnio de caracterizar sua escrita e forma de expressão.

Seguimos com outro tema que é: A Obra Crime e Castigo Cronotopicamente. Acreditamos que o tempo e o lugar onde viveu Raskólnikov, herói da obra em questão, é de extrema importância na influência de seu pensamento e



atitudes que o levaram a praticar o crime e ao mesmo tempo buscar sua redenção.

Dando continuidade desse tema, cronotopo, balizamos O Sentido de Cronotopo para Bakhtin. O cronotopo, como categoria de conteúdo-forma, determina a imagem do homem, que será sempre cronotópica. Seguindo essa linha de pensamento, só conseguimos delinear e definir o homem através do cronotopo, pois será o tempo e o lugar onde ele vive que fará dele o que é – é o tempo biográfico, tempo em que vive e se constitui, deixando marcas históricas de uma época na vida do homem.

No capítulo II, falamos sobre MIKHAIL BAKHTIN: o homem e seu tempo. Procuramos contextualizar o homem e sua obra no período em que viveu na Rússia no Século XX. Caracterizamos seu pensamento e sua filosofia, principalmente o texto *“Para Uma Filosofia Do Ato Responsável”*, pois acreditamos que esses escritos contribuem para o nosso entendimento do herói em Dostoievski e do homem contemporâneo em processo de análise.

Faraco (2021) classifica Bakhtin como um filósofo do conflito, ele fez uma leitura conflituosa dos grandes temas: do mundo, da linguagem, da cultura, da estética e da ética. O pensamento ordenador de Bakhtin é marcado por uma axiologia - filosofia dos valores.

Bakhtin tinha como projeto construir uma grande filosofia, isso fica claro no texto *“Para uma filosofia*

do ato responsável”. Seu pensamento era uma filosofia constituída na reflexão sobre a realidade humana, realidade vivida e não apenas uma realidade pensada teoricamente.

Para Bakhtin, a vida vivida precede a sua teorização, buscando compreender a vida através do interior da própria vida. A vida é maior que a teoria por causa do evento do ser, da existência que é sempre única, irrepitível, em movimento contínuo e nunca acabado, não há fechamento no evento do ser. Em *“Para uma filosofia do ato responsável”*, Bakhtin diz que não há dois seres humanos absolutamente iguais e não há dois eventos na vida que sejam iguais, porque todos os eventos estão situados no tempo, no espaço, numa história e numa sociedade que estão em constante movimento.

Nesse mesmo texto, Bakhtin faz uma crítica ao teoricismo, ao gesto teórico de objetivar o ato de cada um. A sua preocupação é a vinculação da vida vivida que vai lançar as bases de uma ética, a ética não pode ser teórica.

Para Bakhtin, o indivíduo é único, singular. Possui um dever, o de realizar e cumprir a sua singularidade, pois a vida não possui alibi na sua existência, não podendo fugir da vida, tem que agir e agir responsabilmente. Viver é agir e a linguagem é atividade constante. Esse é o quadro básico da filosofia da linguagem de Bakhtin.

No Capítulo III, tratamos da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. O filósofo da linguagem analisou a obra de Dostoievski de forma ousada e



inusitada, o que lhe permitiu discutir a função do autor-criador, reiterando a sua presença indispensável na construção do objeto estético.

Caracterizou o dialogismo como o fundamento do pensamento criativo e da própria criação, a polifonia como uma multiplicidade de vozes dissonantes, plenivalentes e equipolentes que constituem consciências independentes e imiscíveis como sendo o estilo peculiar dos romances de Dostoievski.

Para Bakhtin, “ser significa comunicar-se pelo diálogo”, afirmação que representa toda a sua concepção sobre a obra de Dostoievski, vista como um grande diálogo.

Bakhtin tem a concepção de que não se pode conhecer o homem no seu interior senão pela representação da sua comunicação com outros homens, e somente na comunicação e na interação com o homem, revela-se “o homem no homem”. Para ele, a autoconsciência do herói é considerada como consciência de outro que não se fecha em si e nem se converte na consciência do autor-criador.

Bakhtin coloca todos os fenômenos como uma diversidade social, sendo o diálogo a própria ação. Por isso os diálogos sem fins dos heróis em Dostoievski, sujeitos que vivem em função do discurso, discurso que contata dialogicamente com outro. Para ele, o eu só existe em interação com o outro, porque “ser significa ser para o outro e, através dele, para si mesmo”.

Os heróis em Dostoievski possuem vidas próprias, opiniões e ideias independentes, são autores de suas concepções ideológicas e filosóficas. Nos romances dostoiévskiano, encontramos uma multiplicidade de consciências equipolentes e independentes, uma polifonia de vozes que combinam numa unidade de acontecimentos. Dentro do plano artístico, suas personagens não são apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos do discurso.

Propomos falar no Capítulo IV sobre a teoria psicanalítica, baseada nos principais teóricos, como: Freud e Lacan. Será determinado os processos dos quais se possa atribuir a qualidade de formação de uma pessoa cuja tarefa é impraticável, pois tende ao infinito. Falar de percurso analítico que é uma formação psíquica e de consciência de si mesmo se torna mais difícil ainda. Visto que uma análise se faz por diversos motivos.

Estar em análise é aproximar de suas emoções, pensamentos e atitudes, é estar em contato com toda a sensibilidade que é despertada pelo processo analítico.

Nasio (1999) distingue quatro fases no desenrolar temporal de uma análise. Destacamos a primeira fase que é a de retificação subjetiva, pois é o momento em que o analista introduz o paciente a uma primeira localização de sua posição na realidade que ele apresenta – sua relação com seus sintomas. Essa relação com os sintomas é uma relação de sentidos, a qual o analisando dá um sentido a cada um



dos seus sofrimentos, a cada um dos seus distúrbios. É nesse momento que o analisando tem oportunidade, através das intervenções do analista e de suas reflexões e entendimentos, de fazer uma retificação subjetiva, isto é, uma intervenção da relação do Eu com seus sintomas. É o momento de verificar como se dá essa relação do Eu com os sintomas e seu sofrimento, quais são suas demandas presentes e suas funções. Nessa fase, o analisando inicia um processo de reflexão, de questionamentos, possibilitando novas descobertas e ressignificações.

Devemos lembrar que todo processo de análise se dá por meio da transferência que é uma demanda de amor. O analista vai provocar demandas de amor por parte do analisando. São demandas de saber, de reconhecimento de si mesmo, de momentos silenciosos, são demandas de amor no nível de significação de sentido, de falhas no enunciado que surpreende e marca o analisando.

É o amor transferencial que possibilita a transformação do indivíduo em análise, o qual, utilizando da reflexão, do dialogismo, seja com o analista ou consigo mesmo em forma de diálogo e pela polifonia, obterá a autoconsciência e a transformação.

O processo de reflexão é uma atividade análoga à polifonia descrita por Bakhtin em análise da obra de Dostoievski, é uma tomada de consciência totalmente dialogada com outras consciências. O grande diálogo polifônico é a própria ação, seja no herói ou no analisando,

pois são tecidas as tramas que irão compor a autoconsciência e, conseqüentemente, sua transformação.

No quinto capítulo será abordado o Cronotopo e Percurso do Sujeito em Análise. Acreditamos que o tempo e o espaço que ocupa esse sujeito vão influenciar nos seus pensamentos e comportamentos.

Para fechar, trataremos no Capítulo VI sobre: Da Consciência à Autoconsciência: a construção do sujeito. Aqui será feito um parâmetro entre todo material disponível, ou seja, o homem Dostoievskiano e sua obra, a filosofia bakhtiniana juntamente com a teoria psicanalítica e o percurso do sujeito em análise. O intuito é demonstrar a formação da autoconsciência do sujeito.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a bibliográfica acadêmico-científica como: livros, artigos científicos, resenhas, dissertações e teses para que se possa aprofundar e enriquecer o estudo. Sempre utilizando dos conceitos bakhtinianos e da teoria psicanalítica para determinar a formação da autoconsciência e transcendência do herói traçado por Dostoievski e do homem em percurso analítico.

A abordagem é a analítica descritiva e qualitativa que possibilita a análise do conteúdo – ensejando a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos e buscando construir um conhecimento.



ANÁLISE PILOTO DO CÓRPUS

A presente pesquisa encontra-se nas fases iniciais da escrita, está sendo trabalhado, no momento, os capítulos I e II, num formato descritivo em que pudemos delinear e pontuar características e fatos com o intuito de compor o homem Dostoievski, traçando seu perfil dentro de um tempo e um espaço de forma cronotópica. O cronotopo é definido nos moldes da concepção bakhtiniana que serve de suporte para a descrição e análise tanto do herói de Crime e Castigo de Dostoievski, como para a esse homem em processo de análise na linha psicanalítica.

O cronotopo vem demonstrar a sua importância, influência e determinação na formação do homem Dostoievski e da sua obra. Partindo desse conceito, pudemos ainda contextualizar, no tempo e no espaço, o ser e o estar na Rússia do século XIX, assim como descrever e circunstanciar Mikhail Bakhtin na Rússia de seu tempo.

Dissertamos sobre o pensamento e a filosofia bakhtiniana, que nos serve de embasamento e sustentação para a hipótese levantada na pesquisa, ou seja, o herói de Dostoievski e o homem em processo de análise sofrem o mesmo processo de construção e formação de suas autoconsciências. Trabalhamos mais especificamente o texto *“Para uma filosofia do ato responsável”*, material utilizado na tentativa de demonstrar como o homem e o herói estão comprometidos com a vida e o viver. Somente no ser e no fazer, no ato que

o homem e o herói se tornam sujeitos e são capazes de construir e tomar consciência de sua autoconsciência de forma única e irrepetível, podendo dar sentido à própria vida. Sendo a vida isenta de álbis, não tem como o homem e o herói se furtarem de seus atos de forma responsável, sofrendo todas as consequências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da autoconsciência do herói na obra Crime e Castigo de Dostoievski e o percurso analítico do homem sob a perspectiva bakhtiniana e da psicanálise, é o tema escolhido para esta pesquisa que ora tratamos.

Crime e Castigo nos chama a atenção pela pluralidade de elementos psicológicos observados em seu contexto. Ao lermos a obra, deparamo-nos com um herói possuidor de ideias e ideologias que o levam a comportamentos extremados extrapolando as regras sociais estabelecidas. Ao concretizá-los vive a agonia e o tormento da culpa e da responsabilidade do seu feito. Situação que fará a partir do dialogismo, da polifonia e da reflexão, conscientizando-se de seus atos e possibilitando a construção de sua autoconsciência e redenção, ao mesmo tempo, proporcionando mudança de concepção de mundo.

Situação análoga vive o homem que se sujeita a passar por um processo de análise na linha da psicanálise. Esse, lentamente e de forma contínua pelo dialogismo, polifonia e reflexão, se conscientiza de sua realidade, dos seus atos e comportamentos,



levando-o a construção de sua autoconsciência e, conseqüentemente, mudança perante si e o mundo.

Para embasar o aqui exposto, utilizamos dos conceitos e da filosofia bakhtiniana juntamente com a teoria psicanalítica de Freud e Lacan.

Pudemos até o momento estabelecer o conceito de cronotopia para delinear o perfil de Dostoievski e de Bakhtin. Apresentamos o “Como ser e estar na Rússia no século XIX” e tratamos da filosofia bakhtiniana através do texto “*Para uma filosofia do ato responsável*”.

Através de “*Para uma filosofia do ato responsável*”, pudemos inicialmente apresentar o pensamento de Bakhtin sobre a vida, o viver, a responsabilidade do indivíduo e como se tornar sujeito. Estamos ainda no início da fase da escrita da tese, tendo que desenvolver o tema proposto sob outros aspectos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BACKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BRAIT, Beth. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais). In: *Guia bibliográfico da FFLCH*. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.
- BUSHKOVITCH, Paul. *História concisa da Rússia*. São Paulo: Edipro, 2014.
- CHAPMAN, Tim. *Imperial Russia: 1801-1905*. London: Routledge, 2001
- GOGOL, N. *Contos Russos*. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin conceitos chaves*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin: *Filosofia da Linguagem e da Cultura*. Faraco Abralín. Maio de 2021. Youtube.
- FERNANDES, Isabel. Cronotopo. In: *E-Dicionário de Termos Literários*. 30 de dezembro, 2009. <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cronotopo/>
- FRANK, Joseph. *As sementes da revolta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FRANK, Joseph. Pelo prisma russo. *Ensaio sobre literatura e cultura*. São Paulo: EdUSP, 1992.
- FIORIN, José Luiz. *Resenha Bakhtiniana*. São Paulo, v. 1, nº 5, p. 205-209, 1º semestre 2011.
- HEMINGWAY, E. *Paris é uma festa*. Trad. Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- JAKOBSON, Roman. Prefácio. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- LEENHARDT, Jacque; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998.
- SEGRILLO, A. *Os russos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.



LEITE, Francisco Benedito. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. In: *Revista Magistro*, Vol. 1, Num. 1, 2011 – Revista do programa de pós-graduação em letras e ciências humanas – Unigranrio. ISSN: 2178-7956. www.unigranrio.br

MORAIS, Pâmela. *Revolução Russa de 1917: o que mudou?* Publicado em 7 de janeiro de 2019. <https://www.politize.com.br/revolucao-russa-entenda/>

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEGRILLO, A. Os russos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SKOCPOL, Theda. States and social revolution: a comparative analysis of France, Russia and China. *Theory and Society*, New York, v. 7, n. 2, 1979, p. 7-95. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511815805>

SOARES, Sonia Branco. Mapeamento da crítica literária russa do século XIX e a discussão sobre estética. In: *Revista terceira margem*. Programa de pós-graduação em ciência da literatura Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2017. [Revistas.ufrj.br/index.php/article/view/13864/9479](http://revistas.ufrj.br/index.php/article/view/13864/9479)

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRATI, Beth. (org.) *Bakhtin conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 22.

SOUZA, Aline Gomes. BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 160.

THOMSON, Clive. André Belleau: pensador heterocronotópico. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

